Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 3283 - 6256 – Site: http://www.ppgll.ufba.br - E-mail: pgletba@ufba.br

GENIVALDO DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

O LÉXICO NOSSO DE CADA DIA NA BAHIA E NO PARANÁ: ACIDENTES GEOGRÁFICOS, FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS, ASTROS E TEMPO

vol. 1

SALVADOR
2014

GENIVALDO DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

O LÉXICO NOSSO DE CADA DIA NA BAHIA E NO PARANÁ: ACIDENTES GEOGRÁFICOS, FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS, ASTROS E TEMPO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras e Linguística.

Orientadora: Profª. Drª. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso

SALVADOR
2014

GENIVALDO DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

O LÉXICO NOSSO DE CADA DIA NA BAHIA E NO PARANÁ: ACIDENTES GEOGRÁFICOS, FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS, ASTROS E TEMPO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras e Linguística.

Aprovada em 05 de maio de 2014.

Banca Examinadora

Dra. Suzana Alice Marcelinho Cardoso – Orientadora _____
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Dra. Jacyra Andrade Mota _____
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Dra. Serafina Maria de Souza Pondé _____
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Dra. Vanderci de Andrade Aguilera _____
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Dra. Norma Lúcia Fernandes de Almeida _____
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

Dra. Denise Gomes Dias Santos (suplente) _____
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Dra. Maria Lúcia Souza Castro (suplente) _____
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Dra. Marcela Moura Torres Paim (suplente) _____
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Dra. Sônia Borba Costa (suplente) _____
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Ao meu anjo da guarda e guia protetor.
À Alzira, minha mãe querida, que sempre me dá lições de vida e do bem viver com sua grande alma, sabedoria e dignidade.
Ao Luiz, meu irmão querido, o amigo de sempre e companheiro de todas as horas.
Às minhas irmãs Maria, Terezinha, Eliane e Vera pela presença em minha vida.
Aos meus sobrinhos e sobrinhas pelo amor e carinho de sempre. Aos meus cunhados, pela amizade.

AGRADECIMENTOS

À Deus e todas as forças protetoras do universo. Ao meu anjo da guarda por me guiar e por ter me guiado em meus caminhos com sua bondade, luz e generosidade.

À minha mãe, Alzira, por ter sempre me ensinado e mostrado que o caminho da dignidade e retidão é o melhor caminho a se trilhar. Mulher guerreira e vencedora. Mulher cujo coração exala bondade e amor. Obrigado minha mãe.

Ao meu irmão, Luiz, por sempre me apoiar, me ajudar e por seu amor e zelo. Obrigado Luiz.

Às minhas irmãs, aos meus sobrinhos, sobrinhas e cunhados pelo amor, amizade que têm dedicado à mim em todos esses anos de minha vida. Obrigado à toda minha família querida.

À professora Suzana Cardoso, por ter me orientado com muita sabedoria, competência e bom humor durante estes anos como Doutorando na UFBA. Agradeço muito e tenho certeza que tê-la como orientadora foi e tem sido um presente de Deus, pois ela me deu régua e compasso na elaboração de minha Tese sempre com orientações objetivas, mas ricas de detalhes que só uma pessoa com a sua capacidade e experiência poderia me dar. Obrigado professora Suzana Cardoso por ter me guiado com tanta sabedoria e serenidade pelos caminhos da Dialetologia.

Às professoras Jacyra Andrade Mota , Vanderci de Andrade Aguilera, Serafina Maria de Souza Pondé, Norma Lúcia Fernandes de Almeida, Denise Gomes Dias Santos, Maria Lúcia Souza Castro, Marcela Moura Torres Paim e Sônia Borba Costa pela disposição em participar deste processo. Obrigado professoras Jacyra Mota e Vanderci Aguilera pelas sugestões preciosas que me deram durante meu exame de qualificação.

À todo o grupo do ALiB. Aos funcionários da Pós-graduação em Língua e cultura do departamento de Letras da UFBA, sempre prestativos e gentis comigo.

Aos meus colegas e amigos Eduardo e Izabel.

Ao Vinicius pela arte gráfica dos gráficos e pelos ajustes finais dos mapas.

Aos meus amigos e amigas que tornam minha vida mais feliz.

OLIVEIRA, Genivaldo da Conceição. O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo. 2 vols. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

RESUMO

Entendendo a importância dos estudos lexicais, esta Tese apresenta os resultados da análise das denominações registradas, nos estados da Bahia e do Paraná, nas áreas *acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo,* com o objetivo geral de colaborar para um melhor conhecimento do Português Brasileiro, tal como se apresenta nas cidades que constituem a rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) nesses dois estados. Está embasada nos princípios teóricos da Dialetologia, Sociolinguística, Lexicologia e Lexicografia. Este estudo tem como *corpus* um extrato dos dados do Projeto ALiB , relativo aos estados da Bahia e do Paraná, constituído das perguntas 1 à 33 do Questionário Semântico-Lexical (QSL), referentes às áreas semânticas *acidentes geográficos*, *fenômenos atmosféricos*, *astros* e *tempo*, e utiliza-se do método da Geografia Linguística para a análise espacial dos dados. Damos ênfase ao aspecto diatópico, contudo recorremos, de maneira periférica, à análise de outras variáveis como a diastrática e a diageracional. Esta Tese consta de dois volumes: Volume 1 – introdução, metodologia adotada, pressupostos teóricos, análise dos dados, considerações finais, índice onomasiológico e referências. O Volume 2 – Cartas Léxicas. Do total das lexias arroladas, constatamos a presença em sua maioria de substantivos, incluindo sintagmas nominais, com 79,5% das variantes documentadas, 18,4% de verbos e apenas 2,1% de adjetivos. Do total das variantes levantadas, nove não apresentam etimologia definida. As variantes que têm origem no latim representam 95,1% do total, ao passo que aquelas não registradas nos dicionários ou documentadas sem indicação da etimologia representam 4,8%. O estudo comparativo entre os dados dos dois estados: (i) mostrou as coincidências entre as duas áreas, (ii) apontou as divergências e, assim, caracterizou cada uma das áreas quanto às suas especificidades de uso e (iii) forneceu elementos que possam contribuir para os estudos lexicológicos e lexicográficos, apontando aos dicionários da língua portuguesa novos itens lexicais que venham a ampliar a sua informação.

Palavras-chave: Léxico. Variação. Geolinguística. Português Brasileiro.

OLIVEIRA, Genivaldo da Conceição. O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo. 2 vols. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

ABSTRACT

Considering the importance of lexical studies, this PhD dissertation presents the results of the analyses of names, which were registered in Bahia and in Paraná, in the areas *geographic accidents*, *atmospheric phenomena*, *stars* and *time*. It aims at contributing to better knowledge of the Brazilian Portuguese, the way it appears in the cities that constitute the network of localities of the Linguistic Atlas of Brazil Project (Projeto Atlas Linguístico do Brazil – AliB) in these two states. We base our study on the theoretical principles of Dialectology, Sociolinguistics, Lexicology and Lexicography. The corpus of this study is an extract of data from ALiB Project, related to the states of Bahia and Paraná and it consists of questions 1 to 33 of the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL – Questionário Semântico-Lexical). It refers to semantic areas: *geographic accidents*, *atmospheric phenomena*, *stars* and *time*, and it uses the geolinguistic method for the spatial analysis of the data. For our analysis, we focus on the diatopic aspect; however, we turn, in a peripheral way, to the analyses of other variables, such as diastratic and diagenerational. This Doctoral dissertation consists of two volumes: Volume 1 – introduction, adopted methodology, theoretical presuppositions, data analysis, final considerations, onomasiological index and references. Volume 2 – cartographic documentation. From the total of listed lexical units, we testify to the presence, mostly, of nouns, including noun phrases, with 79,5% of documented variants, 18,4% of verbs and only 2,1% of adjectives. From the total of variants put together, nine of them do not present defined etymology. The variants that originate from Latin represent 95,1% of the total while those that are not registered in dictionaries or are registered without indication of etymology represent 4,8%. This comparative study between these two states: (i) showed the coincidences between both areas, (ii) pointed out differences, (iii) provided elements that may contribute to future lexicological and lexicographical studies.

Key words: Lexicon. Variation. Geolinguistics. Brazilian Portuguese.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mesorregiões da Bahia 65
Figura 2 – Mesorregiões do Paraná 66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Extrato do QSL utilizado 70
Quadro 2 – Denominações para acidentes geográficos em Salvador e em Curitiba 75
Quadro 3 – Denominações para fenômenos atmosféricos em Salvador e em Curitiba 78
Quadro 4 – Denominações para astros e tempo em Salvador e Curitiba 83
Quadro 5 – Mesorregião Centro Norte Baiano 88
Quadro 6 – Mesorregião Centro Sul Baiano 90
Quadro 7 – Mesorregião Extremo Oeste Baiano 93
Quadro 8 – Mesorregião Metropolitana de Salvador 95
Quadro 9 – Mesorregião Nordeste Baiano 96
Quadro 10 – Mesorregião Sul Baiano 98
Quadro 11 – Mesorregião Vale São-Franciscano da Bahia 101
Quadro 12 – Mesorregião Centro Ocidental Paranaense 110
Quadro 13 – Mesorregião Centro Oriental Paranaense 111
Quadro 14 – Mesorregião Centro-Sul 113
Quadro 15 – Mesorregião Metropolitana de Curitiba 114
Quadro 16 – Mesorregião Noroeste Paranaense 116
Quadro 17 – Mesorregião Norte Central Paranaense 118
Quadro 18 – Mesorregião Norte Pioneiro Paranaense 119
Quadro 19 – Mesorregião Oeste Paranaense 121
Quadro 20 – Mesorregião Sudeste Paranaense 122
Quadro 21 – Mesorregião Sudoeste Paranaense 123
Quadro 22 – Coincidências e diferenças entre Bahia e Paraná 130
Quadro 23 – Coincidências Bahia-Paraná: denominações para acidentes geográficos 132
Quadro 24 – Parte I coincidências Bahia-Paraná: denominações para fenômenos atmosféricos 134
Quadro 25 – Parte II coincidências Bahia-Paraná: denominações para fenômenos atmosféricos 134
Quadro 26 – Parte I coincidências Bahia-Paraná: denominações para astros e tempo 136

Quadro 27 – Parte II coincidências Bahia-Paraná: denominações para astros e tempo 136
Quadro 28 – Diferenças Bahia-Paraná: denominações para acidentes geográficos 139
Quadro 29 – Parte I diferenças Bahia-Paraná: denominações para fenômenos atmosféricos 140
Quadro 30 – Parte II diferenças Bahia-Paraná: denominações para fenômenos atmosféricos 141
Quadro 31 – Parte I diferenças Bahia-Paraná: denominações para astros e tempo 145
Quadro 32 – Parte II diferenças Bahia-Paraná: denominações para astros e tempo 146

SUMÁRIO

VOLUME I

1 INTRODUÇÃO 13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 17
2.1 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS – UM BREVE HISTÓRICO 17
2.1.1 Variação linguística 24
2.1.2 Geografia linguística 29
2.1.2.1 Áreas dialetais no Brasil 31
2.1.2.2 Atlas linguísticos e seus primórdios 36
2.1.2.3 O Projeto ALiB – novos caminhos e perspectivas de geografia linguística no Brasil 37
2.2 O LÉXICO E A LEXICOLOGIA – COM UM OLHAR SOBRE A NEOLOGIA 39
2.2.1 Distribuição diatópica das variantes lexicais 48
2.2.2 Distribuição social dos dados – variações diageracional, diagenérica, diastrática 48
2.2.3 Sinonímia 50
2.2.4 Aspectos fraseológicos 51
3 ASPECTOS HISTÓRICOS NA FORMAÇÃO ETNOLINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS DO BRASIL 56
3.1 UM OLHAR SOBRE A BAHIA E O PARANÁ – ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS 59
3.1.1 As mesorregiões da Bahia 64
3.1.2 As mesorregiões do Paraná 66
4 METODOLOGIA 67
4.1 *CORPUS* 67
4.1.1 Localidades da Bahia 67
4.1.2 Localidades do Paraná 68
4.2 Informantes 69
4.3 Questionário 69
5 ANÁLISE DOS DADOS 73
5.1 O QUE REVELAM OS DADOS 73
5.1.1 Salvador e Curitiba – a realidade das capitais 74
5.1.1.1 Acidentes geográficos em Salvador e Curitiba 75

5.1.1.2 Fenômenos atmosféricos em Salvador e Curitiba 78
5.1.1.3 Astros e tempo em Salvador e Curitiba 83
5.2 A REALIDADE DO INTERIOR DOS DOIS ESTADOS 87
5.2.1 Cidades baianas em suas mesorregiões – distribuição diatópica do léxico 88
5.2.2 Cidades paranaenses em suas mesorregiões – distribuição diatópico do léxico 110
5.2.3 Uma visão plural entre a Bahia e o Paraná 129
5.2.3.1 Coincidências lexicais entre Bahia e Paraná 132
5.2.3.2 Diferenças lexicais entre Bahia e Paraná 138
5.2.3.3 Breve reflexão sobre as diferenças lexicais entre Bahia e Paraná 148
5.3 ASPECTOS LEXICOGRÁFICOS DOS DADOS 149
5.4 VARIÁVEIS SOCIAIS – UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE O TEMA ... 164
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 176
ÍNDICE ONOMASIOLÓGICO 179
REFERENCIAS 185

VOLUME II

7 APRESENTAÇÃO 191

LISTA DE MAPAS

Mapa de situação I – Bahia e Paraná 192
Mapa de situação II – Bahia 193
Mapa de situação III – Paraná 194

LISTA DE CARTAS LEXICAIS

Carta 1 – Rio pequeno na Bahia e no Paraná 195
Gráfico – Rio pequeno na Bahia e no Paraná 196
Carta 2 – Espécie de ponte feita com tronco de árvore, pedaço de pau ou tábua na Bahia e no Paraná 197

Gráfico – Espécie de ponte feita com tronco de árvore, pedaço de pau ou tábua na Bahia e no Paraná 198
Carta 3 – Foz na Bahia e no Paraná 199
Gráfico – Foz na Bahia e no Paraná 200
Carta 4 – Onda (do mar/do rio) na Bahia e no Paraná 201

Gráfico – Onda (do mar/do rio) na Bahia e no Paraná 202
Carta 5 – Raio na Bahia e no Paraná 203
Gráfico – Raio na Bahia e no Paraná 204
Carta 6 – Chuva geralmente de pouca duração e forte na Bahia e no Paraná 205
Gráfico – Chuva geralmente de pouca duração e forte na Bahia e no Paraná 206
Carta 7 – Chuva de granizo na Bahia e no Paraná 207
Gráfico – Chuva de granizo na Bahia e no Paraná 208
Carta 8 – Estiar na Bahia e no Paraná 209
Gráfico – Estiar na Bahia e no Paraná 210
Carta 9 – Chuva fina na Bahia e no Paraná 211
Gráfico – Chuva fina na Bahia e no Paraná 212
Carta 10 – Terra umedecida pela chuva na Bahia e no Paraná 213
Gráfico – Terra umedecida pela chuva na Bahia e no Paraná 214
Carta 11 – Orvalho na Bahia e no Paraná 215
Gráfico – Orvalho na Bahia e no Paraná 216
Carta 12 – Neblina na Bahia e no Paraná 217
Gráfico – Neblina na Bahia e no Paraná 218
Carta 13 – Amanhecer na Bahia e no Paraná 219
Gráfico – Amanhecer na Bahia e no Paraná 220
Carta 14 – Nascer do sol na Bahia e no Paraná 221
Gráfico – Nascer do sol na Bahia e no Paraná 222
Carta 15 – O começo da noite na Bahia e Paraná 223
Gráfico – O começo da noite na Bahia e Paraná 224
Carta 16 – Estrela matutina/vespertina na Bahia e no Paraná 225
Gráfico – Estrela matutina/vespertina na Bahia e no Paraná 226
Carta 17 – Estrela cadente na Bahia e no Paraná 227
Gráfico – Estrela cadente na Bahia e no Paraná 228
Carta 18 – Via Láctea na Bahia e no Paraná 229
Gráfico – Via Láctea na Bahia e no Paraná 230

1 INTRODUÇÃO

"*Mantenha distância ou lonjura*" era uma frase imperativa que estava escrita na traseira de um caminhão que trafegava ao longo da BR 324 indo da cidade de Salvador em direção à cidade de Feira de Santana na Bahia, no dia 29 de setembro de 2011. Não é possível afirmar se tal enunciado foi criado por razões jocosas ou por questões de ênfase uma vez que Houaiss (2001) define *lonjura* como uma grande distância. O que chama a atenção aqui é a possibilidade de se conjeturar que, por se tratar de um caminhão de carga, ele trafegue por vários lugares onde o uso de variantes possa ser de valia para uma comunicação mais efetiva entre seu motorista e aqueles com quem ele se depara. *Distância* e *lonjura* partilham da mesma ideia semântica e poderíamos até mesmo usar o conceito de sinonímia para classificá-las como lexias que têm apenas uma unidade semântica, portanto idênticas. Porém, a questão de sinônimos perfeitos levanta muita polêmica e para nossa reflexão, basta-nos dizer que, por maior estreiteza que haja entre palavras sinônimas, haverá, muitas vezes, nuances que as distanciam entre si. Segundo Luft (2006), *lonjura* é maior do que *distância*. Vale lembrar que essa consciência nem sempre se manifesta ao falante durante o uso da língua. Suas escolhas lexicais muitas vezes dependem tanto de fatores relacionados à variação diatópica quanto a variações diastrática, diageracional ou diagenérica.

A questão da variação linguística sempre exerceu um fascínio sobre o autor desta tese que fazia análise no seu dia a dia, fundamentando-se em conjecturas e teorias de cunho empírico. O trabalho científico voltado para esta área se iniciou com um estudo lexical sobre estrangeirismos na língua portuguesa do Brasil, enfocando os anglicismos sob uma perspectiva fonético-fonológica da língua inglesa, variante falada nos Estados Unidos da América. Ainda sobre o estudo do léxico, aventurou-se em um breve estudo sobre língua africana – Yorubá – com o objetivo de perscrutar sua influência sobre o português, especialmente a variante usada no estado da Bahia. Contudo, ao estudar para o processo de seleção do programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, deparou-se com várias outras possibilidades de estudos lexicais e dialetais, que o fizeram lembrar-se de algumas aulas interessantes e motivadoras sobre Dialetologia e Linguística Histórica cursadas durante seu Mestrado na Universidade do Texas em Austin nos Estados Unidos, das quais, naquele então, o estudo dialetológico apresentava-se de maior interesse para este autor do que os demais tópicos. Ao ingressar no programa de Doutorado na

Universidade Federal da Bahia no primeiro semestre de 2011, foi apresentado por sua orientadora, Profa. Dra. Suzana Alice Cardoso, ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), o qual só conhecia de maneira periférica até então. Surgiu naquele momento, a ideia de realizar um estudo envolvendo dados do ALiB. A princípio, esta ideia pareceu assustadora, tornando-se, logo então instigante, desafiadora e apaixonante, acendendo, outra vez, a chama do interesse pela Dialetologia, outrora já existente.

Vale lembrar que a identidade e a cultura de uma comunidade estão, com certeza, sintonizadas com a linguagem utilizada por esta comunidade. Esta linguagem, além de ser um objeto desta cultura, é a principal ferramenta para sua transmissão. A língua é, portanto, um instrumento por meio do qual se dão as relações sociais entre habitantes de um mesmo local e de locais diferentes, ou seja, dentro da mesma coletividade ou entre povos distintos. A língua desempenha um papel importante na sociedade uma vez que é por meio dela que as pessoas se comunicam, expressam seus pensamentos e sentimentos. A palavra é, assim, o meio canalizador da abstração e interpretação de tudo que existe ao redor do homem que atribui nome a este "tudo", cria coisas novas para as quais ele também criará novas palavras e por essa ação de dar nomes às coisas, este homem encontra sua essência. Portanto, a Dialetologia, cujo objeto central de estudo é a variação espacial, não pode ignorar fatores extralinguísticos, característica essencial dos falantes, como não pode desprezar o envolvimento destes fatores nos atos de fala. Desta maneira, idade, gênero e escolaridade junto com a busca de identificação de áreas definidas geograficamente do ponto de vista dialetal constituem objeto do nosso estudo, já que nosso objeto principal é a variação linguística.

Os dados que analisamos nesta Tese são extratos que fazem parte do *corpus* do Projeto Atlas Linguísticos do Brasil (ALiB). Portanto, a coleta de dados, *in loco*, é feita a informantes cujo perfil deve permitir não só apurar a diferenciação de usos, como também dar destaque às variáveis consideradas relevantes para o objetivo que se visa alcançar com o trabalho, pois, embora haja uma influência da língua sobre a maneira como as pessoas que a falam veem o mundo, o meio físico parece também ser um fator de grande influência sobre a língua.

Esta Tese investiga a relação entre o léxico referente às áreas semânticas acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo documentada no estado da Bahia e no estado do Paraná, com base no *corpus* do Projeto ALiB e a partir de dados de 164 informantes, distribuídos: 16 nas duas capitais, 84 nas cidades do interior da Bahia e 64 nas cidades do interior do Paraná. Objetivamos identificar e estabelecer as semelhanças e

diferenças encontradas neste recorte estudado nos dois estados com base teórica na abordagem apresentada pela Geolinguística e nos valemos, também, de pressupostos teóricos da Lexicologia, Sociolinguística e Lexicografia.

Apesar dos diversos estudos dedicados ao léxico sob a perspectiva diatópica, ainda surgem algumas indagações: É possível identificar, descrever e caracterizar uma unidade linguística entre os dois polos geográficos aqui em questão – Nordeste e Sul? É possível mensurar a dimensão social que cada variante encontrada apresenta? Variações linguísticas podem ser observadas entre falantes de origens geográficas distintas. A Dialetologia estuda esta diversidade, com base no método da Geolinguística. Como já pontuamos, o universo lexical do indivíduo recebe influência do meio espacial e social bem como do controle que este indivíduo tem sobre os vários estilos linguísticos. Os itens lexicais agem, desta maneira, na criação de uma identidade do universo lexical desse falante e contribuem para a evolução da língua. Portanto, reiteramos nossa indagação: é possível falar sobre semelhanças entre pólos distintos, nesse caso, Bahia e Paraná? É também possível falar de semelhanças internas dentro desses dois polos? Levantamos, inicialmente, a hipótese de que o léxico documentado na Bahia e no Paraná oferece características particulares que delimitam áreas e pode refletir a natureza da constituição histórica de cada um desses estados. Levantamos as seguintes indagações:

1) O léxico fornecido pelos informantes na Bahia apresenta muitos africanismos considerando a grande população africana que viveu no Brasil durante o período colonial e por conta do grande número de afro descendentes que até hoje habita o território baiano?

2) No Paraná, existem muitos estrangeirismos tendo em vista um número expressivo de imigrantes europeus que se mudaram e criaram comunidades étnicas no território paranaense no início do século XX?

3) Há a presença de vários indigenismos no léxico de ambos os estados em face da existência maciça de diversos grupos indígenas no Brasil ao tempo do descobrimento e por conta da relação do colonizador europeu com estes índios e suas línguas por séculos?

Para responder estas questões, apresentamos esta tese em dois volumes. O Volume I traz o tratamento teórico-analítico dos dados, cuja estrutura consiste de seis capítulos. O primeiro capítulo se refere à Introdução e aos objetivos gerais e específicos. No segundo capítulo, trazemos a fundamentação teórica. Dentro desta fundamentação teórica, procuramos mostrar um pouco da história da Dialetologia sob uma perspectiva geral e sobre o solo

brasileiro. De uma forma geral, discutimos aspectos da variação linguística e falamos sobre o método da Geografia Linguística utilizado pela Dialetologia para a investigação de seus dados. Enfocamos as áreas dialetais do Brasil, especialmente aquelas apontadas por Nascentes, para em seguida abordarmos a questão dos Atlas linguísticos, circunscrevendo-nos aos Atlas regionais brasileiros e, por fim, falamos do Atlas Linguístico do Brasil e de suas perspectivas Geolinguísticas. No segundo capítulo, abordamos conceitos sobre Léxico e Lexicologia. Dentro deste tópico, conceituamos distribuição diatópica e social, além de falarmos sobre sinonímia. No terceiro capítulo, tratamos de aspectos históricos e geográficos da Bahia e do Paraná. O quarto capítulo trata da metodologia utilizada para a coleta e a análise dos dados, como o *corpus* utilizado e dados sobre os informantes. A descrição e análise dos dados são apresentadas no quinto capítulo. Primeiro, apresentamos o questionário semântico-lexical que é usado como base desencadeadora do léxico estudado nesta tese, analisando, inicialmente os itens lexicais referentes a Salvador e Curitiba e, logo em seguida, os relativos ao interior da Bahia e do Paraná, mostrando as diferenças e coincidências lexicais entre estes dois estados. Ainda no capítulo cinco, analisamos os aspectos lexicográficos para, em seguida, verificarmos como se apresenta a variação social no léxico encontrado. No sexto capítulo, traçamos considerações finais para esta Tese. No Volume II, apresentamos 18 Cartas Léxicas que mostram a realidade de cada área, permitindo a identificação de pontos convergentes e divergentes entre a Bahia e o Paraná.

O estudo que apresentamos se justifica pela contribuição que pode dar aos estudos linguísticos nessa área específica e por fornecer aos dicionários da língua portuguesa novos itens lexicais que venham a ampliar a sua informação.

Para o desenvolvimento desta Tese, temos como objetivo geral a análise de um extrato do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) enfocando exclusivamente as áreas semânticas que se referem a acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, apontando diferenças e semelhanças no tocante a este léxico nos estados da Bahia e do Paraná. Como objetivos específicos, visamos: (i) descrever a realidade referente a acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo das redes de pontos estudados na Bahia e no Paraná; (ii) apresentar diferenças e semelhanças observadas nos dados dos dois estados em questão; (iii) verificar os aspectos lexicográficos dos itens lexicais encontrados; (iv) verificar o perfil sociolinguístico dos falantes e estabelecer as possíveis relações com os itens lexicais encontrados; (v) analisar aspectos históricos e etimológicos do léxico encontrado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Descoberto em 1500, o Brasil só começou propriamente a ser colonizado em 1534 com o regime das capitanias hereditárias. A partir desta data tem-se a efetiva introdução da língua portuguesa.

Como é sabido e assinalam diferentes autores, a língua portuguesa no Brasil, no curso da sua história, vem passando por muitas modificações, realidade para a qual, nos meados do século XX, já chamava a atenção de Nascentes (1953, p. 9-10) que assim se manisfestou:

> A língua portuguesa no Brasil sofreu grandes alterações porque teve de ser aprendida por homens de duas raças que falavam línguas de estrutura inteiramente diversa do tipo flexional. O índio foi o primeiro que aprendeu o português; é natural, pois foi o povo autóctone. Só mais tarde aparece o outro fator etnográfico, o negro. [...] A escravidão vermelha precedeu à negra e daquela já se fala em 1531, quando Martim Afonso concedeu a Pedro de Góis permissão de levar para Europa dezessete escravos índios; mas desde cedo na capitania de S. Vicente são escravos negros que trabalham na agricultura da cana.

2.1 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS – UM BREVE HISTÓRICO

A Dialetologia identifica, situa e descreve os usos diferentes em que a língua varia de acordo com sua disposição espacial, histórica e sociocultural, respondendo a um pensamento mais amplo, pois, como afirma Cardoso (2010, p.27),

> O interesse pelo estudo da diversidade de usos da língua e a evidência de certa preocupação universal com as diferenças dialetais perpassam a história dos povos em todos os momentos, ora como simples constatação, ora como instrumento político, ora como mecanismo de descrição das línguas.

A Dialetologia é, como a própria palavra sugere, o estudo dos dialetos. Contudo, precisamos definir o que é um dialeto. Na linguagem coloquial, diz-se que um dialeto é uma língua não padrão, que geralmente se associa a grupos que não ostentam prestígio ou uma língua que não tem tradição escrita. Entretanto, Chambers e Trudgill (1994, p. 19) não aprovam estes conceitos e dizem que "todos os falantes são falantes de, pelo menos, um dialeto"[1] e que a forma padrão de uma língua constitui-se em si um dialeto. Esta definição, contudo, esbarra em um problema: Como distinguir língua de dialeto? Estes autores afirmam que uma língua é um conjunto de dialetos mutuamente inteligíveis, embora salientem que tal

[1] "… todos los hablantes lo son al menos de un dialecto..." Tradução nossa.

definição não seja totalmente satisfatória porque esta tal inteligibilidade nos traz alguns problemas. Eles citam as línguas norueguesa, sueca e dinamarquesa como três línguas distintas, mas mutuamente inteligíveis. Em contrapartida, a língua alemã, considerada como uma única língua, apresenta problemas de comunicação entre os diferentes falantes do alemão, usuários de distintos dialetos. A inteligibilidade entre as línguas escandinavas apresenta graus para mais ou para menos e pode não se apresentar igual nas duas direções. Segundo Chambers e Trudgill (1994), os dinamarqueses, por exemplo, entendem melhor os noruegueses do que os noruegueses conseguem entender os dinamarqueses. Neste sentido, comparamos o português brasileiro e o espanhol falado na América Latina. É muito comum escutar um falante do espanhol reclamar que não entende o brasileiro ao passo que se escuta um brasileiro dizer que entende claramente o espanhol. Como podemos ver, a inteligibilidade entre línguas apresenta estes problemas, além da exposição dos ouvintes a outra língua, o nível de escolaridade bem como o esforço que estes podem fazer para entender a outra língua. Apesar de todas estas observações, parece-nos claro que o norueguês, o dinamarquês, o sueco, o alemão, o português brasileiro e o espanhol são línguas distintas, por razões políticas, geográficas, históricas, sociológicas e culturais, bem como por razões linguísticas.

Chambers e Trudgill (1994) também traçam um paralelo entre o conceito de dialeto e sotaque. Para eles, sotaque tem a ver com a forma que um falante pronuncia a língua e, portanto se aplica à variedade fonética ou fonológica da língua. Por outro lado, dialeto, refere-se às variedades que são diferentes do ponto de vista gramatical ou lexical, além do fonológico. Contudo, eles esclarecem que os sotaques e os dialetos frequentemente se fundem uns com os outros sem que tenham uma separação definida. Estes autores afirmam que, embora estas observações acerca de diferenças dialetais sejam muito comuns, o estudo dos dialetos só começa de maneira sistemática na segunda metade do século XIX.

Trazemos Finch para a discussão acerca da definição do que chamamos de dialeto. De acordo com este teórico, um "dialeto é uma variedade linguística restrita a um espaço geográfico com formas sintáticas e itens vocabulares distintos". Para ele, geralmente, "distingue-se de sotaque; o qual se refere apenas a aspectos de pronúncia, embora em algumas ocasiões, o dialeto vagamente inclui o sotaque" (2000, p. 215)[2]. Muitos dialetos são regionais em sua origem e pertencem a uma área específica. Como podemos ver, há confluência de

[2] "Dialect is a geographically based language variety with distinct syntactic forms and vocabulary items". "It's usually distinguished from accent, which refers solely to features of pronunciation, although on occasions dialect is loosely used to include accent". Tradução nossa.

ideias sobre a acepção de dialeto entre Finch e Chambers e Trudgill. Finch acrescenta que a Dialetologia mudou seu foco do estudo sobre dialetos tradicionais para o estudo dos dialetos modernos, urbanos. Segundo ele, um dos nomes mais importantes tem sido o do sociolinguista americano William Labov, cujo trabalho inicial sobre a fala de novaiorquinos influenciou uma geração de sociolinguistas. Finch (2000) cita Trudgill (1990, p.5) e observa que esse autor traz exemplos do inglês que ilustram a diferença entre dialetos tradicionais e modernos, como a seguir se transcreve:

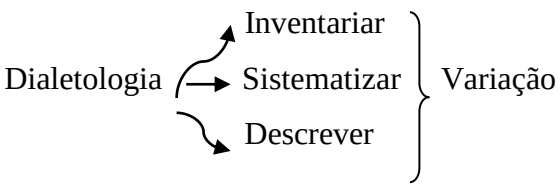
Hoo inno comin (? - dialeto tradicional)

She ain't comin (ela não está vindo - dialeto moderno não padrão)

She isn't coming (ela não está vindo - dialeto moderno padrão)

Ainda se referindo à língua inglesa, além dos dialetos regionais e urbanos, há também variedades nacionais e internacionais tais como o inglês americano e o inglês escocês, da mesma forma que podemos dizer que há português brasileiro, português europeu e português africano. Algumas pessoas também usam o termo para se referir a variedades utilizadas por grupos sociais, os dialetos de classe, embora o termo socioleto seja mais usado. Portanto, os dialetos se apresentam dentro de várias perspectivas e a Dialetologia os analisa.

A Dialetologia era vista nos seus primórdios sob uma perspectiva preponderantemente diatópica. Os primeiros estudos dialetológicos eram predominantemente focalizados dentro de um espaço e tinham uma abordagem monodimensional. Aos poucos, a monodimensionalidade foi perdendo sua hegemonia para um estudo mais pluridimensional. De acordo com Cardoso (2010, p. 15), "a Dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica". Podemos afirmar que o estudo dialetológico obedece a três passos importantes: identificar, descrever e situar a variação linguística. Após a realização do primeiro passo, que é a identificação do fenômeno linguístico, passa-se a descrevê-lo fazendo o levantamento das variantes. Descrever é enumerar as variantes lexicais possíveis e que tenham o mesmo valor de verdade. Como há formas variantes de dizer o mesmo, como em *macaxeira*, *aipim* e *mandioca*, a Dialetologia inventaria, sistematiza e descreve estas variações.



Chambers e Trudgill (1994, p. 139) afirmam que uma das maiores preocupações da Dialetologia tradicional ou Geografia Linguística tem sido a determinação de isoglossas, dos limites entre duas regiões que diferem em algum traço linguístico entre si. Ao analisar o significado literal de isoglossa "iso → igual" e "glossa → língua", eles observam que isoglossa, supostamente, "quer expressar o fato de que uma linha traçada através de uma região mostrará duas áreas em cada uma das quais coincide algum aspecto do uso linguístico, mas que difere uma da outra".[3]

Ferreira e Cardoso (1994) observam que um feixe de isoglossas demarca um dialeto. É, portanto, um conjunto de isoglossas que se somam e exibem uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras. Elas adicionam que, devido a esta relativa homogeneidade, podemos crer que não há limites rígidos entre as línguas, uma vez que toda língua histórica é constituída por um conjunto de dialetos. Isto corrobora o pensamento de Chambers e Trudgill.

O espaço físico exibe variedades linguísticas que ocorrem de uma região para outra. O interesse por este tipo de informação não está apenas em registrar dados intercomparáveis, mas também em registrar a ausência de tais dados. Podemos, então, dizer que são intercomparáveis tanto os dados presentes em uma região e outros presentes em outras, como também os dados existentes em uma região comparados à sua ausência em outra.

Com base em Cardoso (2010), observamos que há duas características importantes na origem da Dialetologia independentemente do princípio metodológico usado. A primeira característica é o reconhecimento das diferenças ou das semelhanças que a língua transmite. Outra característica é o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades prefixados. A Dialetologia não pode desconsiderar fatores extralinguísticos, próprios do falante, da mesma maneira que não pode desconsiderar as implicações que estes fatores acarretam nos atos da fala. De maneira que idade, gênero, escolaridade e características socioculturais tornam-se elementos de pesquisa que convivem com a busca de identificação de áreas dialetais. Neste ponto, é possível ver uma confluência

[3] "Presumiblemente quiere expresar el hecho de que una línea trazada a través de uma región mostrará dos áreas em cada uma de las cuales coincide algún aspecto del uso linguístico, pero que difiere una de la otra". Tradução nossa.

de propósitos entre a Dialetologia e a Sociolinguística uma vez que ambas as disciplinas perseguem a variação linguística. Portanto, os enfoques diatópico e sociolinguístico estão presentes tanto na Dialetologia quanto na Sociolinguística. Todavia, o que as distingue é a forma de tratar os fenômenos e a perspectiva que cada uma imprime à abordagem dos fatos linguísticos. A Dialetologia tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos estudados, demonstrando seu caráter eminentemente diatópico, embora considere fatores sociais. Por outro lado, Cardoso (2010, p. 26) observa que "a Sociolinguística centra-se na correlação entre fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando as relações sociolinguísticas" embora estabeleça a intercomparação entre dados do ponto de vista espacial. Portanto, é possível afirmar que a Dialetologia tem duas diretrizes que são "a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico". No curso da história, Cardoso (2010, p. 27) afirma que "as diferenças dialetais têm sido explicitadas em diversificadas manifestações, em momentos distintos e motivadas por razões as mais variadas e se têm constituído em alvo de interesses políticos, *lato sensu*, os mais diferenciados".

Cardoso (2010), fundamentada em Faria (1970, p. 66), cita um exemplo do que acontecia entre os romanos. Segundo a autora, nas apresentações teatrais, a plateia vaiava os atores que claudicavam na emissão da quantidade vocálica realizando vogais longas como breves e vice-versa. Essa variação de usos mesclada com o prestígio social que conduzia à repulsa, era na verdade o início da perda da oposição marcada pela quantidade vocálica que se consolida com o tempo. Isto demonstra que fatores extralinguísticos denunciam preocupação diatópica ou um sentimento atrelado à diversidade sociocultural.

Ao longo do século XVIII, alguns trabalhos começam a construir os caminhos da Dialetologia. Um desses trabalhos é realizado pelo abade Grégoire que realiza na França em 1790 uma enquete com a finalidade de conhecer os "patois". Contudo, é no século XIX, que os rumos da Dialetologia e de seu método geolinguístico são delineados. Cardoso (2010) menciona vários trabalhos que ajudaram a construir os caminhos da Dialetologia. Vale citar a publicação, em 1841, por Bernardino Biondelli, do Atlas Linguistique de L'Europe, inspirado no Atlas Ethnographique du Globe de Adrien Balbi (1826). No Brasil, a história da Dialetologia é marcada pela presença de estudiosos como Amadeu Amaral e Antenor Nascentes que publicaram alguns dos primeiros trabalhos sobre a Dialetologia brasileira.

Cardoso (2010) lembra que a história dos estudos dialetais tem demonstrado que a visão diatópica tem estado acompanhada da perspectiva social na construção da metodologia geolinguística. O valor que se atribui a uma visão ou a outra tem pesos distintos de acordo com o momento, a região, os objetivos do trabalho. A intenção de localizar os fatos

linguísticos nos espaços geopolíticos sempre esteve presente nos estudos dialetais. Todavia, a preocupação com os aspectos sociais dos informantes e suas implicações no uso da língua tem sido mais recentemente observada pela Dialetologia, e principalmente pela Geografia Linguística.

Em 1826, Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, ministro plenipotenciário do Brasil na França escreveu uma contribuição para o capítulo Introdução ao l'Atlas *ethnographique du globe*, do geógrafo vêneto Adrien Balbi. Isto se configura como a primeira manifestação de cunho dialetal sobre o português brasileiro. O Visconde de Pedra Branca descreve o português do Brasil e diz que ele reflete a doçura do clima e dos habitantes e que possui palavras e expressões novas, empréstimos de línguas indígenas. Ferreira e Cardoso (1994, p. 37), tomando por base a divisão em duas fases realizada por Nascentes, observam que "podemos dividir a história dos estudos dialetais em três grandes fases".

A primeira fase compreende o período de 1826 a 1920, que culmina com a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral. A tônica deste período foi o estudo do léxico relativo ao português do Brasil e a criação de vários dicionários, vocabulários e léxicos de caráter regional. Dentre eles, podemos citar o *Dicionário da língua brasileira* com o uso de nomes próprios do Brasil, de Luís Maria Silva, em 1832 e o *Vocabulário popular* de P. H. Souza Pinto em 1912 que mostra regionalismos do estado de Minas Gerais.

Ferreira e Cardoso (1994) afirmam que a segunda fase se inicia com a publicação de O dialeto caipira de Amadeu Amaral. Neste período, há um grande número de trabalhos que tratam da gramática, embora haja também vários de cunho lexicográfico. Desta segunda fase podemos destacar dois trabalhos iniciais: *O dialeto caipira* em 1920, como já mencionamos, e *O linguajar carioca* de Antenor Nascentes em 1922.

Em *O dialeto caipira*, Amadeu Amaral chama a atenção para a pesquisa *in loco* para dissipar falsas hipóteses e conclusões que não refletiam a verdadeira realidade linguística. Ele traça, para futuros pesquisadores da Dialetologia, passos básicos para um trabalho mais criterioso: a observação imparcial, sistemática no trabalho, a retratação fiel da realidade a partir do que as amostras coletadas permitiam e a verificação pessoal dos fatos para eliminar tudo que fosse hipotético e incerto. Amadeu Amaral abriu, assim, o caminho para os estudos dialetais no Brasil com linhas gerais para um estudo monográfico de uma região. Antenor Nascentes, em *O linguajar carioca*, começa traçando linhas gerais para a compreensão do português brasileiro que ele chama de *o falar brasileiro* e situa o linguajar carioca neste grupo. Para Nascentes (1953), a enorme extensão territorial do Brasil, sem fáceis meios de comunicação interior, quebrou a unidade do falar, fragmentando-o em subfalares. Esta

fragmentação é também influenciada pelo modo diferente de povoamento de cada região. É palpável a diferença entre a fala *cantada* do nortista e a fala *descansada* do sulista. No léxico são muitas as diferenças que podemos notar entre os estados do Brasil, basta, por exemplo, comparar um livro de Alfredo Rangel com um de Monteiro Lobato.

A estas obras *O dialeto caipira* e *O linguajar carioca*, podemos adicionar tantas outras nesta segunda fase, como o *Vocabulário gaúcho* de Roque Callage em 1926 e *O vocabulário pernambucano*, de Pereira da Costa, em 1937 que enfocam o léxico regional seguindo a linha dominante na fase anterior. Temos também *O ritmo da língua nacional*, de Álvaro Maia, em 1926 e *O problema da língua brasileira*, de Sílvio Elia, em 1940 que discutem o português brasileiro dentro de uma perspectiva mais abrangente e globalizante. Estas são apenas algumas das obras que pontuam a segunda fase.

A terceira fase se inicia em 1952 e se distingue pela elaboração de trabalhos baseados em *corpus* constituído de forma sistemática e surge, então, neste momento, a preocupação com a execução e desenvolvimento dos estudos da Geolinguística no Brasil e com a produção de um atlas linguístico do Brasil. Nesse sentido o Governo brasileiro toma a iniciativa de atribuir à Comissão de Filologia, da recém-criada Casa Ruy Barbos, através do decreto 30.643 a responsabilidade pela produção do atlas linguístico do Brasil. Ferreira e Cardoso (1994) afirmam que a Geografia Linguística no Brasil não teria encontrado desenvolvimento sem o trabalho relevante e pioneiro dos que com ela se sentiam comprometidos. Os nomes de maior relevância, de acordo com estas autoras, são Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Nascentes publica em 1958 as *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, embora reconheça a impossibilidade de sua realização devido a amplitude de nosso território. Serafim da Silva Neto, fundador da Revista Brasileira de Filologia, publicou em 1957 o *Guia para estudos dialetológicos*. Entre suas sugestões para o estudo dialetológico, podemos elencar a) a recolha de vocabulários seguindo as exigências técnicas; b) elaboração de atlas regionais e c) elaboração de atlas nacional. Celso Cunha se dedicou ao aprofundamento da língua nos seus mais distintos aspectos. Ele via a necessidade da elaboração de um atlas do Brasil, mas por conta da impraticabilidade de tal projeto na época, mostrava o caminho na construção de atlas regionais. Tornou-se um incentivador da implantação da Geografia Linguística e um grande fomentador da Sociolinguística no Brasil, sendo um dos responsáveis pelo desenvolvimento do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (NURC).

Nelson Rossi chegou à Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1955 com o objetivo inicial de instalar um laboratório de fonética experimental, mas foi na Dialetologia

que se concentrou e se dedicou com bastante afinco e tenacidade. Ao chegar à UFBA, logo empreendeu um trabalho em equipe, criando um grupo coeso e dedicado de pesquisadores que se constituía inicialmente de estudantes, que então se transformaram em colegas. Neste espírito de equipe, junto com Carlota Ferreira e Dinah Maria Isensee, Nelson Rossi se torna o pioneiro no Brasil ao publicar, em 1963, o Atlas linguístico da Bahia, cujo nome oficial vem a ser o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, o primeiro atlas do Brasil.

A terceira fase da história dos estudos dialetais tem, assim, como marca identificadora, o começo dos estudos sistemáticos no campo da Geografia Linguística. Não ficam, porém, ausentes desse período estudos de natureza teórica, a produção de léxicos regionais e de glossários, bem como a elaboração de monografias sobre as regiões diversas. Entretanto, Mota e Cardoso (2006) complementam a proposta de Ferreira e Cardoso (1994) com uma quarta fase. Esta quarta fase começa com a retomada do Projeto Atlas Linguístico do Brasil em 1996. Essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística, a partir da década de 60 do século XX, abandonando-se a visão monodimensional que era predominante na Geolinguística que atualmente chamamos de tradicional. Cardoso (2009) observa que é importante reiterar que a implantação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil em 1996 é o marco mais significativo para estabelecer esta quarta fase dos estudos dialetológicos, atrelados ao estudo da variação linguística, que transcende limites geográficos e está presente em todas as comunidades de fala.

2.1.1 Variação linguística

Formas linguísticas em variação estão presentes em todas as comunidades de fala. Estas formas são chamadas de variantes que são, na verdade, maneiras diferentes de falar a mesma coisa no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Estas variantes, por sua vez, estão sempre competindo dentro da comunidade de fala à qual pertencem. Desta maneira, temos as variantes padrão e não padrão, aquelas que são conservadoras contra as que são inovadoras e finalmente as variantes que recebem algum tipo de estigma em oposição àquelas de prestígio. Geralmente, uma variante padrão é considerada conservadora e possui maior importância sociolinguística dentro da comunidade. Em contrapartida, uma variante inovadora tende ser não-padrão e é, portanto, estigmatizada pelos falantes da comunidade a que pertence. A título de ilustração, trazemos a presença do segmento fônico /s/ como marca de plural no sintagma nominal que é a forma padrão, conservadora e, portanto, de prestígio. Ao passo que a não marcação do plural /s/ no sintagma nominal é estigmatizada.

Labov (2008, p. 260) observa que "no curso da evolução linguística, a mudança caminha para se completar, e regras variáveis se tornam invariantes. Quando isso acontece, há outra mudança estrutural que compensa a perda de informação envolvida". Isto significa dizer que se uma regra variável for constante, ela oferece aos aprendizes da língua informação suficiente para manter as distinções básicas e as formas subjacentes. Tarallo (1997) comenta que nem tudo que varia sofre mudança e que toda mudança linguística pressupõe variação uma vez que mudança é variação. Para Coseriu (1979, p. 64), a língua não muda completamente, porque se refaz: o falante não cria integralmente a sua expressão, mas utiliza o sistema que lhe é oferecido pela comunidade, além disso, aceita também a realização que a norma tradicional lhe fornece. Ele não inventa totalmente sua expressão, mas utiliza modelos anteriores porque este indivíduo é um ser histórico e porque a língua pertence a sua historicidade. Isto quer dizer que a expressão que é usada pelo falante tem uma história que a precede.

A diversidade linguística está relacionada não apenas com a questão territorial, mas também com a questão da desigualdade social. Bagno (2000, p. 16) observa que:

> No Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país – que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito- mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo mundo. São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre falantes das variedades não-padrão de português brasileiro – que são a maioria de nossa população – e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola. (BAGNO, 2000, p. 16).

A variedade linguística depende de variedades geográficas ou diatópicas, bem como de variedades socioculturais ou diastráticas. As variedades diatópicas, os regionalismos, acontecem em um plano horizontal da língua e se originam dos dialetos ou falares locais, que se mostram por meio de uma linguagem aparentemente comum do ponto de vista geográfico. Estas variedades se distinguem em linguagem urbana e a linguagem rural. A linguagem urbana é influenciada por fatores culturais como a escola, meios de comunicação de massa e literatura e está mais próxima da linguagem comum. A linguagem rural é mais isolada e conservadora e vem desaparecendo com a chegada da civilização. Entretanto, a Dialetologia e a Geografia Linguística tem se empenhado em catalogar e analisar as particularidades linguísticas de comunidades rurais. As variedades socioculturais ou diastráticas surgem em

um plano vertical dentro de uma comunidade urbana ou rural e podem estar atreladas a fatores relacionados ao falante – ou ao grupo a que pertence- ou à situação ou a ambos ao mesmo tempo.

Idade, sexo, raça (ou cultura), profissão, posição social, grau de escolaridade são alguns dos fatores que desencadeiam variedade linguística. Para Preti (2003), as variantes decorrentes de faixas etárias, considerando o locutor adulto, restringem-se mais ao vocabulário. Para ele, a chamada linguagem jovem se refere a um vocabulário gírio, cujos limites são meio vagos. Este autor diz que a oposição entre a linguagem do homem e a linguagem da mulher pode indicar diferenças evidentes, sobretudo no léxico por conta de tabus morais. Contudo ele aponta que essa oposição vem perdendo sua significação, especialmente nas cidades grandes, porque os meios de comunicação de massa, o teatro, a transformação dos costumes e padrões morais têm exercido um papel nivelador expressivo. Outro fator é a profissão do indivíduo que funciona no campo da linguagem técnica em que os falantes usam um vocabulário condizente com sua atividade. Além disso, a posição social requer que o falante tenha um cuidado especial com a linguagem que usa visando ter destaque dentro do grupo em que atua. Preti afirma que a influência de todos esses fatores de diversidade linguística geralmente se acentuam mais no léxico, porém é expressiva na fonologia, mas diminuta na morfossintaxe.

A língua é variável e se manifesta de modo variável. Em termos gerais, podemos dizer que os falantes de uma língua utilizam elementos distintos para expressar coisas distintas e que também usam elementos linguísticos diferentes para dizer as mesmas coisas. Sobre esse aspecto, assim se manifesta Moreno Fernández:

> Ás vezes, o uso de um elemento em lugar de outro do mesmo nível não supõe nenhum tipo de alteração semântica, de maneira que se usar um ou usar outro está se dizendo a mesma coisa. Isto é o que os sociolinguistas chamam de variação linguística". (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 17)[4].

Variável linguística é o elemento, traço ou unidade linguística que pode se apresentar de maneiras diferentes, isto é, de forma variável. Portanto, uma variável linguística é um conjunto de expressões do mesmo elemento e cada uma das manifestações ou expressões de uma variável recebe o nome de variante linguística. A variação pode ser determinada e explicada por fatores sociais, bem como por fatores geográficos (variação geolinguística), situacionais (variação estilística), históricos (variação histórica) e pode ser encontrada quase que em todos os níveis da língua desde o mais concreto – fonético/fonológico – ao mais vasto – discurso – atravessando a gramática e o léxico.

No momento em que nos referimos aos fatores que ocasionam o surgimento de variantes linguísticas, apontamos sempre que tais fenômenos ocorrem dentro de uma comunidade de fala, que é assim conceituada por Moreno Fernandez (1998):

> Uma comunidade de fala é formada por um conjunto de falantes que compartilham efetivamente, pelo menos, uma língua, contudo, além disso, compartilham um conjunto de normas e valores de natureza sociolinguística: compartilham as mesmas atitudes linguísticas, as mesmas regras de uso, um mesmo critério na hora de valorizar socialmente os fatos linguísticos, os mesmos padrões sociolinguísticos. Os membros de uma comunidade de fala são capazes de se reconhecerem quando compartilham opiniões sobre o que é vulgar, o que é familiar, o que é incorreto, o que é arcaizante ou antiquado. Por isso, o cumprimento das normas sociolinguísticas que obriga o pertencimento a uma comunidade pode servir de marca diferenciadora, de marca de grupo, e por isto os membros de uma comunidade costumam acomodar seu discurso a normas e valores compartidos. Uma comunidade de fala é basicamente uma comunidade de consenso, de sintonia entre grupos e indivíduos

[4] "Hay ocasiones em que el uso de un elemento en lugar de otro del mismo nivel no supone ningún tipo de alteración semántica: tanto si se usa uno como si se usa outro, se está diciendo lo mismo. Esto es lo que los sociolinguistas denominan variacion linguística." Tradução nossa.

> diferentes, onde conflitos são minimizados. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 19-20).[5]

Moreno Fernández comenta que não está claro se este modelo conceitual sobre comunidade de fala é realmente explicativo ou o mais adequado para se chegar a um bom conhecimento dos fatos linguísticos.

A variação linguística acontece em diversos níveis da fala dentre os quais a variação fonética e fonológica parece ser a mais estudada e, portanto, mais conhecida. As variantes de um fonema, geralmente, não supõem nenhuma mudança de significado. Observa-se uma correlação entre certas variantes linguísticas e certos fatores sociais e situacionais, pois umas variantes se encontram, sobretudo, em falantes com certas características sociais e em específicas situações ao passo que outras variantes se encontram em outros tipos de falantes.

A variação gramatical, ou seja, morfológica e sintática, tal qual a fonético-fonológica, pode ocorrer por conta de fatores linguísticos ou pela combinação de fatores linguísticos e sociais. Como é autoexplicativo, as variáveis morfológicas afetam elementos da morfologia, cuja variação raras vezes implica níveis sintáticos e pragmáticos e que costumam ser determinadas por fatores tanto sociolinguísticos e estilísticos quanto por fatores históricos e geográficos. Moreno Fernández traz exemplos em língua espanhola para ilustrar este ponto como o uso de *–ra* ou de *–se* como terminação verbal em *se quisiera lo podría hacer/se quisiese lo podría hacer* (se quisesse poderia fazê-lo ou o uso de *–mos* ou de *–nos* como terminação verbal em *para que fuéramos a buscarlo/para que fuéranos a buscarlo* (para que fôssemos procurá-lo)[6].

Uma das dificuldades para o estudo da variação lexical é a determinação de correspondência entre variantes. Esta análise encontra problemas, especialmente no nível

---

[5] "Una comunidad de habla está formada por un conjunto de hablantes que comparten efectivamente, al menos, una lengua, pero que, además, comparten unas mismas actitudes linguísticas, unas mismas reglas de uso, un mismo criterio a la hora de valorar socialmente los hechos linguísticos, unos mismos patrones sociolinguísticos[...] Los miembros de una comunicadad de habla son capaces de reconorcerse cuando comparten opinión sobre lo que es vulgar, lo que es familiar, lo que es incorrecto, lo que es arcaizante o anticuado. Por eso el cumplimiento de las normas sociolinguísticas al que obliga la pertenencia a uma comunidad puede servir de marca diferenciadora, de marca de grupo, y por eso los miembros de una comunidad suelen acomodar su discurso a las normas y valores compartidos[...] Una comunidad de habla es básicamente una comunidad de consenso, de sintonia entre grupos e indivíduos diferentes, donde el conflicto está minimizado." Tradução nossa.

[6] Tradução nossa.

semântico-lexical, quanto à existência ou impossibilidade de explicar as equivalências por um viés teórico da sinonímia. Moreno Fernández (1998, p 29) observa que "a Sociolinguística tem se tornado, quase por necessidade epistemológica, uma defensora da existência da sinonímia, pelo menos no nível do discurso". As unidades léxicas podem se encontrar semanticamente neutralizadas no discurso, contudo, há ainda a dificuldade em demonstrar que duas ou mais variantes são equivalentes. Ao mesmo tempo, busca-se identificar o léxico característico dos diferentes grupos sociais: léxico jovem, léxico profissional, léxico marginal, entre outros. Por conta da escassa frequência com que variantes lexicais alternam no discurso, alguns estudiosos têm optado por localizar variáveis fora do discurso natural e continuado por meio de pesquisas e questionários. Os estudos da variação lexical envolvem fatores extralinguísticos, como traços sociológicos, situações, crenças e atitudes, embora fatores linguísticos e prosódicos possam também estar implicados no processo.

2.1.2 Geografia linguística

As diferenças dialetais estão entre as observações mais comuns que os seres humanos fazem no dia a dia. Estas observações sobre a diversidade dialetal são tão comuns que é surpreendente que o estudo sistemático de dialetos só tenha começado na segunda metade do século XIX. Chambers e Trudgill (1994) descrevem as representações de áreas dialetais até a metade do século XIX como intuitivas e fortuitas. As primeiras tentativas de sistematizar a análise sobre diferenças dialetais surgiram como uma reação aos avanços da Filologia e outros estudos sobre as línguas. Foram os neogramáticos que começaram a busca por princípios gerais da mudança linguística. Para eles, as mudanças fonéticas são governadas por uma regra e o princípio seguido é que todas as mudanças fonéticas não admitem exceções. Como consequência disso, houve o desenvolvimento da geografia linguística, uma metodologia, ou seja, um conjunto de métodos para compilar de maneira sistemática as demonstrações das diferenças dialetais. O fundamento da Geografia Linguística é muito simples. Ela procura criar uma base empírica sobre a qual se possam extrair conclusões a respeito da variedade linguística que ocorre em um lugar determinado. Segundo Chambers e Trudgill (1994), há uma relação entre a Geografia Linguística e a Linguística teórica uma vez que a Geografia Linguística surgiu como resposta a uma afirmação teórica dos neogramáticos. A Geolinguística revelou uma heterogeneidade que não se concebia antes e, portanto, jogava por terra toda e qualquer pressuposição de ausência de exceções. O embate inicial entre dialetólogos e linguistas deu lugar recentemente a uma aproximação com o reconhecimento

de que o estudo da variação linguística pode ser sistematizado e que o estudo de dialetos é uma fonte de dados importante acerca da variação, de maneira que a corrente majoritária da Linguística agora apaga a distinção entre um e outro.

A primeira pesquisa dialetal, com métodos da Geografia Linguística, teve início na Alemanha com Georg Wenker em 1876. Wenker criou frases em alemão padrão e as enviou para professores de escolas localizadas no Norte da Alemanha, os quais teriam que devolver estas frases reescritas em seus dialetos locais. Segundo Chambers e Trudgill (1994), em um período de dez anos, entre 1877 e 1887, Wenker conseguiu cobrir todo o país com suas frases, totalizando quase 50.000 professores, dos quais em torno de 45.000 responderam. Cada frase continha vários pontos em que os professores pudessem registrar variantes regionais. Contudo, a imensidão de dados se tornou um problema para Wenker que precisou limitar sua análise de variantes de certas palavras a uma área restrita para torná-la acessível. Além disso, a dificuldade de publicação de um conjunto de mapas que mostravam as variantes impedia a acessibilidade de seu trabalho uma vez que acabou editando dois conjuntos à mão. Estes mapas foram depois encadernados separadamente sob o título *Sprachatlas des Deutschen Reichs* e depositados em Marburg e em Berlin em 1881. Eles cobriam o Norte e o centro da Alemanha e cada mapa estudava apenas um traço.

Passaram-se mais de quatro décadas, em 1926, quando apareceu o primeiro volume do *Deutscher Sprachatlas* editado por Ferdinand Wrede com os arquivos de Wenker. Apesar da vastidão dos dados coletados por Wenker, os dialetólgos alemães mostraram-se desapontados por conta de um número ínfimo de variantes lexicais levantadas em seu estudo. Em 1939, W. Mitzka, seguindo os passos de Wenker, enviou 200 unidades lexicais do alemão padrão para 50.000 escolas e solicitou sinônimos regionais para aquelas unidades. Desta maneira, completou os arquivos de Wenker. Apesar das dificuldades enfrentadas por Wenker e aqueles que o sucederam, a Geografia Linguística tem aí sua gênese e daí se expandiu para outras partes do mundo.

Depois destas primeiras pesquisas por meio de questionários postais, observadores treinados para fazer entrevistas e coletar os dados começaram a ser enviados ao lugar eleito para o estudo. O uso de pesquisadores treinados para recolha de dados teve seu início de maneira favorável na França, em 1896, com Jules Gilliéron que idealizou um questionário que isolava unidades específicas das quais se poderiam obter respostas uniformes, embora este questionário sofresse revisões à proporção que a pesquisa avançava. Gilliéron escolheu Edmond Edmont para ser seu entrevistador. Edmont era um mascate, mas foi escolhido pela agudez de seu ouvido e foi treinado para fazer transcrições fonéticas. Durante quatro anos, de

1896 a 1900, percorreu de bicicleta a zona rural da França selecionando informantes e os entrevistando. Chambers e Trudgill (1994) afirmam que, ao final, ele tinha em torno de 700 entrevistas em 639 pontos diferentes e destes 700 informantes apenas sessenta eram mulheres e apenas 200 tinham escolaridade que se destacava acima da norma da população rural da época. Gilliéron e seus assistentes recebiam periodicamente os resultados que Edmont lhes enviava. À proporção que recebiam dados novos, Gilliéron os incorporava a sua análise. Desta maneira, a publicação de seu estudo foi quase que imediata, começando em 1902 e o último volume, o décimo terceiro, foi publicado em 1910. Por sua eficácia e qualidade de seus resultados, a pesquisa de Gilliéron se tornou uma referência para estudos dialetológicos posteriores.

Segundo Cardoso (1998), a Geolinguística no Brasil ganha corpo em meados do século XX quando surgem as primeiras manifestações pela produção de um atlas linguístico do Brasil. A partir deste ponto, a pesquisa no campo da Dialetologia tem se desenvolvido. Estas pesquisas não caminharam em direção à elaboração de um atlas de abrangência nacional, mas buscavam mostrar realidades regionais, com diversos trabalhos publicados em vários pontos do país, efetivando atlas linguísticos por região. O primeiro Atlas publicado em território brasileiro foi o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*, em 1963 de autoria de Nelson Rossi, Carlota Ferreira e Dinah Isensee. O Atlas seguinte a ser publicado foi o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG*, em 1977, de autoria de José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antonio Pereira Gaio. O terceiro a ser publicado foi o *Atlas Linguístico da Paraíba – ALPb*, em 1984, de autoria de Maria do Socorro Aragão e Cleuza Bezerra de Menezes. O quarto foi o *Atlas Linguístico de Sergipe – ALS*, em 1987, de Carlota Ferreira, Judith Freitas, Jacyra Mota, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi. O quinto e último que elencamos aqui foi o *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR*, em 1994, de Vanderci de Andrade Aguilera. Todos estes Atlas contribuem para os estudos dialetais em todo o Brasil e seus dados podem ser usados para a reflexão acerca da divisão do país em distintos "falares brasileiros".

2.1.2.1 Áreas dialetais no Brasil

As línguas tendem a alterar-se por diversas razões e as alterações são mais expressivas quando uma língua é transplantada de uma região para outra. Um exemplo disto são as línguas românicas oriundas do Latim. Estas línguas, por sua vez, quando trazidas pelos colonizadores para o novo mundo, diferiam da variedade falada nas metrópoles de origem, como o francês transplantado para o Canadá e o português trazido para o Brasil. Com relação

à língua portuguesa falada no Brasil, o povo autóctone, o índio cuja escravidão tem registro datado de 1531, a aprendeu primeiro. Logo em seguida, o negro entrou na cena da escravidão brasileira cujo registro pode datar 1532. Como podemos ver, o índio e o negro aprenderam o português no Brasil quase que simultaneamente. Entretanto, os colonos portugueses, índios, africanos e seus descendentes, desde o século XVI, começaram a mudar a língua portuguesa que paulatinamente veio a ser o falar brasileiro, que assumiu características próprias. Adotamos, assim, uma forma particular de falar o português.

Ao longo dos anos, consolida-se a língua portuguesa na América e se estabelecem os veios de sua diferenciação geográfica. Apareceram tentativas de traçar áreas dialetais no Brasil, na sua maioria fundadas apenas em critérios geográficos, como a de Júlio Ribeiro e a do africanista Renato Mendonça. Estas propostas partem sempre de fatores históricos e/ou socioculturais, sem investigação de traços linguísticos diferenciadores. A primeira divisão de base linguística foi apresentada por Nascentes (1953) e se fundamenta em fatos de natureza prosódica, a cadência, e de natureza fonética, a realização das vogais médias pretônicas. Assim fundamentado, divide o falar brasileiro em duas grandes áreas — Norte, com a realização das vogais pretônicas abertas, e Sul, com a realização fechada — e quanto ao aspecto prosódico, mostra a diferença entre a fala do norte, que descreve como *cantada*, e a fala do sul, a que denomina *descansada*. Nascentes (1953) admite seis subfalares – o amazônico, o nordestino, o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista.

Nascentes (1953, p. 20) ressalta que a divisão do Brasil em áreas dialetais esbarrava em um problema: "a falta de determinação das chamadas *isoglossas*", ou seja, linhas demarcadoras de cada um dos fenômenos linguísticos que singularizam os dialetos. Todavia, Leite e Callou (2002, p. 20) afirmam que isto não causou obstáculo na "aceitação da existência de variantes delimitáveis" porque "todo brasileiro é capaz de reconhecer, intuitivamente, um grande eixo divisório entre os falares do Norte e os falares do Sul".

A vasta extensão do território brasileiro com meios de comunicação precários no seu interior, bem como a maneira distinta de povoamento das diversas regiões contribuíram para a fragmentação da unidade do falar. O povoamento do Brasil começou no litoral, onde se assentou a civilização vinda da Europa e daí se distribuiu para as demais regiões do país, incluindo seu interior desde os primórdios. Segundo Nascentes (1953, p. 19), "dois focos de propagação importantes são S. Paulo e Pernambuco. Logo em seguida, vem a Bahia, para então S. Luiz do Maranhão, o Amazonas e o Rio de Janeiro".

Minas, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul foram desbravados pelos paulistas. Pernambuco levou a civilização para a Paraíba, Rio Grande do

Norte e para o Ceará. O Ceará, por outro lado, levou-a para o Acre e Alagoas. Segundo Nascentes, a colonização da Amazônia está atrelada a S. Luiz do Maranhão. Sergipe e a parte norte do Espírito Santo sofrem influência da Bahia. Já a cidade do Rio de Janeiro, capital da colônia desde 1763, colonizou o estado do Rio de Janeiro.

O interesse pela delimitação de áreas dialetais esteve sempre presente nos trabalhos dialetológicos. Preocupação já esboçada por Amaral (1920) em *O dialeto caipira* quando afirma que a expressão "dialecto brasileiro" já era consagrada por autores de além-mar. Para Amaral até aquela época não se sabia qual a real configuração de tal dialetação, embora fosse evidente a sua existência, pois o falar do Norte do Brasil era diferente do falar do Centro e do Sul. Amaral (1920, p. 15) refere-se à necessidade de serem realizados estudos detalhados por "observadores imparciais, pacientes e metódicos" que banissem tudo que "fosse hipotético, incerto, não verificado pessoalmente". Dentro desta perspectiva, Amadeu Amaral fez observações no início do século XX que poderíamos dizer pertinentes na atualidade:

> Tais contribuições permitiriam, um dia, o exame comparativo das várias modalidades locais e regionais, ainda que só das mais salientes, e por ele a discriminação dos fenômenos comuns a todas as regiões do país, dos pertencentes a determinadas regiões, e dos privativos de uma ou outra fração territorial. Só então se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um. (AMARAL, 1920, p. 15.).

Até chegar à divisão dialetal que ele considera mais perto do real possível e que foi e é utilizada por outros dialetólogos para o mapeamento das áreas dialetais do Brasil, Nascentes perscrutou várias outras divisões elaboradas por outros pesquisadores. A primeira divisão dialetal que ele analisa é criada por Julio Ribeiro (Nascentes, 1953) que se baseia estritamente em critério geográfico. Julio Ribeiro divide o Brasil em quatro áreas dialetais e coloca estados do norte juntos com estados do nordeste que apresentam diferenças entre si. As áreas dialetais propostas por Julio Ribeiro estão assim distribuídas: 1) Norte – Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco; 2) Leste – Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo; 3) Centro – Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; 4) Sul – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O estado de Alagoas, que se situa no nordeste, é separado dos demais estados nordestinos. Para Julio Ribeiro, o Espírito Santo e o Rio de Janeiro ficam junto da Bahia, que tem características diferentes. São Paulo, com características do sul, é colocado junto a estados nordestinos. Por estas razões, Nascentes considera toda esta divisão equivocada.

A segunda divisão analisada por Nascentes (1953) é a proposta por Maximino Maciel, e assim se apresenta: 1) brasilo-guianense ou setentrional; 2) idiodialetos, estaduais ou centrais; 3) brasilo-castelhano ou meridional. Nascentes aponta erros de ordem geográfica e linguística para esta divisão. Segundo ele, o castelhano não exerce tanta influência como parece sugerir Maciel. Além disso, não está claro para ele o caráter semântico do termo idiodialetos. Esta divisão carece de uma base histórica para fazer sentido. Por outro lado, de acordo com Nascentes, João Ribeiro elabora sua divisão com base histórica e nos traz cinco grupos nos quais ele organiza o Brasil: 1) o Extremo Norte- a Amazônia, o Maranhão, o Piauí e o Ceará; 2) o Norte – Alagoas, Pernambuco, Paraíba e o Rio Grande do Norte; 3) o Centro – Sergipe, Bahia, Ilhéus e Porto Seguro; 4) o Interior – São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; 5) o Sul – Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul.

Nascentes (1953) refere-se à divisão traçada por Rodolfo Garcia como a mais aceitável uma vez que ele combina critérios geográficos e históricos para sua elaboração. Utilizando glossários já existentes de acordo com as delimitações geográficas neles apresentadas, Garcia traz, também, cinco divisões: 1) Norte – Amazonas, Pará, Maranhão; 2) Norte-oriental – Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas; 3) Central-marítima – Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro; 4) Meridional – São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; Altiplana-central – Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Nascentes aponta defeitos para esta divisão dizendo que o Maranhão não pode estar na zona norte porque é um ponto intermediário entre o Norte e o Nordeste e Mato Grosso não pode estar junto de Minas Gerais e Goiás.

Alterando a divisão de Rodolfo Garcia, em 1922, Nascentes chega à sua primeira divisão dialetal que contempla quatro áreas: 1) Nortista – Amazonas, Pará, litoral dos estados desde o Maranhão até a Bahia; 2) Fluminense – Espírito Santo, Rio de Janeiro, Sul de Minas e Distrito Federal; 3) Sertaneja – Mato Grosso, Goiás, Norte de Minas, sertão dos Estados litorâneos desde o Maranhão à Bahia; 4) Sulista – São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Triângulo Mineiro. Sua divisão dialetal encontra a crítica de Lindolfo Gomes, a qual ele acolhe e atribui suas falhas ao seu conhecimento limitado do território brasileiro. Naquela época, ele só conhecia Minas, Espírito Santo, estado do Rio, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Recife e Bahia. Atento às observações de Gomes, Nascentes altera sua divisão dialetal em 1933. Nessa versão de 1933, ele cria uma zona Norte para o Amazonas e Pará e constitui uma zona Nordeste com o litoral, do Maranhão ao norte do Espírito Santo, além de colocar o Sul de Minas dentro do subdialeto sulista.

Após realizar seu desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, como declara, Nascentes faz uma nova divisão que considera próxima da realidade. Divide o falar brasileiro em seis subfalares reunidos em dois grupos que chamou de norte e sul, utilizando características fonéticas destes dois grupos. Uma destas características é de cunho prosódico e tem a ver com a cadência da fala e a outra tem a ver com a questão fonética, considerando que um grupo realiza vogais médias pretônicas abertas ao passo que o outro as realiza fechadas. Segundo ele, estes grupos estão assim separados:

> Esta zona se estende, mais ou menos, da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até a cidade de Mato Grosso, no estado do mesmo nome, passando cerca de Teófilo Ottoni, Minas Novas, Bocaiuva, Pirapora, serra da Mata da Corda, Carmo do Paranaiba, rio Paranaiba, rio São Marcos, Arrependidos, Santa Luzia, Pirenopolis, rio das Almas, Pilar, foz do rio dos Araés, Cuiabá e Mato Grosso. (NASCENTES, 1953, p. 25).

No Norte, Nascentes agrupa dois subfalares: o **amazônico** e o **nordestino**. No grupo amazônico, ele elenca o Acre, o Amazonas, o Pará e parte de Goiás que vai da foz do Aquiqui à serra do Estrondo. Já no grupo nordestino, ele coloca os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás que vai da serra do Estrondo à nascente do Parnaíba.

No Sul, Nascentes agrupa quatro subfalares: o **baiano**, o **fluminense**, o **mineiro** e o **sulista**. Ele considera o falar baiano intermediário entre os falares do Norte e os falares do Sul. O falar baiano compreende Sergipe, Bahia, Minas (Norte, Nordeste e Noroeste), Goiás (parte que surge na nascente do Paranaíba, e vai pelas serras dos Javais, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenopolis, Santa Luzia e Arrependidos). O fluminense abrange o Espírito Santo, o estado do Rio, o Distrito Federal, Minas (Mata e parte do Leste). O mineiro abrange o centro, o Oeste e parte do Leste de Minas Gerais. Finalmente, o falar sulista abrange São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso.

Alguns fatos, sobretudo de ordem fonético-fonológica, têm tornado possível a delimitação de áreas dialetais no Brasil que confirmam as propostas de Nascentes ou estabelecem outras subáreas.

Cardoso (1999) reúne dados que confirmam, de uma forma geral, a subdivisão proposta por Nascentes, observando a preponderância de vogais abertas em dois estados do falar amazônico – Acre e Amazonas na fala de Manaus; no falar nordestino, quatro estados são incluídos – Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas; dentro do falar baiano,

três estados são incluídos – Sergipe, Bahia e parte setentrional de Minas Gerais. As vogais fechadas estão presentes no Sul do país. Estas áreas incluem o falar fluminense, o mineiro e o sulista. No falar fluminense, Cardoso cita Rio de Janeiro e parte de Minas Gerais. No falar mineiro, apenas o centro, o oeste e a parte leste de Minas Gerais são incluídos e finalmente, no falar sulista, podemos destacar o sul de Minas Gerais e o Triângulo Mineiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Mota (2006) observa que há um número reduzido de análises sobre a entonação que possibilitem o confronto entre áreas dialetais no Brasil. Destaca o trabalho de Callou et al. (1996) no qual os autores analisam uma amostra do Projeto NURC constituída de quinze inquéritos. Esta análise abrange as cinco capitais que integram o projeto. Os autores mostram que Salvador e Recife são as capitais que apresentam maior frequência de padrão descendente e Porto Alegre se caracteriza pela predominância de padrão ascendente e não há ocorrência de padrão descendente. São Paulo é o que apresenta a maior frequência do padrão sem modulação. Callou et al. concluem que há uma maior aproximação de Porto Alegre e Rio de Janeiro em oposição a Salvador; Recife às vezes se aproxima de Salvador pela frequência alta do padrão descendente e às vezes de São Paulo pela frequência alta do padrão sem modulação.

Estudos com base em diferentes *corpora* têm revelado a existência de áreas dialetais no que se refere às consoantes em coda silábica. As fricativas [s, z] podem ser realizadas como alveolares ou podem ser palatalizadas. As palavras *casca* e *pasta*, por exemplo, podem ter duas realizações fonéticas [ˈkas.kɐ] ou [ˈkaʃ.kɐ] e [ˈpas.tɐ] ou [ˈpaʃ.tɐ] podendo distinguir áreas brasileiras, identificando algumas áreas, como a carioca, que tem a predominância das variantes palatais. Outras áreas, como a mineira, apresentam a predominância das alveolares. Ainda em outras áreas, há presença tanto da articulação alveolar quanto da palatal condicionada por fatores internos e externos.

2.1.2.2 Atlas linguísticos e seus primórdios

Em 20 de março de 1952, o decreto 30.643 determinava que um dos objetivos da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa era elaborar um atlas linguístico do Brasil. A ideia de um atlas linguístico de abrangência nacional seria fornecer dados suficientes para possibilitar a delimitação de áreas dialetais a partir de amostras de fala coletadas e analisadas de maneira sistemática. Devido a uma série de dificuldades surgidas na época, o decreto não

pôde ser cumprido e sua meta de elaborar o atlas não foi atingida. Por outro lado, trouxe uma consciência e estímulo para a sua criação.

A partir da década de 60, do século XX, começou a se ampliar o conhecimento da realidade linguística do Brasil. Levantamentos de dados empíricos, em áreas rurais e urbanas, deram origem a atlas regionais, entre os quais, temos o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), que foi o primeiro a ser publicado. Podemos citar, também, o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), bem como o *Atlas Linguístico de Sergipe II* (ALS II), entre outros. Além destes atlas que indicam áreas dialetais no Brasil, há também uma série de trabalhos monográficos, especialmente dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, que versam sobre o tema. Todavia, no que tange à subdivisão em seis falares citada por Nascentes, Mota (2006, p. 329) afirma que "as informações disponíveis são também insuficientes, quer pela ausência de dados sobre diversas regiões, quer pela intercomparação dos dados existentes, recolhidos com diferentes procedimentos metodológicos e com fins distintos".

2.1.2.3 O Projeto ALiB – novos caminhos e perspectivas da Geografia Linguística no Brasil

Em 1996, retoma-se a ideia de construção de um atlas nacional com o surgimento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, durante o *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), quando se constituiu um comitê nacional para elaboração do atlas. Este comitê, presidido pela Professora Dra. Suzana Cardoso da UFBA, conta com a participação de autores de atlas já publicados e em andamento. O ALiB tem o objetivo de documentar dados linguísticos no Brasil de Norte ao Sul, do Leste ao Oeste. Pretende, portanto, descrever a realidade linguística do Português Brasileiro enfatizando a identificação das diferenças diatópicas, que podem ser fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas dentro da perspectiva da Geolinguística. Aliado a isto, o ALiB tem como objetivo oferecer aos estudiosos da língua portuguesa, como linguistas, lexicólogos, entre outros, bem como aos pesquisadores de áreas afins, como historiadores, antropólogos e aos pedagogos informações para o aperfeiçoamento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do aspecto multidialetal do Brasil. Este projeto também objetiva estabelecer isoglossas para fixar a divisão dialetal do Brasil, evidenciando as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos. São 250 pontos que constituem sua rede de localidades que reúnem 1.100 informantes a serem documentados. O informante tem perfil que está atrelado ao espaço em que ele vive. Este informante e seus pais devem ser oriundos da

localidade estudada e não devem apresentar muita mobilidade. Igualmente, variáveis de cunho social como idade, sexo e escolaridade são, também, consideradas para a análise dos dados. Estes 1.100 informantes estão distribuídos em duas faixas etárias, cuja primeira é de 18 a 30 anos e a segunda é de 50 a 65 anos, contemplando os sexos masculino e feminino. Todos os informantes devem ser alfabetizados. Entretanto, os quatro informantes das cidades do interior devem ter no máximo até a oitava série do ensino fundamental e nas capitais, quatro dos oito informantes devem ter nível universitário[7].

Cardoso (2006) relata quatro etapas que se constituem em subprojetos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. A primeira etapa, que ela considera como o momento de *concepção do projeto e definição da metodologia* vai de 1996 até 2002. Neste momento, fixaram-se a rede de pontos, o perfil e número de informantes e o questionário, que se constitui em instrumento básico do trabalho. O questionário foi elaborado em três versões sucessivas e publicadas pela UEL (Universidade Estadual de Londrina). O aprimoramento deste instrumento do trabalho de coleta de dados dialetológicos se deu por meio de testes em várias regiões do país. A última destas três versões foi publicada em 2001 e vem sendo usada nacionalmente, tanto pelos inquiridores do ALiB quanto por outros pesquisadores da área. A autora chama a segunda etapa de elaboração do atlas de *a constituição do corpus e a transcrição dos dados*. Esta etapa vai de 2001 até 2006 para as capitais dos estados e de 2008 a 2013 para os demais pontos da rede. Esta segunda etapa compreende o registro dos dados de todas as capitais de estado do Brasil. Palmas e Brasília não entram neste estudo por serem cidades de criação recente e não terem tradição linguística. Outro momento desta segunda fase é a constituição do *corpus* dos demais pontos da rede. A terceira etapa consiste da *transcrição e a análise dos dados* e compreende o período de 2004 até os dias atuais. Nesta fase do trabalho, ocorrem a transcrição grafemática dos registros e a definição da transcrição fonética observada, tema do V WORKALIB realizado em 2005 em Salvador, bem como a continuação da análise dos dados. Finalmente, a quarta etapa pontuada por Cardoso (2006) se refere à *editoração dos dados e à publicação dos resultados* que iria de 2005 até 2009. A divulgação dos resultados se dará através da apresentação de um mapeamento linguístico do Brasil com comentários nas cartas e áudios dos informantes. No momento em que se conclui esta Tese, o Projeto ALiB tem já integralmente documentada a rede de pontos e finalizada a

[7] Dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil disponíveis no site http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome. Consultado em 28 de janeiro de 2013.

constituição do *corpus*, ou seja, 250 pontos de estudo distribuídos por todo o país com o total de 1100 informantes foram concluídos, isto é, 100% das localidades e do número de informantes.[8]

2.2 O LÉXICO E A LEXICOLOGIA – COM UM OLHAR SOBRE A NEOLOGIA

O Léxico de uma língua é entendido, de forma geral, como o conjunto de todas as palavras que dela fazem parte. Correia e Almeida (2012), no entanto, consideram que a quantificação do Léxico se estabelece com um sem-número de problemas e de questões de difícil resposta. Estas autoras usam palavra e unidade lexical como expressões sinônimas, embora comentem que não o são em sentido estrito. Para elas, a palavra típica corresponde, no discurso escrito, a uma sequência de caracteres delimitados por espaços em branco, ou seja, a palavra gráfica. Contudo, as palavras de uma língua assumem outras formas uma vez que há unidades lexicais de dimensão maior que a palavra gráfica, isto é, os compostos sintáticos, como por exemplo, *casa de saúde* ou *sala de jantar*. Correia e Almeida (2012) ainda exemplificam este ponto com locuções que, segundo elas, podem ser preposicionais como *por cima de*, conjuncionais como *visto que*, pronominais *eu mesmo(a)* e adverbiais *de cor*. O léxico de uma língua também se constitui de unidades de dimensão menor que a palavra gráfica, as chamadas unidades infralexicais. Estas unidades podem ser de significado lexical, as raízes, e podem também ser unidades infralexicais de significado gramatical ou instrucional, os afixos. As primeiras não são unidades autônomas e não apresentam padrão flexional e podem ocorrer apenas como elementos de construção de outras palavras como *psic-* e *metr-*. Os afixos – sufixos e prefixos para o português – têm apenas significado gramatical e que podem se associar a unidades de significado lexical para construir novas palavras. Correia e Almeida (2012, p. 13-14) argumentam que as gramáticas e textos teóricos apresentam o léxico como um número finito de unidades, diferentemente das frases de uma língua. Elas acrescentam que esta é razão pela qual há dicionários de palavras e não há dicionários de frases. Estas autoras trazem a seguinte reflexão, "porém, se é certo que o número de frases possíveis numa língua é praticamente infinito, não é menos certo que o número de palavras de uma língua não é tão fácil de delimitar como se pretende dar a entender". Além disso, é necessário acrescentar a este acervo as palavras novas que todos os

[8] Dados retirados da página inicial do site ALiB <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome> consultado em 06 de março de 2014.

dias vão entrando na língua, por conta da necessidade de denominar novos conceitos e novas realidades, que surgem no dia a dia. Em outras palavras, é necessário dar conta dos neologismos da língua.

Henriques (2011) ratifica o conceito trazido por Correia e Almeida ao afirmar que o Léxico é o conjunto das palavras de uma língua, as quais também podemos chamar de lexias. As lexias são unidades de características complexas cuja estruturação enunciativa é interdependente, isto é, sua textualização no tempo e no espaço segue certas combinações. O Léxico de cada língua é um acervo rico e dinâmico que inclui a totalidade das palavras como as preposições, conjunções e interjeições, bem como os neologismos, regionalismos, envolvendo terminologias e gírias, além de expressões idiomáticas e palavrões. Por conta disso, Henriques afirma que nem mesmo o melhor dos lexicólogos conseguiria enumerá-lo. A Lexicologia é, portanto, uma disciplina que estuda o léxico e a sua organização se dá a partir de pontos de vista diversos. Para Henriques (2011), cada palavra nos leva a várias particularidades que se relacionam ao período histórico ou à região geográfica em que ocorre, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, bem como à sua distribuição sintagmática, aos seus usos social, cultural e político.

O léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representa a herança sociocultural de uma sociedade. Por conta disso, torna-se testemunha da história dessa comunidade, assim como de todas as normas sociais que a governam. É possível considerar como princípio o fato de que um vocábulo é aceito como elemento da língua, a partir do momento em que ele passa a exprimir todos os valores de determinado grupo social e, principalmente, passa a satisfazer suas necessidades de comunicação.

A língua é um organismo dinâmico que se transforma continuamente, e o próprio funcionamento da língua se incumbe em fornecer explicações para estas transformações. Entretanto, essas mudanças não impedem que a língua seja ferramenta de comunicação e de interação social. Essas alterações são provocadas pela influência de fatores de natureza histórica, sociocultural, geográfica, entre outros. O estado natural de uma língua em um espaço geográfico é mutável, isto é, tem um caráter polimórfico e toda essa dinamicidade da língua é evidenciada, sobretudo, no Léxico. Oliveira (2001) observa que o Léxico é, portanto, o nível linguístico que melhor expressa a mobilidade das estruturas sociais, a maneira como uma sociedade vê e representa o mundo.

O português trazido para o Brasil pelos portugueses entre os séculos XVI e XVIII não se apresenta homogêneo. Podemos verificar, sobretudo no campo do Léxico, características regionais bastante distanciadas entre si devido, principalmente, à grande extensão geográfica

do território brasileiro. Acrescentamos a isto o afastamento em que se encontram algumas das regiões e, em alguns casos, à influência de povos procedentes de outros pontos da Europa, além da influência exercida pela intensificação do processo migratório verificado no Brasil. Outro ponto a se considerar é a influência da norma, que Oliveira (2001) traduz como o costume, a tradição continuada que se verifica nos hábitos linguísticos de uma comunidade. Esses matizes, observados principalmente no nível lexical, em muito têm contribuído para caracterizar, no plano linguístico, as várias regiões brasileiras.

Desse modo, observamos que na variante brasileira do português transplantado para o Brasil, o modo de vida e a integração do homem branco com o meio ambiente propiciaram o surgimento de transformações e acréscimos lexicais à língua. Novos vocábulos e expressões resultaram deste processo, com a integração do português em terras brasileiras e de seu convívio com outras línguas como a do índio, a do negro e as dos povos hispano-americanos.

A renovação da sociedade colabora para a necessidade de novos termos para denominar condutas e fatos sociais novos que, no passado implícitos e contidos, tornaram-se explícitos e aprovados. Portanto, a oscilação lexical é uma característica fundamental de todas as línguas já que a precisão do uso de uma palavra é apenas uma aproximação. A realização da palavra permite variantes fonéticas, semânticas e, às vezes, gráficas. No nível semântico, a variação é um fato ligado à região, ao tempo e até aos usuários. Todos os falantes testam frequentemente sua competência lexical em relação à da comunidade como um todo, referindo-se à língua ou como uma fração, referindo-se ao discurso. Carvalho (2001, p. 65-66) observa que, às vezes, “estes falantes testemunham uma competência lexical insuficiente: as criações lexicais funcionam para superar essa deficiência”.

A mudança linguística é, então, um fenômeno permanente que responde às carências da comunidade dos falantes e estas necessidades podem ser sociais. Independentemente do seu caráter, a mudança é sempre lenta e gradual. Dessa maneira, a criação de novos itens lexicais estará sempre atrelada à criação de novos objetos que necessitarão ser denominados. Essa dinâmica entre criação de objetos e sua posterior denominação não deve contrariar a norma e o sistema da língua.

Estudar uma língua é estudar também sua cultura. O sistema linguístico, principalmente no seu nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais de uma sociedade. O estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de determinado grupo. Isquerdo (2001) considera que no exame de um léxico regional analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa

transparecer. Essa perspectiva de análise favorece uma compreensão melhor do próprio homem e da sua maneira de ver e de representar o mundo.

A dificuldade de analisar o léxico de uma língua ocorre porque o Léxico é um sistema aberto, diferente dos demais domínios linguísticos como a sintaxe, morfologia e fonologia, e por ser um sistema aberto em expansão não pode ser apreendido, nem descrito em sua totalidade. Contudo, todo falante possui uma consciência intuitiva de uma unidade léxica, seja qual for sua língua materna embora a noção de palavra varie de acordo com o nível de consciência deste falante. Biderman (2001, p. 100) salienta que "o falante comum ficará muito surpreso ao saber que os linguistas não sabem definir a *palavra*, nem tampouco delimitá-la". A teoria gramatical clássica estabeleceu a palavra como unidade operacional básica e para Biderman a morfologia e a sintaxe tradicionais foram criadas sobre essa base. A morfologia estudava a estrutura interna da palavra e a sintaxe a combinatória dos vocábulos em orações, desde os gregos e os latinos.

Biderman (2001) comenta sobre a hipótese de Sapir-Whorf que foi muito divulgada entre linguistas e antropólogos especialmente nas décadas de cinquenta e sessenta. Dentro desta teoria, a realidade se manifesta nas estruturas semânticas e gramaticais das línguas. Portanto, cada sistema se revela, tanto no léxico como na gramática, isto é, cada língua interpreta o mundo e a realidade social de acordo com o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas.

Para conceituarmos a palavra em sistemas linguísticos diferentes, a hipótese de Whorf parece fornecer o instrumento adequado para este conceito. Podemos, então, dizer que este conceito não tem valor absoluto uma vez que cada língua faz recortes distintos da realidade e a molda em categorias linguísticas e mentais que lhe são exclusivas. Da mesma forma, não se pode dar uma definição universal para a palavra, ou seja, um conceito para a palavra não pode ser aplicado a toda e qualquer língua. Esta unidade psicolinguística se manifesta, dentro do discurso, com individualidade e seus contornos formais estão entre uma unidade mínima gramatical que carrega significado – o morfema- e uma unidade maior – o sintagma.

Alguns dos critérios usados pelos linguistas para delimitar e definir a palavra são de natureza fonológica, morfossintática e semântica. Dentro do critério fonológico, uma palavra seria uma sequência fônica que consiste de uma emissão completa, após a qual uma pausa pode ocorrer. Independentemente da velocidade dessa emissão oral, falantes geralmente pausam nos limites das palavras e não no seu interior. Podem existir exceções em casos especiais por razão de uma necessidade de comunicação. Neste caso, o falante pode isolar parte de uma palavra ou expressão e enfatizar este segmento. Após o reconhecimento de

unidades léxicas em potencial no interior do enunciado, os segmentos devem ser submetidos, de maneira isolada, às regras morfossintáticas que agem no sistema linguístico em análise. Biderman (2001) acrescenta que o critério semântico ficou no ostracismo, a partir dos anos trinta, como ponto de referência para o estudo linguístico. Segundo ela, isto era devido à grande dificuldade de considerar a forma e o significado ao mesmo tempo. De maneira que a Linguística moderna deixou a palavra – objeto da Lexicologia – à margem. Contudo, é na Lexicologia e na Lexicografia que o enfoque semântico da palavra ganha prioridade.

Os termos *palavra* e *vocábulo* trazem equívocos e inexatidões. Por conta disto, linguistas criaram o termo lexema para designar a unidade léxica abstrata em língua, embora alguns autores façam distinções pessoais. De acordo com Biderman, um destes autores é Muller que opõe *mot* (palavra) a *vocable* (vocábulo). Um exemplo que trazemos é o lexema *falar* que pode aparecer no discurso como *falei*, *falavam*, *falando* etc. Estas formas que aparecem no discurso são chamadas de lexia. Outro exemplo de lexema é *garoto*, que no discurso aparece como *garoto* e *garotos*. *Garoto* e *garotos* são, portanto, lexias. Dessa forma, dissipamos as ambiguidades e imprecisões que os termos não-técnicos palavra e vocábulo carregam. Biderman contrasta o termo Léxico a vocabulário. Ela define Léxico como o acervo dos lexemas de uma língua ao passo que vocabulário é o conjunto das lexias registradas, por exemplo, em uma obra literária. O Léxico do português exibe duas classes de lexemas. A primeira é chamada de formas livres e a segunda é chamada de formas dependentes. As formas livres no português são os substantivos, os adjetivos, os verbos. As formas dependentes são vocábulos-morfema como as preposições, os pronomes pessoais, os artigos, as conjunções, entre outras. Podemos, também, classificar as lexias em dois grupos: lexia complexa e lexia simples. Por conta da inconsistência do código escrito da língua portuguesa, Biderman (2001) diz que se vê obrigada a chamar de lexias complexas vocábulos como *bom dia*, *capa de chuva*, *dor de cabeça*, *mercado negro*, embora estas lexias sejam colocadas como entradas nos dicionários. Neste caso, o termo lexia simples fica reservado para as unidades que são grafadas como um único segmento.

Biderman (2001, p. 179) falando sobre a categorização léxica, dá-nos uma definição de léxico que vai além do aspecto linguístico e nos remete ao aspecto cultural e histórico de um povo, como vemos a seguir:

> O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como

> sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai.

O léxico é um sistema sempre em expansão e constantemente novas criações são incorporadas a este léxico. O sistema lexical só se cristaliza quando morre a língua ao qual este sistema pertence, como foi o caso do Latim. Desta maneira, sempre que se faz necessário nomear um objeto ou uma ideia, um novo termo é criado ou um termo já existente passa a ser utilizado com novo significado. Essa nova nomeação ou alteração de sentido se denomina neologismo, que é, na verdade, uma expressão recém-criada ou recém-adotada como empréstimo a uma língua estrangeira ou a outro domínio. Embora seja uma mudança linguística, a neologia se refere sempre ao momento presente, tratando-se, portanto, de uma questão sincrônica.

A existência do neologismo, por processos vernáculos ou derivado de língua estrangeira, é confirmada por sua inserção no dicionário, a partir da qual o termo deixa de ser neológico. Portanto, a partir da dicionarização, isto é, da inclusão do novo significado no verbete já existente, a mudança deixa de ser neológica. Carvalho (2001, p. 67) observa que, "além dos termos formados por processos formais de derivação e composição vernáculas, temos a mudança semântica como uma das grandes contribuições para a inovação linguística".

Isto posto, a criação neológica segue em linhas gerais as regras da formação de palavras em Língua Portuguesa, através de duas grandes correntes: a formação vernácula e a formação estrangeira. Na formação vernácula, há derivação e composição e suas subdivisões: prefixos, sufixos, radicais populares e eruditos. Este material linguístico é comum na fabricação dos neologismos. Além disso, o desvio de sentido é sempre um grande aliado na nomeação de novidades. Os importados constituem-se na grande moda e também influenciam a língua, de maneira que a formação estrangeira afigura-se a mais produtiva na nomeação dos objetos e das criações da vida moderna, sendo identificada na íntegra, com adaptações ou traduções.

De acordo com Alves (2001, p. 25), o conceito de neologia, que se refere a todos os fenômenos novos que atingem uma língua, foi definido no nível lexical por Louis Guilbert como "a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em razão das regras de produção incluídas no sistema lexical".

A história das línguas mostra que a incorporação de unidades lexicais neológicas sempre acompanhou o desenvolvimento de acervo lexical dos idiomas. Como consequência,

estudos sobre a neologia, particularmente no século XX, refletem a importância atribuída ao fenômeno neológico no nível lexical.

Carvalho (2001) afirma que os problemas de mudança não podem ser vistos unicamente segundo o ponto de vista de mudança de código. A Sociolinguística tem procurado examinar as relações que se instituem entre as estruturas sociais e o funcionamento do código linguístico e nessa intersecção dos dois campos situar a fonte de mutações.

Alves (2001) comenta que, a partir da década de 70, o conceito de neologia, que até então se referia apenas aos aspectos linguísticos da formação de novas unidades lexicais, começa a tornar-se polissêmico. Isto ocorreu em razão das políticas de planejamento linguístico que passaram a emergir em vários países ou comunidades linguísticas. Desta forma, a neologia estabelece, assim, relações mais estreitas com a Terminologia, já que o ato de nomear começa também a ser realizado com âmbito de uma perspectiva de planejamento e de intervenção linguísticas. Tal fato dá lugar ao aparecimento de denominações específicas para o neologismo terminológico.

Barbosa (2001) assevera que existem quatro tipos de processos geradores da neologia lexical: neologia fonológica, semântica, sintagmática e alogenética. Para a autora, neologia e neologismo estão, ainda, relacionados às variações diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas. Assim, os quatro processos citados atuam em diferentes áreas, domínios e subdomínios técnico-científicos, bem como em outros tipos de universo de discurso, com a criação de vocábulos e/ou termos. Portanto, estas áreas e universos definem o processo mais eficaz, dependente de suas peculiaridades discursivas, linguísticas e extralinguísticas.

Ao discutir sobre as línguas naturais, a Lexicologia e a Linguística Geral consideram o estudo da dinâmica da renovação lexical como um aspecto relevante. Uma das razões para isto se fundamenta no fato de que é nela que são mais claramente observáveis as transformações pelas quais passa o sistema de valores socialmente compartilhados, como também as mudanças continuadas de um sistema social e de um sistema cultural. Observamos que o próprio conceito de neologismo é relativo e não absoluto. De fato, o neologismo pode ser analisado numa perspectiva diacrônica, diatópica, diastrática, diafásica.

Do ponto de vista diacrônico, um neologismo criado em determinada etapa da língua, se não desaparece, integra-se a uma norma, torna-se lexia memorizada na competência de um grupo de falantes, disponível para atualização. Por vezes, ele se integra à norma geral, do conjunto de falantes-ouvintes do idioma. De maneira que, para se detectar os neologismos característicos de uma época, é necessário tomar como parâmetro a documentação relativa a

essa época, como jornais, cartas, ou mesmo dicionários, confrontando-a com a de etapas posteriores da língua.

Na língua comum, neologismos constituem itens lexicais, os elementos de léxico geral da língua. Nos tecnoletos, os neologismos constituem termos, unidades que integram uma terminologia. Diferentemente do que acontece na língua comum, os neologismos tecnoletais resultam de uma criação motivada, ditada pela necessidade de denominação inerente ao desenvolvimento das ciências e das técnicas. Tanto na língua geral como nos tecnoletos, os mesmos processos regem a criação de novos elementos: derivação, composição, transferência semântica, truncação, formação sitagmática e por siglas, empréstimos oriundos de outros sistemas linguísticos. Na língua geral predomina a formação de unidades lexicais simples, constituídas com um único elemento. Alves (2001) afirma que nos tecnoletos são mais constantes as formações sintagmáticas, compostas por dois ou mais elementos que integram uma unidade complexa e correspondem a um único conceito.

As formações sintagmáticas podem ser representadas por diferentes estruturas formais. Mas, com frequência, essas formações são compostas por um substantivo, que corresponde a um conceito genérico e é especificado por um adjetivo determinante, como em *Via Láctea*. O processo de transferência semântica possibilita também a criação frequente de neologismos tecnoletais.

A variação linguística apresenta elementos importantes para a identificação e análise dos neologismos. Um vocábulo pode ser criado em uma única região e ficar a ela restrito. Na perspectiva diatópica, um item lexical pertencente a uma norma regional e exclusivo dessa região, às vezes até um arcaísmo, pode passar para outra região, se tornar conhecido nesta, onde é adotado com função neológica. Correntes migratórias, o comércio, divulgação por meio da mídia, entre outros meios, são facilitadores deste fenômeno. Nas regiões em que estes vocábulos entram, temos, então, um neologismo diatópico. A variação diastrática ocorre de maneira semelhante. Itens lexicais pertencentes à norma de um estrato social, ou neologismos que aí já completaram o percurso de desneologização[9], podem ser retomados, noutra classe social, noutro estrato social. Estes vocábulos assumem função neológica na classe social "de destino", ou seja, são percebidos e utilizados como neologismos, com todo o impacto semântico e social da novidade lexical. Configura-se aí um neologismo diastrático. A variação diafásica ocorre de maneira semelhante às anteriores, contudo afigura-se um

[9] Termo usado por Maria Aparecida Barbosa em seu texto intitulado Da Neologia à Neologia na Literatura publicado em 2001 no livro As ciências do Léxico, 2ª edição, organizado por Pires de Oliveira e Negri Isquerdo.

processo mais complexo por conta de uma grande quantidade de universos de discurso co-ocorrentes, especialmente nas sociedades heterogêneas, industriais e pós-industriais. Barbosa (2001, p. 39) afirma que:

> Desse modo, um termo metalinguístico, técnico-cientifico, específico de uma ciência, onde surgiu, no passado, como neologismo específico, mas que naquele já se desneologizou, já integra a norma discursiva daquele universo de discurso, pode ser adotado noutra área de conhecimento, onde é assumido justamente por sua função neológica para designar novo recorte.

Barbosa (2001, p. 40) observa que "a questão dos mecanismos intralinguísticos de criação de novas palavras" se configura "com quatro classes de processos geradores da neologia lexical: neologia fonológica, semântica, sintagmática e alogenética". O neologismo fonológico é o resultado de um novo recorte cultural, instaurado por uma grandeza-signo, constituída de expressão e conteúdo inéditos, uma nova função semiótica. Ele se subdivide em neologismo fonológico específico e complementar. Barbosa afirma que o neologismo fonológico específico tem como ponto de partida uma combinatória inédita de fonemas. Por outro lado, o complementar é uma combinatória inédita de morfemas, fato que já define a derivação ou composição, como processos primários, dos quais decorre uma nova organização fonológica. O neologismo semântico é gerado a partir de uma grandeza-signo já existente, o que o difere do fonológico. Neste caso, mantém-se a expressão do signo-base, ao qual é atribuído novo conteúdo, correspondente ao novo recorte cultural. Os novos conteúdos podem conviver com os anteriores ou, em uma concepção diacrônica, pode neutralizá-los, prevalecendo sobre eles. A neologia semântica parece ser o processo mais frequente e mais produtivo na dinâmica de ampliação e renovação lexicais; isso explica o fato de ser a polissemia a regra, e a monossemia, a exceção, no amplo conjunto dos lexemas que integram o Universo Léxico.

O neologismo sintagmático é produto da derivação e da composição de unidades lexicais. É assim denominado, seja por resultar da integração, em forma de lexia – unidade lexical memorizada e disponível para atualização – de um segmento da frase, ou mesmo de uma frase. O neologismo alogenético é uma unidade lexical nova emprestada de outro sistema linguístico e sociocultural e a adoção do novo lexema compreende várias etapas, e, nas várias fases por que vai passando, nesse processo de adoção, tal lexema assume características diversas. A frequência de atualização que apresente, ou as adaptações por que passa, no plano fonético-fonológico ou semântico-sintático, permitem classificar o neologismo alogenético em: a) palavra estrangeira, aquela que aparece apenas no discurso em que é empregada; b)

peregrinismo, unidade léxica que se acha na primeira fase de sua inserção, equivalente a um primeiro momento da adoção neológica, revelando entretanto, um acentuado aumento de frequência no eixo do tempo; c) xenismo, a palavra adotada que, embora apresente crescente aumento da frequência, não sofreu adaptações, nem no plano da expressão nem no plano do conteúdo; d) empréstimo, palavra que, tendo passado pelas fases *a* e *b*, torna-se de alta frequência e distribuição regular, sofrendo alterações nos planos da expressão e do conteúdo.

Barbosa (2001) traz exemplos de neologismos alogenéticos ao comparar a terminologia da aviação e a da área de comércio. A autora observa, fundamentada em Marinotto (1995) e Carras (1984), que há alto índice de termos alogenéticos na primeira, baixo na segunda. A linguagem comercial é diretamente ligada a um *topos* em que é utilizada, pois reflete uma concepção cognitiva e conotativa peculiar e exclusiva de um grupo social. A mera importação de termos, nesse caso, não daria conta da complexidade política, social e econômica de um grupo profissional, inserido em determinado contexto sociocultural. Por outro lado, a linguagem da aviação tende à universalidade.

2.2.1 Distribuição diatópica das variantes lexicais

As primeiras pesquisas de cunho dialetal procuravam mostrar diferenças espaciais e o interesse pelo entendimento da realidade linguística dentro de um espaço físico levou ao desenvolvimento de trabalhos com o objetivo de retratar áreas e de apontar a realidade linguística de um território politicamente definido.

Cardoso (2010), fundamentada em Rossi (1967), observa que o fato apurado em uma área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais à proporção que se preste ao confronto com o fato correlato, mesmo que por inexistência, em outra área. Portanto, os estudos dialetológicos buscam, inicialmente, identificar os mesmos fatos, seja pela presença ou ausência de fenômenos considerados em áreas distintas. As diferenças espaciais se destacam em relação às outras. Isto se deve ao fato de que os indícios de aproximação ou distanciamento dos fenômenos alcançam maior nitidez e mais fácil percepção nos espaços físicos, ou seja, geográficos.

2.2.2 Distribuição social dos dados – variações diageracional, diagenérica, diastrática

O pensamento em encontrar fatos linguísticos nos espaços geopolíticos tem sido uma constante na história da pesquisa dialetal. Cardoso (2010, p. 49) afirma que “a preocupação

com as características sociais dos informantes e as suas implicações no uso que fazem da língua não tem passado à margem dos objetivos da dialetologia e, especificamente, da geografia linguística".

Fatores sociais como a escolaridade, profissão, idade e gênero têm se tornado aspectos da variação linguística que têm tomado corpo na pesquisa dialetal. Para Chambers e Trudgill (1994), a variação social de uma língua é tão comum e importante quanto a variação diatópica. Para eles, todos os dialetos são tão espaciais quanto sociais já que os falantes têm ao seu redor um entorno social e geográfico.

Variação por idade ou diageracional tem sido comentada desde o século XIX, como afirma Cardoso (2010). Fundamentada em Pop (1959), ela afirma que a familiaridade com a idade dos informantes é indispensável para comparar as divergências que existem entre o falar dos jovens e o falar dos adultos, e determinar o seu ponto de origem.

Variação por gênero ou diagenérica, assim como a variação diageracional, constituem-se em interesse dos estudiosos da Dialetologia desde seus primórdios. Coulthard (1991) é enfático ao expor que homens e mulheres não falam exatamente da mesma maneira. Segundo ele, a diferença sexual mais patente ocorre provavelmente na altura da voz, pois a voz da mulher é, na maioria dos casos, uma oitava mais alta do que a do homem já que as cordas vocais dos homens são mais longas, vibram mais lentamente produzindo sons mais baixos. Esta característica, por si só, já indica o sexo de um falante ao telefone ou à distância. Entretanto, devemos salientar que esta assertiva de Coulthard nem sempre representa a realidade uma vez que há alguns homens com vozes agudas e algumas mulheres com vozes graves. Ele próprio afirma à página 20 que "a altura da voz pode ser alterada para servir como indicador sexual". Este fenômeno paralinguístico não é o único traço de distinção entre a fala do homem e a fala da mulher e cita outros elementos de diferenciação como entoação, vocabulário, tópico e controle de tópico. Para ele, homens e mulheres têm estilos interativos diferentes e também possuem assuntos preferidos e modos diferentes de usá-los.

Variação por nível de escolaridade ou por profissão se enquadra dentro do que denominamos de variação diastrática. A condição social é um fator importante para o reconhecimento de que podem existir dois usos diferenciados da língua no mesmo lugar. Cardoso (2010, p.54), ainda fundamentada em Pop, observa que durante a realização dos inquéritos para o *Atlas Linguistique de La France* de Gilliéron, o mesmo declarou que "nós estamos mal informados sobre o grau de instrução dos informantes". Contudo, Pop reconhece que poderia agrupá-los em duas categorias: a) pessoas cuja ocupação supõe uma instrução secundária; b) pessoas cuja ocupação poderia indicar apenas uma instrução primária. A

classificação dos informantes por idade ou sexo se apresenta como tarefa fácil. Contudo, a classificação por classe social é mais complexa, embora os linguistas tenham adotado um enfoque de certa forma simples, como agrupá-los de acordo com fatores como o grau de escolaridade, emprego e moradia.

2.2.3 Sinonímia

Uma das facetas mais conhecidas para explorar as relações semânticas entre palavras é a sinonímia que, se manifesta quando dois termos têm a propriedade de ser empregados como substitutos um do outro, sem causar perda no que se pretende comunicar. Henriques (2011) cita o exemplo de um comerciante que faz as compras da semana e pede a dois funcionários que arrumem tudo: *por favor, alojem os mantimentos num lugar de fácil acesso*; *por favor, guardem os mantimentos num lugar de fácil acesso*; *por favor, armazenem os mantimentos num lugar de fácil acesso*. Neste contexto, os verbos *alojar*, *guardar* e *armazenar* são intercambiáveis, portanto são sinônimos. Contudo, o autor acrescenta que os sinônimos da língua comum não são iguais aos sinônimos da linguagem técnica, na qual seis é igual a meia dúzia e que uma dúzia é o mesmo que doze. Sinonímia perfeita como essas é muito incomum, já que é algo muito relativo e que a escolha da melhor palavra ou expressão depende de fatores envolvidos no processo de comunicação. Em *a boazuda da novela ficou desnuda/pelada ontem* e *a esposa de V. Sª recebeu uma notícia auspiciosa/maneira*, Henriques (2011) observa que semanticamente *desnuda* ou *pelada* e *auspiciosa* ou *maneira* se encaixam nestas orações, contudo *desnuda* na primeira e *maneira* na segunda não são recomendadas dada a formalidade de *desnuda* e a informalidade de *maneira*.

Pérez (2011, p. 43) assegura "que duas palavras são sinônimas quando têm o mesmo significado", porém acrescenta que esta definição pode ser enganosa, ilustrando seu ponto de vista com o par *perro* e *can* (cachorro/cão) para ilustrar seu ponto de vista. Para ele, *aquí defecan canes* e *aquí defecan perros* (aqui defecam cães/cachorros) parecem significar o mesmo. Entretanto, ele salienta que há diferenças de registro, pois *can* (cão) é culto ou próprio da linguagem científica. Além disso, há, também, diferenças significativas, pois *perro* (cachorro) é mais próximo e assinala melhor fidelidade do animal com respeito ao seu dono e *can* (cão) é mais distante, desunido afetivamente do seu cuidador. Ele traz *aquellos canes que se encuentren sueltos em la vía pública serán enjaulados por personal especializado* (aqueles cães que se encontram soltos na via pública serão enjaulados por pessoal especializado) e *los perros del camino son todos aquellos perros que han sido abandonados por la traición de sus*

amos (os cachorros do caminho são todos aqueles cachorros que foram abandonados pela traição de seus donos) para ilustrar este aspecto. Contudo, isto não suprime o fato de que *perro* e *can* tenham referentes lógicos idênticos. Este autor enfatiza que não se pode confundir referência com significado. Podemos dar tratamento semelhante aos termos *cão* e *cachorro* no português brasileiro, no qual *cão* normalmente recebe conotação de mais formalidade que *cachorro*. Em um contexto científico, como em uma aula de biologia, normalmente se usaria o termo *cão* em vez de *cachorro*, da mesma forma que se preferiria usar a lexia *camundongo* em vez de *ratinho*. O termo *cão* poderia, também, carregar um estigma religioso, cujo uso é evitado por muitos ao passo que *cachorro* pode indicar um homem com mal comportamento. Assim como Henriques (2011), Perez afirma que sinonímia perfeita não existe, salvo em contadas exceções como no caso de *aguzanieves*, *aguanieves*, *apuranieves* ou *lavandera* que são nomes eletivos para a mesma ave (pássaro das neves, cujo nome científico é Motacilla Alba L.). Segundo Pérez (2011) não há diferenças essenciais entre os nomes deste pássaro como há em *perro* e *can*. Há apenas diferenças geográficas quanto ao seu uso. Por outro lado, Pérez diz que se deve observar também o comportamento pragmático das palavras, como *oui* ou *si* em francês, cujo contexto de pergunta negativa só se dá com *si*. A assertiva de Pérez e Henriques não é algo novo pois, Lyons (1987) já afirmava que sinonímia absoluta provavelmente se limite ao um vocabulário muito especializado que é genuinamente descritivo.

O significado de lexemas pode ser descritivo, expressivo e social e muitos lexemas combinam dois destes aspectos ou às vezes três. Se a sinonímia for definida como identidade de significado, podemos dizer que os lexemas são completamente sinônimos se tiverem o mesmo significado descritivo, expressivo e social. Para Lyons (1987), lexemas são absolutamente sinônimos quando tiverem a mesma distribuição e forem completamente sinônimos em todos seus significados e contextos de ocorrência, reforçando o pensamento de que uma sinonímia completa é relativamente rara nas línguas naturais e que a sinonímia absoluta é quase inexistente.

2.2.4 Aspectos fraseológicos

De acordo com Xatara e Parreira (2011), Fraseologia é a ciência que descreve as unidades fraseológicas nos dicionários, mas também é considerada, por alguns, como apenas uma técnica para a elaboração de dicionários especiais de língua geral ou de dicionários de especialidade, denominados dicionários especializados, técnicos ou terminológicos. Para as

autoras, enquanto a Lexicologia se preocupa com diversos fenômenos lexicais, de ordem morfológica, semântica e pragmática, entre outras; a Fraseologia, uma subárea da Lexicologia, se ocupa de um subconjunto vocabular, que reúne as unidades lexicais complexas. Estas unidades complexas são chamadas unidades fraseológicas, que podem ser provérbios, idiomatismos, expressões situacionais, colocações, etc. Xatara e Parreira (2011) enfatizam que:

> A Fraseologia, auxiliada por outras ciências, tem, especialmente no Brasil, um campo muito fértil a ser trabalhado, um campo que precisa produzir para suprir uma grande diversidade de carências, da aparentemente mais fútil á incontestavelmente mais essencial. Às obras fraseográficas incumbe assegurar, descrever, preservar e divulgar uma significante parcela da língua nacional. Às editoras cabe o importante papel de considerar a relevância da produção desse material, a fim de apoiarem bons projetos e equipes de fato preparada. (XATARA e PARREIRA, 2011, p. 75).

Welker (2011) afirma também que colocações como *chuva torrencial* e expressões idiomáticas como *pagar o pato* fazem parte da fraseologia e são, portanto, fraseologismos. Ele comenta que alguns autores restringem a fraseologia às expressões idiomáticas. Entretanto, respaldado no fraseólogo suíço Harald Burger, expõe que há um consenso de que a fraseologia compreende uma grande diversidade de combinações de palavras, desde colocações até provérbios, embora seja importante ressaltar que os termos empregados para designar certos tipos de fraseologismos podem variar de autor para autor. Para Welker (2011), os dois tipos de fraseologismos mais comuns nos dicionários gerais são colocações e expressões idiomáticas, embora não haja limites precisos entre esses dois tipos de fraseologismos. Fundamentado em Sinclair (1998), expressa que colocação é a coocorrência de palavras com, no máximo, quatro palavras entre si. Todavia, ele assegura que, na maioria das vezes, as colocações se constituem de duas palavras, denominadas *node* (nódulo) e *collocate* (colocado). Segundo Welker (2011), foi Firth (1957) que introduziu o termo collocation (colocação) e, dentro da concepção de Firth, qualquer palavra de uma frase pode ser tomada como nódulo. A partir disso, analisa-se quais palavras ocorrem habitualmente com ela, ou seja, analisa-se os colocados.

Welker (2011), com base em Hausmann (1984), traz outra definição para colocações. Trata-se, então, de produtos semicristalizados que o falante não produz com sua criatividade, mas encontra na sua memória como um todo e que o ouvinte depreende como algo conhecido.

Segundo Welker, Hausmann define colocação como *base* e *kollokator* (base e colocado). A base é a parte que é qualificada ou detalhada pelo colocado como em *chover torrencialmente*, o verbo é a base e o advérbio é o colocado.

Nada obstante, quando colocações são inseridas em dicionários gerais ou fraseológicos enfrentam o problema da diferenciação entre elas e expressões idiomáticas, bem como entre sintagmas livres. Welker (2011) afirma que a distinção entre colocações e expressões idiomáticas se mostra mais fácil uma vez que nas expressões o significado não corresponde à soma dos significados das parte como em *pagar o pato*, enquanto expressão idiomática, não é a soma do significado de *pagar* e de *pato*. Já em *chuva torrencial* os significados dos dois componentes permanecem. Alguns casos, contudo, não se apresentam tão evidentes. Welker ilustra este ponto com *notícia quente* que, segundo ele, é uma colocação se a acepção de *quente* for *recente* no dicionário, mas se este não for o significado indicado no dicionário, o sintagma é uma expressão semi-idiomática. Nestas expressões, um componente mantém seu sentido literal como em *sair* de *sair de fininho*. Para Welker, a distinção entre colocações e sintagmas livres é a mais difícil, e não é fácil distinguir uma colocação de uma palavra composta. O autor enfatiza que:

> Essas distinções são importantes para o lexicógrafo porque cada um desses três tipos de sintagmas – colocação, expressão idiomática, palavra composta – deve estar registrado num lugar específico de verbete. Tanto as palavras compostas quanto as expressões idiomáticas devem ser dicionarizadas como sublemas (subentradas), mas em lugares diferentes ou, no mínimo, estar diferenciadas por algum símbolo. (WELKER, 2011, p. 145).

Quanto às expressões idiomáticas, Welker traz outros termos para denominá-la como fraseologismo idiomático, idiomatismo, fraseolexema e frasema. Como o significado destas expressões não corresponde à soma de suas partes, podemos afirmar que *bater papo* é um idiomatismo uma vez que as pessoas não batem no papo para explicar sua acepção. Entretanto, algumas expressões tidas como idiomáticas podem também ter seu sentido literal. Para ilustrar este conceito, podemos exemplificar com *estar num beco sem saída, estar no fundo do poço, por a boca no trombone*, entre outras.

Para Silva (2011), fraseologia é uma disciplina linguística que tem como objeto de estudo determinados tipos de fenômenos léxicos reunidos, normalmente, sob o termo unidades fraseológicas, isto é, combinações estáveis de palavras que apresentam certa fixação de forma e de significado. Contudo, ela admite que este conceito não está isento de polêmicas.

Silva, fundamenta-se em Zuluaga (1980), para afirmar que o termo fraseológico pode designar o conjunto de fenômenos fraseológicos bem como a ciência que os estuda.

Para Tristá (1988, p. 2), "há normas que regem a combinação léxica das palavras de uma língua. Podemos dizer *matar o tempo* da mesma forma que podemos dizer *matar uma pessoa*. Seria possível fazer a substituição, no segundo caso, do verbo *matar* por seu sinônimo *assassinar*. Contudo, não poderia levar a cabo esta mesma substituição no primeiro caso" [10]. A substituição do verbo *matar* por *assassinar* na primeira oração causaria estranhamento para os ouvintes já que *assassinar o tempo* contraria o uso linguístico da língua. Tristá, fundamentada em Charles Bally (1961), explica que as combinações de palavras apresentam diferentes graus de coesão. Há dois tipos delas: a) a combinação que se descompõe logo depois de ter sido criada e as palavras que integram esta combinação voltam a ter liberdade para formar outras combinações; b) combinação, cujas palavras se utilizam frequentemente naquela mesma combinação para expressar a mesma ideia, perdem completamente sua independência, se tornam ligadas entre si e adquirem seu sentido apenas dentro desta combinação. Segundo Tristá (1988), o grupo b se tornou, com o passar do tempo, o objeto de estudo da disciplina linguística chamada Fraseologia.

Os três traços mais importantes para que uma combinação de palavras defina sua condição de fraseologismo são pluriverbalidade, o sentido figurado e a estabilidade, segundo Tristá (1988). Sobre a pluriverbalidade, esclarece que todo fraseologismo deve estar integrado por duas ou mais palavras e, pelo menos, uma destas palavras tem que ser plena. Esta palavra, por sua vez, poderá vir acompanhada de uma ou mais palavras auxiliares. Às vezes, o fraseologismo pode se constituir de duas ou mais palavras plenas. Os fraseologismos são motivados em geral pela necessidade de denominar as propriedades de alguns objetos ou conceitos ou como um meio da manifestação da expressividade. Geralmente, constroem-se a partir de modelos das combinações livres, cujo elemento ou cujos elementos passam por uma reinterpretação semântica dentro dos limites do fraseologismo. Fora disto, recuperam sua acepção primária. A metáfora é o fator semântico que atua na formação destas unidades não livres e associadas fraseologicamente ou condicionadas sintaticamente e a metaforização, ou seja, a mudança de sentido causada pela semelhança entre fenômenos ou objetos, é uma das maiores forças de enriquecimento da fraseologia. Há, por exemplo, muitas unidades

[10] " Existen normas que rigen la combinación léxica de las palabras de una lengua [...]. Podemos decir matar el tiempo tal como podemos decir matar a una persona. Seria posible la sustitución, en el segundo caso, del verbo matar por su sinônimo asesinar. Sin embargo, no podria llevarse a cabo esta misma sustitución em el primer caso". Tradução nossa.

fraseológicas que pertencem ao grupo léxico partes do corpo como em *dar as costas* e *ficar de orelha em pé*. No primeiro exemplo, podemos deduzir que a pessoa que *dá as costas* para alguém ou algo não quer permanecer de frente a este algo ou pessoa porque já não mais aprecia ou se interessa por aquilo ou aquele(a). *Ficar de orelhas em pé* é uma alusão a certos quadrúpedes que levantam as orelhas com o objetivo de perceber melhor os sons em determinado momento. Esta ação recebe um sentido metafórico quando passa a caracterizar pessoas que desejam ou devem prestar muita atenção a algo que se ouve.

A estabilidade fraseológica, que é a capacidade que os fraseologismos possuem de serem reproduzidos integralmente, é a terceira característica que distingue o fraseologismo como uma unidade linguística. Segundo Tristá (1988), os elementos do fraseologismo estão relacionados entre si de forma estreita e que não se pode deduzir seu significado através do valor semântico de seus componentes uma vez que estes abandonam seu significado primário, de maneira total ou parcial, para adotar um novo.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS NA FORMAÇÃO ETNOLINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS DO BRASIL

A compreensão da realidade sociolinguística do Brasil atual, assim como de sua constituição histórica, requer, ainda um vasto campo de pesquisa a ser desenvolvido, apesar do que já se tem feito até o presente. O contato dos colonizadores portugueses, no território brasileiro, com milhões de aloglotas, falantes de mais de mil línguas indígenas autóctones e aproximadamente de duzentas línguas trazidas por cerca de quatro milhões de africanos transportados para o Brasil como escravos afigura-se no principal parâmetro histórico para a contextualização das mudanças linguísticas que afetaram o português do Brasil. Lucchesi (2009, p. 42) afirma que a realidade linguística do Brasil enfrenta "um grande abismo que separa uma minoria, que desfruta de bens e serviços do universo da cidadania de uma grande maioria que tem pouco ou nenhum acesso aos bens de consumo, aos serviços e direitos sociais básicos". Esse fosso tem sido contínua e constantemente escavado desde 1532, quando começou a colonização do Brasil. Portanto, "a realidade linguística do Brasil é um sistema polarizado, formado de dois subsistemas denominados de norma culta e norma popular". A norma dita culta seria então constituída pelos padrões de desempenho linguístico dos cidadãos brasileiros com formação escolar e acesso a todos os espaços da cidadania. Por outro lado, a norma popular se define pelos padrões de comportamento linguístico da maioria da população distanciada de seus direitos elementares, mantida na exclusão social.

Mattos e Silva (2008) observa que mesmo depois de cinco séculos de existência, ainda está por ser reconstituído o processo do encontro entre a língua portuguesa, língua de dominação, com muitas línguas autóctones e as várias línguas que chegaram ao solo brasileiro, sendo primeiro as africanas, depois as línguas de imigrantes. Este fato tornou esta área da América, multilíngue na sua origem, ainda mais complexa linguisticamente. Muitos estudos sobre o assunto normalmente focalizam a língua portuguesa e sua transplantação, difusão e implantação no espaço americano. Estas pesquisas tomam como contraponto línguas que no Brasil se usaram (muitas ainda se usam) e outras línguas também transplantadas para o território brasileiro entre os séculos XVI e XX. Para Mattos e Silva (2008), o diversificado português brasileiro nasceu do encontro da "linguagem adulterada de negros e índios" e da koiné portuguesa, além de outras línguas aqui chegadas. Para entender a história linguística do Brasil e da difusão e implantação da língua portuguesa no Brasil é necessário conhecer o processo de contato sócio-histórico e linguístico entre línguas indígenas e língua portuguesa.

Mattos e Silva (2008) traz dados estatísticos para ilustrar este ponto. Fundamentada em Mussa (1991), ela afirma que em 1583, o censo de Anchieta para o Brasil, distinguindo Bahia, Pernambuco, São Vicente, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Porto Seguro, Ilhéus, Itamaracá, indica 24.750 brancos, 14.100 negros, 18.500 índios (aldeados). Para Mattos e Silva, a história das línguas passa necessariamente pela história demográfica de seus falantes.

Nos primeiros séculos da colonização do Brasil, os jesuítas ensinaram os índios a falar português. Verifica-se, neste então, um lento processo de aculturação dos nativos por meio do idioma português. Biderman (2002) se respalda em Silva Neto (1976) para afirmar que o padre Anchieta informava a seus superiores em Lisboa que os índios aprendiam bem o português, e que neste contexto os meninos se destacavam. Entretanto, durante os primeiros séculos de existência do Brasil, a língua portuguesa havia encontrado um adversário irrefutável, o Tupi, que era a língua franca utilizada em grande parte do território brasileiro. Os indígenas, além de numerosos, eram também conhecedores do país, o que os colocava em vantagem sobre o colonizador português. Dessa maneira, essa língua geral era indispensável para a comunicação com os indígenas. Os jesuítas utilizavam esta língua geral, de morfologia simples e falada por toda costa do Brasil, para evangelizar os indígenas.

Outro fator que contribuiu para a expansão do idioma tupi nos primeiros séculos foi a implantação das bandeiras, que conduziam um exército de homens falando esta língua rumo à conquista do sertão. Estes bandeirantes nomeavam acidentes geográficos e povoados que fundavam utilizando vocábulos tupi. Portanto, a incorporação de palavras indígenas ao léxico do português brasileiro ocorria em decorrência da necessidade de nomear realidades até então desconhecidas. Contudo, com a grande imigração de portugueses para o Brasil, atraídos pela descoberta das minas gerais, a língua geral começou a entrar em decadência. Biderman (2002), fundamentada em Fausto (1996), diz que nas primeiras seis décadas do século XVIII, em torno de 600 mil pessoas, uma média de 8 a 10 mil por ano teriam emigrado de Portugal e das ilhas do Atlântico. Além da imigração oriunda da metrópole portuguesa, ocorria também migração interna em terras brasileiras por conta da corrida do ouro. Sobre a situação do tupi, em decorrência do crescimento da população de língua portuguesa, assim se manifesta Biderman:

> Em 1828 o viajante Hercule Florence informava que o tupi já não era falado pela maioria da população em S. Paulo; mas que ouvira testemunho de que 60 anos antes (1768) as mulheres conversavam nesta língua (apud Silva Neto, 1976:55). No Rio de Janeiro e em Pernambuco extinguira-se há mais tempo o uso da língua geral. (BIDERMAN, 2002, p. 67).

O fim gradual do tupi intensificou-se quando seu uso foi proibido pelo Marquês de Pombal que determinou em 1754 que só se falasse a língua portuguesa na colônia.

Tanto o índio quanto o negro aprenderam o português por necessidade, mas deixaram marcas profundas na língua falada no Brasil. Biderman (2002) comenta que muitos dos negros que pisaram o solo brasileiro nos primeiros séculos da colonização possivelmente já falavam algum dialeto crioulo-português uma vez que o português foi a língua franca nas costas africanas entre os séculos XV e XVII, embora não haja documentos deste linguajar dos negros nestes primeiros séculos. Por outro lado, é de domínio público que a incipiente sociedade brasileira presenciou uma convivência mais próxima e doméstica entre os negros e os brancos no interior da casa grande e crianças brancas cresciam junto com as negras. Este é um dos fatores que desencadearam o surgimento de uma sociedade híbrida no Brasil.

Após 400 anos de contato direto e incessante de falantes africanos com a língua portuguesa no Brasil, imposta como segunda língua e aprendida de qualquer maneira, as línguas africanas acabaram por ser absorvidas pelo português. Pessoa de Castro (2009) afirma que as línguas do grupo banto se destacaram nesse processo de interação linguística e cultural.

A importação de escravos africanos para o Brasil começou no século XVI e continuou até meados do século XIX. Nesses quatro séculos, alguns milhões de africanos de culturas e línguas diversas entraram no Brasil. A influência africana foi imensa na formação da sociedade e na cultura do Brasil, como na cozinha, religião, música e atitudes. A influência dos idiomas africanos sobre a língua portuguesa no Brasil foi enorme, predominantemente no vocabulário, com um grande número de africanismos no português brasileiro.

Mendonça (1973) observa que os primeiros negros da Guiné vieram para o Brasil, em 1538, transportados por um navio pertencente a Jorge Lopes Bixorda, arrendatário da colônia. Além disso, Duarte Coelho, donatário de Pernambuco, se interessava pela importação de tais peças e a El-Rei tinha escrito em 1539, pedindo isenção de direitos para aquela "mercadoria". Dessa maneira, Mendonça (1973, p. 20), guiado pelas informações do padre José de Anchieta, afirma que em 1585, "havia na colônia uma população de 57 mil almas, das quais 14 mil escravos da África, sendo 10 mil em Pernambuco, 3 mil na Bahia, e cerca de uma centena no Rio". Contudo, ele acrescenta que Fernão Cardim, ao referir-se à época entre 1583 e 1590, traz números bem diferentes afirmando que neste período havia 2 mil escravos em Pernambuco e em torno de 4 mil escravos na Bahia.

Mendonça (1973) menciona que é no século XVIII que o tráfico de escravos se intensifica enormemente. Segundo ele, fundamentado no Barão do Rio Branco, em 1800,

havia no Brasil cerca de 1 600 000 escravos negros, número que subiu, em 1817, para 1 930 000. No contexto da escravidão, a Bahia agiu como um propulsor de escravos para os engenhos do seu interior. O Rio teve maior relevo no século XVIII tornando-se a maior feira de escravos de todo o Brasil exportando para S. Paulo, Minas, estado do Rio e Goiás. Assim Mendonça (1973) descreve a distribuição do negro no Brasil, que segundo ele, no período colonial, se estendia em uma área principal pela faixa litorânea de S. Vicente ao Maranhão e chegava ao interior, em todos os centros com atividade agrícola ou mineradora, tanto no planalto meridional quanto no sertão do norte. Contudo, nem todos os povos permaneceram de maneira uniforme em áreas determinadas. Na população negra predominaram os Nagôs na Bahia, talvez os Congos em Pernambuco e os Angolas no Sul, no Rio e em São Paulo. Para Mendonça, a prevalência dos Nagôs na Bahia não importava no exclusivismo dos povos sudaneses porque ali existiam os negros bantu, de diversas regiões de Angola. De acordo com Mendonça, um historiador baiano, Luís Viana Filho, afirmou que os bantus e sudaneses foram trazidos, em épocas diferentes, para o mercado baiano de escravos com intensidade igual. Mendonça (1973) afirma que no Brasil foram faladas as línguas africanas nagô ou iorubá, quimbundo, gêge ou ewe, kanuri ou nifê e guruncis, comprovando com vocabulários dessas línguas compilados por Nina Rodrigues e outros. Mendonça destaca as línguas nagô ou iorubá na Bahia e o quimbundo no Norte e no Sul adotadas pelos negros no país como línguas gerais. Segundo Mendonça, o quimbundo exerceu influência maior no português por conta de seu uso mais extenso e mais antigo. Para ele, os termos quimbundo ultrapassam os termos nagôs no vocabulário do português do Brasil.

3.1 UM OLHAR SOBRE A BAHIA E O PARANÁ – ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

A Bahia se localiza no sul da região nordeste do Brasil, limitando-se ao leste pelo oceano Atlântico, ao norte com Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Piauí, ao sul com os estados de Minas Gerais e Espírito Santo e oeste com Goiás e Tocantins. [11]

Segundo Reis (2009, p. 19), a província da Bahia era uma das mais prósperas regiões canavieiras das Américas no século XIX. Os engenhos de açúcar, puxados por mão-de-obra escrava, estavam situados especialmente no Recôncavo, região fértil e úmida que envolve a Baía de Todos os Santos. Reis afirma que Salvador, que naquele então era mais conhecida

[11] <http://www.brasilrepublica.com/bahia.htm> consultado em 16 nov. 12.

como Cidade da Bahia, ocupa um dos extremos desse conjunto geográfico que impressionou muitos visitantes estrangeiros por sua beleza. Reis (2009, p. 19) acrescenta que, em 1805, Sir Robert Wilson, comandante da esquadra britânica no Atlântico Sul, conhecedor de muitos mares e terras, escreveu que "a vista desta Baía [...] é talvez a mais magnífica no mundo" (aspas de Reis, 2009).

Respaldado em Luís dos Santos Vilhena, relata que, em 1798, a cidade da Bahia e o Recôncavo tinham em torno de 110 mil habitantes. Esta era a região de maior densidade demográfica da Bahia. Acrescenta que a terça parte destes habitantes era de brancos e índios e as outras partes eram negros e mulatos. Entretanto, Reis afirma que estes números apresentados por Vilhena parecem ser defasados, pois, em 1808, um censo foi realizado em Salvador e em treze freguesias rurais que pertenciam à comarca da Bahia, exceto Cachoeira, Santo Amaro e o Sul da capitania, e os números eram 50 451 brancos, 1463 índios, 104 285 negros e mulatos livres ou alforriados e 93 115 escravos negros e mulatos. De acordo com Reis (2009), existiam 156 199 pessoas livres (62,7%) e 93 115 escravos (37,3%), em uma população total de 249 314. Contudo, estes números não incluíam Cachoeira e Santo Amaro, localidades escravistas, cujas inclusões aumentariam a população total bem como a proporção de escravos. Ele acrescenta que os brancos surgiam no censo como 20,2% e os negros, mestiços livres e alforriados, maioria dos habitantes, apareciam como 41,8%.

Salvador tinha uma formação distinta. Reis cita um censo de 1775, que localizou 12 720 brancos (36%), 4207 mulatos livres (12%), 3630 negros livres (10,4%) e 14 696 escravos negros e mulatos (41,7%), totalizando 35 253 pessoas. Reis (2009), fundamentado nas estimativas de David Eltis, afirma que foram importados 75 400 africanos para a Bahia entre 1801 e 1810, 70 700 entre 1811 e 1820, 71 600 entre 1821 e 1830. Contudo, por conta da proibição do tráfico transatlântico em 1831, estes números caíram durante a década de 1830. Nada obstante, não houve um estanque total do tráfico por aquiescência das autoridades do Brasil. Para Reis estes números ainda aguardam um tratamento demográfico mais apurado para melhor dimensionar a população de Salvador, e do conjunto da Bahia naquela década. Mas, é certo que a população da cidade se dividia, segundo sua origem, em brasileiros, africanos e europeus. Havia, também, diferentes cores entre os nascidos do Brasil: o negro, que se chamava crioulo; cabra, mestiço de mulato com crioulo; mulato, também chamado de pardo e o branco. Os africanos eram diferenciados em grupos étnicos chamados nações. Além disso, o *status* livre, liberto (ex-escravos) ou escravo separava os africanos e afro-baianos. Para Reis (2009), esse emaranhado sociorracial e étnico recortava a sociedade baiana desta época, condicionando o comportamento de seus habitantes.

O território baiano começou a se estruturar pela faixa costeira, ainda no século XVI, partindo da cidade de Salvador e das vilas de Porto Seguro e de São Jorge dos Ilhéus. Ramos (2008) afirma que, a partir desses três primeiros núcleos de povoamento, avançou-se pelo litoral em direção ao Norte e ao Sul, com isso começaram surgir outros núcleos populacionais em torno dos engenhos de açúcar e de pequenas propriedades de criação de gado. Estes núcleos estavam dispersos nos grandes latifúndios das famílias Garcia D'ávila e Guedes de Brito, que conquistaram e integraram a atual região econômica Nordeste e do vale do Paraguaçu, transformado em capitania em 1556.

A Chapada Diamantina começou a se integrar ao projeto colonizador em princípios do século XVII graças ao movimento bandeirante. Sobre o tema, Ramos afirma que se passaram quase dois séculos entre a expedição pioneira a esses sertões de 1595 até 1596 e a criação das vilas de Santo Antônio de Jacobina (1720) e Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio de Contas (1774). Ao longo dos séculos surgiram outros povoamentos.

Segundo Ramos (2008), a Serra Geral e o Planalto da Conquista, no Sudoeste, e o vale do rio São Francisco, região Médio e Sub-médio São Francisco e Oeste, só foram realmente integradas ao resto do estado no século XX, embora já possuíssem minúsculos núcleos populacionais e de exploração econômica. A primeira área graças ao ciclo cacaueiro do Litoral e do Extremo Sul e a segunda com a implantação de projetos agrícolas irrigada da Companhia do Desenvolvimento do Vale do São Francisco.

Ramos (2008) assegura que apenas cinco dos 417 municípios baianos atuais têm nomes de procedência africana. Estes municípios têm nomes vinculados às línguas bantu: Gandu, Caculé, Candiba de origem Kimbundo e Gongoji, Maiquinique de origem Kikongo. Acrescenta que apenas Mulungu do Morro tem nome luso-africano, o que representa 1,44% do total e traz este dado com surpresa uma vez que a Bahia é o estado brasileiro com maior percentual de população afro-descendente e com maior influência cultural africana do Brasil e Salvador, a capital do estado, a cidade que concentra a maior população negra ou afro-descendente fora da África. Contudo, declara que anteriormente a 1940, não havia municípios baianos com nomes de origem africana, mas havia povoados, como Mocambo e Berimbau, ambos de origem Kibundo. De acordo com Ramos (2008), 136 dos 417 municípios baianos têm nomes de procedência Tupi, o que representa 32,6% do total.

A ocupação do Oeste da Bahia está atrelada, desde o final do século XVI, especialmente a partir do século XVII, à navegação fluvial, no rio São Francisco e em três dos seus afluentes: Grande, Corrente e Preto. Santos (2011) esclarece que a ocupação desta área ganhou impulso no século XVIII, com exploração do ouro em Minas Gerais e do diamante em

Goiás. Segundo Santos, a partir de 1881, começa o desenvolvimento de extração da seiva da mangabeira para a produção de borracha no município de Barreiras.

O processo de ocupação de sertão do rio São Francisco data do século XVI, com as doações de terra por parte da Coroa com o objetivo de se iniciar o processo de penetração no interior do país recém-ocupado. Até então, a ocupação se limitava à área costeira. De acordo com Santos (2011), foi Garcia d'Ávila que percebeu as vantagens de aproveitar economicamente os vales do rio São Francisco, durante sua caça aos índios para utilizá-los como mão-de-obra escrava nos canaviais do Recôncavo. Contudo, Santos acrescenta que a penetração do vale e do todo sertão do São Francisco por atividades itinerantes entre o século XVI e XVIII, não houve desenvolvimento do povoamento e da economia regional que continuou durante todo o século XIX e até perto do final do século XX. O processo de ocupação da Bahia foi paulatino e apresenta alguns traços de semelhança com o processo de ocupação do estado do Paraná.

O Paraná se localiza no Sul do Brasil, limitando-se ao norte com o estado de São Paulo, a leste com o oceano Atlântico, ao sul com o estado de Santa Catarina e a oeste com o estado do Mato Grosso e com as repúblicas do Paraguai e Argentina.[12]

Aguilera (2002), fundamentada em Cardoso e Westphalen (1986), afirma que a história do Paraná compreende a composição de três comunidades regionais:

> O Paraná Tradicional, que se esboçou no século XVII, com a procura do ouro, e se estruturou no século XVII sobre o latifúndio campeiro dos Campos Gerais, com base na criação e comércio do gado e, mais tarde, nas atividades extrativistas e no comércio exportador da erva-mate e da madeira, e as do Paraná Moderno, já no século XX, sendo as do Norte, com a agricultura tropical do café e que, a princípio, pelas origens e interesses históricos, ficou mais diretamente ligada a São Paulo, e a do Sudoeste e Oeste, dos criadores de suínos e plantadores de cereais que, pelas origens e interesses históricos, ficou a princípio mais intimamente ligada ao Rio Grande do Sul. (AGUILERA, 2002, p. 19).

Durante os séculos XVI e XVII, houve uma disputa pela posse do território paranaense pelas missões jesuíticas espanholas e pelas bandeiras paulistas sob ordens do governo português. Durante estes dois séculos, vários núcleos de povoamento começaram a surgir ao longo dos principais rios. Contudo, Aguilera (1990) afirma que estes povoamentos foram abandonados e extintos por conta dos frequentes embates entre os bandeirantes paulistas e os missionários espanhóis. Nesse ínterim, por volta de 1640, o povoamento que começara no

[12] Atlas Linguístico do Paraná. Vol. I. p. 21

litoral prosseguia, por conta de aventureiros a procura de jazidas de ouro. Aguilera acrescenta que neste então, chegava Gabriel de Lara a Paranaguá. Lara tinha a tarefa de proteger a costa paranaense dos ataques estrangeiros. Enquanto isso, Eleodoro Ébano Pereira adentrava os campos de Curitiba, averiguando as minas que lá existiam.

Aguilera (1990) assegura que em 1829 os primeiros colonos alemães chegaram a Rio Negro e em 1839 iniciou-se a ocupação e povoamento dos Campos de Palmas. O território paranaense fazia parte do território de São Paulo. Apenas a partir de 1811, começaram as tentativas pela emancipação. Entretanto, Curitiba só se tornou capital da Província do Paraná em 1853. Nessa época, na década de 50, ocorreram novos grupos de imigrantes, como os suíços, alemães, franceses, ingleses e italianos que se estabeleceram na faixa costeira e nos campos já explorados. Aguilera (1990) acrescenta que de 1860 a 1900 se fixaram mais de sessenta colônias de imigrantes poloneses, italianos, alemães, russos-alemães, ucranianos, e por fim, sírios e libaneses. Na década de 60, iniciaram-se núcleos de Colônia Mineira e Tomazina no Norte Pioneiro, formados por fazendeiros paulistas e mineiros dedicados à plantação de café.

No século XX, houve concessões de terras que ressonaram muito na história da ocupação do Paraná moderno, Aguilera diz:

> De 1900 a 1940 novas concessões de terras foram realizadas, agora pelo governo do estado, nas várias regiões paranaenses, determinando grandes repercussões na história da ocupação do Paraná moderno. As terras eram divididas em lotes coloniais de cerca de 15 alqueires e em lotes urbanos vendidos também a prestação, atraindo sobretudo povoadores paulistas, mineiros e nordestinos, além de imigrantes de variada origem e procedência. Foi muito significativa no norte paranaense a onda de imigração japonesa. (AGUILERA, 1990, p. 19-20).

Nas décadas de 20 a 40, grandes levas de agricultores de origem alemã e italiana oriundas do sul do país se fixaram nas matas do atual território situado entre Pato Branco e Cascavel. Para a última etapa de ocupação do território paranaense, Aguilera esclarece:

> A última fase de ocupação territorial do Paraná deu-se de 1940 a 1960, nas regiões noroeste, ou norte novíssimo, e oeste, com a concessão de terras devolutas, pelo governo e por companhias privadas de colonização. Muitas vezes a ocupação deu-se simplesmente pela posse de terras devolutas e abandonadas. Se em alguns casos a ocupação foi pacífica, em outros constataram-se graves movimentos agrários, que intranqüilizaram a população de regiões em fase de colonização. (AGUILERA, 1990, p. 20).

Aguilera (2002), fundamentada em Ferreira (1999), afirma que, antes da chegada dos europeus, várias tribos indígenas habitavam o solo paranaense. Dentre as tribos da nação Tupi, existiam os guarani, habitantes de todo o sertão entre os rios Paranapanema, Paraná, Tibagi e Iguaçu; os carijó, no litoral e os tingui, nos campos de Curitiba. Ela acrescenta que, da interação entre a língua portuguesa e a tupi, que se estendeu por mais de dois séculos, resultou um grande número de empréstimos ao português, em vários campos semânticos como zoonímia, toponímia, entre outros.

Com a evolução socioeconômica do Brasil, muitas das matas ou tribos indígenas deram lugar às cidades e estados. Estes estados, por sua vez, estão atualmente divididos em mesorregiões[13], as quais, por sua vez, estão subdivididas em microrregiões geográficas. A menor unidade territorial para a composição dessas subdivisões é o município, que é uma unidade político-administrativa. Assim sendo um conjunto de municípios forma uma microrregião e um conjunto de microrregiões forma uma mesorregião. Cada estado da federação brasileira está subdividido em mesorregiões. Não existem mesorregiões que pertençam a mais de um estado e nem municípios que pertençam a mais de uma microrregião.

3.1.1 As mesorregiões da Bahia

O estado da Bahia conta, atualmente, com 417 municípios, segundo dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI-2000). Estes municípios têm extensões territoriais diversificadas; sendo Formosa do Rio Preto, no Extremo Oeste Baiano o maior município do estado, com 16.514 km² e o menor município é Madre de Deus, na Região Metropolitana de Salvador, com 11 km².

A Bahia compreende sete mesorregiões estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1990). Cada uma das mesorregiões baianas divide-se em microrregiões. As mesorregiões constituem grandes regiões do estado, que foram determinadas tendo como critério três aspectos: as semelhanças naturais, sociais e as relações entre seus habitantes e a natureza.

As mesorregiões se distinguem umas das outras pela posição geográfica, pelos aspectos naturais, pelo número de municípios, pelo número de habitantes, pelas atividades

[13] Mesorregião é uma subdivisão dos estados brasileiros, criada pelo IBGE, que congrega diversos municípios de uma área geográfica com similaridades econômicas e sociais. Fonte: <http://www.lapbov.com.br/web/index.php?pag=menu&id_menu=119> consultado em 17 novembro 2012.

econômicas entre outros aspectos. As mesorregiões Geográficas do estado da Bahia são sete: Extremo Oeste Baiano, Vale Sanfranciscano da Bahia, Centro Norte Baiano, Nordeste Baiano, Metropolitana de Salvador, Centro Sul Baiano e o Sul Baiano[14], como se apresentam na figura 1. A Figura 1 traz uma divisão por municípios tendo o planejamento cartográfico e a edição criados por Professora Ana Regina Torres Ferreira Teles.

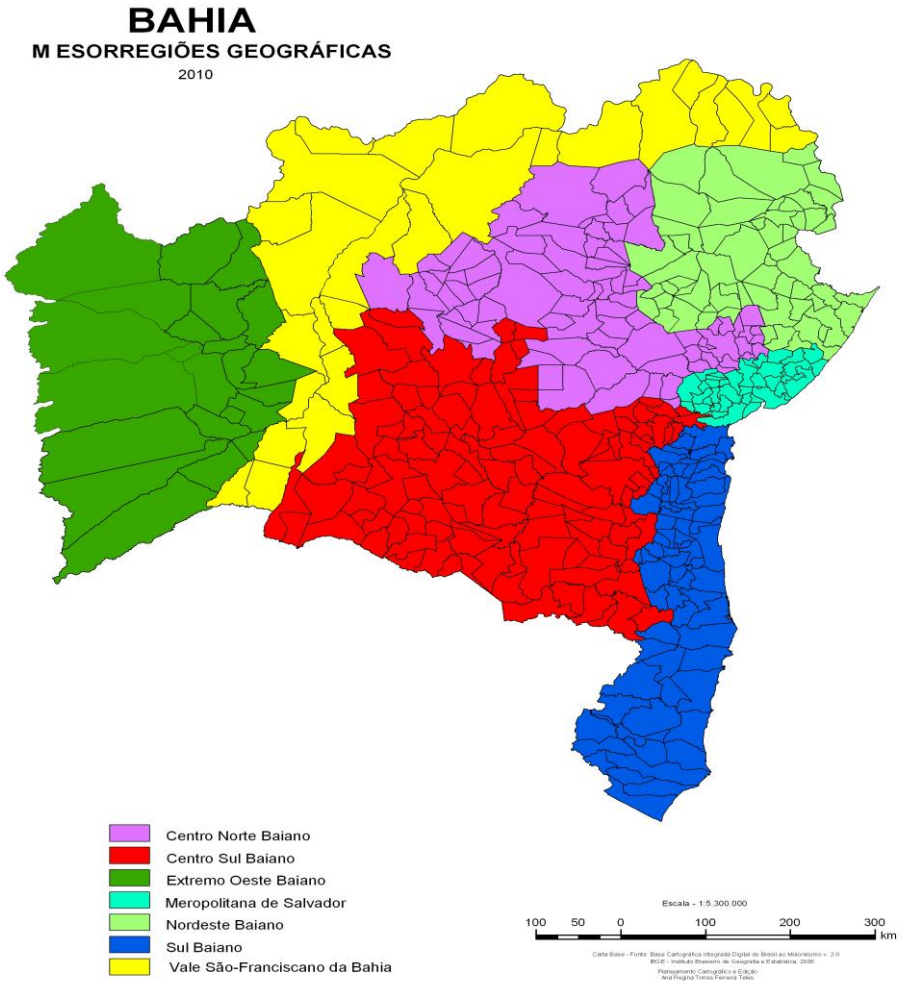


Figura 1 – Mesorregiões da Bahia: recortes por municípios
Fonte: Base Cartográfica Integrada Digital do Brasil ao Milinésimo v. 2.0
Planejamento cartográfico e Edição: Ana Regina Torres Ferreira Teles

[14] Informações coletadas em <http://geonaweb.blogspot.com.br/2008/07/as-meso-e-microrregies-do-estado-da.html> consultado em 16 novembro 2012.

3.1.2 As mesorregiões do Paraná

O estado do Paraná possui 399 municípios[15] e está subdividido segundo esse critério em dez mesorregiões, como se apresenta na Figura 2:

1. Mesorregião do Noroeste do Paraná
2. Mesorregião do Centro Ocidental do Paraná
3. Mesorregião do Norte Central do Paraná
4. Mesorregião do Norte Pioneiro do Paraná
5. Mesorregião do Centro Oriental do Paraná
6. Mesorregião do Oeste do Paraná
7. Mesorregião do Sudoeste do Paraná
8. Mesorregião do Centro-Sul do Paraná
9. Mesorregião do Sudeste do Paraná
10. Mesorregião Metropolitana de Curitiba[16]

Figura 2 – Mesorregiões do Paraná
Fonte: http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa-estado-parana.php

[15] Este dado específico vem de < http://www.guiageo-parana.com/municipios.htm> consultado em 17 novembro 2012.

[16] A maioria dos dados foi consultada em <http://www.oecd.org/brazil/37625712.pdf> em 17 novembro 2012.

4 METODOLOGIA

Este trabalho fundamenta-se na metodologia e no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) no que tange às áreas semânticas acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo do Questionário Semântico-lexical (QSL). Neste estudo priorizamos a variação diatópica, mas, seguindo os passos da Geolinguística Pluridimensional, também consideramos aspectos relativos às variações diastrática, diageracional e diagenérica.

4.1 *Corpus*

O *corpus* está constituído pelas respostas às 33 questões iniciais do Questionário Semântico Lexical do Atlas Linguístico do Brasil aplicado em 22 cidades na Bahia e 17 no Paraná. Na Bahia, há um total de 92 informantes dos quais oito estão na capital e 84 no interior. Do mesmo modo, o Paraná tem um total de 72 informantes dos quais 64 estão no interior e oito na capital.

Para a constituição do *corpus* partimos da leitura e exame das transcrições de todas as questões de 01 a 33 do QSL[17], complementadas pela audição dos registros dos inquéritos linguísticos considerados.

Como se trata de um estudo cujo enfoque é o aspecto semântico-lexical, adotamos, para os registros no corpo da Tese, a transcrição grafemática representativa da forma padrão, considerando, no entanto, para a análise, variantes fonéticas das lexias ou expressões fraseológicas que podem revelar variações de cunho diastrático, diageracional ou diagenérico. As lexias apresentadas no diminutivo são computadas como sua forma padrão, exceto as variantes *riozinho*, *manhãzinha*, *noitinha*, *tardezinha*/*tardinha*.

4.1.1 Localidades da Bahia

As localidades da Bahia, que perfazem o total de 22 pontos, estão assim distribuídas em suas mesorregiões:

[17] Servimo-nos das transcrições realizadas pelas equipes do Projeto ALiB na Bahia e no Paraná, no que concerne a dados das capitais e do interior.

- **Mesorregião Centro Norte Baiano –** Itaberaba (090)[18], Jacobina (086), Irecê (085);
- **Mesorregião Centro Sul Baiano –** Caetité (096), Itapetinga (100), Jequié (095), Seabra (089), Vitória da Conquista (098);
- **Mesorregião Extremo Oeste Baiano –** Barreiras (087), Santana (092);
- **Mesorregião Metropolitana de Salvador – Capital** – Salvador (093), Santo Amaro (091);
- **Mesorregião Nordeste Baiano –** Alagoinhas (088), Euclides da Cunha (083), Jeremoabo (082);
- **Mesorregião Sul Baiano –** Caravelas (102), Ilhéus (099), Santa Cruz de Cabrália (101), Valença (094);
- **Mesorregião Vale São-Franciscano da Bahia –** Barra (084), Carinhanha (097), Juazeiro (081).

4.1.2 Localidades do Paraná

O conjunto de localidades do Paraná, que perfaz o total de 17 pontos, está assim distribuído em suas mesorregiões:

- **Mesorregião Centro Ocidental Paranaense -** Campo Mourão (212), Terra Boa (209);
- **Mesorregião Centro Oriental Paranaense –** Piraí do Sul (214);
- **Mesorregião Centro-sul –** Guarapuava (219);
- **Mesorregião Metropolitana de Curitiba – Capital** – Curitiba (220), Adrianópolis (216), Lapa (222), Morretes (221);
- **Mesorregião Noroeste Paranaense –** Nova Londrina (207), Umuarama (210);

[18] O número entre parênteses refere-se ao atribuído à localidade na rede de pontos do Projeto ALiB.

- **Mesorregião Norte Central Paranaense –** Cândido de Abreu (213), Londrina (208);
- **Mesorregião Norte Pioneiro Paranaense –** Tomazina (211);
- **Mesorregião Oeste Paranaense –** São Miguel do Iguaçu (217), Toledo (215);
- **Mesorregião Sudeste Paranaense –** Imbituva (218);
- **Mesorregião Sudoeste Paranaense –** Barracão (223).

4.2 Informantes

Em cada ponto de inquérito no interior dos dois estados foram entrevistados quatro informantes, dois homens e duas mulheres em duas faixas-etárias (18-30 anos e 50-65 anos). Nas capitais dos estados foram entrevistados oito informantes, quatro dos quais têm nível universitário. Como é de praxe na pesquisa geolinguística, os informantes são naturais da localidade sob investigação onde o inquérito foi realizado e filhos de pais também da mesma localidade ou mesma área linguística.

Os informantes desta Tese, que integram o corpo de informantes do Projeto ALiB, têm as seguintes características: (i) são naturais da localidade perscrutada, têm pais desta mesma localidade e não devem ter se ausentado dela por períodos longos durante sua vida, evitando-se informantes cujas profissões requerem deslocamentos frequentes, como comissários de bordo ou caminhoneiros; (ii) os mais jovens têm idade compreendida entre 18 e 30 anos e os mais velhos entre 50 e 65 anos; (iii) são, em representação equitativa, do sexo masculino e feminino; (iv) devem ser alfabetizados com ensino fundamental completo ou incompleto nas cidades do interior, e, nas capitais, quatro dos oito informantes têm que possuir nível universitário.

4.3 Questionário

O *corpus* desta Tese se fundamenta nos dados originados da aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL) integrante dos *Questionários 2001* (COMITÊ Nacional, 2001) e constituído de 207 questões divididas em quinze áreas semânticas das quais selecionamos as áreas semânticas acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo. O questionário semântico-lexical, diferentemente do que ocorre com outros tipos de questionário

como o fonético-fonológico, busca a obtenção de um leque maior de informação sobre as possibilidades de ocorrências de itens lexicais que recubram o mesmo conceito. Podemos ilustrar este aspecto com as perguntas 11 e 12 do QSL, as quais destacamos a seguir:

11. TEMPORAL/ TEMPESTADE/ VENDAVAL
Uma chuva com vento forte que vem de repente?

12. NOMES ESPECÍFICOS PARA TEMPORAL
Existem outros nomes para _____ (cf. item 11)?

O resultado da análise dos itens lexicais referentes às questões 1 a 33 do QSL é apresentada em mapas, quadros e um índice onomasiológico. A análise inicialmente aborda uma visão diatópica de uso das lexias encontradas e, em seguida, damos um enfoque sociolinguístico.

No quadro 1, disposto em quatro colunas, apresentamos o conjunto de questões utilizadas, com a seguinte distribuição: a primeira coluna mostra o número da questão; a segunda exibe o item semântico-lexical que se busca; a terceira coluna indica a maneira como foi formulada a pergunta; e, finalmente, na quarta vem indicada a área semântica a que se refere cada pergunta.

Embora o conjunto de perguntas das áreas selecionadas para análise envolvesse, também, as perguntas 34 a 38, estas foram suprimidas e não examinadas neste estudo considerando que (a) não ofereceram respostas específicas — as perguntas 34 e 35 — e (b) por três delas — perguntas 36, 37 e 38 — serem perguntas direcionadas ao aspecto morfofonético e não lexical, como é nosso interesse imediato.

Quadro 1- Extrato do QSL utilizado

QSL Nº	**Item Semântico-Lexical**	**Formulação da Pergunta**	**Áreas Semânticas**
01	**CÓRREGO / RIACHO**...	Um rio pequeno, de uns dois metros de largura?	**ACIDENTES GEOGRÁFICOS**
02	**PINGUELA**...	Tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um_____ (cf. item 1)?	
03	**FOZ**...	O lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?	

04	**REDEMOINHO (DE ÁGUA)** ...	Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?	
05	**ONDA DE MAR** ...	O movimento da água do mar? Imitar o balanço das águas.	
06	**ONDA DE RIO** ...	O movimento da água do rio?	
07	**REDEMOINHO (DO VENTO)** ...	O vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?	**FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS**
08	**RELÂMPAGO**...	Um clarão que surge no céu em dias de chuva?	
09	**RAIO**...	Uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?	
10	**TROVÃO**...	O barulho forte que se escuta logo depois de um_____(cf. item 9)?	
11	**TEMPORAL/ TEMPESTADE/VENDAVAL**...	Uma chuva com vento forte que vem de repente?	
12	**NOMES ESPECÍFICOS PARA TEMPORAL**...	Existem outros nomes para_____ (cf. item 11)?	
13	**TROMBA D'ÁGUA**...	Uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?	
14	**CHUVA FORTE**...	Uma chuva forte e contínua?	
15	**CHUVA DE PEDRA**...	Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?	
16	**ESTIAR/COMPOR O TEMPO**...	Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?	
17	**ARCO-ÍRIS**...	Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?	
18	**GAROA**...	Uma chuva bem fininha?	
19	**TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA**...	Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?	
20	**ORVALHO/SERENO**...	De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?	
	NEVOEIRO/CERRAÇÃO/	Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por	

21	**NEBLINA**...	causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?	
22	**AMANHECER**...	A parte do dia quando começa a clarear?	**ASTROS E TEMPO**
23	**NASCER (DO SOL)**...	O que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear?	
24	**ALVORADA**...	A claridade avermelhada do céu antes de____ (cf. item 23)?	
25	**PÔR DO SOL**...	E o que acontece no céu no final da tarde?	
26	**CREPÚSCULO**...	... A claridade avermelhada que fica no céu depois de ____ (cf. item 25)?	
27	**ENTARDECER**...	E quando o sol se põe?	
28	**ANOITECER**...	O começo da noite?	
29	**ESTRELA MATUTINA /VÊNUS/ESTRELA DA MANHÃ/ESTRELA D'ALVA**...	De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?	
30	**ESTRELA VESPERTINA/VÊNUS/ESTRELA DA TARDE**...	De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?	
31	**ESTRELA CADENTE/ESTRELA FILANTE/METEORO/ZELAÇÃO**...	De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?	
32	**MUDAR/CORRER UMA ESTRELA**...	E quando se vê uma _____ (cf. item 31), como é que se diz? IDENTIFICAR OS VERBOS USADOS PARA EXPRESSAR O MOVIMENTO DA ESTRELA CADENTE.	
33	**VIA LÁCTEA/CAMINHO DE SANTIAGO**...	Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?	

5. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresentamos a descrição e análise dos dados, estruturadas em itens que priorizam a perspectiva diatópica, mas contemplam, também, aspectos de natureza sociolinguística. Abordamos inicialmente aspectos de caráter quantitativo para em seguida procedermos a uma análise de cunho qualitativo quando perscrutamos os aspectos lexicográficos dos dados bem como sua distribuição de uso dentro de uma perspectiva das variáveis sociais, ou seja, segundo gênero, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes. Este capítulo apresenta-se como o mostramos a seguir:

i) Análise dos dados das duas capitais Salvador e Curitiba, considerados por áreas semânticas.
ii) Análise dos dados das cidades do interior da Bahia e Paraná separados por mesorregiões.
iii) Estudo comparativo dos resultados obtidos por estado.
iv) Apresentação de considerações de natureza lexicográfica e social dos dados.

5.1 O QUE REVELAM OS DADOS

Neste subitem tratamos da variação geográfica ou diatópica. Como todas as línguas naturais, o Português Brasileiro (PB) está propenso a variações e apresenta diversidade correlacionada ao espaço geográfico. Dessa forma, confrontamos os dados apresentados em duas regiões. Cardoso (2010, p. 47) comenta que "as diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais porque as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e de mais fácil percepção nos espaços físicos, portanto geográfico".

Para tanto, estabelecemos os seguintes passos:

- Análise dos dados referentes às ocorrências nas capitais;
- Agrupamento das cidades do interior em mesorregiões;
- Análise dos dados referentes às cidades do interior que constituem a rede de pontos em cada estado;
- Identificação das ocorrências lexicais ou fraseológicas tanto na Bahia quanto no Paraná exibindo coincidências e diferenças.

Nesta busca pelo conhecimento sobre a variação linguística, uma primeira indagação nos vem à mente: O que é dito pelo informante? Por exemplo, o conceito de *rio pequeno, de uns dois metros de largura* para a questão 01 do questionário nos traz lexias como *riacho, córrego* ou *ribeirão* e este levantamento diatópico nos permite definir quem fornece os dados que precisamos para o estudo e nos remete a uma análise que vai além da análise espacial. Ao iniciarmos a análise das cidades do interior de ambos os estados, agrupamos as cidades em mesorregiões estabelecidas pelo IBGE e exibimos os dados também por meio de quadros. Dada a extensão desta análise por conta do número de cidades – 21 pontos na Bahia e 16 no Paraná –, não consideramos pertinente decompormos cada tabela por áreas semânticas como o fizemos com as capitais e optamos pela análise como um todo.

5.1.1 Salvador e Curitiba – a realidade das capitais

Apresentamos neste item os dados coletados em Salvador e em Curitiba, agrupados segundo as áreas semânticas e exibidos em três quadros. A análise se inicia com o exame dos dados destas duas capitais. Para tanto, elencamos todas as lexias e expressões fraseológicas nos Quadros 2, 3 e 4. O Quadro 2 traz as seis questões referentes a acidentes geográficos. O Quadro 3 mostra as quinze questões referentes aos fenômenos atmosféricos e o Quadro 4 mostra as doze questões restantes referentes a astros e tempo. Cada um desses quadros tem quatro colunas das quais a primeira exibe o número da questão, a segunda mostra as respostas coincidentes em Salvador e Curitiba e a terceira coluna mostra as lexias registradas apenas em Salvador e na quarta coluna podemos ver os itens lexicais registrados apenas em Curitiba.

Na construção de cada quadro, seguiram-se os seguintes critérios:

- Os códigos que identificam cada ponto – 093 para Salvador e 220 – para Curitiba estão registrados na segunda coluna;
- O número de informantes que emitiram a resposta vem indicado após o número que identifica a capital;
- As linhas sólidas são usadas para indicar a não existência de registros;
- A computação de lexias registradas no seu formato diminutivo se dá como se fossem a forma padrão, com exceção das variantes *riozinho*; *noitinha*;

- As variantes adicionais com baixa produtividade não foram registradas nas tabelas quando houve hegemonia de 100% de uma lexia ou expressão não indicando variação diatópica.

5.1.1.1 Acidentes geográficos em Salvador e Curitiba

O Quadro 2 apresenta os resultados das seis primeiras questões do QSL, referentes à área semântica acidentes geográficos. Os percentuais usados na análise são obtidos a partir do total das duas capitais, considerando a quantidade de informantes que responderam.

Quadro 2 – Denominações para acidentes geográficos em Salvador e em Curitiba

QUESTÃO	SALVADOR (093)– CURITIBA (220)	SALVADOR (093)	CURITIBA (220)	TOTAL
01	Córrego (093-2/220-4) Riacho (093-4/220-3) Riozinho (093-2/220-1)	_____	_____	16
02	Ponte (093-8/220-4)	_____	Pinguela (2)	14
03	Foz (093-3/220-4)	Encontro do rio (1) Embocadouro (1)	_____	9
04	Redemoinho (093-8/220-8)	_____	_____	16
05	Onda (093-8/220-8)	Marola (1)	Maré (1)	18
06	Onda (093-5/220-5)	_____	Corrente (1) Correnteza (2)	13

No Quadro 2, vê-se que a totalidade dos informantes de ambas as capitais forneceu um total de três lexias para o conceito *rio pequeno* perfazendo 16 ocorrências. As lexias *riozinho*, *córrego* e *riacho* estão presentes em Salvador e em Curitiba. As ocorrências mais produtivas foram *riacho* e *córrego*. Contudo, há uma preponderância de *riacho* sobre *córrego*. *Riacho* foi fornecido por quatro informantes no ponto 093 e por três informantes no ponto 220. Temos então, um total de sete ocorrências, perfazendo 43,8% das ocorrências nas duas capitais. *Córrego* foi fornecido por dois informantes no ponto 093 e quatro no ponto 220, perfazendo um total de seis ocorrências. Isto significa 37,5% das ocorrências nas duas cidades. *Riozinho*

foi fornecido por três dos informantes – dois no ponto 093 e um no ponto 220. *Riozinho* representa 18,7%. O Quadro 2 mostra a maior produtividade da variante *riacho*, disseminada nas duas capitais, em comparação com as demais formas lexicais. O diminutivo *riachinho* foi computado como *riacho* e entra tanto no quadro quanto na apresentação percentual como tal. Três informantes no ponto 093 e um informante no ponto 220 não souberam responder.

Para a questão 2 do QSL, tivemos 16 ocorrências para o conceito *pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um riacho*, das quais a lexia *ponte* apresenta maior índice de ocorrência nas duas capitais. Para doze dos informantes esta lexia afigura-se como primeira resposta – oito informantes do ponto 093 e quatro informantes do ponto 220. *Ponte*, com as suas variantes como *pontezinha de madeira* e *pontezinha*, representa 85,7% dentro das 14 ocorrências. A variante que apresenta traço de cunho espacial para a questão 2 é *pinguela*, registrada no ponto 220. A forma diminutiva de *ponte* foi utilizada por três informantes do ponto 093/3,7,8 e um destes informantes acrescentou o material com o qual ele acredita que tal ponte deveria ser feita, oferecendo a expressão fraseológica *pontezinha de madeira*. Contudo, *pontezinha* foi registrada como *ponte*, em virtude dos critérios estabelecidos no que concerne ao tratamento dos diminutivos. O uso da forma de diminutivo pode decorrer por indução uma vez que a própria questão busca um item lexical que expresse algo que passe sobre algo pequeno, neste caso um rio pequeno, um riacho ou riozinho. Logo, o informante imagina que a ponte sobre este *riozinho* deve ser pequena também, embora o informante 093/8 relate que tudo se trata de uma ponte. Podemos constatar tais assertivas nos trechos dos inquéritos transcritos a seguir:

- *INQ. – E, um tronco, um pedaço de pau ou tábua que coloca assim, eh, pra passar por cima de um riozinho?*

  INF. – Uma pontizinha de madeira.

  INQ. – Ham.

  INF. – Uma pontizinha de madeira, uma passag'encima de uma táuba. INQ. – Hum. (093/3)

- *INF. – É uma pontezinha, eu sei que se chama pinguela,só que eu não costumo usá.* (093/7)

- *INF.: - Tipo uma ponte, uma pontezinha... uma ponte.*

  INQ.: - E se fosse em cima, por um riacho, pra passar assim, pra atravessar também?

  INF.: - Em cima de um riacho é uma ponte. Tudo é ponte. (093/8)

No ponto 220, *pinguela* ocorre a dois informantes em Curitiba, contudo um deles aponta diferenças de cunho social entre *ponte* e *pinguela*, como se depreende do diálogo a seguir:

- *INQ.- E se quer passar por cima desse córrego e joga uma madeira, uma árvore...*

  INF.- Tem que ter uma ponte, uma pinguela que a gente fala muito nos mato quando vamo em pescaria, principalmente, atravessá um rio. A árvore... não, tem que atravessá uma pinguela. Eu conheço por pinguela, né.

  INQ.- Tá certo, é isso mesmo. (220/3)

Pinguela representa 14,3% do total dos registros e ocorre apenas em Curitiba onde tem maior produtividade. Constatamos, então, que *ponte* é a opção preponderante nas duas capitais.

Quanto às respostas para o conceito *o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio*, os informantes de ambas as capitais forneceram quatro lexias e expressões fraseológicas distintas apresentadas em dez respostas. A lexia *foz* teve três ocorrências em Salvador e quatro em Curitiba. *Foz*, portanto representa 77,8% das ocorrências considerando o número de respostas fornecidas. *Encontro de rio* e *embocadouro* representam 11,1% cada. Esta questão foi pouco produtiva dada à quantidade de informantes que não souberam ou não lembraram a resposta: três no ponto 093 e três no ponto 220. Poderíamos dizer que a não obtenção de respostas neste caso corresponde a 37,5% do número de informantes.

Para a questão quatro – *muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo* – ocorre uma única resposta, *redemoinho*. A totalidade dos informantes de Salvador e de Curitiba forneceu esta lexia como única resposta para esta questão. Quanto à questão cinco que apura as denominações para *o movimento da água do mar*, todos os informantes responderam *onda*. Ainda tivemos como segunda resposta *marola* em Salvador e *maré* em Curitiba. Portanto, *onda* representa 89% e cada uma das outras duas variantes representa 5,5% do total.

A última questão deste grupo semântico, que apura nomes para *o movimento da água do rio* tem *onda* como resposta preponderante. Houve treze ocorrências das quais dez foram de *onda* e com suas variantes *ondinha* e *ondazinha* que representam 77,1% do total. No ponto 220, encontramos variações de caráter diatópico. Estas variantes são *corrente* e *correnteza*. *Corrente* teve um registro em Curitiba e *correnteza* teve dois registros. Consequentemente, *corrente* representa 7,6% de todas as ocorrências ao passo que *correnteza* representa 15,3%.

5.1.1.2 Fenômenos atmosféricos em Salvador e Curitiba

No Quadro 3, trazemos os dados referentes a fenômenos atmosféricos registrados em Salvador e Curitiba, referentes a quinze questões do QSL.

Quadro 3 - Denominações para fenômenos atmosféricos em Salvador e em Curitiba

QUESTÃO	SALVADOR (093)–CURITIBA (220)	SALVADOR (093)	CURITIBA (220)	TOTAL
07	Redemoinho (093-8/220-8)	_____	_____	16
08	Relâmpago (093-6/220-7) Raio (093-1/220-1)	_____	Fuzil (1)	16
09	Raio (093-7/220-8)	_____	_____	15
10	Trovão (093-6/220-8)	_____	_____	14
11	Tempestade (093-4/220-5)	Toró (1) Chuvarada (1)	Vendaval (1) Temporal (3)	15
12	Tempestade (093-1/220-1)	_____	Pé d'água (1)	3
13	_____	Pé d'água (1)	_____	1
14	Tempestade (093-1/220-1)	Toró (1)	_____	3
15	Chuva de granizo/Granizo (093-4/220-6)	_____	Chuva de pedra (5)	15
16	Estiar o tempo (093-1/220-1) Abrir o tempo (093-3/220-1)	Passar a chuva (2)	_____	8
17	Arco-íris (093-8/220-8)	_____	_____	16
18	Garoa (093-6/220-8) Chuvisco/chuviscar (093-2/220-1)	_____	_____	17
19	Úmida (093-5/220-7)	_____	_____	12
20	Sereno (093-4/220-4) Orvalho (093-3/220-4)	_____	_____	15

21	Neblina (093-6/220-6) Névoa (093-2/220-2)	Nebulosidade (1)	Cerração (2)	19

A primeira questão desta subárea semântica apura as denominações ocorrentes para o conceito *o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves*. A resposta fornecida por todos os informantes do ponto 093 e do ponto 220 foi *redemoinho*. Para *um clarão que surge no céu em dias de chuva* houve 16 ocorrências e os informantes forneceram sem variação diatópica os itens *relâmpago* e *raio*. *Relâmpago* foi dito por seis informantes em Salvador e sete informantes em Curitiba. *Relâmpago* representa 81,3% das ocorrências para a questão oito. *Raio* apresenta produtividade muito baixa para esta questão. Recebeu dois registros: um no ponto 093 pelo informante 7 e um no ponto 220 pelo informante 3. *Raio* representa 12,5% das ocorrências. O informante 220/4 também apresentou o substantivo *fuzil* e o verbo *fuzilando* para indicar *um clarão que surge no céu em dias de chuva*. *Fuzil* representa 6,2%. Com relação a *uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo* houve 15 ocorrências da lexia *raio* das quais sete foram no ponto 093 e oito no ponto 220. *Raio* representa 100% das ocorrências. Entretanto, o informante 093/5 salienta que para ele não há diferença entre *raio* e *relâmpago*. Porém, o item *relâmpago* não foi registrado na tabela. Um informante não respondeu no ponto 093.

A questão 10 apura denominações para *barulho forte que se escuta logo depois de um raio*. Houve 14 ocorrências de *trovão*, fornecido por seis informantes de Salvador e por todos os oito informantes de Curitiba. *Trovão* representa 100% das ocorrências. Dois informantes no ponto 093 não responderam. Para a questão 10 as capitais não apresentaram variação. Contudo, a questão 11 – *uma chuva com vento forte que vem de repente* – nos traz algumas variações de cunho diatópico, embora *tempestade* esteja presente nas duas capitais. *Tempestade* obteve quatro registros no ponto 093 e cinco no ponto 220 e significa 60,2% dentro das 15 ocorrências para esta questão. As variantes diatópicas são *toró* e *chuvarada* registradas em Salvador e *vendaval* e *temporal* registradas em Curitiba, mas com baixa produtividade. Aquelas que ocorreram em Salvador tiveram apenas um registro cada, representando, portanto, cada uma delas, 6,6% do total das ocorrências. Quanto às variantes de Curitiba, *vendaval* obteve apenas um registro sendo 6,6% do total e *temporal* recebeu três registros indicando 20% do total das ocorrências para a questão 11. Um informante não

respondeu no ponto 093. A questão 12 procura saber se o informante conhece *outros nomes para uma chuva com vento forte que vem de repente*. Houve um grande número de abstenções para esta questão: quatro no ponto 093 e cinco no ponto 220. Observamos aqui que lexias e expressões que representam a caracterização da chuva não foram consideradas. O primeiro caso é a expressão *chuva forte* que não foi computada como resposta em função da pergunta formulada contemplar a forma *forte*, embora tenha sido a resposta de três informantes no ponto 093 e um no ponto 220. *Tempestade* aparece outra vez distribuída nos dois pontos. Diferente da questão anterior, agora sua produtividade é baixa: um registro em cada ponto, o que significa 66,7% do total dos três registros da tabela. *Pé d'água* aparece como uma variante diatópica porque só aparece em Curitiba para a questão 12. Foi fornecida apenas por um informante e representa apenas 33,3% das 3 ocorrências.

Vale observar que as repetições de alguns itens lexicais ocorrentes nas respostas às questões 11 a 14 devem-se ao fato da semelhança que entre elas se registra. Estas perguntas se referem à chuva e suas várias manifestações, o que deve confundir ou limitar o informante quanto às respostas a fornecer. Portanto, a vizinhança dessa área semântica dificulta a precisão da resposta e induz o informante a traçar descrições que não configuram respostas que não foram computadas e registradas nas tabelas. A questão 13, como acabamos de mencionar, mais uma vez busca itens lexicais para expressar o conceito *chuva*, descrita como *uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada.* Cinco informantes respondem *chuva de verão* e três, *chuva passageira*. O informante 093/7 mencionou ainda *enchente*, *enxurrada*, não consideradas por revelarem desentendimento da pergunta. É interessante observar que a expressão fraseológica *pé d'água* aparece apenas em Curitiba na questão 12. Na questão 13, ela vem como uma variante localizada apenas em Salvador. Devido à semelhança das questões de 11 a 14, vem-nos a indagação se estas variações diatópicas realmente procedem ou se os informantes não conseguiram localizar suas respostas no tempo e no espaço apropriados. Dois outros exemplos que podemos arrolar vêm de Curitiba, onde os informantes 220/2-6 usam *chuva rápida* e o informante 220/8 utiliza *chuva torrencial* que consideramos apenas uma descrição e não uma resposta para a questão 13. Por conta disto, não fizemos uma distribuição em nível percentual para esta questão. A questão 14 busca apurar denominações para *uma chuva forte e contínua*. Mais uma vez, veremos repetições de palavras por conta do conceito que se procura - *chuva*. A expressão perifrástica *está chovendo forte* ocorreu a um informante em Salvador e um em Curitiba. A expressão *chuva forte* volta a aparecer como resposta distribuída tanto no ponto 093 quanto no ponto 220, mas não consideramos porque esta resposta já consta da própria pergunta. *Tempestade* volta a aparecer na questão 14 com

apenas uma ocorrência em cada ponto. Considerando o horizonte de três ocorrências, *tempestade* indica 66,7% das ocorrências. A lexia *toró* representa 33,3% das ocorrências. Em Curitiba, tivemos *chuva contínua*, o que nos remete a consideração que fizemos com relação à *chuva forte*.

A questão 15 – *durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo, como chamam essa chuva?* – traz como respostas *chuva de granizo* ou simplesmente *granizo* e *chuva de pedra*, das quais a primeira apresenta maior índice de ocorrências. Há informantes que fornecem mais de uma resposta, como se ilustra com o diálogo a seguir:

- *INQ.- Durante uma chuva pode cair bolinhas de gelo, né? Como que chama essa chuva?*
  INF.- Éh... chuva de pedra.
  INQ.-Tem outro nome por aqui?
  INF.- Chuva, chuva de granizo.
  INQ.- Isso mesmo. (220/1)

Consideramos para este registro, tanto a expressão *chuva de granizo* ou *está chovendo granizo* como sendo a lexia *granizo*. Portanto, podemos dizer que *granizo* foi fornecido por quatro informantes no ponto 093 e seis informantes do ponto 220. *Granizo* representa 66,7% do total das 15 ocorrências. *Chuva de pedra* que aparece apenas em Curitiba representa 33,3% do total. O informante 093/3 respondeu *neve*, *granizo de neve*, contudo sua resposta não foi computada porque este informante diz que "lá em São Paulo tem um lugar que chove granizo de neve... começa nevar". Ele não afirma com sua resposta que usa esta variante para expressar este fenômeno atmosférico.

Na questão 16, os informantes respondem com várias expressões à pergunta *como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer* as quais expressam conceitos genéricos e não apontam diretamente para a acepção que buscamos. Vale salientar que optamos por colocar os verbos no infinitivo, embora os informantes tenham usado os mais variados tempos verbais. As expressões sintagmáticas que não representam variação diatópica são *estiar o tempo* e *abrir o tempo* tendo ocorrido tanto em Salvador quanto em Curitiba. *Estiar o tempo* foi fornecido por um informante no ponto 093 e por um informante no ponto 220. Esta variante representa 25% das oito ocorrências registradas. *Abrir o tempo* apresentou maior índice de ocorrência, 50%, no conjunto das respostas. Esta variante foi fornecida por três informantes do ponto 093 e um do ponto 220. Do ponto de vista diatópico, temos *passar a chuva* em Salvador que obteve dois registros e representa 25% do total. Todas as demais variantes utilizadas pelos informantes para responder a questão 16 apresentam uma ideia

geral, como *melhorar o tempo* que obteve dois registros em Salvador e três em Curitiba, mas não entrou no cômputo por considerarmos que *melhorar o tempo* não significa necessariamente terminar a chuva.

Para o conceito referente a *uma faixa com listras coloridas e curvas que quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu*, na questão 17, obtivemos a variante *arco-íris* de maneira hegemônica nas duas capitais representando 100% das ocorrências.

A questão 18 apura denominações para *uma chuva bem fininha*. Registramos *garoa* como resposta com maior produtividade nas duas capitais, embora um informante em Salvador a use, mas diga que tal lexia é uma variante diatópica característica do sul do país, como vemos na fala transcrita a seguir:

- *INF. – Garoa, eu já digo mais por conta de amigos paulistas, não cresci ouvindo nada disso. Diz chuvisco, aqui se dizia chuvisco que minha família dizia era um chuvisco, garoa já é coisa do sul, dos amigos do sul*. (093/7)

Em Curitiba, embora não tenha ocorrido *chuvisco,* o informante 220/5 menciona *tá chuviscano* , como se vê no trecho a seguir transcrito:

- *INQ.- E como é que vocês chamam uma chuva bem fininha?*

  INF.- Garoa, garoa ou falam tá chu.... tá chuviscando também. (220/5)

Embora o informante tenha usado a expressão verbal *está chuviscando*, consideramos que a lexia *chuvisco* também está presente no ponto 220 não apresentando variação diatópica. Houve 17 ocorrências para esta questão. *Garoa* obteve 14 ocorrências das quais seis aconteceram em Salvador e oito em Curitiba representando 82,4% do total das ocorrências. *Chuvisco* – considerando *está chuviscando* também- foi fornecido por dois informantes em Salvador e um informante em Curitiba representando 17,6% do total. Na questão 19, os informantes foram perguntados *como é que se diz como a terra fica depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada*. *Úmida* teve predominância com cinco ocorrências em Salvador e sete em Curitiba representando 100% dos registros na tabela. Todavia, o informante 093/3 forneceu a expressão *salpicou a terra* e o informante 220/4 a lexia *fofa*, não computadas por serem apenas descritivas. Para a questão 20 – *de manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?* – não se documentou variação diatópica, pois as 15 ocorrências trazem as lexias *sereno* e *orvalho* distribuídas tanto em Salvador quanto em Curitiba. Há uma leve preponderância de *sereno* sobre *orvalho*. *Sereno* foi fornecido por quatro informantes de Salvador e quatro de Curitiba

correspondendo a 53,4% do total das ocorrências. Orvalho teve três registros em Salvador e quatro registros em Curitiba correspondendo a 46,6% do total. Um informante não soube responder no ponto 093. A questão 21 apura respostas para a pergunta: *Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?* Houve 19 ocorrências das quais *neblina* teve maior produtividade, fornecida por seis informantes em Salvador e seis em Curitiba e corresponde a 63,3% das ocorrências. *Névoa* também não apresenta variação diatópica, pois há dois registros no ponto 093 e dois no ponto 220, logo significa 21% do total. As lexias que apresentam caráter diatópico são *nebulosidade* e *cerração*. *Nebulosidade* foi encontrada em Salvador e foi fornecida apenas por um informante e representa, portanto, 5,2% dentro das 19 ocorrências. *Cerração* foi fornecida por dois informantes em Curitiba e indica 10,5% do total.

5.1.1.3 Astros e tempo em Salvador e Curitiba

Nesta seção examinamos as questões referentes a astros e ao tempo. As respostas fornecidas se constituem na sua maioria de expressões fraseológicas para cuja representação utilizamos a forma do verbo no infinitivo, desprezando-se assim as diversas flexões tempo/modo registradas.

Quadro 4 - Denominações para astros e tempo em Salvador e Curitiba

Questão	SALVADOR (093)–CURITIBA (220)	SALVADOR (093)	CURITIBA (220)	TOTAL
22	Amanhecer (093-4/220-5)	Raiar o dia (1) Alvorecer (2)	Alvorada (1)	13
23	Aparecer o sol (093-1/220-1)	Nascer o dia (1) Raiar o dia (2) Raiar o sol (2) Sair o sol (1)	Nascer o sol (3)	8
24	_____	_____	_____	_____
25	Pôr do sol (093-7/220-4)	Cair a tarde (1) Lusco-fusco (1) Ocaso (1)	Desaparecer o sol (1) Descer o sol (1)	16
26	Pôr do sol (093-2/220-1)	Crepúsculo (1) Ocaso (1)	Entardecer (1)	6
27	Entardecer (093-1/220-1)	_____	Arrebol (1)	3
28	Anoitecer (093-2/220-4)	_____	_____	8

	Noitinha (093-1/220-1)			
29	Estrela-d'alva (093-4/220-1) Vênus (093-1/220-1)	_____	Estrela matutina (1)	8
30	_____	Estrela-d'alva (2)	Estrela vespertina (1)	3
31	Estrela cadente (093-5/220-4)	Estrela guia (1)	Cometa (2)	12
32	Cair (093-2/220-5)	Passar (1) Mudar de lugar (1)	Andar (1) Cruzar o céu (1)	11
33	Via láctea (093-1/220-2)	_____	_____	3

A variante de maior produtividade para a questão 22 é *amanhecer* com nove ocorrências: quatro no ponto 093 e cinco no ponto 220. *Amanhecer* representa 69,5% das ocorrências. É necessário salientar que os informantes ao responder usaram flexões do verbo, como *está amanhecendo*, contudo, como indicado, consideramos o verbo no infinitivo. No nível da variação diatópica, temos *raiar do dia* com uma ocorrência em Salvador e representa 7,6% do total. Dois informantes em Salvador dizem que utilizam *alvorecer*. Para o informante 093/6 *alvorecer* responde a pergunta, entretanto o informante 093/7 usa *está alvorecendo* como segunda resposta. Sabemos que *alvorecer* pode ser visto também como um substantivo, mas aqui o associamos ao verbo e consideramos o seu uso no particípio presente como resposta para a questão 22. *Alvorecer* representa 15,3% das ocorrências. Ainda no nível diatópico, registramos *alvorada* apenas em Curitiba com uma só ocorrência, o que representa 7,6% do total. Três informantes não souberam responder. *O que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear?* esta é a pergunta que o informante escuta na questão 23. Registramos 11 respostas: *aparecer o sol* com uma ocorrência em cada capital e representa 18,2% do total das 11 ocorrências; em Salvador são *nascer o dia* com uma ocorrência (9%), *raiar do dia* com duas (18,2%), *raiar do sol* também com duas (18,2%) e *sair do sol* com uma (9%); em Curitiba, *nascer o sol* com três ocorrências (27,4%). Não consideramos respostas genéricas ou que sejam repetições da pergunta para o registro na tabela, como a expressão *clarear o dia* utilizada por três informantes no ponto 220. A questão 24 apura as denominações para *a claridade avermelhada do céu antes de nascer do sol*, conceito este para o qual os informantes parecem não dispor de nomes específicos como se depreende do alto número de abstenções para a questão – oito em Salvador e cinco em Curitiba.

Ao perguntar *o que acontece no céu no final da tarde*, questão 25, os informantes forneceram seis variantes. *Pôr do sol* aparece sete vezes em Salvador e quatro em Curitiba e corresponde a 69% do total das ocorrências. As variantes *cair a tarde*, *lusco-fusco* e *ocaso* ocorrem apenas em Salvador e *desaparecer o sol* e *descer o sol* ocorrem apenas em Curitiba. Cada uma destas variantes apresenta baixa produtividade com apenas uma ocorrência em cada capital e cada uma delas corresponde a 6,2% do total. Na questão 26, busca-se uma lexia ou expressão fraseológica que exprima a ideia da claridade *avermelhada que fica no céu depois do pôr do sol*. Quatro informantes no ponto 093 e seis no ponto 220 não responderam a esta pergunta. A proximidade dos conceitos a que se referem as questões 22 a 28 suscita a repetição de algumas variantes para estas questões. Um exemplo disto é *por do sol* que aparece como resposta às questões 25 e 26 nas duas capitais. A variação diatópica com referência à pergunta 26 se documenta com o registro de *crepúsculo* e *ocaso* no ponto 093 e *entardecer* no ponto 220, com uma ocorrência em cada área. Cada uma destas variantes representa 16,6% das ocorrências. E o que acontece *quando o sol se põe?* é a pergunta que o informante precisa responder na questão 27. Houve três ocorrências que registramos no Quadro 4. Onze informantes deram respostas genéricas provavelmente pela dificuldade de precisar estes momentos por conta da vizinhança semântica desta questão com as duas anteriores. Dois informantes não souberam responder. Podemos observar que a expressão *entardecer* apareceu na questão 26 ocorrendo apenas em Curitiba. Como resposta para a questão 27, *entardecer* não apresenta variação diatópica, embora tenha baixa produtividade. Houve apenas uma ocorrência em cada uma das capitais, o que representa 66,7% do total das três ocorrências. *Arrebol* que obteve apenas um registro em Curitiba representa 33,3% do total. *Ficar tarde* e *fim da tarde* são algumas das expressões que julgamos genéricas, e portanto não expressam a acepção a que se refere a pergunta. Na questão 28 o objetivo é saber quais lexias ou expressões fraseológicas o informante usa para expressar *o começo da noite*. *Anoitecer* ocorre nas duas capitais perfazendo 75% das ocorrências. *Noitinha* não mostra variação diatópica para a questão 28, é pouco produtiva e com apenas uma ocorrência em cada uma das capitais representando 25% do total.

A questão 29 se refere a denominações para *uma estrela que brilha mais de manhã cedo, e é a última a desaparecer.* Houve um alto número de informantes que não responderam esta questão: três em Salvador e cinco em Curitiba. Considerando o total de informantes nas duas capitais, somente 50% deles responderam esta pergunta o que nos dá oito ocorrências. Destas oito ocorrências, *estrela d'alva* obteve maior produtividade com quatro ocorrências em Salvador e uma ocorrência em Curitiba representando 62,5% do total. *Vênus* e *estrela d'alva*

não constituem variação diatópica e apresentam baixo índice de ocorrência, registrando-*se* apenas uma ocorrência em cada uma das capitais, portanto, 25% do total. Uma informante de Curitiba forneceu a expressão *estrela matutina* que representa 12,5% das oito ocorrências. A questão 30, que busca expressões para o conceito *de tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais*, obteve um alto nível de abstenções: Seis informantes no ponto 093 e sete no ponto 220, perfazendo um total de 13, ou seja, 81,2% do total dos informantes. Houve apenas três ocorrências de *estrela d'alva* e como explicam os informantes 093/3 e 093/7, aplica-se tanto à *estrela matutina* como a *vespertina*, como se comprova nos trechos transcritos a seguir:

- *INF. – Essa de tarde... eu costumo chamá istrela-dalva pela tarde, istrela-dalva pela manhã.*

  INQ. – Uhn.

  INF. – Porque sempre quando eu vejo alguém comentá, essas estrela são as maiores.

  INQ. – Uhn.

  INF. – Então, elas se aparece sempre no o pô do só, o nacê do só, como no pô do só também. E durante a ma..., a noite, elas são mais clara, as mais acesa. (093/3)

- *INF. – Eu acho que às vezes se refere a ela como sendo a mesma que nasceu muito cedo de manhã Istrela-dalva*. (093/7)

Destas três ocorrências *estrela d'alva* representa 66,7% do total e só aparece em Salvador. Documentada a apenas um informante, em Curitiba, registra-se *estrela vespertina*, o que representa 33,3% do total. Para *uma estrela que se desloca no céu, de noite, e faz um risco de luz*, apurada pela questão 31, registramos 12 ocorrências das quais *estrela cadente* apresenta 75,1% do total com cinco registros em Salvador e quatro em Curitiba. *Estrela guia* aparece com um registro, representando 8,3% e *cometa* com dois registros representa 16,6% do total. Sete informantes não responderam.

A questão 32 procura *identificar os verbos usados para expressar o movimento da estrela cadente*. O verbo mais produtivo foi *cair* com dois registros em Salvador e cinco em Curitiba e representa 64% do total das 11 ocorrências para esta questão. Os outros verbos apresentados e que têm seus registros localizados em uma ou outra das duas capitais foram *passar, mudar*, cada um destes verbos com apenas uma ocorrência em Salvador e *andar, cruzar* só aconteceram em Curitiba com apenas um registro também. Podemos, então, dizer

que estes verbos que apresentam variação diatópica representam cada um deles apenas 9% do total das 11 ocorrências. Cinco informantes não responderam esta questão. A questão 33 busca apurar denominações utilizadas para identificar *uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras, numa noite bem estrelada*. As 13 abstenções representam quase que o total de informantes nas duas capitais. Houve três ocorrências das quais apenas a expressão *Via Láctea* foi fornecida com um registro no ponto 093 e dois registros no ponto 220. Como podemos ver, *Via Láctea* não apresenta variação espacial e representa 100% das ocorrências. Ao considerarmos os 16 informantes nas duas cidades, diríamos que as abstenções representam 81,2% do total dos informantes.

5.2 A REALIDADE DO INTERIOR DOS DOIS ESTADOS

O que revelam linguisticamente o interior da Bahia e o interior do Paraná? Buscamos resposta ou respostas para esta pergunta no exame do léxico de 21 cidades na Bahia e de 16 cidades do Paraná agrupadas em mesorregiões de acordo com a classificação do IBGE. O recorte que aqui trazemos é fruto de uma reflexão sobre a melhor maneira de apresentar os dados fornecidos pelos 148 informantes nas 37 cidades que constituem os pontos do ALiB no interior destes dois estados, o que fazemos com o agrupamento por mesorregiões e a apresentação dos dados por meio de quadros. Para a análise dos dados do interior, consideramos algumas variantes, suprimidas na análise das capitais, com caráter descritivo e geral por conta do grande número de informantes.

Desta maneira, em 5.2 começamos a desvendar o que revelam os dados fornecidos pelos informantes do interior da Bahia e do Paraná, vinte e um pontos do interior da Bahia agrupados nas sete mesorregiões divididas pelo IBGE e dezesseis pontos do interior do Paraná foram agrupados nas dez mesorregiões do estado, examinando-os da seguinte maneira:

- Cidades da Bahia agrupadas por mesorregiões em 5.2.1.
- Cidades do Paraná agrupadas por mesorregiões em 5.2.2.
- Confronto entre os dados do interior dos dois estados, em 5.2.3
- Relação entre as regiões da Bahia e do Paraná exibindo apenas as coincidências entre elas, em 5.2.3.1.
- Os números entre parênteses ao lado de cada lexia ou expressão fraseológica indicam os informantes.

Na elaboração dos quadros, adotamos os seguintes critérios gerais:

- Os números ao lado dos nomes das cidades indicam o ponto do ALiB e são elencados em ordem crescente.
- Uma linha sólida antes do número significa que aquele informante não forneceu nenhuma resposta.
- O total de ocorrências para cada questão é elencado na última coluna do quadro.

5.2.1 Cidades baianas em suas mesorregiões – distribuição diatópica do léxico

Neste item, analisamos do quadro 5 até o quadro 11 os dados encontrados nas sete mesorregiões da Bahia.

Quadro 5 - Mesorregião Centro Norte Baiano

CIDADES / QUESTÕES	IRECÊ (085)	JACOBINA (086)	ITABERABA (090)	TOTAL
01	_____ (2/3/4) Riacho (1)	Riacho (1/2/3/4)	_____ (1/2) Riacho (3/4)	7
02	_____(1/2/4) Ponte (3)	_____ (4) Ponte (1/2) Pinguela (3)	_____(1/2) Ponte (3/4) Pinguela (3)	7
03	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3) Encontro do rio (4)	_____(1/2/3) Encontro (4)	2
04	Redemoinho (1/2/4) Funil (3)	Redemoinho (1/2/3/4)	Funil (1) Corrupio (2/4) Redemoinho (3)	11
05	_____ (1/2) Onda (3/4)	Onda (1/2/3/4) Mareta (3/4)	Onda (1/2/3/4)	12
06	_____ (1/2) Onda (3/4)	_____ (4) Onda (1/2/3)	_____ (2/3) Mareta (1) Onda (4)	7
07	Redemoinho (1/2/3/4)	_____ (2) Redemoinho (1/3/4)	Redemoinho (1/3) Corrupio (2) Ventania (4)	11
08	Relâmpago (1/2/3/4)	Relâmpago (1/2/3/4)	_____ (2) Relâmpago (1/3/4)	11
09	Raio (1/2/3/4)	Corisco (1/3) Raio (2/4)	Raio (1/2/3) Faísca (4)	12
10	Trovão (1/2/3/4)	Trovão (1/2/3/4)	Trovão (1/2/3/4)	12
11	_____ (1/2/3) Tempestade (4)	Chuva de trovoada (1) Temporal (2)	_____ (3) Tempestade (1/4)	8

		Tempestade (3/4)	Chuva forte (2)	
12	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/4) Tempestade (2/3)	_____ (1/2/3/4)	2
13	_____ (1/2) Chuva grossa (3/4)	_____ (1/2) Tromba d'água (3/4)	Tempestade (1) Chuva rápida (2) Tromba d`água (3) Chuva passageira (4)	8
14	_____ (1/2/3/4)	_____(1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	0
15	_____ (1) Chuva de gelo (2) Chuva de granizo (3/4) Chuva de pedra (3/4)	_____ (2) Chuva de granizo (1) Chuva de pedra (3/4)	_____ (2) Chuva de granizo (1/4) Chuva de pedra (3)	11
16	____ (1/2) Estiar (3/4)	Abrir o tempo (1/2) Limpar o tempo- (3) Estiar (4)	_____ (4) Estiar (1/3) Parar chuva (2)	9
17	Arco-íris (1/2/3/4)	Arco-íris (1/2/3/4)	Arco-íris (1/2/3/4)	12
18	_____(4) Pingar (1/2) Chuvisco (1) Garoa (3)	_____ (2/3) Chuva de inverno (1/4)	_____ (2) Garoa (1) Chuva de inverno (3) Chuvisco (4)	9
19	_____ (1/2) Úmida (3) Sarolha (4)	_____ (3) Úmida (1/2/4)	Borrifada (1) Úmida (2/4) Sarolha (3)	9
20	Sereno (1/2) Orvalho (3/4)	_____ (2) Orvalho (1/4) Sereno (3)	_____ (2) Sereno (1/4) Orvalho (3)	10
21	_____ (3) Neve (1/2) Nevoeiro (4)	Neve (1/3/4) Neblina (2)	Neblina (1/3) Neve (2/4)	11
22	_____ (2) Amanhecer (1/3/4)	Amanhecer (1/4) Raiar do dia (2) Clarear o dia (3)	_____ (1) Clarear (2) Barra do dia (3) Amanhecer (4)	10
23	_____ (2) Sair - o sol- (1) Raios do sol (3) Nascer do sol (4)	Sair o sol (1/3) Clarear do sol (2) Aparecer o sol (4)	_____ (1/2/3/4)	7
24	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2) Barra do dia (3/4)	_____ (1/2/4) Barra do dia (3)	3
25	_____ (1/2) Pôr do sol (3/4)	Pôr o sol (1/2/4) Barra do sol (3)	_____ (2/4) Pôr o sol (1/3)	8
26	_____ (1/2/3/4)	_____ (2/3/4) Réstia do sol (1)	_____ (1/2/3/4)	1
27	_____ (3) Tardezinha (1/2)	_____ (1/2/3/4)	_____ (2/3/4) Boca da noite	4

	Anoitecer (4)		(1)	
28	_____ (1/2) Boca da noite (3) Entrar a noite (4)	_____ (3) Escurecer (1) Anoitecer (2) Boca da noite (4)	_____ (2) Boca da noite (1/3) Anoitecer (4)	8
29	_____ (1/2) Estrela D'alva (3/4)	_____ (1/2/3) Estrela D'alva (4)	_____ (1/2) Estrela-D'alva (3/4)	5
30	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____
31	_____ (1/2/3) Estrela cadente (4)	_____ (1/3/4) Estrela cadente (2)	_____ (2/3/4) Estrela cadente (1)	3
32	_____ (1) Mudar (2) Cair (3) Sair (4)	Mudar (1/4) Sair (2) Passar (3)	_____ (4) Mudar posição/lugar (1/2/3)	10
33	_____ (1/2/3) Carreiro de Santiago (4)	_____ (2/3) Caminho de Santiago (1/4)	_____ (1/2/3/4)	3

Quadro 6 - Mesorregião Centro Sul Baiano

CIDADES / QUESTÕES	**SEABRA (089)**	**JEQUIÉ (095)**	**CAETITÉ (096)**	**VITÓRIA DA CONQUISTA (098)**	**ITAPETINGA (100)**	**TOTAL**
01	Riacho (1/3/4) Córrego (1/2/3)	Riacho (1/3/4) Riozinho (2) Ribeirão (4)	_____ (2) Riacho (1/3) Córrego (3/4)	_____ (1/4) Riacho (2/3) Córrego (2/3) Ribeirão (3)	Riacho (1/4) Córrego (2/3/4)	25
02	Pinguela (1/3) Ponte (2/4)	Travessia (1) Ponte (2) Pinguela (3/4) Passarela (3)	Ponte (1/2/3/4) Pinguela (3/4)	Ponte (1/2/4) Pinguela (3)	Ponte (1/2/4) Pinguela (2)	23
03	___ (1/2/3/4)	_____ (1/2/4) Encontro (3)	___ (1/2/3/4)	_____ (1/2/4) Barra (3)	__ (1/2/4) Barra (3)	3
04	_____ (2) Redemoinho (1) Sumidouro (3/4)	Redemoinho (1/2/3/4)	_____ (3/4) Chupão (1) Redemoinho (2)	_____ (4) Redemoinho (1/2/3)	___ (1) Chupão (2/3) Redemoinho (4)	15
05	Onda (1/2/3/4) Mareta (3)	Onda (1/2/3/4)	_____ (4) Onda (1/2) Mareta (3)	Onda (1/2/3/4)	Onda (1/2/3/4)	20
06	_____ (2) Maré (1) Mareta (3) Onda (4)	_____ (4) Correnteza (1) Onda (2) Mareta (3)	_____ (2/3/4) Onda (1)	Onda (1/3/4) Corredeira (2)	_____ (2/3) Onda (1) Correnteza (4)	13
07	_____ (4)	Redemoinho	Redemoinho	Redemoinho	____ (1)	

	Redemoinho (1/2/3)	(1/2/3/4)	(1/2/3/4)	(1/2/3/4)	Redemoinho (2/3/4) Ventania (4)	19
08	_____ (4) Relâmpago (1/2/3)	Relâmpago (1/2/3/4)	_____ _(1) Relâmpago (2/3/4)	Relâmpago (1/2/3/4)	Relâmpago (1/2/3/4)	18
09	_____(1/4) Raio (2/3)	_____ (2) Corisco (1/3/4) Raio (3)	Raio (1/2/3/4)	Raio (1/2/3/4)	Raio (1/2/3) Corisco (3/4)	19
10	_____ (4) Trovão (1/2/3)	Trovoada (1) Trovão (2/3/4)	Trovão (1/2/3/4)	Trovão (1/2/3/4)	Trovão (1/2/3/4)	19
11	Tempestade (1/2/3/4)	_____ (1) Chuva passageira (2) Tempestade (3/4)	_____ (4) Tempestade (1/2/3)	Vendaval (1) Tempesta de (2/3/4)	____ (1) Tempes tade (2/3/4)	16
12	_____ (2) Tempesta de (1/3/4)	____ (1/2/4) Toró (3)	___ (1/3/4) Chuva grossa (2)	_____ (1/2/4) Tromba d'água (3)	__(1/2/3/4)	6
13	___ (1/2) Chuva passageira (3/4)	___ (1/2/3/4)	_____ (2) Chuva grossa (1) Chuva de pancada (3/4)	_____ (1) Pé d'água (2) Tromba d'água (3) Tempesta de (4)	___ (4) Chuva forte (1) Tempo ral (2) Chuva grossa (3)	11
14	__ (1/2/3/4)	_____ (2/4) Chuvarada (1) Toró (3)	___ (1/2/3/4)	_ (1/2/3/4)	___ (1/2/4) Pé d'água (3)	3
15	_____ (3) Chuva de granizo (1/4) Chuva de pedra (2)	Chuva de granizo (1/2/3/4) Chuva de gelo (4)	Chuva de granizo (1/2) Chuva de pedra (3/4)	Chuva de Granizo (1/2/3/4) Chuva de pedra (3) Chover flor (3)	Neve (1) Chuva de granizo (2/3/4)	22
16	_____(2) Estiar (1/3) Abrir o tempo- (4)	Abrir – tempo- (1) Estiar (2/3) Levantar – tempo- (4)	_____ (4) Abrir – tempo- (1/2) Parar – chuva- (3)	Abrir – sol- (1) Passar chuva- (2) Estiar (3/4)	Estiar (1/4) Passar (2) Limpar – tempo- (3)	18
17	Arco-íris (1/2/3/4)	Arco-íris (1/2/3/4)	Arco-íris (1/2/3/4) Arco da velha (4)	Arco-íris (1/2/3/4) Arco da velha (2)	Arco-íris (1/2/3/4)	22
18	Neblina (2/3/4) Garoa (1)	Sereno (1) Chuvisco (2) Garoa (3) Poeira de chuva (4)	Neblina (1/2/3) Garoa (4)	Garoa (1/2/3/4)	_____ (1) Neblina (3/4) Garoa (2)	19

19	Úmida (1/2/4) Esfarelada (3)	Úmida (1/2/3/4)	_____ (1) Úmida (2/4) Borrifada (3)	_____ (4) Úmida (1/2/3)	Úmida (1/2/3/4)	18
20	Sereno (1/3/4) Neve (2)	_____ (1) Neve (2) Orvalho (3) Neblina (4)	_____ (1) Sereno (2) Orvalho (3/4)	Garoa (1) Orvalho (2/3/4)	Sereno (1/2) Orvalho (3) Neve (4)	18
21	Neblina (1) Cerração (2) Neve (3) Nevoado (4)	Neve (1/2/3/4)	_____ (1) Neve (2/3/4)	Neve (1) Cerração (2/3/4)	Nevoeiro (1) Neve (2) Cerração (3) Neblina (4)	19
22	_____ (4) Madrugada (1) De manhã (2) Amanhecer (3)	De manhã (1) Amanhecer (2) Início do dia (3) Barra do dia (4)	Nascer (1) Amanhecer (2/3/4)	Amanhecer (1/2/3/4)	_____ (1) Amanhecer (2) Nascer o dia (3) Madrugada (4)	18
23	Sair - o sol- (1) Nascer do sol (2) Barra do dia (3) Vir o sol- (4)	_____ (1/3) Clarear (2) Vir o sol (4)	_____ (1) Nascer o sol (2) Sair - o sol- (3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____ (1) Clarear (2) Nascer o sol (3/4)	12
24	_____ (1/2/4) Barra do dia (3)	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/3/4) Aurora (2)	_____(1/2/4) Barra do dia (3)	3
25	_____ (1/2/3/4)	_____(1/3) Pôr o sol (2/4)	_____ (3/4) Pôr do sol (1/2)	_____ (1/4) Pôr do sol (2/3)	_____ (1/4) Pôr do sol (2/3)	8
26	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/4) Réstia do sol (3)	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	
27	_____ (1/3/4) Anoitecer (2)	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/4) Entardecer (2) Escurecer (3)	_____ (4) Tardezinha (1/2/3)	_____ (1/2/3) Escurecer - o sol- (4)	7
28	_____ (1) Anoitecer (2/4) Começo da noite (3)	_____ (1/3/4) Começo da noite (2)	_____ (1/3) Escurecer (2/4)	_____ (4) Escurecer (1) Começo da noite (2) Boca da noite (3)	_____ (1/2) Escurecer (3) Boca da noite (4)	11
29	_____ (1/2) Estrela D'alva (3) Estrela guia (4)	_____ (1/2) Papa ceia (3) Estrela D'alva (4)	_____ (1/2) Estrela D'alva (3/4)	_____ (1) Estrela D'alva (2/3/4)	_____ (1) Estrela D'alva (2/3/4)	12
30	____ (1/2/3) Estrela guia (4)	___ (1/2/3/4)	___ (1/2/3/4)	____ (1/2/3/4)	_ (1/2/3/4)	1

31	_____ (2/4/3) Estrela cadente (1)	_____ (2/3/4) Estrela cadente (1)	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/3/4) Estrela cadente (2)	_____ (1/3/4) Estrela cadente (2)	4
32	_____ (1/4) Movimentar (2) Andar (3)	Mudar [lugar] (1/3/4) Cair (2)	_____ (4) Cair (1) Mudar[lugar](2) Correr [estrela] (3)	Mudar de lugar (1/3/4) Cair (2)	_____ (1/3) Sair (2) Mudar (4)	15
33	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3) Caminho do céu (4)	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/4) Caminho de Santiago (3)	_____ (1/2/34)	2

Quadro 7 - Mesorregião Extremo Oeste Baiano

CIDADES / QUESTÕES	**BARREIRAS (087)**	**SANTANA (092)**	**TOTAL**
01	_____ (3) Riacho (1) Córrego (2/4)	Riacho (1/2/3/4) Córrego (1/2)	9
02	Ponte (1/2/4) Pontalete (3) Pinguela (4)	Ponte (1/2) Pinguela (3/4)	9
03	_____ (2/3/4) Encontro do rio (1)	_____ (1/2/3/4)	1
04	_____ (1/3) Redemoinho (2/4)	_____ (1/3/4) Sumidouro (2)	3
05	Onda (1/2/4) Maré (2) Mareta (3)	Maré (1/3) Onda (2/4)	9
06	Onda (1/2/4) Maré (1) Mareta (3) Maromba de água (3)	_____ (1/2) Mareta (3) Onda (3/4)	9
07	Redemoinho (1/2/3/4)	Redemoinho (1/2/3/4)	8
08	Relâmpago (1/2/3/4)	Relâmpago (1/2/3/4)	8
09	Raio (1/2) Faísca (3) Corisco (4)	Raio (1/2/3/4) Corisco (4) Faísca (4)	10
10	Trovão (1/2/3/4)	Trovão (1/2/3/4)	8
11	_____ (1/2/4) Tempestade (3)	Chuva forte (1/2) Tempestade (3/4)	5
12	_____ (2/3/4) Chuvarada (1)	_____ (1/2/3/4)	1
13	_____ (2/3) Chuva passageira	_____ (3) Chuva passageira	

	(1) Chuva de vento (4)	(1/2) Pancada de chuva (4)	5
14	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____
15	Chuva de Granizo (1/3/4) Geada (2)	_____ (1) Chuva de gelo (2) Chuva de granizo (3) Chuva de pedra (4)	7
16	_____ (2) Passar a chuva (1) Estiar (3/4)	_____ (1/3/4) Estiar (2)	4
17	_____ (4) Arco-íris (1/2/3)	Arco-íris (1/2/3/4)	7
18	_____ (1) Garoa (2/4) Sereno (3)	Chuvisco (1) Neblina (2/3) Garoa (4)	7
19	_____ (4) Úmida (1/2/3)	Úmida (1/2/3/4)	7
20	Neblina (1/2) Sereno (3/4)	Sereno (1/2/3/4)	8
21	_____ (1/4) Nevoeiro (2) Neve (3)	Nevoa (1) Neve (2/4) Neblina (3)	6
22	Amanhecer (1/4) Manhãzinha (2) Rompante do dia (3)	Madrugada (1) De manhã (2/4) Amanhecer (3)	8
23	Nascer - o sol- (1/4) Sair -o sol- (2) Aparecer – o sol- (3)	Sair -o sol- (1/2/3/4)	8
24	_____ (1/2/3/4)	_____(1/2/3/4)	_____
25	_____ (1) Pôr do sol (2/3/4)	_____ (1/2) Pôr do sol (3/4)	5
26	_____ (1/2/3/4)	_____(1/2/3/4)	_____
27	_____ (4) Tardezinha (1) Noitinha (2) Boca da noite (3)	Escurecer (1) Tardezinha (2/4) Entardecer (3)	7
28	_____ (1/2/3) Fim da tarde (4)	_____ (1) Escurecer (2) Anoitecer (3) Boca da noite (4)	4
29	_____ (1/2) Estrela D'alva (3/4)	_____ (1/2) Estrela D'alva (3/4)	4
30	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____
31	_____ (1/3/4) Estrela cadente (2)	_____ (1/2/3) Zelação (4)	2
32	_____ (1/2) Mudar (3/4)	_____ (1) Mudar (2/3/4)	5

33	_____ (1/2/4) Caminho de Santiago (3)	_____ (1/2/3/4)	1

Quadro 8 - Mesorregião Metropolitana de Salvador

CIDADE / QUESTÕES	SANTO AMARO (091)	TOTAL
01	_____ (2) Riacho (1/3/4)	3
02	_____(1) Ponte (2/4) Pinguela (3)	3
03	_____ (1/2/3/4)	_____
04	_____ (2) Redemoinho (1/3/4)	3
05	Onda (1/2/3/4)	4
06	_____ (1/2) Mareta (3) Onda (3/4) Correnteza (4)	4
07	_____ (2) Redemoinho (1/3/4)	3
08	Relâmpago (1/2/3/4)	4
09	_____ (2) Raio (1/3/4)	3
10	_____ (2) Trovoada (1) Trovão (3/4)	3
11	_____ (2) Tempestade (1) Temporal (3/4)	3
12	_____ (1/2/3) Aguaceiro (4)	1
13	Chuva passageira (1/2) Aguaceiro (3) Chuva de verão (4)	4
14	_____ (2/3) Tempestade (1/4)	2
15	_____ (1/2) Chuva de Granizo (3/4)	2
16	Limpar o céu (1) Dar uma aragem (2) Estiar (3) Passar a chuva (4)	4
17	Arco-íris (1/2/3/4)	4
18	Chuva fraca (1) Chuvisco (2/3/4)	4
19	Úmida (1/2/3) Borrifada (4)	4
20	_____ (2) Sereno (1/3/4)	3
21	Neblina (1/2/3/4)	4

22	_____ (1/2) Raiar -o dia- (3) Amanhecer (4)	2
23	_____ (1) Aparecer – o sol- (2) Nascer - o sol- (3) Sair – sol- (4)	3
24	_____ (1/2/4) Aurora (3)	1
25	Pôr do sol (1/3/4) Escurecer (2)	4
26	_____ (1/2/3/4)	_____
27	_____(1/3) Cair da noite (2) Tardezinha (4)	2
28	_____ (3/4) Escurecer (1) Cair da noite (2)	2
29	_____ (1/2) Estrela D'alva (3/4)	2
30	_____ (1/2/3/4)	_____
31	_____ (1/4/3) Estrela cadente (2)	1
32	Sair do lugar (1) Cair (2) Correr (3/4)	4
33	_____ (1/2/3) Casa de Santiago (4)	1

Quadro 9 - Mesorregião Nordeste Baiano

CIDADES / QUESTÕES	JEREMOABO (082)	EUCLIDES DA CUNHA (083)	ALAGOINHAS (088)	TOTAL
01	_____(2) Rego (1/4) Riacho (3)	_____ (2/4) Riacho (1/3) Córrego (3)	_____ (2) Riacho (1/3/4) Córrego (3)	10
02	_____(3) Ponte (1/2/4)	_____ (2/4) Ponte (1) Pinguela (3)	Ponte (1/2/3/4) Pinguela (3)	10
03	_____ (1/2/4) Encontro de rios (3)	_____ (1/2/4) Encontro dos rios (3)	_____ (1/2/4) Barra (3)	3
04	_____ (1/4) Redemoinho (2/3)	_____ (2/4) Redemoinho (1/3) Corrupio (1)	_____ (2) Redemoinho (1/3) Olho d'água (4)	8
05	Onda (1/2/3/4)	Onda (1/2/3/4)	Onda (1/2/3/4)	12
06	_____ (3/4) Onda (1/2)	_____ (1/4) Onda (2) Correnteza (3)	_____ (1) Correnteza (2/4) Onda (3)	7
07	Ventania (1) Redemoinho (2/3/4)	Redemoinho (1/2/3/4)	_____ (1) Redemoinho (2/3/4)	11

08	Relâmpago (1/2/3/4)	Relâmpago (1/2/3/4)	_____ (2) Relâmpago (1/3/4)	11
09	Raio (1/2/3/4)	Raio (1/2/3/4)	_____ (4) Raio (1/2/3)	11
10	Trovão (1/2/3/4)	Trovão (1/2/3/4)	Trovão (1/2/3/4)	12
11	_____ (1/2) Tempestade (3/4)	Vendaval (1) Chuva de trovoada (2/4) Tempestade (3)	Chuva passageira (1) Tempestade (2/3/4)	10
12	_____ (1/2/3) Toró (4)	____ (1/2/3/4)	___ (1/2/3/4)	1
13	_____ (1/2/4) Pancada de chuva (3)	_____ (1) Chuva de trovoada (2) Temporal (3) Chuva passageira (4)	_____ (4) Chuva passageira (1/2) Chuva de trovoada (3)	7
14	_____ (1/2/3) Chuva de inverno (4)	____ (1/2/3/4)	_____ (1/3/4) Pé d'água (2)	2
15	_____ (1/2) Chuva de pedra (3) Chuva de granizo (4)	_____ (1/4) Chuva de pedra (2) Chuva de granizo (3)	_____ (2/4) Chuva de granizo (1) Geada (3)	6
16	_____ (1/2) Clarear (3) Estiar (4)	_____ (1) Estiar (2/3/4)	_____ (1/2/3) Passar a chuva (4)	6
17	Arco-íris (1/2/3/4)	Arco-íris (1/2/3/4) Olho de boi (4)	Arco-íris (1/2/3/4)	13
18	_____ (2) Garoa (1/4) Sereno (3)	_____ (2/4) Chuvisco (1) Garoa (3)	Garoa (1/3) Sereno (2) Chuvisco (4)	9
19	_____ (1/2) Sarolha (3) Úmida (4)	_____ (1/2/3/4)	Úmida (1/2/3/4)	6
20	_____ (4) Garoa (1/2) Orvalho (3)	Neblina (1) Orvalho (2/3/4)	Sereno (1/2/3/4)	11
21	Neblina (1/2/3/4)	Neblina (1/2/4) Neve (3)	Nevoeiro (1) Neblina (2/3/4)	12
22	Manhãzinha (1) Amanhecer (2) Raiar do dia (3) Alvorecer (4)	Amanhecer (1/3/4) Clarear - o dia- (2)	Amanhecer (1/2/3/4)	12
23	Nascer o sol (1/2) Sair o sol (3) Brilhar - o sol- (4)	_____ (1/2) Vir - o sol- (3) Nascer o sol (4)	_____ (1/2) Aparecer -o sol - (3) Sair o sol (4)	8
24	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/4) Barra do dia (3)	____ (1/2/3/4)	1
25	_____ (4) Pôr do sol (1/2/3)	_____ (1/2) Pôr do sol (3/4)	_____ (3/4) Pôr do sol (1/2)	7
26	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/4)	____ (1/2/3/4)	

		Barra do pôr do sol (3)		1
27	_____ (1/2/4) Boca da noite (3)	_____ (1/2/4) Escurecer (3)	_____ (1/2/3) Entardecer (4)	3
28	_____ (2) Anoitecer (1/4) Boca da noite (3)	_____ (4) Boca da noite (1/2/3)	Anoitecer (1/3/4) Boca da noite (2)	10
29	_____ (1/2/4) Estrela D'alva (3)	_____ (1/2/4) Estrela D'alva (3)	_____ (1/2/4) Estrela D'alva (3)	3
30	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/4) Papa ceia (3)	____ (1/2/3/4)	1
31	Estrela cadente (1/2/3) Estrela corredeira (4)	_____ (3/4) Estrela cadente (1/2)	_____ (3) Estrela cadente (1/2/4)	9
32	Passar (1) Cair (2) Mudar de lugar (3) Correr (4)	_____ (1) Mudar (2/3/4)	_____ (1) Cair (2) Correr (3/4)	10
33	_____ (1/2/4) Caminho de Santiago (3)	_____ (1/2/3) Caminho de Santiago (4)	____ (1/2/3/4)	2

Quadro 10 - Mesorregião Sul Baiano

CIDADES / QUESTÕES	VALENÇA (094)	ILHÉUS (099)	SANTA CRUZ DE CABRÁLIA (101)	CARAVELAS (102)	TOTAL
01	Riacho (1/2/3/4)	Riacho (1/2/3/4) Córrego (3)	Córrego (1/3/4) Riacho (2/3)	_____ (1) Córrego (2) Riacho (3/4)	17
02	Pinguela (1/2/3/4)	Ponte (1/2/4) Pinguela (3)	Ponte (1/2/3/4) Travessia (1) Pinguela (1/3/4)	Ponte (1/2/4) Pinguela (3)	20
03	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2) Encontro de rio (3/4)	_____ (1/2/3) Barra (4)	_____ (1/2/3/4)	3
04	Redemoinho (1/2/3) Funil (4)	Redemoinho (1/2/3/4)	Redemoinho (1/2/3/4)	Redemoinho (1/2/3/4)	16
05	Onda (1/2/3/4)	Onda (1/2/3/4)	Onda (1/2/3/4)	Onda (1/2/3/4)	16
06	_____ (4) Onda (1/2/3)	Onda (1/4) Marola (2/3)	_____ (2) Mareta (1/3/4)	____ (3) Onda (1/2) Mareta (4)	13
07	_____ (4)	_____ (1/2)	_____ (2)	____ (2)	

	Redemoinho (1/2/3)	Redemoinho (3) Pé de vento (4)	Redemoinho (1/3/4)	Rede moinho (1/3/4)	11
08	Relâmpago (1/2/3/4)	Relâmpago (1/2/3/4)	Relâmpago (1/2/3/4)	Relâm pago (1/2/3/4)	16
09	_____ (4) Corisco (1/2/3) Raio (2)	Raio (1/2/3) Corisco (4)	Raio (1/2) Corisco (3/4)	Raio (1/2) Corisco (3/4)	16
10	Trovoada (1/2/4) Trovão (3)	Trovão (1/2/3/4)	Trovoada (1/4) Trovão (2/3)	Trovão (1/2/3/4)	16
11	_____ (1/3) Temporal (2) Aguaceiro (4)	Tempestade (1/2/3/4)	_____ (2/4) Tempestade (1) Chuva de açoite (3)	____ (2) Tempo ral (1) Chuva de noroes te (3/4)	11
12	_____ (1/2/4) Aguaceiro (3)	_____ (1/2/3) Toró (4)	____ (1/2/3/4)	_ (1/2/3/ 4)	2
13	_____ (3/4) Aguaceiro (1) Temporal (2)	_____ (1/2) Aguaceiro (3) Toró (4)	_____ (1/2/4) Pé d'água (3)	____ (4) Panca da de chuva (1) Tempes tade (2) Agua ceiro (3)	8
14	____ (1/2/4) Temporal (3)	____ (1/2/3) Aguaceiro (4)	_____(1/2/4) Temporal (3)	_ (1/2/3/ 4)	3
15	Chuva de pedra (1) Chuva de granizo (2/3) Neve (4)	Chuva de granizo (1/2/3/4)	Chuva de granizo (1/2/3) Chuva de pedra (3/4)	Chuva de granizo (1/2) Chuva de pedra (3/4)	17
16	_____ (1/2/3/4)	_____ (3) Limpar –o tempo- (1) Abrir – o tempo- (2) Estiar (4)	_____ (1) Passar a chuva (2/4) Clarear - o tempo- (3)	_____ (2/3/4) Firmar (1)	7
17	Arco-íris (1/2/3/4)	Arco-íris (1/2/3/4)	Arco-íris (1/2/3/4)	Arco-íris (1/2/3) Arco da velha (4)	16
18	_____ (1/4) Chuvisco (2) Garoa (3)	Garoa (1/2/3/4)	_____ (1) Garoa (2/3) Chuva de peneira (4)	Chuvisco (1/3) Garoa (2) Chuva de peneira – peneiri nha- (4)	13

19	_____ (1/4) Úmida (2/3)	Úmida (1/2/3/4)	Úmida (1/2/3/4)	_____ (4) Úmida (1/2/3)	13
20	Sereno (1/2/3/4)	Sereno (1/3) Orvalho (2/4)	Sereno (1/2/3/4)	Sereno (1/2/4) Orva lho (3)	16
21	Neblina (1/2/3/4)	_____ (4) Neblina (1/2/3)	Neblina (1/2/3/4)	_____ _ (4) Neblina (1/2/3)	14
22	_____ (1) Amanhecer (2/4) Madrugada (3)	_____ (1/4) Amanhecer (2/3)	_____ (4) Amanhecer (1/2/3)	__ (3/4) Ama nhecer (1/2)	10
23	_____ (1) Nascer do sol (2/4) Barra do dia (3)	Nascer do sol (1/2/3) Sair do sol (4)	_____ (4) Nascer (1/2) Sair o sol (3)	Nascer o sol (1/2) Sair o sol (3) Subir o sol (4)	14
24	_____ (1/2/3/4)	____ (1/2/3/4)	____ (1/2/3/4)	_ (1/2/3/ 4)	_____
25	_____ (1/4) Pôr do sol (2/3)	Pôr do sol (1/2/3/4)	_____ (1/4) Pôr do sol (2/3)	____ (4) Pôr do sol (1/2/3)	11
26	_____ (1/2/3/4)	____ (1/2/3/4)	___ (1/2/3/4)	_ (1/2/3/ 4)	_____
27	_____ (3/4) Tardezinha (1) Final da tarde (2)	_____ (3/4) Tardezinha (1) Entardecer (2)	_____ (1/4) Tardezinha (2) Fim de tarde (3)	___ (2/4) Escure cer (1) Boca da noite (3)	8
28	_____ (2/3/4) Boca da noite (1)	Início da noite (1) Anoitecer (2/3) Boca da noite (4)	_____ (1/4) Anoitecer (2) Boca da noite (3)	___ (1/3) Anoite cer (2) Boca da noite (4)	9
29	_____ (1/2) Estrela D'alva (3/4)	Estrela D'alva (1/2/3/4)	_____ (2) Estrela D'alva (1/3/4)	___ (1/2) Estrela D'alva (3/4)	11
30	_____ (1/2/3/4)	____ (1/2/3) Papa ceia (4)	_____ (1/2/3) Estrela guia (4)	_____ (1/2/3/ 4)	6
31	_____ (1/2/3/4)	Estrela cadente (1/2/3/4)	_____ (1/4) Estrela cadente (2/3)	___ (3/4) Estrela cadente (1/2)	8
32	_____ (1/2) Cair (3) Mudar (4)	_____ (3) Movimentar-se (1)	_____ (1) Passar (2) Correr (3/4)	Passar (2/3) Cair (1)	

		Passar – no céu- (2) Mudar (4)		Correr (4)	12
33	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3) Caminho de Santiago (4)	_____ (1/2/4) Caminho de Santiago (3)	_____ (1/2/3/4)	2

Quadro 11 - Mesorregião Vale São-Franciscano da Bahia

CIDADES / QUESTÕES	**JUAZEIRO (081)**	**BARRA (084)**	**CARINHANHA (097)**	**TOTAL**
01	_____ (2) Riacho (1/3/4) Córrego (3)	_____ (2/4) Riacho (1/3) Córrego (3)	_____ (2) Riacho (1/3/4) Córrego (3)	11
02	_____ (2) Ponte (1/4) Travessia (3)	_____ (4) Ponte (1/2) Pinguela (3)	_____ (2/4) Ponte (1) Pinguela (3)	8
03	_____ (1/2/3/4)	_____ (2/4) Encontro do rio (1) Barra (3)	_____ (1/2/3/4)	2
04	_____ (1/2/3/4)	_____ (3) Redemoinho (1/2/4)	_____ (1/4) Redemoinho (2/3)	5
05	Onda (1/2/4) Maré (3)	Onda (1/2/3/4)	Onda (1/2/3/4)	12
06	Onda (1/4) Maré (2) Mareta (3)	Mareta (1/2/3/4)	_____ (1) Mareta (2/3/4)	11
07	Redemoinho (1/2/3/4)	Redemoinho (1/2/3/4)	Redemoinho (1/2/3/4)	12
08	Relâmpago (1/2/3/4)	_____ (1) Relâmpago (2/3/4)	Relâmpago (1/2/3/4)	11
09	Raio (1/2/3/4)	_____ (2) Raio (1/3) Corisco (3/4)	_____ (2) Raio (1/3/4)	11
10	Trovão (1/2/3/4)	Trovão (1/2/3/4)	Trovão (1/2/3/4)	12
11	_____ (2/4) Tempestade (1) Temporal (3)	_____ (1) Tempestade (2/3/4)	Tempestade (1/2/4) Temporal (3)	9
12	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2) Vendaval (3) Tempestade (4)	_____ (1/2/4) Chuva de trovoada (3)	3
13	_____ (1/2/3/4)	_____ (2/3) Tempestade (1) Chuva grossa (4)	_____(1/3/2/4)	2
14	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____
15	_____ (2) Chuva de granizo (1)	Chuva de granizo (1/2/3) Chuva de pedra	_____ (4) Chuva de granizo (1/2/3)	12

	Chuva de pedra (3/4) Chuva de gelo (4)	(3/4)		
16	_____ (2/3) Passar chuva (1) Estiar (4)	_____ (2) Abrir o sol (1/4) Estiar (3)	_____ (3) Dar aragem (1) Estiar (2) Abrir o sol (4)	8
17	Arco-íris (1/2/3/4)	Arco-íris (1/2/3/4)	Arco-íris (1/2/3/4)	12
18	_____ (2) Garoa (1/3/4)	Chuvisco (1/3) Pingar - dar uns pinguinhos- (2) Garoa (3/4)	_____ (2/4) Chuvisco (1) Garoa (3)	10
19	_____ (1/2/3) Úmida (4)	_____ (1) Sarolhar (3) Borrifada (3) Úmida (2/4)	_____ (2/4) Úmida (1/3)	7
20	_____ (2) Sereno (1/4) Orvalho (3)	_____ (1) Sereno (2/3/4)	_____ (2) Sereno (1/3/4)	9
21	_____ (2/4) Neblina (1) Neve (3)	Neblina (1) Neve (2/3/4)	_____ (2) Neve (1/3/4)	9
22	De manhã (1) Amanhecer (2/3/4)	_____ (1/2/3) De manhã (4)	_____ (2) De manhã (1) Romper do dia (3) Clarear (4)	8
23	_____ (2/4) Sair o sol (1) Nascer o sol (3)	_____ (2/3) Nascer o sol (1) Sair o sol (4)	Nascer o sol (1/2/3) Sair o sol (4)	8
24	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____
25	_____ (1/2) Pôr do sol (3/4)	_____ (2/3/4) Pôr do sol (1)	_____ (2/3/4) Pôr do sol (1)	4
26	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____
27	_____ (2/3/4) Tardezinha (1)	_____ (3) Tardezinha (1/2) Noitinha (4)	_____ (1/3/4) Noitinha (2)	5
28	_____ (3) Escurecer (1) Boca da noite (2) Anoitecer (4)	Anoitecer (1) Escurecer (2) Boca da noite (3) Noitinha (4)	_____ (2) Boca da noite (1) Anoitecer (3/4)	10
29	_____ (1/2) Estrela da manhã (3/4)	_____ (2) Estrela da manhã (1) Estrela D'alva (3/4)	_____ (2) Estrela da madrugada (1) Estrela D'alva (3/4)	8
30	_____ (1/2/3/4)	_____(1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____
31	_____ (1/3/4) Estrela cadente (2)	_____ (2/4) Estrela cadente (1) Zelação (3)	_____ (1) Estrela cadente (2) Estrela apagão (3) Zelação (4)	6
32	Cair (1/4) Mudar (2/3)	Cair (1/2) Correr (3/4)	_____ (1/2) Cair (3)	10

			Mudar (4)	
33	_____ (1/2/4) Caminho de Santiago (3)	_____ (1/2/4) Caminho de Santiago (3)	_____ (1/2/3) Caminho de Santiago (4)	3

Nesta seção, apresentamos uma análise das ocorrências registradas nas 7 mesorregiões da Bahia e trazemos aqui os resultados desta análise, como um todo, sob o ponto de vista diatópico. Como fizemos com as duas capitais, mencionamos os resultados para cada questão indicando um percentual que inclui todas as mesorregiões do estado.

Como resposta à pergunta 1, registramos 82 ocorrências que se referem à presença de oito variantes. Destas, destacam-se, pelo número de registros, *riacho* detentor da maior produtividade — 53 ocorrências, representando 64,7% do total — que está presente em todas as regiões; *e córrego* com 24 registros que representam 29,3% do total. As outras variantes apresentam baixa produtividade e algumas delas obtiveram apenas um registro, como é o caso de *valeta* que foi documentada somente uma vez, na mesorregião Centro Norte, mas não registrada no quadro em virtude de o informante ter revelado certa insegurança ao responder à questão. *Riozinho* obteve um registro no centro sul e atinge apenas o índice de 1,2%. *Ribeirão* representa 2,4% com duas ocorrências no centro sul baiano. *Rego* foi mobilizado por dois informantes na mesorregião Nordeste e, também, representa 2,4% do total das ocorrências. Houve 19 abstenções nessa questão 1, representando 22,6% de não respostas.

Houve 79 ocorrências para a questão 2, das quais *ponte* recebeu 48 registros e representa 60,8% das ocorrências. *Pinguela* obteve 26 registros correspondendo a 32,9% das ocorrências. A variante *travessia* conta com três registros representa 3,7%. As outras variantes *pontalete* e *passarela* obtiveram um registro cada e, portanto, cada uma destas variantes representa 1,3%. Houve um total de 14 abstenções nesta questão, ou seja, 16,6% de ausência de respostas.

A questão 3 apresentou um número alto de abstenções, 70 informantes não deram respostas, equivalendo a 83,3%. Houve 15 ocorrências das quais *encontro de rio* e *barra* obtiveram maior índice de resposta. *Encontro de rio* obteve 10 registros representando 66,7% das 15 ocorrências e *barra* com cinco registros representa 33,3%. A questão 4 consta de 62 ocorrências das quais *redemoinho* figura como a variante mais produtiva com 49 registros e corresponde a 79,1% das ocorrências. Outras variantes que foram registradas e obtiveram três ocorrências cada uma delas foram *funil*, *corrupio*, *chupão* e *sumidouro* e representam, cada uma delas, 4,8% do total dos registros para a questão 4. A variante que se mostrou menos

produtiva para esta questão foi a expressão fraseológica *olho d'água* com apenas um registro, o que representa apenas 1,7%. Houve 15 abstenções para esta questão, ou 18%. A questão 5 registrou 85 ocorrências e 3 abstenções. A variante *onda* teve maior número de ocorrências com 76 registros o que representa 89,5% do total das ocorrências. *Mareta* só obteve 5 registros como resposta para a questão 5 dentro das mesorregiões da Bahia e representa apenas 5,8% das ocorrências. Ainda obtivemos a variante *maré* com uma leve diferença para *mareta* em termos de índices de registros. *Maré* foi fornecido por 4 informantes e representa 4,7% do total. A questão 6, pela semelhança com a questão 5, traz as mesmas variantes da questão anterior e o acréscimo de algumas outras bastante inovadoras, como *corredeira*, como se documenta com a resposta do informante 098/2 "tem corredeiras, né? o rio. As pessoas aqui, muitas, pelo menos que eu conheço, falam as corredeiras do rio". Para esta questão, registramos 64 ocorrências nas mesorregiões baianas, mas verificamos um percentual alto de abstenções: 22, que representam 26,1%. *Onda* ainda se apresenta como a lexia preponderante para o conceito do movimento da água do rio, 51,6% do total das ocorrências, seguida de *mareta* registrada 18 vezes, ou seja, 28,2% do total. *Correnteza* aparece em terceiro lugar, com apenas 6, ou seja, 9,4%. As demais lexias apresentadas como respostas para a questão 6 foram *maré*, *corredeira*, *marola* e a expressão fraseológica *maromba de água*: *maré* com três registros e *marola* dois, respectivamente 4,6% e 3% do total e das demais documentamos apenas uma ocorrência cada caso, indicando 1,6% do total.

A questão 7 contou com 75 ocorrências e 10 abstenções. A variante com maior produtividade foi *redemoinho* com 70 registros, o que representa 93,4% do total. Foram ainda documentadas *corrupio* e a expressão *pé de vento* com uma ocorrência cada, e *ventania* com três, respectivamente 1,3%, 1,3% e 4% do total. A questão 8 obteve 79 ocorrências das quais *relâmpago* representa 100% do total. Houve 5 abstenções para esta questão, ou 6% do total de 84 informantes. A questão 9 contou com 82 ocorrências e 8 abstenções. Vale a pena salientar, novamente, que alguns informantes forneceram mais de uma resposta para esta pergunta, fato que aconteceu com outras questões. Para ilustrar este fato, trazemos o informante 092/4 que nos forneceu as lexias *raio*, *corisco* e *faísca* como resposta. *Raio* foi a variante mais produtiva com 60 registros e representa 73,2% das ocorrências. *Corisco* vem em seguida com 19 ocorrências, portanto, 23,2% do total e *faísca* com apenas três ocorrências corresponde a 3,6%. Houve 82 ocorrências para a questão 10 e o número de abstenções foi baixo, apenas em dois informantes. A lexia *trovão* aparece com preponderância nas 7 mesorregiões da Bahia com 75 registros e significa 91,5% das ocorrências. Para alguns informantes, *trovão* e

trovoada se afiguram intercambiáveis. Tivemos 7 registros da variante *trovoada* o que representa 8,5% das ocorrências.

Para a questão 11, registramos 59 ocorrências e 25 abstenções, com os seguintes percentuais: *tempestade,* variante mais produtiva, com 42 registros – 71,7%; *temporal,* com sete registros – 11,9% das ocorrências; *chuva de trovoada*, com três registros – 5%; *vendaval* e *chuva forte*, com dois registros cada, 3,3% cada; *chuva de noroeste*, *chuva de açoite* e *aguaceiro*, com um registro cada, 1,6% cada.

Ao se introduzir a análise desse grupo de questões, como se evidencia a seguir, a proximidade entre os conceitos referentes às perguntas 11 a 14 pode ter levado o informante a utilizar das mesmas lexias ou expressões como resposta indistintamente a esse grupo e questões.

Para a questão 12, o número de abstenções supera o número ocorrências, nada obstante, registramos 15 ocorrências, a saber: *tempestade* aparece com menos registros do que na questão anterior, com seis – 37,6% do total das ocorrências; toró, com três registros – 18,8% do total; *aguaceiro*, com duas ocorrências – 12,6%. As demais variantes receberam apenas um registro na Bahia: *chuva grossa, tromba d'água, chuvarada, vendaval* e *chuva de trovoada* – 6,2% cada.

A questão 13 apresenta um número menor de abstenções se comparada à questão anterior: 41 (48,8%). Houve 42 ocorrências distribuídas em 13 variantes das quais veremos algumas repetições de lexias e expressões fraseológicas fornecidas nas questões 11 e 12. A expressão de maior representatividade foi *chuva passageira* com 11 registros e representa 26,2% do total de ocorrências. Temos as variantes *chuva grossa* com cinco ocorrências – 12% e *tempestade*, *tromba d'água* e *aguaceiro* com quatro registros cada, cada uma delas indicando 9,6% das ocorrências. Com três registros, temos *temporal* e *pancada de chuva*. Cada uma destas duas últimas variantes representa 7,1%. Com duas ocorrências, registramos *pé d'água* e *chuva de trovoada* e cada uma destas expressões representa 4,8% das 42 ocorrências. Temos, também, aquelas variantes que obtiveram apenas um registro na questão 13: *chuva de pancada, chuva forte*, *chuva de verão* e *toró*. Cada uma destas expressões indica 2,3% do total. Na questão 14, mais uma vez, vemos algumas repetições de variantes nas nove ocorrências. Houve um número significativo de abstenções para esta questão: 75. Se considerarmos o número de informantes, podemos afirmar que 89,2% deles não forneceram nenhuma resposta para esta questão. Contudo, os que forneceram, deram as seguintes respostas: *pé d'água*, *tempestade* e *temporal* com 2 registros cada: 22,2% cada; *chuvarada*, *toró* e *aguaceiro* com um registro cada: 11,1% cada.

A questão 15 apresenta 19 abstenções – (22,6%) – e 73 ocorrências, das quais *chuva de granizo* se apresenta como a mais produtiva com 47 registros e corresponde a 64,4% do total. Em segundo lugar, registramos *chuva de pedra* com 21 ocorrências no interior da Bahia, o que representa 28,8%. As demais expressões para a questão 15 foram: *chuva de gelo* com 4 registros: 5,5%; *chuva de flor* com um registro: 1,3%. Lembramos que o número elevado de ocorrências, apesar do número de abstenções, deve-se ao fato de registrarmos mais de uma resposta para alguns informantes, como os informantes 085/3-4 que nos forneceram *chuva de pedra* e *chuva de granizo* como suas respostas principais. A questão 16 obteve 56 ocorrências com o registro de 10 variantes. Aquela mais produtiva foi *estiar* com 25 registros, o que representa 45,5% das ocorrências. *Passar*, referindo-se a chuva, teve 8 registros, sendo a segunda variante mais produtiva para a questão 16 correspondendo a 14,6% do total. *Abrir*, referindo-se ao tempo, vem em terceiro lugar com sete ocorrências, o que indica 12,8% do total. *Abrir*, referindo-se ao sol, com quatro, *limpar*, referindo-se ao tempo com três registros e *clarear*, também, referindo-se ao tempo, com dois registros indicando 7,2%, 5,5% e 3,6%, respectivamente. Vemos, então, o verbo *abrir* com duas indicações: tempo e sol. A expressão *dar uma aragem* – ou *aragenzinha*-, bem como o verbo *parar*, referindo-se a chuva, aparecem com dois registros cada e cada uma destas variantes representa 3,6% do total das ocorrências. Cada uma das seguintes variantes registradas para a questão 16 recebeu apenas um registro: *levantar*, *firmar* – o tempo. Cada uma destas variantes representadas por estes verbos indica 1,8% do total das 56 ocorrências. Houve 28 abstenções, ou 33,3%. Para a questão 17, registraram-se 86 ocorrências, observando-se que 82 dos 84 informantes do interior da Bahia forneceram *arco-íris* como sua resposta principal, o que representa 95,4% do total das ocorrências. Os informantes 096/4, 098/2 e 083/4 apresentam outras variantes como *arco da velha* e *olho de boi*. Apenas o informante 102/4 respondeu *arco da velha* como primeira resposta. Há apenas uma abstenção para a questão 17. *Arco da velha* com 3 registros representa 3,5% ao passo que *olho de boi* com apenas um registro indica 1,1% do total das ocorrências.

As 7 mesorregiões da Bahia trazem 71 ocorrências e 15 abstenções para a questão 18. A lexia *garoa* tem preponderância em todas as regiões com 32 registros representando 45,1% das ocorrências. Em segundo lugar, temos *chuvisco* com 15 registros correspondendo a 21,2%. Para 10 informantes, uma chuva bem fininha é a *neblina*, o que indica 14,1% das ocorrências. Com um número de registros muito menor, temos a expressão *chuva de inverno* com três ocorrências representando 4,2% do total. *Sereno* representa uma porcentagem um pouco maior com quatro registros: 5,6%. *Chuva de peneira* ou *peneirinha*, como diz o

informante 102/4, vem com duas ocorrências, o que corresponde a 2,8% do total. Consideramos *dar uns pinguinhos* e *pingar* como uma variante só. O que consideramos aqui é o verbo *pingar* para a contagem do número de ocorrências uma vez que o vemos no substantivo *pinguinho*, usado no diminutivo. Temos, então, três ocorrências para *pingar*, o que representa 4,2%. As variantes *poeira de chuva* e *chuva fraca* receberam um registro cada uma, portanto, cada uma delas corresponde 1,4% do total das 69 ocorrências. A questão 19 contou com 64 ocorrências e 20 abstenções. A lexia *úmida* conta com 55 registros e aparece hegemonicamente em todas as mesorregiões da Bahia, representando, assim, 85,9% do total das ocorrências. *Borrifada* e *sarolha* aparecem com quatro ocorrências, com percentual de 6,3% para cada. Tivemos apenas um registro para *esfarelada*, o que corresponde a 1,5% do total das ocorrências. Na questão 20, a variante mais produtiva foi *sereno* com 45 registros das 75 ocorrências, o que corresponde a 60% destas ocorrências. *Orvalho* vem em segundo lugar com menos da metade dos registros revelados para *sereno*. *Orvalho* ocorreu 20 vezes no interior da Bahia, o que representa 26,7% do total. Ainda temos, *neve* e *garoa* com três registros cada – 4% cada- e *neblina* com quatro representando 5,3% das ocorrências. Houve apenas nove abstenções para esta questão, 10,7% do total. A questão 21 também nos traz 75 ocorrências e 9 abstenções. *Neblina* aparece como a variante mais produtiva nesta questão com 36 registros e indica 48% do total enquanto *neve* indica 37,4% com 28 ocorrências. As demais variantes para a questão 21 são *nevoeiro* com 4 registros: 5,3%; *cerração* com cinco registros: 6,7%; *nevoado* e *névoa* cada uma com apenas um registro: 1,3% cada.

Houve 68 ocorrências e 16 abstenções para a questão 22. O número de variantes para esta questão é bastante significativo, com 12 lexias ou expressões distintas. A variante com maior número de registros é *amanhecer* que aparece 40 vezes no interior da Bahia e corresponde a 58,8% do total das ocorrências. A expressão *de manhã* ou simplesmente *manhã* aparece com sete registros representando 10,3% enquanto *clarear* apareceu com quatro registros significando 5,9% do total. *Madrugada* obteve quatro registros: 5,9% enquanto *barra do dia*, *manhãzinha* – ou *de manhãzinha*, *nascer* – o dia- receberam 2 registros cada: 2,9% cada. *Raiar do dia* aparece com uma ocorrência a mais do que as três últimas variantes, o que corresponde a 4,4% do total. As quatro expressões restantes, que são *início do dia*, *rompante do dia*, *alvorecer* e *romper do dia*, receberam um registro cada e cada uma delas representa 1,5% do total das ocorrências para a questão 22. A questão 23 traz 61 ocorrências distribuídas em 10 variantes, verificando-se 23 abstenções. A variante de maior destaque foi *nascer do sol* com 25 ocorrências, representando, assim, 41% do total. Em seguida, temos *sair o sol* com 20 ocorrências, o que equivale a 32,8%. *Aparecer o sol* surge em terceiro lugar

e conta apenas com quatro registros representando, assim, 6,6% do total, a que seguem, por ordem decrescente de ocorrência: *clarear do sol* e *vir o sol*, três registros para cada variante, o que corresponde a 5% das ocorrências cada uma delas e *barra do dia* que representa 3,2%. As demais expressões fornecidas pelos informantes para esta questão obtiveram apenas um registro cada uma delas. Estas expressões são: *raios do sol*, *fazer sol, brilhar o sol*, *subir o sol*. Cada uma destas quatro expressões indica 1,6% do total das 61 ocorrências. A questão 24 parece apresentar certa dificuldade para os informantes, considerando-se o alto número de abstenções -76. Ao considerarmos os 84 informantes nas sete mesorregiões baianas, podemos afirmar que as abstenções chegam a 90,4% do total dos informantes. Houve apenas 8 ocorrências dentre as quais *barra do dia* aparece novamente. Para esta questão, esta variante é a mais produtiva com 6 registros, o que representa 75% do total das ocorrências. *Aurora* aparece com 2 registros: 25%.

Houve 47 ocorrências para a questão 25. *Pôr do sol* aparece de maneira hegemônica no interior da Bahia. É importante salientar que *pôr* aparece também como verbo em *o sol se põe* ou o *sol está se pondo*, contudo estas variantes verbais não foram registradas nos quadros por se tratar de frases descritivas do processo com utilização do verbo *pôr*, mas sem se constituírem em denominações para o item pesquisado. *Pôr do sol* apresenta 45 registros e representa 95,8% das ocorrências. *Barra do sol* aparece, junto com a variante *escurecer*, e conta com apenas uma ocorrência: 2,1% cada do total. Na questão 26, houve 80 abstenções que representam 95,2%o total dos 84 informantes existentes neste estudo para o interior da Bahia. Houve apenas 2 ocorrências de *réstia do sol* e equivale a 66,7% do total das ocorrências. Registramos, também, *barra do pôr do sol* que ocorre no Nordeste baiano fornecida pelo informante 083/3, indicando 33,3% do total. Para a questão 27, registramos 48 casos de abstenção e 36 respostas. A variante *tardezinha* – algumas vezes *tardinha* – foi a mais produtiva com 15 ocorrências e representa 41,7% do total. Em seguida, temos *escurecer* com apenas cinco registros que corresponde a 13,9%. *Boca da noite* e *entardecer* partilham o mesmo número de registros – quatro – e cada uma destas variantes representa 11,1% do total das ocorrências. *Anoitecer* e *fim de tarde* - ou *final de tarde* – obtiveram cada uma dois registros: 5,6% cada. Contudo, *noitinha* aparece um pouco mais produtiva com três registros: 8,3%. A variante restante *cair da noite* para a questão 27 recebeu apenas um registro e indica 2,7% das ocorrências. Ainda sobre o tempo, pudemos registrar 10 variantes nas 53 ocorrências da questão 28. O número de abstenções foi 29, ou 34,5%. Mais uma vez, vemos a repetição de variantes vistas em questões anteriores dada a semelhança destas questões. *Boca da noite* e *anoitecer* para esta questão aparecem como as mais produtivas. *Boca da noite* conta

com 19 registros ao passo que *anoitecer* conta com 18, representando 35,8% e 34%, respectivamente. *Escurecer* aparece com nove registros e corresponde a 17% das ocorrências. *Começo da noite* ocorre duas vezes e representa 3,7%. As demais variantes fornecidas pelos informantes para a questão 28 são *entrar a noite, fim de tarde, cair da noite, início da noite* e *noitinha*. Cada uma destas variantes obteve apenas um registro e cada uma delas representa 1,9% do total das ocorrências.

Estrela d'alva é a variante mais produtiva para a questão 29, com o registro de 39 ocorrências, 86,7% do total. *Estrela da manhã* conta com três registros e corresponde a 6,7%. Temos a variante *papa ceia* com um único registro bem como *estrela guia* e *estrela da madrugada*, cada uma delas representando 2,2% do total das ocorrências. A questão 30 parece não ser do domínio da maioria dos informantes uma vez que apenas 6 ocorrências foram registradas. Houve 78 abstenções o que significa que 92,8% do total de 84 informantes não forneceram resposta para esta questão. As três variantes registradas foram *estrela guia*, *papa ceia* e *estrela da noite* – da boca da noite. Cada uma destas variantes recebeu dois registros e cada uma delas representa 33,3% das ocorrências. Na questão 31, o número das abstenções também supera o número de ocorrências. Houve 51 abstenções e 33 ocorrências. *Estrela cadente* corresponde a quase todas as ocorrências com 28 registros, o que representa 84,9% do total. *Zelação* aparece com três registros correspondendo a 9,1% ao passo que *estrela corredeira* e *estrela apagão* representam cada uma 3% do total das ocorrências.

Os informantes forneceram sete verbos para indicar o movimento da estrela cadente. O verbo mais produtivo para a questão 32 é *mudar*, que ocorre nos sintagmas *mudar de lugar* ou *mudar de posição*. *Mudar* obteve 28 registros dentro das 65 ocorrências e representa 43,1% do total. Em seguida temos *cair* com 13 ocorrências: 20% e então *correr* com 11 ocorrências: 16,9%. As demais variantes para a questão 32 são *passar* com seis registros – 9,2%, *sair* com 4 registros – 6,2%, *movimentar-se* com dois registros – 3% e *andar* com 1 registro – 1,6%. Na questão 33 vemos novamente um alto nível de abstenções, com 70 – 83.3% dos 84 informantes sem fornecer respostas para esta questão. Houve 14 ocorrências das quais *caminho de Santiago* aparece com 11 registros caracterizando-se como a variante mais produtiva para a questão 33, o que representa 78,7% das ocorrências. Registramos mais três variantes para esta questão, *carreiro de Santiago, caminho do céu* e *casa de Santiago*, cada uma das quais documentada uma única vez, o que corresponde a 7,1% do total de ocorrências.

5.2.2 Cidades paranaenses em suas mesorregiões - distribuição diatópica do léxico

Neste item, passamos à descrição dos dados referentes às cidades do interior do Paraná agrupadas em 10 mesorregiões, de acordo com o IBGE. Os dados referentes a cada mesorregião são apresentados nos quadros que fornecemos a seguir, enumerados de 12 até 21, os quais analisamos na perspectiva diatópica, considerando as respostas dos 64 informantes da rede.

Quadro 12 - Mesorregião Centro Ocidental Paranaense

CIDADES / QUESTÕES	**TERRA BOA (209)**	**CAMPO MOURÃO (212)**	**TOTAL**
01	_____ (1) Córrego (2/3/4)	_____(1/2) Riacho (3/4)	5
02	Ponte (1/2/4) Pinguela (3)	Ponte (1) Pinguela (2/3/4)	8
03	_____ (2/4) Encontro de dois rios (1/3)	_____ (1/2/4) Foz (3)	3
04	_____ (2) Redemoinho (1/3/4)	Redemoinho (1/2/3/4)	7
05	Onda (1/2/3/4)	Onda (1/2/4) Maré (3)	8
06	_____ (2) Correnteza (1) Onda (3/4)	Onda (1/3/4) Correnteza (2)	7
07	Redemoinho (1/2/3/4)	_____ (1) Redemoinho (2/3/4)	7
08	Relâmpago (1/2/3/4)	_____ (1) Relâmpago (2/3/4)	7
09	Raio (1/2/3/4)	Raio (1/2/3/4)	8
10	Trovão (1/2/3/4)	Trovão (1/2/3/4)	8
11	Tempestade (1) Temporal (2/4) Vendaval (3)	Temporal (1/2/3) Tempestade (4)	8
12	_____ (1/3) Tempestade (2) Vendaval (4)	_____ (1) Tempestade (2/3/4)	5
13	Chuva passageira (1/2) Toró (3) Pancada de chuva (4)	_____ (2) Pancada de chuva (1) Chuva de verão (3) Tempestade (4)	7
14	_____ (1/2/3/4)	_____ (1) Tempestade (2) Temporal (3/4)	3
15	_____ (2) Chuva de pedra (1/3) Chuva de granizo (4)	Chuva de pedra (1/3/4) Chuva de granizo (2)	7
16	_____ (3) Limpar -o tempo-	_____ (1/2) Estiar (3/4)	

	(1/2/4)		5
17	Arco-íris (1/2/3/4) Arco da velha (3)	Arco-íris (1/2/3/4) Arco da velha (3)	10
18	Garoa (1/4) Chuvisco (2/3)	_____ (1) Chuvisco (2) Garoa (3/4)	7
19	Úmida (1/2/3/4)	Úmida (1/2/3/4)	8
20	Sereno (1/3/4) Orvalho (2)	Orvalho (1/4) Sereno (2/3)	8
21	Neblina (1/2/3/4)	Neblina (1/2/3/4)	8
22	Manhã (1/2/3) Amanhecer (4)	Manhãzinha (1/3) Amanhecer (2/4)	8
23	_____ (4) Nascer -o sol- (1/2) Sair o sol (3)	_____ (2) Nascer - o sol- (1/3/4)	6
24	_____ (1/2/3) Aurora (4)	_____ (1/2/4) Aurora (3)	2
25	_____(1/2/4) Pôr do sol (3)	_____ (1) Pôr do sol (2/3/4)	4
26	_____(1/2/4) Raios do sol (3)	_____ (1/2/4) Crepúsculo (3)	2
27	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/4) Entardecer (3)	1
28	_____ (3) Boca da noite (1) Escurecer (2) Início da noite (4)	Escurecer (1/2) Anoitecer (3/4)	7
29	_____ (2) Estrela D'alva (1/3) Vênus (4)	_____ (1/2) Estrela D'alva (3) Estrela guia (4)	5
30	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____
31	_____ (3/4) Estrela guia (1) Estrela cadente (2)	Estrela cadente (1/2/3/4)	6
32	Deslocar-se (1) Cair (2) Mudar de lugar (3/4)	_____ (1) Cair (2/3) Mudar de lugar (4)	7
33	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/4) Via Láctea (3)	1

Quadro 13 - Mesorregião Centro Oriental Paranaense

CIDADE / QUESTÕES	**PIRAÍ DO SUL (214)**	**TOTAL**
01	_____ (2/4) Arroio (1) Riacho (3)	2
02	Pinguela (1/3/4) Ponte (2)	4
03	_____ (4) Final do rio (1/2) Encontro de rios (3)	3

04	Redemoinho (1/2/3/4)	4
05	Onda (1/2/3/4)	4
06	_____ (4) Onda (1/2/3)	3
07	Redemoinho (1/2/3/4)	4
08	Relâmpago (1/2/3/4)	4
09	Raio (1/2/3/4)	4
10	Trovão (1/2/3/4)	4
11	Tempestade (1/2/3) Vendaval (4)	4
12	Tempestade (1/3/4) Chuva de verão (2)	4
13	_____ (2) Tempestade (1) Chuva passageira (3/4)	3
14	_____ (1/2/4) Chuvarada (3)	1
15	Chuva de granizo (1/3/4) Chuva de pedra (2)	4
16	_____(4) Estiar (1) Sair o sol (2) Limpar (3)	3
17	Arco-íris (1/2/3/4)	4
18	Garoa (1/2/3) Neblina (4)	4
19	Úmida (1/2/3/4)	4
20	Orvalho (1/2/3/4)	4
21	Cerração (1/2/3/4)	4
22	Amanhecer (1/2/3/4)	4
23	Nascer do sol (1/3/4) Raiar do dia (2)	4
24	_____ (1/2/3/4)	_____
25	Pôr do sol (1/2/3/4)	4
26	_____ (1/2/3/4)	_____
27	_____(4) Entardecer (1/3) Noitinha (2)	3
28	_____ (2) Anoitecer (1/3/4)	3
29	_____ (1/2/4) Estrela D'alva (3)	1
30	_____ (1/2/4) Estrela guia (3)	1
31	_____ (4) Estrela cadente (1/2/3)	3
32	_____ (3/4) Cair (1/2)	2
33	_____ (1/2/3/4)	_____

Quadro 14 -Mesorregião Centro-sul

CIDADE / QUESTÕES	GUARAPUAVA (219)	TOTAL
01	Riozinho (1) Riacho (2/3) Arroio (4)	4
02	Ponte (1) Pinguela (2/3/4)	4
03	_____ (1/2/4) Barra (3)	1
04	Redemoinho (1/2/4) Sumidouro (3)	4
05	Onda (1/2/3/4)	4
06	_____ (2) Onda (1/3/4)	3
07	Redemoinho (1/2/3/4)	4
08	_____ (1) Relâmpago (2/3/4)	3
09	Raio (1/2/3/4)	4
10	_____ (4) Trovão (1/2/3)	3
11	Tempestade (1/3) Temporal (2) Vendaval (4)	4
12	_____ (1/2) Tormenta (3) Tempestade (4)	2
13	_____ (2/3) Chuva passageira (1) Vendaval (4)	2
14	_____ (1/2/3) Chuva grossa (3) Tempestade (4)	2
15	Chuva de pedra (1/2/3/4)	4
16	_____(1/2/3/4)	_____
17	Arco-íris (1/2/3/4)	4
18	Garoa (1/2/3/4)	4
19	Úmida (1/2/3/4)	4
20	Orvalho (1/2/3/4)	4
21	Neblina (1/2/3/4)	4
22	Manhã (1) Amanhecer (2/3/4)	4
23	_____ (1/2) Sair o sol (3) Aparecer -o sol- (4)	2
24	_____(1/2/3/4)	_____
25	_____ (3/4) Pôr do sol (1/2)	2
26	_____ (1/2/3/4)	_____
27	_____(1/2/3/4)	_____
28	Anoitecer (1/2/3/4)	4

29	_____ (1/2/4) Estrela guia (3)	1
30	_____(1/2/3/4)	_____
31	_____ (1/3/4) Estrela cadente (2)	1
32	_____ (1) Cair (2) Mudar – lugar (3/4)	3
33	_____(1/2/3/4)	_____

Quadro 15 - Mesorregião Metropolitana de Curitiba

CIDADES / QUESTÕES	ADRIANÓPOLIS (216)	MORRETES (221)	LAPA (222)	TOTAL
01	_____ (1/2) Córrego (3) Riacho (4)	_____ (2) Riacho (1/3) Córrego (4)	Arroio (1) Riacho (2/3) Córrego (4)	9
02	_____ (1/2) Pinguela (3/4)	Pinguela (1/2/4) Ponte (3)	Pinguela (1/3/4) Ponte (2)	10
03	_____ (1/2/4) Barra (3)	_____ (2/3/4) Encontro das águas (1)	_____ (1/4) Encontro de rios (2) Desembo que (3)	4
04	_____ (1/2) Redemoinho (3/4)	Redemoinho (1/2/3/4)	Redemoi nho (1/2/3/4)	10
05	_____ (1/2) Onda (3/4)	Onda (1/2/3/4)	Onda (1/2/3/4)	10
06	_____ (1/2) Onda (3/4)	Onda (1/4) Correnteza (2/3)	Correnteza (1) Onda (2/3/4)	10
07	_____ (1/2) Redemoinho (3/4)	_____ (1/2) Redemoinho (3/4)	Redemoi nho (1/2/3/4)	8
08	_____ (1/2) Relâmpago (3/4)	_____ (4) Relâmpago (1/2) Fuzil (3)	_____ (2) Relâmpago (1/3/4)	8
09	_____ (1/2) Raio (3/4)	Raio (1/3/4) Fuzil (2)	Raio (1/2/3/4)	10
10	_____ (1/2) Trovão (3/4)	Trovoada (4) Trovão (1/2/3)	Trovão (1/2/4) Trovoada (3)	10
11	_____ (1/2) Tempestade (3) Vendaval (4)	_____ (2) Tempestade (1/3/4)	Tormenta (1) Tempestade (2/4) Temporal (3)	9
12	_____ (1/2/3/4)	_____ (2/3/4) Tempestade (1)	____ (1/2) Tempestade	3

			(3) Vendaval (4)	
13	_____ (1/2) Temporal (3) Chuva de verão (4)	_____ (4) Pancada de chuva (1) Chuva passageira (2) Chuva grossa (3)	Toró (1/4) Chuva passageira (2) Pancada de chuva (3)	9
14	_____ (1/2/3) Temporal (4)	_____ (2/4) Enxurrada (1) Chuva grossa (3)	____ (1/2/4) Chuva torrencial (3)	4
15	_____ (1/2) Chuva de pedra (3/4)	_____ (3) Granizo (1/2/4)	Chuva de pedra (1/2/3/4)	9
16	_____ (1/2/3) Estiar (4)	_____ (1/2/3) Estiar (4)	__ (1/2/3/4)	2
17	_____ (1/2) Arco-íris (3/4)	_____ (3) Arco-íris (1/2/4)	Arco-íris (1/2/3/4)	9
18	_____ (1/2) Garoa (3/4)	_____ (3) Garoa (1/2/4)	Garoa (1/2/3/4)	9
19	_____ (1/2) Úmida (3/4)	Úmida (1/2/3/4)	Úmida (1/2/3/4)	10
20	_____ (1/2) Sereno (3/4)	Orvalho (1) Sereno (2/3/4)	Orvalho (1/4) Sereno (2/3)	
21	_____ (1/2) Neblina (3) Cerração (4)	Cerração (1/3/4) Nevoeiro (2)	Cerração (1/2/3/4)	10
22	_____ (1/2) Manhã (3) Amanhecer (4)	Amanhecer (1/2/3/4)	Amanhecer (1) Manhã (2/3/4)	10
23	_____ (1/2/4) Aparecer -o sol- (3)	Nascer do sol (1) Sair -o sol- (2/3) Vir - o sol- (4)	Aparecer -o sol- (1/3) Sair -o sol- (2) Nascer -o sol- (4)	9
24	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	___ (1/2/4) Alvorada (3)	1
25	_____ (1/2/3) Pôr do sol (4)	_____ (3/4) Pôr do sol (1/2)	_____ (1) Pôr do sol (2/3/4)	6
26	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	___ (1/2/3/4)	_____
27	_____ (1/2/3) Entardecer (4)	_____ (2/3/4) Entardecer (1)	____ (2/4) Escurecer (1) Tardinha (3)	4
28	_____ (1/2) Boca da noite (3) Anoitecer (4)	_____(4) Anoitecer (1/2/3)	Anoitecer (1/2) Fusco da noite (3) Boca da noite - boquinha da	9

			noite- (4)	
29	_____ (1/2/3) Estrela D'alva (4)	_____ (2) Estrela D'alva (1/3/4)	__ (1/3/4) Estrela da manhã (2)	5
30	____ (1/2/3/4)	_____ (2/3) Vênus (1) Estrela guia (4)	___ (1/2/3/4)	2
31	_____ (1/2/3/4)	_____ (3/4) Estrela cadente (1/2)	_____ (3) Estrela rápida da sorte (1) Estrela cadente (2/4)	5
32	_____ (1/2/3/4)	Cair (1/2) Mudar –lugar- (3) Andar (4)	Cair (1) Voar (2) Andar (3) Mudar – lugar- (4)	8
33	_____(1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	___ (1/2/3/4)	____

Quadro 16 - Mesorregião Noroeste Paranaense

CIDADES / QUESTÕES	**NOVA LONDRINA (207)**	**UMUARAMA (210)**	**TOTAL**
01	Córrego (1/2/3/4)	_____ (4) Córrego (1/2/3)	7
02	Ponte (1/2) Pinguela (3/4)	Ponte (1/2/3/4)	8
03	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/4) Encontro do rio (3)	1
04	Redemoinho (1/2/3/4)	Redemoinho (1/2/4) Rebojo (3)	8
05	Onda (1/2/3/4)	Onda (1/2/3) Maré (4)	8
06	_____ (2) Correnteza (1) Onda (3/4)	Onda (1/2/3/4)	7
07	Redemoinho (1/2/3/4)	Redemoinho (1/2/3/4)	8
08	Relâmpago (1/2/3/4)	Relâmpago (1/2/3/4)	8
09	Raio (1/2/3/4)	Raio (1/2/3/4)	8
10	Trovão (1/2/3/4)	Trovão (1/2/3/4)	8
11	Tempestade (1/2) Vendaval (3/4)	(1/4) Tempestade (2) Temporal (3)	6
12	_____ (1/2/3 Tempestade (4)	_____ (1/4) Vendaval (2) Tempestade (3)	3
13	_____ (1) Chuva grossa (2) Pancada de chuva	_____ (1) Chuva passageira (2) Toró (3)	

	(3) Chuva de verão (4)	Chuva de verão (4)	6
14	_____ (1/2) Chuva grossa (3) Chuva torrencial (4)	_____ (1/2/4) Chuva torrencial (3)	3
15	Chuva de granizo (1/2) Chuva de flor (4) Chuva de pedra (3)	_____ (1) Chuva de granizo (2/3/4)	7
16	_____ (3) Estiar (1/2/4)	_____ (1/4) Limpar o tempo (2) Estiar (3)	5
17	Arco-íris (1/2/3/4)	_____ (4) Arco-íris (1/2/3)	7
18	Garoa (1/2/3/4)	Chuvisco (1) Garoa (2/3/4)	7
19	Úmida (1/2/3/4)	Úmida (1/2/3/4)	8
20	Orvalho (1/2/4) Sereno (3)	Orvalho (1/2/3/4)	8
21	Neblina (1/2/4) Cerração (3)	_____(4) Neblina (1/2/3)	7
22	Manhã (1) Amanhecer (2) Raiar o dia (3) Aurora (4)	Amanhecer (1/2/3) Manhã (4)	8
23	_____ (1) Nascer o sol (2) Raiar o sol (3) Sair o sol(4)	_____ (1/2) Despontar o sol (3) Sair o sol (4)	5
24	_____ (2/3) Raiar do dia (1) Aurora boreal (4)	_____ (1/2/3/4)	2
25	_____ (1) Pôr do sol (2/3/4)	_____ (1/3) Pôr do sol (2/4)	5
26	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/4) Raiar do sol (3)	1
27	_____(1/2/3/4)	_____(1/2/3/4)	_____
28	Escurecer (1/3) Boca da noite (2/4)	Anoitecer (1/2/3/4)	8
29	_____ (1) Estrela D'alva (2/3/4)	_____ (1) Estrela D'alva (2/3/4)	6
30	_____(1/2/3/4)	_____(1/2/3/4)	_____
31	_____ (2/3) Estrela cadente (1/4)	_____ (1/3/4) Estrela cadente (2)	3
32	Cair (1/2) Mudar – lugar- (3/4)	_____ (4) Andar (1) Cair (2) Mudar – lugar- (3)	5
33	_____ (1/2/3) Caminho de Santiago (4)	_____ (1/2/3/4)	1

Quadro 17 - Mesorregião Norte Central Paranaense

CIDADES / QUESTÕES	LONDRINA (208)	CÂNDIDO DE ABREU (213)	TOTAL
01	Córrego (1/2/3/4)	_____ (3/4) Córrego (1/2)	6
02	_____ (3) Pinguela (1/4) Ponte (2)	_____ (2/3/4) Pinguela (1)	4
03	_____ (1/2/3/4)	____ (1/2/3/4)	_____
04	_____ (1) Redemoinho (2/3/4)	_____ (3/4) Redemoinho (1) Funil (2)	5
05	Onda (1/2/3/4)	_____ (3/4) Onda (1/2)	6
06	Onda (1/2/3/4)	_____ (2/3/4) Onda (1)	5
07	_____ (1) Redemoinho (2/3/4)	_____ (3/4) Redemoinho (1/2)	5
08	Relâmpago (1/2/3/4)	_____ (3/4) Relâmpago (1/2)	6
09	Raio (1/2/3/4)	_____ (3/4) Raio (1/2)	6
10	Trovão (1/2/3/4)	_____ (3/4) Trovão (1/2)	6
11	Tempestade (1/2/4) Vendaval (3)	_____ (3/4) Tempestade (1) Tormenta (2)	6
12	_____ (1/2/4) Tempestade (3)	_____ (2/3/4) Tempestade (1)	2
13	Chuva passageira (1/2/3/4)	_____ (2/3/4) Pancada de chuva (1)	5
14	_____ (2/3/4) Chuvaréu (1)	_____ (1/3/4) Chuvarada (2)	2
15	Chuva de granizo (1/2/3/4)	_____ (2/3/4) Chuva de pedra (1)	5
16	Sair o sol (1) Limpar -o tempo- (2/3) Estiar (4)	_____ (1/2/3/4)	4
17	Arco-íris (1/2/3/4)	_____ (3/4) Arco-íris (1/2)	6
18	Garoa (1/2/3/4)	_____ (3/4) Garoa (1/2)	6
19	Úmida (1/2/3/4)	_____ (3/4) Úmida (1/2)	6
20	Orvalho (1/3/4) Sereno (2)	_____ (3/4) Orvalho (1/2)	6
21	Neblina (1/2/3/4)	_____ (3/4)	

		Cerração (1/2)	6
22	_____ (4) Manhã (1/2) Amanhecer (3)	_____ (3/4) Amanhecer (1/2)	5
23	_____ (2) Aparecer o sol (1) Nascer o sol (3/4)	_____ (3/4) Raiar o sol (1) Nascer o sol (2)	5
24	_____ (1/2/3/4)	____ (1/2/3/4)	_____
25	_____ (3/4) Pôr do sol (1/2)	_____ (3/4) Pôr do sol (1/2)	4
26	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/3/4) Réstia (2)	1
27	_____ (2/3/4) Fim do dia (1)	_____ (1/3/4) Entardecer (2)	2
28	Anoitecer (1/2/4) Início da noite (3)	_____ (3/4) Anoitecer (1/2)	6
29	_____ (1/2/3) Estrela D'alva (4)	_____ (1/3/4) Estrela guia (2)	2
30	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____
31	_____ (3) Estrela cadente (1/2/4)	_____ (2/3/4) Estrela cadente (1)	4
32	Cair (1/2/4) Deslocar (3)	_____ (3/4) Cair (1) Correr (2)	6
33	____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____

Quadro 18 - Mesorregião Norte Pioneiro Paranaense

CIDADE / QUESTÕES	**TOMAZINA (211)**	**TOTAL**
01	Ribeirão (1/3) Riacho (2) Córrego (4)	4
02	Pinguela (1/2/3/4)	4
03	_____ (2/3/4) Encontro de águas (1)	1
04	Redemoinho (1/2/3/4)	4
05	Onda (1/2/3/4)	4
06	Onda (1/2/3/4)	4
07	_____ (3) Redemoinho (1/2/4)	3
08	Relâmpago (1/2/3/4)	4
09	Raio (1/2/3/4)	4
10	Trovão (1/2/3/4)	4
11	Tempestade (1/2/3) Temporal (4)	4
12	_____ (3)	

	Tempestade (1/4) Vendaval (2)	3
13	Chuva passageira (1/2) Pancada de chuva (3) Toró (4)	4
14	_____ (1/2/3/4)	_____
15	Chuva de granizo (1/3/4) Chuva de pedra (2)	4
16	Limpar -o tempo- (1/2/3) Estiar o tempo (4)	4
17	Arco-íris (1/2/3/4) Arco da velha (1)	5
18	Garoa (1/3/4) Chuviscar (2)	4
19	Úmida (1/2/3/4)	4
20	Sereno (1/2) Orvalho (3/4)	4
21	Neblina (1/3/4) Cerração (2)	4
22	Amanhecer (1/2/4) Raiar do dia (3)	4
23	_____ (1/4) Nascer do sol (2) Sair o sol (3)	2
24	_____ (1/2/3/4)	_____
25	_____ (2/3/4) Pôr do sol (1)	1
26	____ (1/2/3/4)	_____
27	_____ (1/3/4) Tardezinha (2)	1
28	Anoitecer (1) Fim do dia (2) Escurecer (3) Boca da noite (4)	4
29	Estrela D'alva (1/3/4) Estrela guia (2)	4
30	_____ (1/2/3) Estrela do horizonte (4)	1
31	_____ (2/3/4) Estrela cadente (1)	1
32	_____ (1) Cair (2) Deslocar (3) Mudar – lugar- (4)	3
33	_____ (1/2/3) Caminho de Santiago (4)	1

Quadro 19 - Mesorregião Oeste Paranaense

CIDADES / QUESTÕES	TOLEDO (215)	SÃO MIGUEL DO IGUAÇU (217)	TOTAL
01	_____ (2) Riacho (1/3/4)	Córrego (1/4) Riozinho (2) Sanga (3)	7
02	_____ (2) Ponte (1) Pinguela (3/4)	_____ (1) Ponte (2) Pinguela (3/4)	6
03	_____ (2/3/4) Foz (1)	_____ (1/2/4) Barra do rio (3)	2
04	Redemoinho (1/2/3/4)	Redemoinho (1/2/3/4)	8
05	Onda (1/2/3/4)	Onda (1/2/3/4)	8
06	Onda (1/2/3/4)	Onda (1/2/3/4)	8
07	Redemoinho (1/2/3/4)	Redemoinho (1/2/3/4)	8
08	Relâmpago (1/2/3/4)	Relâmpago (1/2/3/4)	8
09	Raio (1/2/3/4)	Raio (1/2/3/4)	8
10	Trovão (1/2/3/4)	Trovão (1/2/3/4)	8
11	Temporal (1/3/4) Vendaval (2)	Temporal (1/4) Vendaval (2/3)	8
12	_____ (2/3) Tempestade (1) Vendaval (4)	_____ (2/3) Tempestade (1) Tormenta (4)	4
13	_____ (2/4) Chuva passageira (1) Toró (3)	_____ (4) Chuva de verão (1/2) Pancada de chuva (3)	5
14	_____ (1/2/3) Chuvarada (4)	_____ (1/2/4) Chuvarada (3)	2
15	Chuva de pedra (1/2/3/4)	Chuva de pedra (1/2/3/4)	8
16	Estiar (1/3/4) Limpar -o tempo- (2)	_____ (2/4) Abrir -o tempo- (1) Estiar (3)	6
17	Arco-íris (1/2/3/4)	Arco-íris (1/2/3/4)	8
18	Garoa (1/2/3/4)	Garoa (1/2/3/4)	8
19	_____ (2) Úmida (1/3/4)	Úmida (1/2/3/4)	7
20	Sereno (1/2/3) Orvalho (4)	Orvalho (1/2/3/4)	8
21	Neblina (1/2/3/4)	Cerração (1) Neblina (2/3/4)	8
22	_____ (2) Manhã (1/3) Amanhecer (4)	_____ (4) Amanhecer (1/2/3)	6
23	_____ (1) Aparecer o sol (2) Apontar o sol (3) Nascer o sol (4)	_____ (2/3) Raiar do sol (1) Nascer o sol (4)	5

24	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____
25	_____ (2) Pôr do sol (1/3/4)	_____ (3) Pôr do sol (1/2/4)	6
26	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____
27	_____ (1/2) Tardezinha (3) Entardecer (4)	_____ (3/4) Entardecer (1/2)	4
28	_____ (2) Anoitecer (1/3/4)	Boca da noite (1) Anoitecer (2/3) Escurecer (4)	7
29	_____ (1/3/4) Estrela D'alva (2)	_____ (1/2/4) Vênus (3)	2
30	_____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____
31	_____ (3/4) Cometa (1) Estrela cadente (2)	_____ (3/4) Estrela cadente (1/2)	4
32	_____ (3/4) Cair (1) Correr (2)	_____ (4) Mudar (1/3) Riscar (2)	5
33	____ (1/2/3/4)	_____ (1/2/3/4)	_____

Quadro 20 - Mesorregião Sudeste Paranaense

CIDADE / QUESTÕES	**IMBITUVA (218)**	**TOTAL**
01	Arroio (1/4) Riozinho (2) Riacho (3)	4
02	_____ (1) Ponte (2) Pinguela (3/4)	3
03	_____ (1/2/3/4)	_____
04	Redemoinho (1/2/3/4)	4
05	Onda (1/2/3/4)	4
06	_____ (2) Onda (1/3/4)	3
07	Redemoinho (1/2/3/4)	4
08	_____ (1) Relâmpago (2/3/4)	3
09	_____(2/4) Raio (1/3)	2
10	Trovão (1/2/4) Trovoada (3)	4
11	Temporal (1/3) Tempestade (2) Vendaval (4)	4
12	_____ (1/2/4) Vendaval (3)	1
13	Pancada de chuva (1) Chuva de verão (2)	

	Chuva passageira (3/4)	4
14	_____ (2) Chuvarada (1) Temporal (3) Chuva forte (4)	3
15	Chuva de granizo (1/3/4) Chuva de pedra (2)	4
16	_____ (1) Esquentar o sol (2) Parar de chover (3) Limpar o tempo (4)	3
17	Arco-íris (1/2/3/4)	4
18	Chuvisco (1) Garoa (2/3/4)	4
19	Úmida (1/2/3/4)	4
20	Orvalho (1/2/3/4)	4
21	Cerração (1/2/3/4)	4
22	Amanhecer (1/2/3/4)	4
23	Aparecer o sol (1/4) Clarear o dia (2) Nascer o sol (3)	4
24	_____ (1/2/3/4)	_____
25	_____ (1/2) Pôr do sol (3/4)	2
26	_____ (1/2/3/4)	_____
27	_____ (2/4) Escurecer (1) Entardecer (3)	2
28	_____ (1) Anoitecer (2/4) Boca da noite (3)	3
29	_____ (2/3/4) Estrela D'alva (1)	1
30	_____ (1/2/3/4)	_____
31	_____ (2/3) Estrela cadente (1/4)	2
32	_____ (2/4) Andar (1) Mudar de lugar (3)	2
33	_____(1/2/3/4)	_____

Quadro 21 - Mesorregião Sudoeste Paranaense

CIDADE / QUESTÕES	**BARRACÃO (223)**	**TOTAL**
01	_____(2) Sanga (1/4) Riacho (3)	3
02	_____ (2) Pinguela (1/3/4)	3

03	_____ (1/2/4) Barra (3)	1
04	Redemoinho (1/2/3/4)	4
05	Onda (1/2/3/4)	4
06	_____ (4) Onda (1/2/3)	3
07	Redemoinho (1/2/3/4)	4
08	Relâmpago (1/2/3/4)	4
09	Raio (1/2/3/4)	4
10	_____ (1) Trovão (2/4) Trovoada (3)	3
11	Tormenta (1/2) Tempestade (3/4)	4
12	_____ (1/2/4) Tormenta (3)	1
13	_____ (2) Chuva passageira (1/3) Pancada de chuva (4)	3
14	_____ (1/4) Tormenta (2) Chuva torrencial (3)	2
15	Chuva de pedra (1/2/3/4)	4
16	_____ (3) Limpar o tempo (1) Estiar (4)	2
17	Arco-íris (1/2/3/4)	4
18	_____ (2) Garoa (1/3/4)	3
19	Úmida (1/2/3/4)	4
20	_____ (2) Sereno (1/3/4)	3
21	Cerração (1/3/4) Neblina (2)	4
22	_____ (1/3) Manhã (2) Amanhecer (4)	2
23	Sair o sol (1/2/3) Nascer do sol (4)	4
24	_____ (1/2/4) Aurora (3)	1
25	_____ (1/2/4) Pôr do sol (3)	1
26	____ (1/2/3/4)	_____
27	_____ (1) Escurecer (2/3) Tardinha (4)	3

28	_____ (2) Noitinha (1) Boca da noite (3/4)	3
29	_____ (1) Estrela da manhã (2) Estrela D'alva (3) Estrela guia (4)	3
30	_____ (1/2/4) Estrela guia (3)	1
31	_____ (4) Estrela cadente (1/2) Cometa (3)	3
32	_____ (1/4) Cair (2) Deslocar-se (3)	2
33	_____ (2/4) Sepultura de Jesus Cristo (1) Caminho de Santiago (3)	2

Neste item, analisamos os resultados dos inquéritos referentes aos 64 informantes que integram a rede de pontos ALiB no interior do Paraná, examinando, como fizemos com relação aos dados da Bahia, os resultados obtidos para cada uma das perguntas que compõem as áreas semânticas selecionadas como objeto de tratamento nesta Tese.

Para a questão 1, registramos sete variantes. Houve 51 ocorrências e apenas 13 abstenções. Diferentemente das cidades do interior da Bahia onde a lexia *riacho* teve preponderância, aqui temos a lexia *córrego* com maior produtividade, com 22 registros, 43,1% das ocorrências. *Riacho* obteve 16 registros, 31,4% no total das mesorregiões do Paraná. As demais variantes são *arroio, riozinho, ribeirão* e *sanga*. *Arroio* corresponde a 9,8% das ocorrências com cinco registros enquanto *sanga* e *riozinho* com três registros cada correspondem a 5,9%. *Ribeirão* aparece com duas ocorrências e representa 3,9%. Para questão 2, *pinguela* aparece com mais produtividade no interior do Paraná do que no interior da Bahia onde a predominância é da lexia *ponte* para a questão 2. Houve 54 ocorrências e 10 abstenções para esta questão. No Paraná *pinguela* obteve 36 registros e *ponte* 18 representando 66,7% e 33,3% das ocorrências, respectivamente. A questão 3 apresenta um alto nível de abstenções: 48. Houve 16 ocorrências com um considerável número de variantes: cinco. Estas variantes apresentam baixa produtividade, sendo a expressão *encontro de rios* a mais representativa com apenas sete ocorrências, 43,8% das respostas registradas. A segunda variante mais produtiva é *barra* ou *barra do rio* com quatro registros, 25%. *Foz* e *final de rio*

aparecem com dois registros cada – 12,5% cada. *Desemboque*, com um registro, representa 6,2% do total registrado.

A questão 4 traz 58 ocorrências e somente seis abstenções. Os 55 registros da lexia *redemoinho* representam 94,9%. *Sumidouro, rebojo* e *funil* aparecem cada uma com apenas um registro configurando cada uma delas 1,7% do conjunto de variantes registradas. As abstenções para a questão 5, em um total de quatro, se apresentam relativamente insignificantes. A maioria dos informantes forneceu a lexia *onda* como resposta principal, perfazendo 58 registros, ou seja, 96,7% do total das ocorrências. Houve dois registros para a lexia *maré* no interior do Paraná, o que representa 3,3% do total. Na questão 6, novamente temos a lexia *onda* como a variante mais produtiva com 47 registros das 53 ocorrências, 88,7% do total. *Correnteza* aparece em segundo lugar com 6 ocorrências e isto representa 11,3% do total. Houve 11 abstenções (17,1%) para a questão 6.

Para a questão 7, a única resposta documentada foi *redemoinho* nas 16 localidades, registrando-se apenas nove (14%) abstenções. Para a questão 8, foram registradas 55 ocorrências das quais 54 se referem a *relâmpago*, representando 98,2% do total das ocorrências, enquanto *fuzil* representa 1,8% com apenas um registro. Houve nove abstenções (14%) para a questão 8. A questão 9 apresenta 60 ocorrências e quatro abstenções (6,2%). *Raio* aparece hegemonicamente no interior do Paraná com 57 registros o que lhe dá *status* de variante mais produtiva para a questão 9 representando 95% do total. *Fuzil*, ocorre sob duas variantes fonéticas – fuzil (inf. 221/3) e fuzilo (infs. 218/2-4) – e é a segunda lexia que aparece como resposta para esta questão, contudo com apenas três registros, ou seja, 5% do total das ocorrências. A questão 10 apresenta 58 ocorrências e seis abstenções (9,3%). *Trovão* é a variante mais produtiva com 54 registros, o que representa 93,2% do total. Quatro informantes forneceram *trovoada* como resposta para esta pergunta. Para alguns deles *trovão* e *trovoada* significam a mesma coisa. Trovoada representa 6,8% do total das 58 ocorrências.

Na questão 11, registramos seis variantes no horizonte de 57 ocorrências. Houve sete abstenções (10,9%) para esta questão. *Tempestade* foi a lexia com mais registros – 26, seguida de *temporal* com 16, representando, respectivamente 45,8% e 28% do total. Em terceiro lugar em número de ocorrências, temos *vendaval* com 11 registros, ou seja, 19,2%. *Tormenta* aparece com quatro ocorrências e corresponde a 7%. A questão 12 apresenta 28 ocorrências e 36 abstenções (56,2%). O número de variantes é vasto com sete expressões diferentes. Novamente, temos a lexia *tempestade* como a mais produtiva, com 18 registros, ou seja, 64,3%. *Vendaval* aparece em segundo lugar, com seis registros e representa 21,5% do total. Em seguida, temos *tormenta* com três registros, o que corresponde a 10,7%. A variante *chuva*

de verão recebeu apenas um registro e representa 3,5% do total das 28 ocorrências. Para a questão 13, registramos 51 ocorrências com nove variantes e 13 abstenções (20,3%). *Chuva passageira* aparece como a mais produtiva com 19 ocorrências e representa 37,3% do total. *Pancada de chuva* aparece com 10 registros enquanto *chuva de verão* aparece com sete e representam 19,7% e 13,8%, respectivamente. *Toró* conta com seis registros, 11,8% das ocorrências e *chuva rápida* representa 5,8% por conta de seus três registros. *Tempestade* aparece mais uma vez na questão 13 com apenas duas ocorrências, 3,9%, quantitativo que também se registra para *chuva grossa*. Documentamos, ainda, para esta questão, *vendaval* e *temporal* cada uma com apenas um registro, representando 1,9% do total das ocorrências. A questão 14 traz um grande espectro de variantes, embora um número pequeno de informantes tenha respondido, como vêm elencadas a seguir, com seus respectivos índices de ocorrência: *chuvarada* – cinco = 22,8%; *temporal* e *chuva torrencial* – quatro = 18,2% cada; *chuva grossa* – 3 = 13,7%; *tempestade* – 2 = 9,1%; *chuva forte*, *enxurrada*, *chuvaréu*, *tormenta* – 1 = 4,5%. Houve 42 abstenções para a questão 14 (65,6%). A questão 15 traz 56 ocorrências e 8 abstenções. *Chuva de pedra* é a variante mais produtiva com 32 registros e representa 57,2%, seguida de *chuva de granizo* com 23 registros que representa 41% do total. Temos ainda *chuva de flor* fornecida apenas por um informante e corresponde a 1,8% do total das ocorrências.

Há 34 ocorrências e 30 abstenções (46,8%) para a questão 16. A variante *estiar* obteve 16 registros e corresponde 47,1% do total das ocorrências, seguida de *limpar*, referindo-se ao tempo, com 13 registros. *Limpar o tempo* representa 38,3%. *Sair o sol* tem duas ocorrências e representa 5,9% do total. Elencamos a seguir as demais variantes para a questão 16, juntamente com o número de ocorrências e percentuais: *abrir o tempo, esquentar o sol* e *parar a chuva* – 1 = 2,9% cada. Há 61 ocorrências e seis abstenções para a questão 17. *Arco-íris* está documentado em todas as regiões do Paraná com 58 registros representando 95,1% das ocorrências. *Arco da velha* representa apenas 4,9% do total das 61 ocorrências.

Para questão 18, registramos 56 ocorrências e nove abstenções (14%). *Garoa* apresenta maior produtividade com 48 ocorrências e representa 85,8% do total. *Chuviscar* - ou *chuvisco*- conta com sete registros e corresponde a 12,5% do total. *Neblina* aparece com um registro e indica 1,7% do total das 56 ocorrências. A questão 19 apresentou como única resposta *úmida* e contou com o total de 59 ocorrências e apenas 5 abstenções. A questão 20 teve *orvalho* como variante mais produtiva com 37 registros, o que representa 62,7% das 59 ocorrências. *Sereno* aparece em segundo lugar com 22 ocorrências correspondendo a 37,3% do total. Houve apenas cinco abstenções (7,8%) para esta questão. Na questão 21, *neblina*

aparece com 34 registros representando 57,7% das 59 ocorrências. *Cerração* vem em segundo lugar com 24 registros correspondendo a 40,7%. *Nevoeiro* aparece com baixa produtividade com apenas um registro indicando 1,6% do total das ocorrências. Houve cinco abstenções na questão 21. A questão 22 apresenta 55 ocorrências e nove abstenções. *Amanhecer* apresenta 35 registros e representa a variante mais produtiva para esta questão. *Amanhecer* indica 63,7% das ocorrências. Em seguida temos *manhã* – ou *de manhã*. *Manhã* obteve 15 registros e representa 27,3%. *Manhãzinha* e *raiar do dia* competem em quantidade de ocorrências uma vez que cada uma destas variantes obteve dois registros indicando 3,6% do total. *Aurora* obteve apenas um registro e indica 1,8%.

Nascer o sol aparece com 19 registros dentro do universo de 46 ocorrências para a questão 23 e representa 41,3% do total. Em seguida, temos *sair o sol* com 11 registros: 23,9%; *aparecer o sol* com oito: 17,3%; *raiar o sol* com três: 6,5 %; *raiar do dia*, *vir o sol*, *despontar o sol*, *apontar o sol* e *clarear o dia* com 1: 2,2% cada. A questão 24 apresenta um nível muito acentuado de abstenção: 58. Se considerarmos o número de informantes, vemos que 90,6% deles não responderam a esta pergunta. Houve apenas seis ocorrências das quais *aurora* aparece com quatro registros. Dentro do horizonte das ocorrências *aurora* representa 66,6% do total. As demais variantes, *alvorada* e *raiar do dia*, receberam um registro cada uma delas, portanto, 16,7 % do total das seis ocorrências. A questão 25 registrou 36 ocorrências e houve 28 abstenções. *Pôr do sol* representa 100% do total das ocorrências. A questão 26 registra uma abstenção de 93,7% considerando os 64 informantes do interior do Paraná. Houve, então, 60 abstenções e apenas 4 ocorrências, *crepúsculo*, *raios do sol*, *raiar do sol*, *réstia*, documentadas, cada uma delas, a um único informante. Ao considerarmos as quatro ocorrências, afirmamos que cada uma destas variantes representa 25% do total. Na questão 27, as abstenções também sobrepujam as ocorrências. Houve 44 abstenções (68,7%) e 20 ocorrências. *Entardecer* apresenta 10 registros e representa 50% das ocorrências. *Escurecer* e *tardezinha* – ou *tardinha*- contam com 4 registros cada e cada uma delas representa 20% do total. *Fim do dia* e *noitinha* apresentam cada uma delas apenas um registro: 5%.

Houve 54 ocorrências e 10 abstenções para a questão 28. *Anoitecer* apresenta 32 registros e corresponde a 59,3% do total. *Boca da noite* surge em segundo lugar, com 10 registros e indica 18,6%. *Escurecer* aparece com sete registros, 12,9% e *início da noite* com duas ocorrências o que corresponde a 3,8%. As demais variantes documentadas obtiveram apenas um registro cada uma delas. Estas variantes são *fusco da noite*, *fim do dia* e *noitinha*: 1,8%. A questão 29 documenta as seguintes respostas, ao lado das 30 abstenções registradas:

estrela d'alva com 21 registros (70%), *estrela guia* com cinco (16,6%), *vênus* e *estrela da manhã* com dois registros para cada uma delas (6,7% para cada caso). Observamos na questão 30, também um maior número de abstenções (59) e o registro, apenas de cinco ocorrências: *estrela guia* aparece outra vez nesta questão, com apenas três registros – 60% do total; *vênus* e *estrela do horizonte*, com um registro cada uma delas – 20% cada. *Estrela cadente* é a variante que apresenta maior produtividade na questão 31. Há 32 ocorrências e 32 abstenções. Das 32 ocorrências, 28 se referem à *estrela cadente* que indica 87,6% do total. *Estrela guia* também foi mencionada com apenas uma ocorrência: 3,1%. A expressão fraseológica *estrela rápida da sorte* também recebeu um registro: 3,1%. Finalmente, temos *cometa* com 2 registros: 6,2%. Na questão 32, houve 44 ocorrências e 21 abstenções. *Cair* vem com 19 ocorrências indicando 43,2% do total. Em seguida, temos *mudar – lugar* ou *espaço*- com 14 registros representando 31,9%. *Deslocar-se* e *andar* com quatro registros cada: 9%. *Correr* com 2 registros: 4,6%. *Voar* com um registro: 2,3%.

A questão 33 traz um grande número de abstenções, 59, e apenas o registro de cinco respostas: *Caminho de Santiago*, com três registros – 60%. *Via Láctea* e *Sepultura de Jesus Cristo*, cada uma delas com um único registro – 20% cada.

5.2.3 Uma visão plural entre a Bahia e o Paraná

Descritas as realidades da Bahia e do Paraná, neste item procuramos analisar, de forma comparativa as duas áreas estudadas. O Quadro 22 mostra as lexias e expressões fraseológicas coincidentes nas cidades do interior da Bahia e Paraná, bem como lexias fornecidas apenas por informantes do interior da Bahia ou do interior do Paraná, dispostas de acordo com os seguintes critérios: na primeira coluna, temos o número da questão; na segunda coluna, mostramos todas as expressões fornecidas tanto por informantes baianos quanto por informantes paranaenses; na terceira coluna, temos as expressões que apresentam a variação diatópica registradas apenas na Bahia e na quarta coluna registramos as expressões fornecidas apenas pelos informantes no interior do Paraná.

Quadro 22 – Coincidências e diferenças entre Bahia e Paraná

QUESTÕES	BAHIA/PARANÁ	BAHIA	PARANÁ
01	Riacho, córrego, riozinho, ribeirão	Riachuelo, rego, valeta	Arroio, lajeado, sanga
02	Ponte, pinguela	Pontalete	
03	Encontro de rios, barra	Sumidouro, barragem	Foz, desemboque, final do rio
04	Funil, redemoinho, sumidouro	Corrupio, chupão, olho d'água	Rebojo
05	Onda, maré	Mareta	_____
06	Onda, correnteza	Mareta, maré, corredeira, maromba de água, remanso, marola	_____
07	Redemoinho	Corrupio, ventania, pé de vento	_____
08	Relâmpago	_____	Fuzil
09	Raio	Faísca, corisco	Fuzil
10	Trovão, trovoada	_____	_____
11	Tempestade, temporal, vendaval	Chuva de trovoada, chuva de noroeste, chuva de açoite, aguaceiro	Tormenta
12	Tempestade, vendaval	Toró, tromba d'água, chuvarada, aguaceiro, chuva de trovoada	Chuva de verão, tormenta
13	Tempestade, chuva rápida, chuva passageira, chuva grossa, pancada de chuva, chuva de verão, toró, temporal	Tromba d'água, chuva de pancada, pé d'água, cambueiro de setembro, bomba d'água, aguaceiro	Vendaval
14	Chuva forte, chuvarada, tempestade, temporal	Chuva batedeira, chuva silenciosa, pé d'água, toró, chuva de inverno, chuva enchedeira, aguaceiro	chuva torrencial, enxurrada, chuva pesada, chuvaréu

15	Chuva de granizo, chuva de pedra, chuva de flor	Chuva de gelo, neve, geada	_____
16	Estiar, parar de chover, abrir o tempo, limpar o tempo	Abrir o sol, levantar o tempo, passar a chuva, dar uma aragem/aragenzinha, firmar	Esquentar o sol
17	Arco-íris, arco da velha	Olho de boi	_____
18	Garoa, chuvisco/chuviscar, neblina	Chuva de inverno, pingar, poeira de chuva, sereno, chuva fraca, chuva de peneira/peneirinha	Chuva de molhar bobo, chuva de espantar burro
19	Úmida	Borrifada, esfarelada, sarolha	_____
20	Sereno, orvalho	Neblina, neve, garoa	_____
21	Neblina, nevoeiro, cerração	Neve, nevoado, névoa	_____
22	Amanhecer, raiar do dia, manhã, manhãzinha	Barra do dia, nascer o dia, início do dia, rompante do dia, alvorecer, romper do dia	Aurora
23	Sair o sol, aparecer o sol, nascer o sol, vir o sol	Raios do sol, barra do dia, brilhar o sol, subir o sol	Raiar do dia, despontar o sol, raiar do sol, apontar o sol, clarear o dia
24	Aurora	Barra do dia, rabo de galo	Alvorada, raiar do dia
25	Pôr do sol, sumir o sol	Barra do sol, escurecer	_____
26	Réstia do sol	_____	Crepúsculo, raios do sol, raiar do sol
27	Entardecer, escurecer, o sol escurecendo, noitinha, tardezinha/tardinha	Boca da noite, anoitecer, fim de tarde/final de tarde, saída da tarde, cair da noite	Fim do dia
28	Boca da noite/boquinha da noite, anoitecer, escurecer, noitinha, início da noite	Começo da noite, entrar a noite, turvar, cair da noite, fim de tarde	Fim do dia, fusco da noite
29	Estrela D'alva, estrela guia, estrela da manhã	Papa ceia, estrela da madrugada	Vênus

30	Estrela guia	Papa ceia	Vênus, estrela do horizonte
31	Estrela cadente	Zelação, estrela corredeira, estrela apagão	Estrela guia, estrela rápida da sorte, cometa
32	Mudar de posição/de lugar, cair, correr, andar	Movimentar-se, passar	Deslocar-se, voar
33	Caminho de Santiago	Carreiro de Santiago, caminho do céu, casa de Santiago	Via Láctea, sepultura de Jesus Cristo

No quadro 22, temos o confronto da realidade lexical entre Bahia e Paraná. As lexias ou expressões fraseológicas coincidentes na Bahia e no Paraná são aquelas geralmente de maior produtividade dentro das mesorregiões baianas e paranaenses. As formas que representam variação diatópica normalmente receberam um número menor de registros comparados com as variantes que não apresentam variação e estão distribuídas por todas as regiões de ambos os estados. Nos itens que seguem nos ocupamos do exame detalhado das coincidências e não coincidências entre Bahia e Paraná, no que concerne ao léxico das áreas semânticas tomadas para estudo.

5.2.3.1 Coincidências lexicais entre Bahia e Paraná

Os quadros 23 ao 27 mostram as coincidências lexicais distribuídas nas mesorregiões da Bahia e do Paraná, agrupadas por campo semântico. A ordem das formas coincidentes segue rigorosamente a sequência do QSL (1-33) apresentada nos itens anteriores, contudo, apresentamos apenas as variantes coincidentes mais produtivas para cada questão nos dois estados. O símbolo ☼ indica a existência da variante na mesorregião. Dividimos os quadros 24 ao 27 em parte I e II para melhor encaixar as variantes.

Quadro 23 – Coincidências Bahia-Paraná: denominações para acidentes geográficos

Estados	Mesorregiões	FORMAS COINCIDENTES					
		Riacho	**Ponte**	**Encontro de rios**	**Redemoinho**	**Onda (mar)**	**Onda (rio)**
BAHIA	Centro Norte Baiano	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Centro Sul	☼	☼	☼	☼	☼	☼

	Baiano						
	Extremo Oeste Baiano	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Metropolitana de Salvador	☼	☼		☼	☼	☼
	Nordeste Baiano	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Sul Baiano	☼	☼		☼	☼	☼
	Vale São-Franciscano	☼	☼	☼	☼	☼	☼
PARANÁ	Centro Ocidental Paranaense	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Centro Oriental Paranaense	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Centro-sul	☼	☼		☼	☼	☼
	Metropolitana de Curitiba	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Noroeste Paranaense	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Norte Central	☼	☼		☼	☼	☼
	Norte Pioneiro	☼			☼	☼	☼
	Oeste Paranaense	☼	☼		☼	☼	☼
	Sudeste Paranaense	☼	☼		☼	☼	☼
	Sudoeste Paranaense	☼			☼	☼	☼

Como já mencionamos, listamos no Quadro 23 apenas as lexias coincidentes mais produtivas nas mesorregiões da Bahia e do Paraná. Somando as ocorrências em ambos os estados temos o total de 69 para a lexia *riacho* que aparece distribuído por todas as regiões. *Ponte* totaliza 66 ocorrências, todavia não registramos esta variante no Norte Pioneiro do Paraná, nem no Sudoeste paranaense. A variante *encontro de rios* ocorre apenas 14 vezes nos dois estados e não aparece na região Metropolitana de Salvador e nem no Sul da Bahia. Esta variante também não aparece em várias regiões do Paraná: Centro-Sul, Norte-Central, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste e Sudoeste. *Redemoinho* aparece em todas as mesorregiões do dois estados e a lexia *onda*, tanto se referindo ao mar ou ao rio, aparece também distribuída em todas as mesorregiões da Bahia e do Paraná. A tabela 24 a seguir aborda as variantes coincidentes nos dois estados referentes aos fenômenos atmosféricos.

Quadro 24 – Parte I coincidências Bahia-Paraná: denominações para fenômenos atmosféricos

Estados	Mesorregiões	FORMAS COINCIDENTES							
		Redemoinho	**Relâmpago**	**Raio**	**Trovão**	**Tempestade**	**Tempestade**	**Chuva passageira**	**Chuva forte**
BAHIA	Centro Norte Baiano	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Centro Sul Baiano	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Extremo Oeste Baiano	☼	☼	☼	☼	☼		☼	☼
	Metropolitana de Salvador	☼	☼	☼	☼	☼		☼	
	Nordeste Baiano	☼	☼	☼	☼	☼			☼
	Sul Baiano	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼	
	Vale São-Franciscano	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
PARANÁ	Centro Ocidental Paranaense	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Centro Oriental Paranaense	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼	
	Centro-sul	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼	
	Metropolitana de Curitiba	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Noroeste Paranaense	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Norte Central	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼	
	Norte Pioneiro	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼	
	Oeste Paranaense	☼	☼	☼	☼		☼	☼	
	Sudeste Paranaense	☼	☼	☼	☼	☼		☼	☼
	Sudoeste Paranaense	☼	☼	☼	☼	☼		☼	

Quadro 25 – Parte II coincidências Bahia-Paraná: denominações para fenômenos atmosféricos

Estados	Mesorregiões	FORMAS COINCIDENTES						
		Chuva de granizo	**Estiar**	**Arco-íris**	**Garoa**	**Úmida**	**Sereno**	**Neblina**
BAHIA	Centro Norte Baiano	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Centro Sul	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼

	Baiano							
	Extremo Oeste Baiano	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Metropolitana de Salvador	☼	☼	☼		☼	☼	☼
	Nordeste Baiano	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Sul Baiano	☼		☼	☼	☼	☼	☼
	Vale São-Franciscano	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
PARANÁ	Centro Ocidental Paranaense	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Centro Oriental Paranaense	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Centro-sul	☼		☼	☼	☼	☼	☼
	Metropolitana de Curitiba	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Noroeste Paranaense	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Norte Central	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Norte Pioneiro	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Oeste Paranaense	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Sudeste Paranaense	☼		☼	☼	☼		☼
	Sudoeste Paranaense	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼

Os quadros 24 e 25 apresentam as lexias *redemoinho*, *relâmpago*, *raio* e *trovão* que estão distribuídas por todas as mesorregiões da Bahia e do Paraná. *Tempestade* foi a lexia com maior produtividade tanto para a questão 11 quanto a questão 12 e esta é razão pela qual esta variante aparece duas vezes neste quadro. Salientamos que a lexia *tempestade* registrada na mesorregião Oeste paranaense se refere à questão 12, pois, quando os informantes foram inquiridos, esta lexia não apareceu para a questão 11 nesta região. Referindo-se apenas à questão 12, observamos que *tempestade* não foi registrada em três mesorregiões da Bahia: Extremo Oeste da Bahia, região Metropolitana de Salvador e Nordeste da Bahia. Também não registramos esta variante para a questão 12 no Sudeste e no Sudoeste do Paraná. *Chuva passageira* ocorreu em todas as mesorregiões, exceto no Nordeste baiano. Por outro lado, *chuva forte* não foi registrada em seis mesorregiões do Paraná: Centro Oriental, Centro-Sul, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste e Sudoeste paranaense. Não observamos *chuva forte* em três mesorregiões da Bahia: Metropolitana de Salvador, Nordeste e Sul baiano. *Chuva de granizo*, *arco-íris*, *úmida* e *neblina* aparecem em todas as mesorregiões dos dois estados. O verbo *estiar* não aparece no Sul da Bahia, nem no Centro-Sul e Sudeste paranaense. A

variante *garoa* não foi registrada na região Metropolitana de Salvador e *sereno* não aparece no Sudeste do Paraná. O Quadro 26 revela em que mesorregiões registramos as variantes que se referem a astros e tempo.

Quadro 26 – Parte I coincidências Bahia-Paraná: denominações para astros e tempo

Estados	Mesorregiões	FORMAS COINCIDENTES							
		Amanhecer	**Nascer o sol**	**Aurora**	**Pôr do sol**	**Rés-tia do sol**	**Tardezinha/tar-dinha**	**Anoi-tecer**	**Estrela D'alva**
BAHIA	Centro Norte Baiano	☼	☼		☼	☼	☼	☼	☼
	Centro Sul Baiano	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼
	Extremo Oeste Baiano	☼	☼		☼		☼	☼	☼
	Metropolitana de Salvador	☼	☼	☼	☼		☼		☼
	Nordeste Baiano	☼	☼		☼			☼	☼
	Sul Baiano	☼	☼	☼	☼		☼	☼	☼
	Vale São-Franciscano	☼	☼	☼	☼	☼	☼	☼	
PARANÁ	Centro Ocidental Paranaense	☼	☼	☼	☼			☼	☼
	Centro Oriental Paranaense	☼	☼		☼			☼	☼
	Centro-sul	☼			☼			☼	
	Metropolitana de Curitiba	☼	☼	☼	☼		☼	☼	☼
	Noroeste Paranaense	☼	☼	☼	☼			☼	☼
	Norte Central	☼	☼		☼	☼		☼	☼
	Norte Pioneiro	☼	☼		☼		☼	☼	☼
	Oeste Paranaense	☼	☼		☼		☼	☼	☼
	Sudeste Paranaense	☼	☼		☼			☼	☼
	Sudoeste Paranaense	☼	☼	☼	☼		☼		☼

Quadro 27 – Parte II coincidências Bahia-Paraná: denominações para astros e tempo

Estados	Mesorregiões	FORMAS COINCIDENTES			
		Estrela guia	**Estrela cadente**	**Mudar lugar/ posição**	**Caminho de Santiago**
BAHIA	Centro Norte Baiano		☼	☼	☼
	Centro Sul	☼	☼	☼	☼

	Baiano				
	Extremo Oeste Baiano		☼	☼	☼
	Metropolitana de Salvador		☼		
	Nordeste Baiano		☼	☼	☼
	Sul Baiano		☼	☼	☼
	Vale São-Franciscano	☼	☼	☼	☼
PARANÁ	Centro Ocidental Paranaense		☼	☼	
	Centro Oriental Paranaense	☼	☼		
	Centro-sul		☼	☼	
	Metropolitana de Curitiba	☼	☼	☼	
	Noroeste Paranaense		☼	☼	☼
	Norte Central		☼		
	Norte Pioneiro		☼	☼	☼
	Oeste Paranaense		☼	☼	
	Sudeste Paranaense		☼	☼	
	Sudoeste Paranaense	☼	☼		☼

Registramos nos quadros 26 e 27 os dados das questões 22 até a questão 33 referentes a astros e tempo e constatamos que a variante *amanhecer* está distribuída por todas as mesorregiões da Bahia e do Paraná. A expressão *nascer o sol* só não está presente na mesorregião Centro-Sul do Paraná. Quanto à lexia *aurora*, não a registramos em cinco regiões da Bahia: Centro-Norte, Extremo Oeste, Nordeste, Sul e no Vale São-franciscano.Também, não a registramos nas seguintes mesorregiões do Paraná: Centro-Oriental, Centro Sul, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste e Sudeste. A variante *pôr do sol* aparece em todas as regiões dos dois estados enquanto *réstia do sol* só aparece no Centro Norte e Centro Sul baiano e no Norte Central paranaense. *Tardezinha* ou *tardinha* não foi registrada no Nordeste da Bahia e no Paraná não registramos nas seguintes mesorregiões: Centro Ocidental, Centro Oriental, Centro Sul, Noroeste, Norte Central e Sudeste. *Anoitecer* aparece em quase todas as regiões do Paraná, exceto no Sudoeste e também não aparece na região Metropolitana de Salvador. *Estrela d'alva* foi registrada em quase todas as regiões de ambos os estados, exceto na mesorregião Centro-Sul paranaense. *Estrela guia* só aparece na região Centro-Sul da Bahia e nas regiões Centro Oriental, Metropolitana de Curitiba e Sudoeste do Paraná. Entretanto,

estrela cadente está presente em todas as regiões baianas e paranaenses. Quanto ao verbo *mudar de posição/de lugar*, referindo-se à estrela cadente, não o observamos na região Metropolitana de Salvador, nem nas regiões Centro Oriental, Norte Central e Sudoeste do Paraná. Salientamos que não cartografamos as respostas para a questão 32, contudo, elencamos a seguir os resultados para a Bahia e Paraná exibindo o número de ocorrências por mesorregião em cada estado:

Verbos que indicam movimento da estrela cadente na Bahia por mesorregião com número de ocorrências:

1) Centro Norte Baiano: mudar – 6; cair – 1; sair – 2; passar – 1;
2) Centro Sul Baiano: movimentar – 1; andar – 1; mudar – 8; cair – 3; correr – 1; sair – 1;
3) Extremo Oeste Baiano: mudar – 5;
4) Metropolitana de Salvador: cair – 3; sair – 1; correr – 2; passar – 1; mudar – 1;
5) Nordeste Baiano: passar – 1; cair – 2; mudar – 4; correr – 3;
6) Sul Baiano: cair – 2; mudar – 2; movimentar – 1; passar – 4; correr – 3;
7) Vale São-Franciscano da Bahia: cair – 5; mudar – 3; correr – 2.

Verbos que indicam movimento da estrela cadente no Paraná por mesorregião com número de ocorrências:

1) Centro Ocidental Paranaense: deslocar-se – 1; cair – 3; mudar – 3;
2) Centro Oriental Paranaense: cair – 2;
3) Centro-sul: cair – 1; mudar – 2;
4) Metropolitana de Curitiba: cair – 8; mudar – 3; andar – 3; voar – 1; cruzar – 1;
5) Noroeste Paranaense: cair – 3; mudar – 3; andar – 1;
6) Norte Central Paranaense: deslocar – 1; cair – 4; correr – 1;
7) Norte Pioneiro Paranaense: deslocar – 1; mudar – 1; cair – 1;
8) Oeste Paranaense: cair – 1; correr – 1; mudar – 2; riscar – 1;
9) Sudeste Paranaense: andar – 1; mudar – 1;
10) Sudoeste Paranaense: cair – 1; deslocar-se – 1.

Caminho de Santiago aparece em quase todas as mesorregiões da Bahia, exceto na região Metropolitana de Salvador. Por outro lado, não vemos esta variante em sete mesorregiões paranaenses: Centro Ocidental, Centro Oriental, Centro-Sul, Metropolitana de Curitiba, Norte Central, Oeste e Sudeste.

5.2.3.2 Diferenças lexicais entre Bahia e Paraná

Os quadros 28 ao 32 mostram as diferenças lexicais distribuídas nas mesorregiões e agrupadas por campo semântico, registradas entre a Bahia e o Paraná. A ordem das formas segue rigorosamente a sequência das perguntas do QSL (1-33). Abaixo dos quadros, procedemos a uma descrição dos dados mostrados, para então trazermos uma breve reflexão

sobre eles. Dividimos os quadros 29 ao 32 em parte I e II para melhor encaixar as variantes e colocamos, dentro do texto, os números que representam os informantes que as forneceram imediatamente após as mesmas entre parênteses.

Quadro 28 – Diferenças Bahia-Paraná: denominações para acidentes geográficos

Mesorregiões Bahia - Paraná	DENOMINAÇÕES REGISTRADAS					
	01	02	03	04	05	06
Centro Norte Baiano			Sumidouro	Corrupio	Mareta	Mareta
Centro Sul Baiano	Rego			Chupão	Mareta	Mareta/ Maré/ corredeira
Extremo Oeste Baiano		Pontalete	Barragem		Mareta	Mareta/ maromba de água
Metropolitana de Salvador						Mareta
Nordeste Baiano				Olho d'água, corrupio		
Sul Baiano						Mareta/ marola
Vale São-Franciscano				Remanso		Mareta
Centro Ocidental Paranaense			Foz			
Centro Oriental Paranaense	Arroio		Final do rio			
Centro-sul	Arroio					
Metropolitana de Curitiba	Arroio		Desemboque			
Noroeste Paranaense						
Norte Central						
Norte Pioneiro						
Oeste Paranaense	Sanga		Foz			
Sudeste Paranaense	Arroio					
Sudoeste Paranaense	Sanga					

Para rio pequeno (pergunta 1), ocorre na Bahia *rego* (089/4) no Centro Sul baiano e (082/1-4) no Nordeste baiano ao passo que *arroio* (219/4) aparece no Centro-Sul paranaense, (222/1) na mesorregião Metropolitana de Curitiba e (218/1-4) no Sudeste paranaense, *sanga* (217/3) no Oeste paranaense e (223/1-4) no Sudoeste paranaense.

Em resposta à pergunta 2, registramos *pontalete* (087/3) no Extremo Oeste baiano. Registramos para a pergunta 3, *sumidouro* (085/1) no Centro Norte baiano; *barragem* (087/3) no Extremo Oeste baiano; *foz* (212/3) no Centro Ocidental paranaense e (215/1) no Oeste

paranaense; *desemboque* (222/3) na mesorregião Metropolitana de Curitiba e *final do rio* (214/1-2) no Centro Oriental paranaense.

Em resposta à pergunta 4, *corrupio* (090/2-4) ocorre no Centro Norte baiano e (083/1) no Nordeste baiano; *chupão* (096/1, 100/2-3) aparece no Centro Sul baiano. Na questão 5, *mareta* (086/3-4), referindo-se à água do mar, ocorre no Centro Norte baiano (089/3, 096/3) no Centro Sul baiano e (087/3) no Extremo Oeste baiano.

Mareta (090/1), referindo-se à água do rio (questão 6), aparece no Centro Norte baiano, (089/3, 095/3) no Centro Sul baiano, (087/3, 092/3) no Extremo Oeste baiano, (091/3) na mesorregião Metropolitana de Salvador, (101/1-3-4, 102/4) no Sul baiano e (081/3, 084/1-2-3-4 097/2-3-4) no Vale São-Franciscano da Bahia; *maré* (089/1) é mencionada no Centro Sul baiano, (087/1) no Extremo Oeste baiano e (081/2) no Vale São-Franciscano da Bahia; *corredeira* (098/2) no Centro Sul baiano; *maromba de água* (087/3) no Extremo Oeste baiano; *remanso* (082/3) no Nordeste baiano; marola (099/2-3) no Sul baiano.

Quadro 29 – Parte I diferenças Bahia-Paraná: denominações para fenômenos atmosféricos

Mesorregiões Bahia – Paraná	DENOMINAÇÕES REGISTRADAS							
	07	08	09	10	11	12	13	14
Centro Norte Baiano	Corru-pio/ ventania		Coris co/ faísca		Chuva forte/ chuva de trovoada/ chuva de vento		Tromba d'água	Chuva bate-deira/ chuva silen-ciosa/ invernar
Centro Sul Baiano	Venta-nia		Coris co		Chuva de vento	Chuva grossa/ toró/ trom-ba d'á-gua	Tromba d'água/ chuva de pancada/ pé d'água	Invernar/ pé d'água/ toró/ chuva de inverno/ chuva enchedeira
Extremo Oeste Baiano			Co-ris-co/ faísca		Chuva forte/ chuva de vento	Chuvara-da	Chuva de vento/ bomba d'água	Invernar
Metropoli tana de Salvador						Aguaceiro	Aguaceiro	
Nordeste Baiano	Venta-nia				Chuva de trovoada	Toró	Cambueiro de setembro	Invernar/ pé d'água/ chuva de inverno
Sul Baiano	Pé de vento		Coris co		Chuva de noroeste/ chuva de açoite/	Toró/ agua-ceiro/ pé d'água	Aguaceiro	Chuva de inverno/ aguaceiro

					aguaceiro			
Vale São-Franciscano			Coris co		Chuva de vento	Chuva de trovoada/ chuva forte		Invernar
Centro Ocidental Paranaense								Chuva longa/ chuva lenta/
Centro Oriental Paranaense						Chuva de verão		
Centro-sul						Tormenta	Vendaval	Chuva grossa
Metropoli tana de Curitiba		Fuzil	Fuzil		Tormenta			Chuva grossa/ enxurrada
Noroeste Paranaense								Chuva grossa/ chuva torrencial/ chuva pesada
Norte Central					Tormenta			Chuva pesada/ chuvaréu/ chuva prolongada
Norte Pioneiro						Chuva brava		Chuva duradoura/ chuva continuada
Oeste Paranaense						Tormenta		
Sudeste Paranaense								
Sudoeste Paranaense					Tormenta	Tormenta		Chuva continuada

Quadro 30 - Parte II diferenças Bahia-Paraná: denominações para fenômenos atmosféricos

Mesorregiões Bahia – Paraná	DENOMINAÇÕES REGISTRADAS						
	15	16	17	18	19	20	21
Centro Norte Baiano	Chuva de gelo			Chuva de inverno/ pingar	Sarolha/ borrifada		Neve
Centro Sul Baiano	Chuva de gelo/ neve	Mudar/ abrir sol/ levantar o tempo/ passar chuva		Poeira de chuva/ sereno	Borrifada/ esfarelada	Ne-blina/ neve/ garoa	Neve/ nevoado
Extremo Oeste Baiano	Chuva de gelo/ geada	Passar chuva		Sereno		Nebli na	Neve/ nevoa
Metropoli tana de Salvador		Passar chuva/ dar uma aragem		Chuva fra-ca	Borrifada		
Nordeste Baiano	Geada	passar chuva/ clarear o tempo	Olho de boi	Sereno		Ne-blina/ garoa	Neve
Sul Baiano	Neve	Passar chuva/ clarear o		Chuva de peneira			

		tempo/ firmar					
Vale São-Franciscano	Chuva de gelo/ abrir sol	Passar chuva/ dar uma aragem			Borrifada		Neve
Centro Ocidental Paranaense							
Centro Oriental Paranaense							
Centro-sul		Vir o sol					
Metropoli tana de Curitiba		Endireitar o tempo					
Noroeste Paranaense				Chuva de molhar bobo			
Norte Central		Dar sol					
Norte Pioneiro							
Oeste Paranaense				Chuva de espantar burro			
Sudeste Paranaense		Esquentar o sol					
Sudoeste Paranaense							

Em resposta à questão 7, averiguamos as presenças de *corrupio* (090/2) no Centro Norte baiano; *ventania* (090/4) no Centro Norte baiano, (100/4) no Centro Sul baiano e (082/1) no Nordeste baiano; *pé de vento* (099/4) no Sul baiano e *fuzil* (221/3) na mesorregião Metropolitana de Curitiba.

Na questão 9, encontramos *faísca* (090/4) no Centro Norte baiano e (087/3, 092/4) no Extremo Oeste baiano; *corisco* (094/1-2-3, 099/4, 101/3-4, 102/3-4) no Sul baiano, (084/3-4) no Vale São-Franciscano da Bahia, (095/1-3-4, 100/3-4) no Centro Sul baiano e (087/4, 092/4) no Extremo Oeste baiano; *fuzil* (221/3) na mesorregião Metropolitana de Curitiba. Não registramos formas diferentes para a questão 10.

Em resposta à questão 11, encontramos as seguintes denominações: *chuva forte* (090/2) no Centro Norte baiano e (092/1) no Extremo Oeste baiano; *chuva de trovoada* (086/1) no Centro Norte baiano e (083/2-4) no Nordeste baiano; *chuva de vento* (085/3) Centro Norte baiano e (095/4) no Centro Sul baiano e (087/2-4, 092/2) no Extremo Oeste baiano e (081/2-4) no Vale São-Franciscano da Bahia; *chuva de noroeste* (102/3-4) no Sul baiano; *chuva de açoite* (101/3) no Sul baiano; *aguaceiro* (094/4) no Sul baiano; *tormenta* (222/1) na mesorregião Metropolitana de Curitiba, (213/2) no Norte Central paranaense e (223/1-2) no Sudoeste paranaense.

Em resposta à questão 12, encontramos as seguintes denominações: *Chuva grossa* (096/2) aparece no Centro Sul baiano; *toró* (095/3) no Centro Sul baiano e (082/4) no Nordeste baiano e (099/4) no Sul baiano; *tromba d'água* (098/3) no Centro Sul baiano; *chuvarada* (087/1) no Extremo Oeste baiano; *aguaceiro* (091/4) na mesorregião Metropolitana de Salvador e (094/3) no Sul baiano; *chuva passageira* (099/1) no Sul baiano; *chuva forte* (099/3) no Sul baiano; *chuva de trovoada* (097/3) no Vale São-Franciscano da Bahia; *chuva de verão* (214/2) no Centro Oriental paranaense; *tormenta* (219/3) no Centro Sul paranaense e 217/4 no Oeste paranaense e 223/3 no Sudoeste paranaense; *chuva brava* 211/3 no Norte Pioneiro paranaense.

Em resposta à questão 13, registramos as seguintes denominações: *tromba d'água* (086/3-4, 090/3) no Centro Norte baiano e (098/3) no Centro Sul baiano; *chuva de pancada* (096/3-4) no Centro Sul baiano; *chuva forte* (100/1) no Centro Sul baiano e (081/4) no Vale São-Franciscano da Bahia; *pé d'água* (098/2) no Centro Sul baiano e (101/3) no Sul baiano; *chuva de vento* (087/4) no Extremo Oeste baiano; *cambueiro de setembro* (082/4) no Nordeste baiano; *bomba d'água* (092/3) no Extremo Oeste baiano; *aguaceiro* (091/3) na mesorregião Metropolitana de Salvador e (094/1, 099/3, 102/3) no Sul baiano; *vendaval* (219/4) no Centro Sul paranaense.

Em resposta à questão 14, encontramos as seguintes denominações: *chuva batedeira* (086/1-3) aparece Centro Norte baiano; *invernar* (085/4) no Centro Norte baiano, (089/1, 096/3-4) no Centro Sul baiano e (087/3, 092/4) no Extremo Oeste baiano e (083/3) no Nordeste baiano e (084/3, 097/2-3) no Vale São-Franciscano da Bahia. *Pé d'água* (100/3) ocorre no Centro Sul baiano, (088/2) no Nordeste baiano; *toró* (095/3) no Centro Sul baiano; *chuva de inverno* (089/3) no Centro Sul baiano e (082/4) no Nordeste baiano e (094/2) no Sul baiano. Registramos a presença de *chuva enchedeira* (098/3) no Centro Sul baiano; *aguaceiro* (099/4) no Sul baiano; *chuva longa* (209/1) Centro Ocidental paranaense; *chuva lenta* (209/3) Centro Ocidental paranaense; *chuva grossa* (219/3) Centro Sul paranaense e (221/3) na mesorregião Metropolitana de Curitiba e (207/3) no Noroeste paranaense. *Chuva torrencial* (222/3) surge na mesorregião Metropolitana de Curitiba, (207/4, 210/3) no Noroeste paranaense e (223/3) no Sudoeste paranaense; *enxurrada* (221/1) na mesorregião Metropolitana de Curitiba; *chuva pesada* (210/4) no Noroeste paranaense e (208/4) no Norte Central paranaense; *chuvaréu* (208/1) no Norte Central paranaense ; *chuva prolongada* (208/3) no Norte Central paranaense; *chuva duradoura* (211/1) no Norte Pioneiro paranaense; *chuva continuada* (211/3) no Norte Pioneiro paranaense e (223/4) no Sudoeste paranaense.

Em resposta à questão 15, encontramos as seguintes denominações: *chuva de gelo* (085/2) está no Centro Norte baiano, (095/4) no Centro Sul baiano e (092/2) no Extremo Oeste baiano e (081/4) no Vale São-Franciscano da Bahia; *neve* (100/1) no Centro Sul baiano e (094/4) no Sul baiano; *geada* (087/2) no Extremo Oeste baiano e (088/3) no Nordeste baiano.

Para a questão 16, registramos as seguintes denominações: *mudar* (089/2) ocorre no Centro Sul baiano; *abrir o sol* (098/1) no Centro Sul baiano e (084/1-4) no Vale São-Franciscano da Bahia; *levantar o tempo* (095/4) no Centro Sul baiano; *passar chuva* (098/2, 100/2) no Centro Sul baiano e (087/1) no Extremo Oeste baiano e (091/4) na mesorregião Metropolitana de Salvador e (088/4) no Nordeste baiano e (101/2-4) no Sul baiano e (081/1) no Vale São-Franciscano da Bahia. A expressão *dar uma aragem* (091/2) é registrada na mesorregião Metropolitana de Salvador e (097/1) no Vale São-Franciscano da Bahia; *clarear o tempo* (082/3) no Nordeste baiano e (094/2, 099/3, 101/3) no Sul baiano; *firmar* (102/1) no Sul baiano; *vir o sol* (219/2) no Centro Sul paranaense; *endireitar o tempo* (222/1) na mesorregião Metropolitana de Curitiba; *dar sol* (213/2) aparece no Norte Central paranaense; *esquentar o sol* (218/2) no Sudeste paranaense. Registramos, para a questão 17, a expressão *Olho de boi* (083/4) no Nordeste baiano.

Em resposta à questão 18, encontramos as seguintes denominações: *chuva de inverno* (086/1-4, 090/3) no Centro Norte baiano; *pingar* (085/1-2) no Centro Norte baiano e (084/2) no Vale São-Francisco da Bahia; *poeira de chuva* (095/4) no Centro Sul baiano; *sereno* (095/1) Centro Sul baiano e (087/3) no Extremo Oeste baiano e (082/3, 088/2) no Nordeste baiano; *chuva fraca* (091/1) em Metropolitana de Salvador; *chuva de peneira/peneirinha* (101/4, 102/4) no Sul baiano; *chuva de molhar bobo* (207/4) no Noroeste paranaense; *chuva de espantar burro* (217/1) no Oeste paranaense.

Para a questão 19, registramos *borrifada* (090/1) no Centro Norte baiano e (096/3) no Centro Sul baiano e (091/4) na mesorregião Metropolitana de Salvador e (084/3) Vale São-Franciscano da Bahia; *esfarelada* (089/3) no Centro Sul baiano; *sarolha* (085/4, 090/3) no Centro Norte baiano. Em resposta à questão 20, encontramos as seguintes denominações: *neblina* (095/4) no Centro Sul baiano, (087/1-2) no Extremo Oeste baiano e (083/1) no Nordeste baiano; *neve* (089/2, 095/2, 100/4) no Centro Sul baiano; *garoa* (098/1) Centro Sul baiano e (082/1-2) no Nordeste baiano. Para a questão 21, a variante *neve* (085/1-2, 086/1-3-4, 090/2-4) ocorre no Centro Norte baiano, (089/3, 095/1-2-3-4, 096/2-3-4, 098/1, 100/2) no Centro Sul baiano, (087/3, 092/2-4) no Extremo Oeste baiano, (083/3) no Nordeste baiano e (081/3, 084/2-3-4, 097/1-3-4) no Vale São-Franciscano da Bahia.

Quadro 31 – Parte I diferenças Bahia-Paraná: denominações para astros e tempo

Mesorregiões Bahia – Paraná	DENOMINAÇÕES REGISTRADAS								
	22	23	24	25	26	27	28	29	30
Centro Norte Baiano	Barra do dia	Clarear do sol/ raio do sol	Barra do dia	Barra do sol		Boca da noite/ Anoite-cer	Entrar a noite		
Centro Sul Baiano	Barra do dia/ nascer o dia/ início do dia	Clarear do sol/ barra do dia/ barrado no amanhe-cer	Barra do dia			Anoi-tecer	Come-ço da noite/ turvar	Papa ceia	
Extremo Oeste Baiano	Rompante do dia					Boca da noite/ saída da tarde	Fim de tarde		
Metropolitana de Salvador		Fazer sol		Escu-recer		Cair da noite	Cair da noite		
Nordeste Baiano		Brilhar o sol/ Barra do dia				Boca da noite			Papa ceia
Sul Baiano		Barra do dia/ subir o sol/ rabo de galo				Boca da noite/ final de tarde-fim de tarde	Chegar a noite		Papa ceia
Vale São-Franciscano	Romper do dia							Estrela da madru-gada	Estrel a da noite – da boca da noite
Centro Ocidental Paranaense		Surgir o sol	Clarão do sol		Cre púscu lo/ raios do sol			Vênus	
Centro Oriental Paranaense		Raiar do dia							
Centro-sul									
Metropolitana de Curitiba			Alvora da				Fusco da noite		Vê nus
Noroeste Paranaense	Aurora	Despon tar o sol	Raiar do dia		Raiar do sol				
Norte Central		Raiar do				Fim do			

		sol				dia			
Norte Pioneiro					Barra do cor-de-rosa		Fim do dia		Estrela do horizonte
Oeste Paranaense	Ficar dia	Raiar do sol/ apontar o sol						Vênus	
Sudeste Paranaense		Clarear o dia							
Sudoeste Paranaense									

Quadro 32 – Parte II diferenças Bahia-Paraná: denominações para astros e tempo

Mesorregiões Bahia – Paraná	DENOMINAÇÕES REGISTRADAS		
	31	32	33
Centro Norte Baiano		Sair/ passar	Carreiro de Santiago
Centro Sul Baiano		Sair/ movi-mentar-se	Caminho do céu
Extremo Oeste Baiano	Zelação		
Metropolitana de Salvador		Sair	Casa de Santiago
Nordeste Baiano	Estrela corredeira	Passar	
Sul Baiano		Movi-mentar-se/ passar	
Vale São-Franciscano	Zelação/ Estrela apagão		
Centro Ocidental Paranaense	Estrela guia	Deslocar-se	Via Láctea
Centro Oriental Paranaense			
Centro-sul			
Metropolitana de Curitiba	Estrela rápida da sorte	Voar	
Noroeste Paranaense			
Norte Central		Deslocar-se	
Norte Pioneiro		Deslocar-se/ fazer um risco	
Oeste Paranaense	Cometa	Riscar	
Sudeste Paranaense			
Sudoeste Paranaense	Cometa	Deslocar-se/ trocar lugar	Sepultura de Jesus Cristo

Para a questão 22, verificamos as presenças de: *barra do dia* 090/3 no Centro Norte baiano e (095/4) no Centro Sul baiano; *nascer o dia* (096/1, 100/3) Centro Sul baiano; *início do dia* (095/3) no Centro Sul baiano; *rompante do dia* (087/3) no Extremo Oeste baiano;

alvorecer (082/4) no Nordeste baiano; *romper do dia* (097/3) no Vale São-Franciscano da Bahia; aurora (207/4) no Noroeste paranaense; ficar dia (215/2) no Oeste paranaense.

Para a questão 23, verificamos as presenças de: *clarear do sol* (086/2) no Centro Norte baiano e (095/2, 100/2) no Centro Sul baiano; *raios do sol* (085/3) no Centro Norte baiano; *barra do dia* (089/3) no Centro Sul baiano e (094/3) no Sul baiano; *fazer sol* (091/1) na mesorregião Metropolitana de Salvador; *brilhar o sol* (082/4) no Nordeste baiano; subir o sol (102/4) no Sul baiano; *surgir o sol* 209/4 no Centro Ocidental paranaense; *raiar do dia* (214/2) no Centro Oriental paranaense. *Despontar o sol* (210/3) aparece no Noroeste paranaense; *raiar do sol* (207/3) no Noroeste paranaense e (213/1) no Norte Central paranaense e (217/1) no Oeste paranaense; *apontar o sol* (215/3) no Oeste paranaense; *clarear o dia* (218/2) no Sudeste paranaense.

Em resposta à pergunta 24, registramos: *barra do dia* (086/3-4, 090/3) está documentada no Centro Norte baiano e (089/3, 100/3) no Centro Sul baiano e (083/3) no Nordeste baiano; *barrado no amanhecer* (098/3) no Centro Sul baiano; *rabo de galo* (102/4) no Sul baiano; *clarão do sol* (209/3) Centro Ocidental paranaense; *alvorada* (222/3) na mesorregião Metropolitana de Curitiba; raiar do dia (207/1) no Noroeste paranaense. Na questão 25, encontramos *barra do sol* (086/3) no Centro Norte baiano; *escurecer* (091/2) na mesorregião Metropolitana de Salvador e para a questão 26, registramos *crepúsculo* (212/3) acontece no Centro Ocidental paranaense; *raios do sol* (209/3) no Centro Ocidental paranaense; *raiar do sol* (210/3) no Noroeste paranaense e *barrado cor de rosa* (211/4) no Norte Pioneiro paranaense.

Para a questão 27, documentamos: *boca da noite* 090/1 no Centro Norte baiano, 087/3 no Extremo Oeste baiano, 082/3 no Nordeste baiano e 102/3 no Sul baiano; *anoitecer* 085/4 no Centro Norte baiano e 089/2 no Centro Sul baiano; *fim de tarde/final de tarde* 094/2 101/3 no Sul baiano; *saída da tarde* 087/4 no Extremo Oeste baiano; *cair da noite* 091/2 na mesorregião Metropolitana de Salvador; *fim do dia* 208/1 no Norte Central paranaense. *Começo da noite* (089/3, 095/2, 098/2) está documentada no Centro Sul baiano. Em resposta à questão 28, documentamos: *entrar a noite* (085/4) no Centro Norte baiano; *turvar* (095/3) no Centro Sul baiano; *cair da noite* (091/2) na mesorregião Metropolitana de Salvador; *fim de tarde* (087/4) no Extremo Oeste baiano; *chegar a noite* (094/3) no Sul baiano; *fim do dia* (211/2) no Norte Pioneiro paranaense; *fusco da noite* (222/3) na mesorregião Metropolitana de Curitiba.

Papa ceia (pergunta 29) (095/3) encontra-se no Centro Sul baiano; *estrela da madrugada* 097/1 no Vale São-Franciscano da Bahia; *Vênus* 209/4 no Centro Ocidental

paranaense e 217/3 no Oeste paranaense. *Vênus* (pergunta 30) (221/1) na mesorregião Metropolitana de Curitiba; *estrela do horizonte* (211/4) no Norte Pioneiro paranaense. Em resposta à pergunta 31, documentamos: *zelação* (092/4) no Extremo Oeste baiano e (084/3, 097/4) no Vale São-Franciscano da Bahia; *estrela corredeira* (082/4) no Nordeste baiano; estrela apagão (097/3) no Vale São-Franciscano da Bahia; *estrela guia* (209/1) no Centro Ocidental paranaense; *estrela rápida da sorte* (222/1) na mesorregião Metropolitana de Curitiba; *cometa* (215/1) no Oeste paranaense e (223/3) no Sudoeste paranaense.

Em resposta à questão 32, registramos: *sair* (085/4, 086/2) está documentada no Centro Norte baiano, (100/2) no Centro Sul baiano e (091/1) na mesorregião Metropolitana de Salvador; *movimentar-se* (089/2) no Centro Sul baiano e (099/1) no Sul baiano; *passar* (086/3) no Centro Norte baiano e (082/1) no Nordeste baiano e (099/2, 101/2, 102/2-3) no Sul baiano; *deslocar*-se (209/1) no Centro Ocidental paranaense e (208/3) no Norte central paranaense e (211/3) no Norte Pioneiro paranaense e (223/3) no Sudoeste paranaense; *voar* (222/2) Metropolitana de Curitiba; *fazer um risco/riscar* (211/1) no Norte Pioneiro paranaense e (217/2) no Oeste paranaense; *trocar lugar* (223/1) no Sudoeste paranaense.

Documentamos para questão 33: *carreiro de Santiago* (085/4) no Centro Norte baiano; *caminho do céu* (095/4) no Centro Sul baiano; *casa de Santiago* (091/4) na mesorregião Metropolitana de Salvador; *Via Láctea* (212/3) no Centro Ocidental paranaense; *sepultura de Jesus Cristo* (223/1) no Sudoeste paranaense.

5.2.3.3 Breve reflexão sobre as diferenças lexicais entre Bahia e Paraná

A variação diatópica registrada na Bahia e no Paraná, no que diz respeito às diferenças registradas no léxico analisado e referente a esses estados, não sugere resultar de implicações históricas ou relacionadas ao tipo de povoamento. Embora a história registre a grande presença de línguas africanas na Bahia por séculos durante o período da escravidão negra no Brasil, bem como, a presença de línguas indígenas tanto na Bahia quanto no Paraná, não registramos a presença de africanismos ou indigenismos no léxico considerado nesta Tese. Todas as variantes documentadas ou tinham origem no latim ou não tinham registro etimológico nos dicionários consultados. Um exemplo disto é *sanga* registrado no Oeste e Sudoeste paranaense citado por Machado (1967) como sendo de origem obscura e por Cunha (2010) como sendo de origem controversa. Outro exemplo é *chupão* documentado no Centro Sul baiano. Machado não cita *chupão*, mas traz o verbo *chupar* como tendo uma etimologia obscura e Cunha afirma que *chupar* tem origem onomatopaica.

5.3 ASPECTOS LEXICOGRÁFICOS DOS DADOS

Nesta seção, analisamos o conjunto de lexias documentadas nos dois estados, tanto no interior como nas capitais, numa dupla perspectiva: a) verificação do registro, ou não, dessas formas nos dicionários gerais da língua e da maneira como aparecem nessas obras, e b) exame da relação entre as denominações registradas e os fatores sociais.

Para tanto, servimo-nos, basicamente, de três dicionários: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1986; HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Objetiva: Rio de Janeiro, 2001. LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. Ática: São Paulo, 2006, referidos nessa mesma ordem nos comentários. São abordados, nesta parte, os itens mais produtivos.

Para denominações para rio pequeno, de uns dois metros de largura – destacamos *riacho* e *córrego*. *Riacho* encontra-se dicionarizado em Aurélio (1986) como oriundo do espanhol *riacho*, indicando rio pequeno mais volumoso que regato e menos que a ribeira. Houaiss (2001) traz a mesma acepção que Aurélio e o coloca como sinônimo de *córrego*. Já Luft (2006) o coloca como sinônimo de *regato* e traz a mesma acepção que Aurélio e Houaiss. *Córrego* aparece em Aurélio (1986) como sinônimo de *riacho* identificado como um brasileirismo usado na região média do São Francisco para se referir a qualquer dos afluentes desse rio. Houaiss (2001) e Luft (2006) registram *córrego* como sinônimo de *riacho*. Aurélio (1986) traz *ribeirão* com uma acepção aproximada indicado como um curso de água menor que um rio e maior que um riacho, aumentativo de *ribeiro* e, por sua vez, sinônimo de rio pequeno, regato, riacho. Houaiss (2001) também traz ribeirão como um curso de água menor que um rio e maior que um riacho. Luft (2006) concorda com Aurélio quando diz que *ribeirão* é um *ribeiro* grande, portanto aumentativo de *ribeiro*, e adiciona que é menor que o rio e maior que o regato.

Rego é de origem pré-romano *recu*, possivelmente misturado ao céltico *rica*, *sulco* (AURÉLIO, 1986, p. 1475). Segundo Aurélio, *rego* é, portanto um sulco natural ou artificial que conduz água, valado, valeta num campo cultivado. Houaiss diz que *rego* é um sulco para escoar água, uma valeta. *Arroio* está dicionarizado em Aurélio e Houaiss como um pequeno curso de água. Luft traz o mesmo conceito, mas acrescenta que um *arroio* é menor que um *riacho*. A variante *sanga* que foi registrada apenas no Paraná não está dicionarizada em

Houaiss (2001), nem em Luft (2006). *Sanga* aparece em Aurélio (1986) como um pequeno regato que seca facilmente, acepção perto daquela com que ocorre nos dados.

Ponte encontra-se dicionarizada pelos três lexicógrafos com acepção aproximada. Em Aurélio aparece como uma construção destinada a estabelecer ligação entre margens opostas de um curso de água ou de outra superfície líquida qualquer. Houaiss afirma que *ponte* é uma construção que liga dois pontos separados por curso de água ou depressão de terreno. A definição de Luft é a mesma, isto é, uma construção para comunicar dois pontos separados por curso de água ou depressão de terreno. Embora, a questão 2 do QSL do ALiB procure lexias ou expressões fraseológicas que identifiquem um pedaço de pau, um tronco para se passar por cima de um riacho, vemos claramente que as acepções trazidas por estes três lexicógrafos para a lexia *ponte* estão muito aproximadas da acepção que buscamos. Por outro lado, *pinguela* encontra-se dicionarizada na acepção com que figura no questionário do ALiB. Aurélio (1986) define *pinguela* como um tronco ou prancha que serve de ponte sobre um rio. Já Houaiss (2001) diz que *pinguela* é uma ponte tosca de madeira. Em Luft (2006), *pinguela* aparece como uma tábua ou tronco sobre riacho para servir de ponte. Podemos, então, observar que a pinguela é, na verdade, uma ponte, cujo sentido parece estar atrelado ao campo e restrito ao material "madeira". *Ponte* é, portanto, um termo geral para designar algo construído para ligar dois pólos.

Uma série de variantes traz a ideia de uma construção para ligar duas margens ou dois pólos, dentre elas podemos destacar *pontalete*. *Pontalete* está dicionarizado em Aurélio (1986) com acepção levemente diferente daquela com que figura na questão do ALiB, uma vez que a caracteriza como um barrote ou peça de metal com que se escoram edifícios e pavimentos. Pontalete não está registrado em Houaiss (2001), mas aparece em Luft (2006) com a mesma acepção que Aurélio.

Há uma série de expressões para indicar o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio. Destacamos *foz*, *sumidouro*, *barra*, *desemboque*, *embocadouro* e a expressão *encontro de rios*. Aurélio afirma que *foz* se refere ao ponto onde um rio (ou outro curso fluvial) termina, desaguando no mar, num lago ou em outro rio, desembocadura. Houaiss simplifica e diz que *foz* é o ponto onde um rio deságua. Já para Luft, *foz* é o lugar onde um rio desemboca, embocadura. *Sumidouro* está dicionarizado com acepção relativamente aproximada da acepção que buscamos nesta questão. Aurélio (1986) diz que *sumidouro* vem de *sumir* + -(*d*)*ouro* e se trata de uma abertura por onde um líquido se escoa, podendo tratar-se de um rio que desapareça terra adentro ressurgindo em outros sítios mais baixos, escoadouro. Houaiss (2001) é mais incisivo e diz que *sumidouro* é um rio que desaparece para

dentro da terra, ressurgindo em locais mais baixos. Luft (2006) diz que *sumidouro* é o lugar onde as águas de um rio desaparecem. Após vermos estas três definições convergentes, podemos dizer que *sumidouro* e *foz* significam a mesma coisa. Outra variante para esta questão é *barra*. Aurélio dá uma definição, mais técnica que os outros dois autores, relacionada ao sentido aqui analisado quando afirma que *barra* é o acúmulo de material aluviônico, paralelo à costa, no ponto onde há equilíbrio entre a corrente marítima e a fluvial. Já Houaiss traz a lexia *barra* como sinônimo de *desembocadura* e *foz*. Não encontramos uma definição apropriada em Luft que se encaixe dentro deste grupo semântico. A definição mais próxima se refere a uma entrada estreita de porto ou baía. Apesar das definições vagas de Aurélio e Luft, podemos dizer que a palavra *barra* não foi usada aleatoriamente pelos informantes que a forneceram. *Barra* tem uma relação com *o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio*. *Desemboque* não está dicionarizado em nenhum dos dicionários consultados, apenas o verbo *desembocar*. Analisemos, então, o verbo *desembocar* que provavelmente desencadeou o uso de *desemboque* em um processo de nominalização do verbo. *Desembocar* consta em Aurélio como transpor, saindo, a embocadura de rio, canal, rua, etc. e em Houaiss como terminar seu curso, desaguar. Em Luft, desembocar significa desaguar (rio). Nos três dicionários consultados, este verbo expressa o ato de sair de um lugar relativamente estreito para outro mais largo. *Desemboque* é provavelmente uma derivação regressiva de desembocar que se encontra dicionarizado nos três dicionários consultados. *Embocadouro* é certamente uma variante de *embocadura* que está dicionarizada como sinônimo de *foz* nos três dicionários. A expressão fraseológica *encontro de rios* não está dicionarizada como tal. Entretanto, estes três lexicógrafos trazem uma acepção interessante para a lexia *encontro*. Para eles, *encontro* pode significar confluência de rios, voltando, mais uma vez, ao conceito de *foz*.

Redemoinho está documentado em todos os dicionários consultados. Aurélio, contudo, não dá de imediato uma acepção para *redemoinho* e remete ao verbete *remoinho* para conceituar *redemoinho*. Isto é, sugere que *redemoinho* é oriundo de *remoinho* que por sua vez é derivado de *remoinhar* – andar à roda em círculos ou espirais, movimento em círculo causado pelo cruzamento de ondas ou ventos contrários. Aurélio traz as expressões *rajada de vento* e *pé-de-vento* como sinônimos de *redemoinho*. Houaiss remete a *rodamoinho* que se refere a um movimento rápido e espiralado, que ocorre em águas, da superfície para o fundo ou a uma rajada de vento que se movimenta em círculos. Luft também remete ao conceito de *remoinho* que se refere a um giro rápido no ar, com levantamento de grande quantidade de pó ou movimento rápido e espiralado que ocorre nas águas de um rio ou mar. Há outras variantes

registradas que traduzem também esta ideia de *remoinhar*: *corrupio, rebojo, ventania, pé-de-vento,* moinho.

Corrupio está dicionarizado em Aurélio e Houaiss apenas como uma brincadeira de criança. Aurélio assim define *corrupio*: designação comum a diversas brincadeiras infantis e, em particular, aquela em que a pessoa, segurando a criança pelas duas mãos, rodopia juntamente com ela, rapidamente em círculos diminutos, ou daquela em que duas crianças de mãos dadas, braços esticados e os pés de cada uma em frente dos da outra, rodopiam velozmente (AURÉLIO, 1986, p. 486). Houaiss é mais conciso em sua definição de *corrupio*: brincadeira em que um par rodopia de mãos dadas (HOUAISS, 2001, p. 848). Luft (2006, p. 242) coloca *corrupio* como sinônimo de *redemoinho*, mas acrescenta que também se trata de brinquedo de crianças rodopiando de mãos dadas. *Rebojo* aparece em Aurélio como sinônimo de *redemoinho*, e, traça algumas especificidades quanto a esta lexia. Para o autor, trata-se de um redemoinho do vento, provocado por mudança repentina de direção bem como um redemoinho ou contracorrente causada pela sinuosidade do rio ou pelos acidentes do seu leito ou das suas margens. Houaiss é mais específico quando define *rebojo* apenas como um *rodamoinho* que se forma em rios. Luft diz que *rebojo* é o movimento circular das águas de rio, causado por redemoinhos ou sorvedouros. De maneira que *rebojo*, para Luft, não é o *redemoinho* em si, mas uma consequência dele e sua definição leva a redemoinho que é o próprio movimento circular. Isto leva a crer que *rebojo* é de fato *redemoinho*.

Aurélio, ao conceituar *redemoinho*, traz *pé de vento* como sinônimo e aproxima a acepção desta expressão àquela de *ventania*. Em Aurélio (1986), *pé-de-vento* é uma ventania repentina, de curta duração. Em Houaiss (2001) *pé-de-vento* é sinônimo de rajada de vento. Luft (2006) concorda, de certa forma, com os outros dois e registra *pé-de-vento* como simplesmente um vento forte. Outra vez, vemos um item lexical sendo usado de maneira aproximada ao conceito que buscamos nesta questão, pois não traz a ideia do movimento circular, do giro característico das acepções encontradas ao definirmos *redemoinho*.

Onda encontra-se nos três dicionários como uma elevação da água do mar, rio ou lago. Para Luft (2006) é uma "pequena" elevação da água no mar, lago ou rio. Outras variantes usadas pelos informantes para expressar a ideia de movimento da água do mar ou do rio foram *mareta*, *maré, marola* e *correnteza*. A lexia *mareta* está dicionarizada em Aurélio, Houaiss e Luft que a definem como uma onda pequena. Aurélio acrescenta que se trata de uma onda que ocorre apenas em rio, embora os informantes tenham usado *mareta* para se referir ao movimento de água em rio e mar. A forma *maré* é definida pelos três lexicógrafos de maneira aproximada como um movimento periódico de elevação ou abaixamento das

águas do mar produzido pela ação conjunta da Lua e do Sol, e, em menor escala, dos planetas. Como podemos ver, os três lexicógrafos definem *maré* como um movimento de água que ocorre no mar, e alguns informantes estendem o significado de maré para a *onda* de rio.

Aurélio chama *marola* de uma ondulação na superfície do mar; para Houaiss é uma pequena onda que se forma na superfície do mar; e para Luft, trata-se de uma agitação das ondas na superfície do mar. A lexia *marola* refere-se apenas ao movimento da água do mar segundo os três dicionários consultados, mas os dois informantes a utilizam para o movimento da água no rio. *Correnteza* é a última variante que chamamos aqui para discussão relativa ao movimento de água. Aurélio (1986) não traz uma definição imediata para a palavra *correnteza*, remetendo ao adjetivo *corrente* para defini-la. Portanto, a acepção que aqui mostramos se refere ao adjetivo *corrente*, que para ele designa águas que correm, que não se acham estagnadas. Já Houaiss e Luft trazem definições específicas para *correnteza*. Segundo Houaiss (2001), *correnteza* é um fluxo forte de águas e para Luft (2006), é um curso de água, um lugar onde a água corre mais depressa. Como vemos, não se trata de um movimento ondulado, mas de um movimento corrente. Portanto, não temos aqui uma acepção dicionarizada idêntica à resposta fornecida pelo informante, mas temos certa aproximação do que buscamos uma vez que ser refere ao movimento da água do rio.

Relâmpago encontra-se dicionarizado na mesma acepção com que ocorre como resposta à questão. Para Aurélio, trata-se de uma luz intensa e rápida produzida pela descarga elétrica entre duas nuvens, e que, geralmente, precede o ruído do trovão. Houaiss registra que é um clarão rápido causado por descarga elétrica entre nuvens. Para Luft, *relâmpago* é também um clarão proveniente de descarga elétrica atmosférica. *Raio* está registrado em Aurélio como uma descarga elétrica entre uma nuvem e o solo, acompanhada de relâmpago e trovão. Houaiss traz uma acepção semelhante e diz que *raio* é uma descarga elétrica na atmosfera, acompanhada de relâmpago e trovão. Para Luft é uma descarga elétrica entre uma nuvem e o solo. Ao compararmos as descrições de *raio* nestes três dicionários com a descrição expressa no QSL do ALiB 2001, vemos que estas descrições se entrelaçam, embora o QSL não faça referência ao termo “descarga elétrica”. O Questionário do Atlas Linguístico do Brasil descreve, na formulação da pergunta, como uma luz forte e rápida que sai das nuvens que pode queimar uma árvore ou matar pessoas e animais. Isto leva à reflexão de que esta luz nada mais é do que uma descarga elétrica uma vez que a luz em si não queimaria nem mataria pessoas. Entendemos, então, que as acepções levantadas nos dicionários para relâmpago e raio estão estreitamente relacionadas aos conceitos com que ocorrem no *corpus* base do trabalho.

A variante *trovão* está definida de forma semelhante pelos três lexicógrafos. Aurélio e Houaiss trazem esta lexia como um estrondo ou um forte ruído causado por descarga de eletricidade atmosférica e coloca *trovoada* como sinônimo de *trovão*. Luft traz exatamente a mesma definição, sem acrescentar que *trovão* é sinônimo de *trovoada*. Esta é exatamente a acepção que se busca na questão. É possível afirmar isto porque a questão indaga sobre um forte barulho que se escuta logo depois de um *raio*. Entendendo *raio* como uma descarga elétrica na atmosfera, entendemos que o *trovão* é de fato este barulho que procuramos. Ao analisarmos o vocábulo *trovoada* como entrada nestes três dicionários, vemos que só Aurélio reitera sua posição quanto à sinonímia entre *trovão* e *trovoada*, mas define trovoada como uma sucessão de descargas elétricas e trovões, acompanhada, geralmente, de chuva. Houaiss ratifica a acepção dada por Aurélio e complementa que *trovoada* é uma série de trovões. Luft partilha da mesma ideia e diz que se trata de mau tempo com trovões frequentes. Portanto, o uso de *trovoada* para se referir ao barulho que se escuta depois de um *raio* é de caráter aproximado já que *trovoada* implica vários *trovões*.

Uma série de variantes exibe a ideia de uma chuva forte que vem de repente. Dentre estas variantes podemos destacar *tempestade*, *temporal*, *vendaval* e *toró*. Os três autores trazem definições muito semelhantes para *tempestade*. Segundo Aurélio e Luft, esta lexia se refere a uma agitação violenta da atmosfera, às vezes acompanhada de chuvas, ventos, granizo ou trovões. Em Houaiss consta que se trata de um vento muito forte geralmente acompanhada de chuva, granizo ou neve. Para Aurélio e Houaiss *tempestade* e *temporal* são sinônimos. Aurélio e Luft não trazem uma definição para *temporal*, mas trazem esta variante como sinônimo de tempestade. Já Houaiss assinala que *temporal* é uma chuva forte com vento. *Vendaval* está registrado nos três dicionários como um vento muito forte, impetuoso, tempestuoso. Aurélio traça uma relação de sinonímia entre *vendaval* e *temporal* ao passo que Luft o faz com relação à *tempestade*. Finalmente, encontramos *toró* dicionarizado em Aurélio como uma chuva violenta, repentina e, geralmente, curta. Houaiss tem a mesma acepção quando afirma que *toró* é uma chuva forte e súbita. Por outro lado, Luft não dá uma definição para a variante *toró*, mas a coloca como sinônimo de *chuvarada* que ele mesmo define como uma chuva abundante e nos remete novamente a *toró* como sinônimo de *chuvarada*. As acepções encontradas para estas variantes convergem para o mesmo conceito que é de uma chuva repentina e forte. Portanto, podemos dizer que estas quatro variantes estão dicionarizadas com a mesma acepção com que ocorrem como resposta à questão. Para uma chuva muito forte e de pouca duração, destacamos algumas variantes: *chuva passageira*, *tromba- d'água*, *pé d'água*.

A expressão *tromba d'água* encontra-se registrada nos três dicionários. Aurélio a define como uma grande porção de água, ou de chuva e se refere a um fenômeno meteorológico que ocorre no mar e consiste numa grande nuvem negra, donde vai saindo um prolongamento *parecido a uma tromba de elefante*, o qual girando rápido em torno do seu eixo, desce até a superfície, onde produz forte remoinho e eleva a água, na forma de um cone com o vértice voltado para cima. (AURÉLIO, 1986, p. 1720). Houaiss define *tromba d'água* como uma forte pancada de chuva. Ele também diz que se trata de um fenômeno meteorológico em nuvens espessas e negras que se movem formando um cone cuja base é voltada para o alto. Luft traz *chuva forte* e *pé d'água* como sinônimos para *tromba d'água*. Luft também usa termos da meteorologia para explicar esta expressão. Ele diz que uma *tromba d'água* é uma massa de vapor de água erguida em coluna e animada de movimento circular e rápido, acompanhada de tempestade e turbilhões de vento. Todas estas definições nos levam a crer que *tromba d'água* está dicionarizada com uma acepção metafórica cuja ideia subjacente indica o conceito para uma chuva de pouca duração, forte e pesada. A expressão fraseológica *pé d'água* está dicionarizada com a acepção da questão. Aurélio a traz como sinônimo de *aguaceiro*. Houaiss a traduz como uma chuva forte e de curta duração. Assim como Aurélio, Luft traz *pé d'água* como sinônimo de aguaceiro e de chuva forte. Após estas considerações, podemos afirmar que as expressões *tromba d'água* e *pé d'água* estão dicionarizadas com a acepção da questão.

Uma chuva com bolinhas de gelo que caem do céu é chamada de *chuva de pedra* ou *chuva de granizo* pelos informantes. Nenhuma das duas expressões está dicionarizada como tal, em entrada principal, em nenhum dos dicionários consultados. Contudo, estas expressões fazem parte da microestrutura dos verbetes *pedra* e *granizo* em Aurélio. A expressão *chuva de pedra* e a lexia *pedra* não estão dicionarizadas em Houaiss com a acepção da questão, contudo, em Luft, *chuva de pedra* aparece como sinônimo de *granizo*. Aurélio traz que *pedra* pode se referir às pedras de gelo do granizo e coloca *chuva de pedra* como sinônimo de *granizo*. *Granizo* aparece nos três dicionários em questão. Aurélio conceitua *granizo* como um tipo de precipitação atmosférica na qual as gotas de água se congelam ao atravessar uma camada de ar frio, caindo sob a forma de pedras de gelo. Houaiss traz *granizo* como uma precipitação atmosférica na forma de pequenos fragmentos de gelo. Para Luft, granizo são pedrinhas de gelo, resultantes do resfriamento repentino dos vapores que formam as nuvens. Acreditamos que *chuva de pedra* recebe a acepção da questão por conta de uma analogia que os informantes provavelmente fazem referindo-se a textura que o gelo adquire quando atravessa a camada de ar frio na atmosfera e atinge a superfície terrestre. Quando indagados

sobre o seu conhecimento de outras variantes para denominar o referente, alguns poucos informantes forneceram a expressão *chuva de flor*. Constatamos que *chuva de flor* não se encontra dicionarizada em nenhum dos três dicionários perscrutados.

O verbo *estiar* está registrado nos três dicionários como parar ou cessar de chover. Outros verbos utilizados pelos informantes para conceituar esta ideia são *abrir*, *limpar* e *melhorar*, referindo-se ao tempo, como *abrir o tempo* ou *melhorar o tempo*. Uma das acepções que encontramos para *abrir* em Aurélio é compatível com a acepção que buscamos na questão, ou seja, melhorar o tempo. Em Houaiss e em Luft, este verbo está registrado como sinônimo de desanuviar, que também nos dá a ideia de dissipar as nuvens, de melhorar o tempo. Vemos aqui um uso metafórico uma vez que, para utilizar o verbo *abrir* neste contexto, o informante provavelmente vê as nuvens como algo que tampa ou fecha o céu impedindo a claridade do sol de chegar até ele. Quando "desanuvia", "o céu se abre", a luz do sol pode finalmente alcançá-lo. *Limpar* está dicionarizado em Aurélio como tornar sereno e sem nuvens. Houaiss e Luft trazem *limpar*, da mesma forma que *abrir*, como sinônimo de desanuviar. Uma das definições que Aurélio apresenta para o verbo *melhorar* está relacionada à acepção da questão: abrandar o tempo. Já Houaiss e Luft não trazem *melhorar* com uma definição que esteja atrelada a condições meteorológicas. A definição de melhorar fala por si mesma. Ao dizermos que o tempo melhorou ou o tempo vai melhorar queremos dizer que o tempo se tornou melhor ou vai se tornar melhor e isto nos leva ao conceito de "desanuviou" ou vai "desanuviar". Após esta breve análise, constatamos que estes verbos estão dicionarizados com a mesma acepção da questão.

Arco-íris está registrado com a mesma acepção nos três dicionários. Para Aurélio trata-se de um uso metonímico que leva o sentido da mitologia para fora do seu ambiente mitológico ao fazer referência a Íris – mensageira da deusa Juno- que vinha do Céu caminhando por este arco (AURÉLIO, 1986, p. 159). Ele define *arco-íris* como "um fenômeno resultante da dispersão de luz solar em gotículas de água suspensas na atmosfera, que é observado como um conjunto de arcos de circunferência coloridos com as cores do espectro solar". Ele traz a expressão *arco-da-velha* como um sinônimo para *arco-íris*. Em Houaiss (2001), *arco-íris* está dicionarizado como um arco luminoso multicolorido produzido quando a luz solar é refletida por gotículas de água provenientes da chuva. Houaiss não mostra sinônimos para esta expressão. Luft (2006), assim como Aurélio, diz que *arco-íris* é sinônimo de *arco-da-velha*. Para ele trata-se de um fenômeno luminoso da atmosfera que se mostra em forma de arco e com cores do espectro solar. Parece-nos claro que se trata da mesma acepção sobre este arco que aparece no céu depois de uma chuva.

Garoa e *chuvisco* bem como o verbo *pingar* são as variantes utilizadas para expressar uma chuva bem fininha e todas elas se encontram dicionarizadas. Para Aurélio, *garoa* é uma chuva muito fina. Houaiss e Luft apresentam uma definição semelhante. Para eles trata-se de uma chuva miúda e contínua, persistente. Todos eles trazem *chuvisco* como sinônimo de *garoa*. O verbo *pingar* aparece nos três dicionários com uma acepção aproximada a acepção da questão. Aurélio é o que traz uma definição mais próxima dentro do campo semântico de fenômenos atmosféricos, neste caso, diferentes manifestações de chuva. Para ele *pingar* pode significar começar a chover, chover brandamente, peneirar. Para Houaiss e Luft, este verbo significa deixar cair aos pingos, gotejar. Houaiss e Luft não fazem referência à chuva. Contudo, é possível ver nestas definições uma analogia com a forma como a água cai ao passar por uma peneira que se assemelha àquilo que aqui denominamos de *garoa* ou *chuvisco*. Como registra Aurélio (1986), já mencionado, *pingar* é o mesmo que *peneirar*. Referindo-se à chuva, podemos afirmar que se trata de uma chuva bem fininha.

Úmido está registrado nos dicionários com a mesma acepção da questão. Os três lexicógrafos definem *úmido* como levemente molhado. Houaiss e Luft não fazem referência à terra, que é o foco da pergunta. Contudo, Aurélio traz a frase *terra úmida* nas suas abonações. A variante *sarolha* não se encontra dicionarizada em nenhum dos dicionários consultados. Tentando encontrar uma explicação para justificar a ocorrência desta variante na Bahia, consultamos Cardoso e Rolemberg (1988) que, ao final dos anos 60 do século XX, mais precisamente entre 1966 e 1967, recolheram em Sergipe a forma *sarolha* para indicar terra úmida e a trazem no seu artigo intitulado *A vitalidade de sarolha nos falares baianos*. As autoras comentam que as informações sobre a etimologia de *sarolha* eram escassas, mas fazem referência a *zarolho* (provincianismo brasileiro) e a *sorolhento* (provincianismo Alentejo) ‘mal sazonado, verde’ como possíveis empréstimos ao castelhano e a *zarolha* (provincianismo minhoto) ‘roupa mal enxuta’. Também mencionam *zarollo* (galego, leonês, murciano) e *sorroyo* (andaluz) utilizado para messes que no momento da ceifa ainda estão um pouco verdes, talvez oriundos de *azarolla* (possivelmente do Latim cereola) que se relaciona ao sabor desta fruta. Elas também citam *zorollo* que se aplica a um alimento meio cru (Almeria). Estas são apenas algumas das formas arroladas no artigo com a tentativa de explicar a variante *sarolha* para indicar terra úmida. Após trazerem estas lexias, Cardoso e Rolemberg chegam à seguinte conclusão:

> A abordagem da documentação de Sergipe, o exame da carta 22 do APFB e dos léxicos e dicionários etimológicos disponíveis levam-nos a concluir que na significação de sarolha e variantes persiste um traço constante, o de estado

> intermediário, incompleto, imperfeito, que designa a terra nem seca nem molhada, um tipo de farofa ligeiramente molhada, um tipo de beiju umedecido, frutos e cereais em geral mal amadurecidos, ou ainda, roupa mal enxuta. (CARDOSO E ROLEMBERG, 1988, p. 48).

Sereno está registrado em Aurélio como um tênue vapor atmosférico noturno. Ele acrescenta que sereno também pode ser uma chuva fina e pouco duradoura. Houaiss apresenta *sereno* como o ar livre ao crepúsculo ou à noite. Ele traz *orvalho* como um sinônimo para *sereno*. Luft diz que sereno é a umidade noturna. Outra variante para expressar esta ideia é *orvalho*. *Orvalho* está dicionarizado em Aurélio como umidade atmosférica, que se condensa (principalmente durante a noite) e se deposita, em forma de gotículas, sobre qualquer superfície fria. Ele diz que *orvalho* também pode ser entendido como uma chuva muito miúda, chuvisco. Houaiss apresenta uma definição semelhante e traz orvalho como a umidade atmosférica condensada que se deposita, em forma de gotinhas, sobre superfícies frias, pela manhã e à noite. Ele também diz que orvalho poder ser uma chuva fina. *Orvalho* são gotículas resultantes da liquefação do vapor da água contido na atmosfera e que se precipitam, especialmente, durante a madrugada, esta é a acepção trazida por Luft. Informantes no interior da Bahia usaram o termo *garoa* para expressar esta ideia. Vemos que este uso coincide com o que registram Aurélio e Houaiss, pois eles dizem que as variantes *sereno* e *orvalho* podem ser entendidas como uma chuva fina. Diante do que expomos aqui neste parágrafo, podemos dizer que aquilo que molha a grama durante a noite pode ser expresso pelas variantes *sereno* e *orvalho*.

As variantes *neblina*, *nevoeiro*, *cerração* e *névoa* são utilizadas para um nevoeiro baixo. Estas quatro variantes estão registradas nos três dicionários que usamos para este estudo. Aurélio caracteriza *neblina* como uma névoa densa e rasteira e para Houaiss *neblina* é sinônimo de *nevoeiro*, que Luft completa com "nevoeiro baixo, pouco denso". A segunda variante para nossa avaliação lexicográfica com essa acepção é *nevoeiro*. Para Aurélio, *nevoeiro* se constitui da palavra *névoa + eiro* e é a nebulosidade que se forma nas camadas inferiores da atmosfera, próxima ao solo, constituída de grande número de gotículas de água em suspensão no ar, do que resulta ficar muito reduzida a visibilidade. Houaiss define *nevoeiro* com névoa baixa e fechada e traça uma relação de sinonímia com *neblina*. Luft traz nevoeiro como uma névoa densa; neblina ou cerração espessa. *Cerração* aparece em Aurélio, em Houaiss e em Luft como nevoeiro espesso, denso. Finalmente, chegamos ao conceito de *névoa*. Em Aurélio, *névoa* é a turvação atmosférica, menos intensa que a cerração, e que não reduz a visibilidade a menos de um quilômetro. Houaiss traz a mesma definição que Aurélio

para quem *névoa* é um vapor atmosférico menos denso que a cerração, sinônimo de *neblina*. Luft afirma que *névoa* é uma turvação das camadas de ar próximo à superfície terrestre. Para ele, *cerração* e *neblina* são sinônimos de *névoa*. Este entrelaçamento de significados entre estas variantes convergindo para o mesmo ponto nos faz entender que as variantes *neblina*, *nevoeiro*, *cerração* e *névoa* estão dicionarizadas na acepção da questão, portanto intercambiáveis.

Amanhecer, *raiar do dia*, *romper do dia*, *alvorecer* expressam a parte do dia quando começa a clarear, segundo vários informantes. *Amanhecer* está dicionarizado como raiar a manhã, romper o dia em Aurélio. Em Houaiss significa começar, raiar a manhã ou dia, sinônimo de *alvorecer*. Em Luft, *amanhecer* é o mesmo que nascer, romper o dia. A expressão *raiar do dia* não aparece como entrada principal em nenhum dos dicionários, mas em Aurélio, no verbete *raiar*, como verbo, significa despontar no horizonte, começar a aparecer ou emitir raios luminosos. Encontramos acepção semelhante em Houaiss, para quem raiar é brilhar, surgir no horizonte, nascer. Luft traz *raiar* como um verbo que significa emitir raios luminosos, brilhar, despontar no horizonte. Observamos que o verbo raiar por si próprio não define o fenômeno que se refere à parte do dia quando começa clarear. Este verbo precisa do sintagma preposicionado *do dia* ou *da manhã* para adquirir esta acepção e assumir a função de substantivo, como em *o raiar do dia*. A interpretação dada à expressão *raiar do dia* vale para a expressão *romper do dia*, a qual não se encontra dicionarizada como tal na entrada principal dos dicionários estudados. Acreditamos que o uso de *romper* para se referir à acepção da questão ocorre por analogia já que a noite é rompida, ou seja, quebrada pelo clarão do sol. Este é o significado dado como básico para o verbo *romper* nos três dicionários que consultamos: quebrar, despedaçar, fazer em pedaços. Adicionalmente, os três lexicógrafos trazem, dentro da microestrutura deste verbete, a acepção de nascer, começar a surgir, despontar, aparecer de repente. Assim como *raiar*, *romper* precisa da locução *do dia* para estar inserido na acepção da questão. *Alvorecer* recebe *romper do dia* e *amanhecer* como sinônimos em Aurélio e em Luft. Houaiss traz *alvorecer* como sinônimo de *raiar o dia* e, como os outros dois autores, *alvorecer* é também sinônimo de *amanhecer*.

A expressão *nascer o sol* aparece como sinônima de *raiar do dia* e *romper do dia* de acordo com os informantes. O uso é desencadeado pela carga semântica do verbo *nascer* que, segundo os três lexicógrafos analisados, significa ter origem, surgir, passar a existir, vir à luz, começar a ter vida exterior. Em um processo metafórico, podemos comparar o *nascer do sol* ao nascer, ou seja, nascimento de uma criança que sai da escuridão do ventre materno para a claridade do mundo exterior. O mesmo acontece com o sol, que sai da escuridão do ventre da

noite para a claridade do dia. Portanto, o sol é uma criança ao nascer. Como uma criança, ele nasce, envelhece e morre ao entardecer. Para expressar a claridade do céu antes do nascer do sol, os informantes forneceram a variante *aurora*. Aurélio traz a variante *aurora* como o período antes do nascer do sol, quando este já ilumina a parte da superfície terrestre ainda na sombra. Houaiss e Luft a trazem como a claridade que precede o nascer do sol. Tanto *nascer do sol* quanto *aurora* estão dicionarizados na acepção da questão. Lembrando a metáfora em que comparamos o sol com uma criança, uma indagação nos vem à mente: o que acontece no céu no final da tarde? Para responder esta pergunta, a maioria dos informantes forneceu a expressão fraseológica *pôr do sol*. *Pôr do sol* encontra-se dicionarizado em Aurélio como *sinônimo* para *crepúsculo* e *ocaso*. Em Houaiss, *pôr do sol* é o momento em que o sol desaparece no horizonte. Já em Luft, *pôr do sol* aparece como sinônimo apenas de *ocaso*. *Ocaso* é outra variante usada para indicar esta ideia. Para Aurélio trata-se do desaparecimento de um astro no horizonte do lado oeste, proveniente do movimento diurno. Para Houaiss, *ocaso* é o lado do horizonte onde o sol se põe, o oeste. Já para Luft, *ocaso* é sinônimo de *pôr do sol*. Uma expressão também usada por um dos informantes foi *lusco-fusco*. Para Aurélio *lusco-fusco* é a hora do crepúsculo vespertino, é o anoitecer. Para Houaiss é o momento do amanhecer ou do anoitecer, quando há pouca luz e falta de nitidez das formas e cores. Luft corrobora estas assertivas assinalando que lusco-fusco é a hora crepuscular, anoitecer ou amanhecer.

As variantes *réstia do sol*, *crepúsculo* e *ocaso* foram usadas para indicar a claridade avermelhada que fica no céu depois do pôr do sol. Acabamos de fazer algumas considerações com relação a *ocaso*, que acreditamos suficientes para afirmar que esta variante tem um sentido aproximado à acepção desta questão. *Crepúsculo* está registrado em Aurélio como a luminosidade, de intensidade crescente ao amanhecer (crepúsculo matutino) e decrescente ao anoitecer (crepúsculo vespertino). Em Houaiss, a claridade entre a noite e o nascer do sol ou entre o pôr do sol e a noite e para Luft é a luz fraca depois do pôr do sol ou antes do alvorecer. *Réstia do sol* não vem dicionarizada como tal nos dicionários consultados. Todavia, a lexia *réstia* aparece nos três dicionários. Para Aurélio e Luft *réstia* é um feixe de luz. Houaiss é mais específico e afirma que réstia é um feixe de luz que passa através de uma pequena abertura. Percebemos que a expressão *réstia do sol* passa por uma ampliação do sentido básico de *réstia* para se tornar algo maior que é a claridade avermelhada do céu após o pôr do sol. O informante 213/2 corrobora esta informação como mostra o diálogo transcrito a seguir:

- *INF.- Que tem a lua, né?*
  INQ.- Isso, antes até da lua aparecer, depois quando o sol se põe né, (inint)...
  INF.- As estrelas.
  INQ.- Já reparou assim que fica... até bonito, fica bem vermelho assim no céu? Porque tem o sol à tarde, aí o sol vai se pondo, aí só fica aquela claridade vermelha.
  INF.- A réstia. Eu chamo de réstias.
  INQ.- Sempre assim quando...
  INF.- Humhum.
  INQ.- E você já ouviu algum outro nome?
  INF.- Eu nunca.
  INQ.- Daí você fala que...
  INF.- Eu falo que é, o sol se pôis e ficô só as réstias. (213/2).

Quando o sol se põe, vem o *entardecer*, dizem vários informantes. Eles também dizem que este período pode se chamar *tardezinha* ou *tardinha*. *Entardecer* é definido por Aurélio como fazer-se tarde. Para Houaiss e Luft, entardecer é o cair da tarde. *Tardinha* está dicionarizada nos três dicionários como o fim da tarde. Contudo, Aurélio é o único que traz *tardezinha* como sinônimo de *tardinha*. *Tardezinha* e *tardinha* são, na verdade, uma variação morfofonética da mesma lexia: tarde. Temos aqui os sufixos *–zinha* e *–inha* desencadeadores da forma diminutiva. *Entardecer* e *tardinha* estão dicionarizadas na acepção da questão.

Anoitecer, noitinha, boca da noite foram fornecidas pelos informantes para expressar o início da noite. *Anoitecer* encontra-se dicionarizada em Aurélio como ir chegando, ou cair a noite, fazer-se noite. Em Houaiss significa tornar-se noite e em Luft, *anoitecer* significa ir ficando noite. *Noitinha* só se encontra dicionarizada em Aurélio. Para ele, *noitinha* é o crepúsculo da noite, o anoitecer. *Boca da noite* só se encontra dicionarizada em Aurélio, que coloca esta expressão dentro do verbete *boca*. Ele traduz *boca da noite* como o princípio da noite, o anoitecer. Houaiss e Luft não trazem *boca da noite* em suas entradas, mas uma análise da palavra *boca* nos faz inferir que esta expressão pode ter sido usada por analogia ao que uma boca representa. Houaiss traduz a palavra *boca* como abertura, entrada, início. Luft a traz como qualquer abertura semelhante a uma boca. Parece-nos, então, razoável definir *boca da noite* como a abertura, entrada ou início da noite.

Estrela d'alva, estrela da manhã, Vênus, estrela matutina, estrela da tarde, papa ceia estão dicionarizadas. *Estrela D'alva* aparece nos três dicionários como o mesmo que o planeta Vênus. Em Aurélio, *estrela da manhã, estrela da tarde, estrela matutina* e *estrela vespertina* aparecem como sinônimos de *Vênus*. Em Houaiss e em Luft, *estrela D'alva* aparece como sinônimo de *estrela da manhã*. Vênus, por sua vez, é explicado por Aurélio como o mais

brilhante dos planetas que tem sua órbita situada entre a de Mercúrio e a da Terra. Houaiss traz *Vênus* como o segundo planeta do sistema solar e o coloca como sinônimo de estrela D'alva. Luft não tem registro para *Vênus*. A expressão fraseológica *papa ceia* está dicionarizada apenas em Aurélio (1986, p. 1259). Todas estas expressões parecem ter a mesma acepção da questão. Quanto à estrela que se desloca no céu, temos as expressões *estrela cadente, estrela guia* e *zelação*. Aurélio informa que *estrela cadente* é um fragmento de matéria do espaço interplanetário que, ao penetrar na atmosfera, se aquece, tornando-se luminoso. O uso de *estrela guia* para designar uma estrela que se move no céu pode ter um fundo religioso. Em meio a tantas outras expressões de cunho religioso no Brasil, o uso desta expressão pode ser uma alusão à estrela que, segundo a bíblia, guiou os três reis magos até o menino Jesus quando ele nasceu. Segundo o Evangelho de São Mateus, no seu capítulo 2, versos 9-10 "... A estrela que eles tinham visto no Leste foi diante deles. Ela veio e parou sobre o lugar onde a Criança estava. Quando eles viram a estrela, eles se encheram de muita alegria..." [19]. Acreditamos que o uso da expressão com este significado originou-se pela característica deste astro que se move no céu, faz um risco aparentemente mostrando um ponto de partida e um ponto de chegada. Trazemos o seguinte diálogo para ilustrar este ponto:

- *INF. – Quando ela via aquilo ela falava. E eu acostumei a falar aquilo, mas agora (init).*

  INQ. – Então, depois a gente vê se o senhor se lembra, né? INF. – Num sei, acho que era estrela-guia.

  INQ. – Ham? INF. – Estrela-guia. INQ. – Ahn. INF. – (inint) lá vai a estrela-guia, que dava, aquela, aquele risco. INQ. – Hum. INF. – Estrela-guia.

  *INQ. – E quando se vê uma estrela-guia, como é que se diz, assim? Sua mãe dizia como? O senhor diz como, quando vê uma? INF. – As vez fazia pedido, outro dizia: "**Deus te salve**.", alguma coisa assim. Sempre ela falava alguma coisa lá, mas eu entrava e não prestava muita atenção. INQ. – Hum.* (093/3) (grifo nosso).

A lexia *zelação* não se encontra dicionarizada em Houaiss nem em Luft. Esta variante aparece em Aurélio (1986, p. 1804) que registra *zelação* procedente de exalação, que significa o "ato ou efeito de exalar". Para ele, isto se deve certamente por analogia com zelar. Ele acrescenta que *estrela cadente* é sinônimo para *zelação*. Aurélio (1986, p. 727) observa

[19] "... The star they had seen in the East went before them. It came and stopped over the place where the young Child was. When they saw the star, they were filled with much joy…" Matthew, Holy Bible – Mateus, Bíblia Sagrada. (tradução nossa).

que *zelação* ocorre apenas "no Nordeste brasileiro". Podemos confirmar esta observação uma vez que *zelação* ocorreu na Bahia e não foi registrada no Paraná. Ao analisarmos os verbos utilizados para descrever o movimento que esta estrela faz no céu, constatamos que todos os verbos são usados por conta de sua carga semântica e que estão registrados nos três dicionários consultados e são sinônimos entre si já que eles expressam a ideia de pôr em outro lugar, remover, deslocar, transferir-se de lugar. Dentre os verbos fornecidos pelos informantes, podemos destacar: *mudar*, *cair*, *correr*, *andar*. No que diz respeito às expressões fraseológicas usadas para designar a banda ou faixa de estrelas que fica no céu de fora a fora, nem todas se encontram dicionarizadas. Um exemplo disto é a expressão *caminho de Santiago*. Esta variante só aparece em Aurélio como parte do verbete *caminho*. Contudo, Aurélio a registra como *caminho de São Tiago*. Salientamos que isto não nos apresenta um problema uma vez que sabemos que *Santiago* é uma variação fonética de *São Tiago*. Para Aurélio *caminho de São Tiago* é um sinônimo para *Via Láctea*. O uso da expressão *caminho de São Tiago* - ou *caminho de Santiago*- pode ter raízes históricas e pode ser explicada através de relatos de cunho religioso, como o fizemos com a expressão *estrela guia*.

Segundo os relatos que encontramos nos sites[20] que abordam a biografia deste santo, o apóstolo Tiago o Maior, é considerado o protomártir dos apóstolos, morreu por Cristo pela perseguição que o rei Herodes Agripa I desencadeou em Jerusalém contra os cristãos para agradar aos judeus. Ele foi decapitado e seu martírio relatado pelos apóstolos no Novo Testamento (At 12,2). Foi sepultado em Jerusalém, mas, segundo outra tradição, seu corpo foi transladado para Compostela, que significa "Campo de Estrelas", que se transformou em um dos maiores centros de peregrinação da Europa. As relíquias do apóstolo acham-se no santuário. O Papa Leão XIII, qualificou-as como autênticas. Tiago Maior, como era conhecido, transformou-se num símbolo da resistência cristã aos ataques muçulmanos no território espanhol. O "Campus Stellae", que inspirou Compostela, foi imediatamente resguardado pela Igreja Católica. De acordo com o segundo site listado, Tiago teria sido o primeiro a evangelizar a Espanha, tornando-se depois seu patrono. Para revigorar esta tradição, no século IX, o bispo Teodomiro, da cidade de Iria, afirmou ter reencontrado as relíquias do apóstolo e, desde aquela época, a cidade que depois mudaria o nome para Santiago de Compostela, tornou-se importante rota de peregrinação. O primeiro registro oficial sobre os caminhos dos peregrinos compostelanos data 1131. Para um embasamento

[20] Os sites <http://www.sca.org.br/biografias/SaoTiagoMaior.pdf > e <http://www.e-biografias.net/sao_tiago/> foram consultados em 01 julho 2012.

histórico da questão procedemos à analise deste dado em bíblias, visto que a bíblia pode servir de registro histórico para muitos. Atestamos a perseguição aos cristãos e a morte de Tiago após consulta ao livro bíblico Atos dos Apóstolos, onde se lê que "... naquela época o Rei Herodes usou seu poder para dificultar a vida dos cristãos na igreja. Ele matou James, o irmão de João, com uma espada...". Entendemos que James e Tiago se referem à mesma pessoa, embora as três bíblias consultadas em língua inglesa tragam o nome James para o referente. *Caminho de Santiago*, portanto, afigura-se uma expressão popular, no sentido, vinda do povo e é alusiva ao caminho de peregrinação supracitado, assim como a Via Láctea afigura-se um caminho traçado no céu. A expressão *Via Láctea*, por outro lado, aparece dicionarizada por dois dos lexicógrafos aqui arrolados. Para Aurélio, esta expressão designa a nebulosa que forma longa mancha branca no escuro do céu e para Houaiss a *Via Láctea* é uma faixa luminosa larga composta por imenso número de estrelas e outros corpos celestes, da qual faz parte o Sol e o sistema solar. Luft não tem registro para esta variante. Constatamos que as expressões *caminho de Santiago* e *Via Láctea* estão dicionarizadas na acepção da questão.

Após a abordagem de caráter diatópico, procedemos à análise de aspectos sociais com vistas a identificar outras informações a serem depreendidas dos dados examinados.

5.4 VARIÁVEIS SOCIAIS – UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE O TEMA

Neste item, examinamos as variantes documentadas tendo em vista buscar a seleção de formas utilizadas pelos informantes e as características sociais de que eles se revestem. Para isto consideramos os aspectos diageracional, diagenérico e diastrático e observamos o que as formas selecionadas pelos informantes indicam em relação a estas variáveis. Isto se torna possível porque o Projeto Atlas Linguistico do Brasil contempla do ponto de vista diageracional informantes de duas faixas estárias: 1) 18-30 anos e 2) 50-65 anos; do ponto de vista diagenérico, há informantes dos dois gêneros e do ponto de vista diastrático, nas capitais de estados, o estudo contempla informantes de nível universitário e fundamental e nas demais cidades apenas informantes de nível fundamental. Estes informantes estão distribuídos de maneira a abranger equitativamente todas estas variáveis consideradas e se encontram, assim, identificados: informantes de 1 a 4 possuem nível fundamental e de 5 a 8 nível universitário. Os números impares se referem aos homens e os números pares se referem às mulheres; os números 1-2 e 5-6 são atribuídos aos informantes agrupados na primeira faixa etária e 3-4 e 7-8 à segunda faixa etária.

Os dados das capitais possibilitam uma análise considerando os níveis de escolaridade, a variação linguística por gênero e a diferença linguística por faixa etária. Contudo, nas cidades do interior, por ter sido considerado apenas um nível de escolaridade — o fundamental — os informantes são considerados segundo a faixa etária e o gênero. Abordamos, neste item, apenas as variantes mais produtivas e aquelas com observações fornecidas pelos informantes durante o inquérito que consideramos relevantes para nosso estudo. Procedemos, inicialmente, à análise dos dados em Salvador e Curitiba seguindo o agrupamento de respostas por área semântica e examinando os casos em que não se registram variação e, a seguir, as ocorrências de variação diastrática, diageracional e diagenérica. Em seguida, analisamos os dados das cidades do interior de ambos os estados. Estes pontos estão enumerados de 1 a 6.

1) Variação social referente a acidentes geográficos em Salvador e Curitiba:

No primeiro grupo, registros referentes às perguntas 1 a 6, observamos que as lexias *riacho, córrego, ponte, redemoinho, onda* não se caracterizaram como de uso específico de grupo social, apresentando-se, dessa forma, como gerais nas duas capitais.

Foz apresenta-se como uma variante marcada do ponto de vista diastrático, pois apenas os informantes com nível superior dela se utilizam para indicar o lugar onde o rio termina. Em igual situação encontra-se *correnteza*, que além de ser uma variante diatópica, registrada apenas em Curitiba, apresenta-se como uma variante diastrática, uma vez que apenas informantes de nível universitário a forneceram, e também como variante diagenérica, pois apenas informantes do sexo feminino a indicaram como resposta (informantes 220/6-8), como se ilustra com o texto a seguir:

- *INQ.- E da água do rio? O movimento da água do rio?*

  INF.- (risos) INQ.- Que nome que vocês dão? INF.- Movimento da água do rio?.... É correnteza? não?

  INQ.- É.

  INF.- (risos).

  INQ.- Sabe aquele às vezes sabe aquele movimento fica aquele movimentinho assim na beirinha da água.

  INF.- Ah eu acho que é correnteza porque o rio vai se movimentar com a água mesmo né.

  INQ.- Hamham.

  INF.- Ou com o vento.

  INQ.- Tá certo. (220/6)

Por outro lado, *pinguela*, que só aparece em Curitiba, mostra-se uma variante diageracional uma vez que apenas informantes da faixa etária dois, isto é, de 50 à 65 anos, forneceram esta variante como resposta. É importante salientar que, de acordo com os dados coletados, *pinguela* se apresenta também como uma variante diagenérica, pois apenas informantes do sexo masculino – 220/3-7 – a utilizaram como resposta à questão. Nessa mesma categoria — variação diagenérica — se coloca a ocorrência de *riozinho*, registrada apenas em informantes masculinos (093/3-7 e 220/5).

2) Variação social referente a fenômenos atmosféricos em Salvador e Curitiba:

No que concerne às questões relativas a fenômenos atmosféricos (7 a 21), verificamos que:

- não apresentam variação social: *redemoinho, relâmpago, raio, trovão, tempestade, chuva de granizo, chuva de pedra, arco-íris, garoa, chuvisco, úmida, orvalho, sereno, neblina*;
- apresentam variação diastrática*: fuzil, temporal, pé d'água, estiar, cerração;*
- refletem variação diageracional*: fuzil, estiar, cerração;*
- apresentam variação diagenérica*: fuzil, pé d'água.*

Redemoinho aparece hegemonicamente em todos os segmentos sociais analisados nesta pesquisa. Transcrevemos a seguir o diálogo com o informante 093/3 a título de ilustração:

- *INF. – Redimuium. Sai panhano os lixo, levantano poêra, papel e vai de fogo aceso lá, passano onde ele passa, levanta tudo, poêra.* (093/3).

Relâmpago não apresenta nenhuma variação de cunho social. Por outro lado, *fuzil* apresenta variação diagenérica, diageracional e diastrática uma vez que foi fornecida apenas pela informante 220/4, como veremos a seguir:

- *INQ.- Como que chama aquele clarão que aparece assim no céu em dias de chuva?*
  INF.- É relâmpo.
  INQ.- Hahã.
  INF.- Fuzil também, né.
  INQ.- Também.

INF.- Fuzilando. (220/4).

Raio, que não apresenta variações de cunho social, tem um tratamento semântico diferente daquele dado a *relâmpago*, pois ele é a faísca que queima e pode matar, como atestamos com o diálogo entre inquiridores e informantes 093/4-8 e 220/7:

- *INF. – Eh... raio.*
  INQ. – Sim...
  INF. – Trovoada, né?
  INQ. – Sim. E o raio...
  INF. – Relâmpago.
  INQ. – O relâmpago...
  INF. – O relâmpago é essa... essa claridade que dá... é o relâmpago.
  INQ. – Sim. E o raio... é o quê?
  INF. – O raio é um negó... Uma faísca que coisa assim, que cai. Dizem que cai.
  INQ. – Sim. Dizem até que nessa chuva agora...
  INF. – Quêma, é?

  INQ. – Caiu
  INF. – Caiu.
  INQ. – E matou muita gente, né?
  INF. – Derruba poste... tudo. (093/4)

- *INQ. – Antes de chover, geralmente, né? aparece aquele clarão.*
  INF. – Tem relâmpago. Tem relâmpago
  INQ. – Como é o relâmpago?
  INF. – O relâmpago é o clarão. Normalmente, ele precede o raio. Dá aquele relâmpago e depois vem o raio.
  INQ. – E o raio, como é?
  INF. – O raio? O raio é energia, pura energia... certo? Proveniente do, justamente, o estrondo que a gente escuta, né, que chama-se trovuada, que é o encontro das nuvens e dali sai a energia concentrada, que é o raio.
  INQ. – Então o raio seria uma luz forte e rápida que sai assim...
  INF. – É. Ela sai e corta.
  INQ. – Uma luz?
  INF. – Não é luz. É uma energia muito forte que inclusive ela queima. (093/8)
- *INQ.- E às vezes, ele tá perto e o senhor percebe que ele pode queimar uma árvore, pode bater numa casa.*
  INF.- Um raio.
  INQ.- Isso é um raio, né? (220/7)

Contudo, para o informante 093/5 *relâmpago* e *raio* não passam de variantes para o mesmo conceito:

- *INF. – Aí o raio. Ô relâmpago também, pra mim os dois são a mesma coisa.*
  AUX. 2 – Como assim a mesma coisa, os dois? Relâmpago não tem diferença de raio?
  INF. – Não, pra mim não. (093/5)

Temporal aparece como uma variante diastrática porque apenas os informantes com nível superior a forneceram. Não é uma variante diageracional porque temos os informantes 220/5 e 7, pertencentes aos dois grupos etários, como fornecedores desta expressão. Não podemos dizer que é uma variante diagenérica porque ela também foi fornecida pela informante 220/6. A expressão fraseológica *pé d'água* tem um caráter diastrático e diagenérico tanto quando ela aparece diatopicamente na questão 12 apenas em Curitiba quanto quando ela aparece apenas em Salvador na questão 13. Em ambos os casos, esta expressão só foi fornecida por informantes masculinos e de nível de escolaridade superior: 220/5 e 093/7. Contudo, não é uma variante diageracional uma vez que 220/5 pertence à primeira faixa etária enquanto 093/7 pertence à segunda.

Chuva de granizo não apresenta variação social. *Chuva de pedra*, embora seja uma variante diatópica, não apresenta variação social em Curitiba. Estas duas variantes foram fornecidas por informantes dos dois níveis de escolaridade, das duas faixas etárias e dos dois gêneros sexuais aqui estudados: masculino e feminino. Salientamos que para *chuva de granizo*, a variante fonética *granito* foi fornecida por dois informantes – 093/1-3 – evidenciando diferença diatópica. Esta variação fonética tem caráter diastrático e diagenérico em Salvador já que dois informantes masculinos do nível fundamental de escolaridade trouxeram esta variação fonética para nosso estudo. Contudo, observamos que não podemos considerá-la diageracional porque foi fornecida por um informante jovem e por um informante mais velho. Como mencionamos anteriormente, não registramos variações fonéticas nos quadros por este se tratar de um estudo prioritariamente semântico-lexical.

O verbo *estiar* se apresenta como uma variante diastrática, pois apenas dois informantes do grupo de escolaridade II o forneceram: 093/7 e 220/8. De acordo com estes dados, podemos também afirmar que *estiar* tem característica diageracional uma vez que apenas dois informantes mais velhos utilizaram este verbo para expressar o término da chuva. Não é uma variante diagenérica já que os dois sexos estudados são contemplados através destes informantes.

Sereno foi fornecida por 093/1-2-3-4 e 220/1-3-4-6. Poderíamos dizer que *sereno* é uma variante diastrática fornecida por informantes com baixa escolaridade se não fosse pelo informante 220/6. Por outro lado, podemos observar, por conta destes dados, que a variante *sereno* é mais indicativa de baixa escolaridade, especialmente porque o informante escolarizado que a forneceu não estava inicialmente seguro sobre sua resposta quando indagado. A seguir temos um diálogo para ratificar esta assertiva:

- *INQ.- De manhã cedo, a grama geralmente tá molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?*

  INF.- É... neblina?

  INQ.- É? fica umas gotinhas assim na grama.

  INF.- É ... ai é... como que é o negócio da noite que me falaram (risos). INQ.- Da noite.

  INF.- Sereno.

  INQ.- Ah...

  INF.- É o sereno né que cai ali e fica molhado. (220/6)

Cerração, que aparece como uma variante diatópica, mostra-se também como uma variante diastrática e diageracional em Curitiba. Diastrática porque foi fornecida por um homem e uma mulher de nível fundamental. Diageracional porque este homem e esta mulher pertencem ao segundo grupo etário: 50 – 65 anos. *Cerração* parece ser uma variante mais conservadora que *neblina*. O informante 220/3 ilustra bem esta condição:

- *INQ.- Muitas vezes, principalmente de manhã cedo a gente quase não pode enxergar porque tem uma coisa que parece uma fumaça...*

  INF.- Cerração. Cerração ou neblina,né.

  INQ.- É o mesmo?

  INF.- É o mesmo. A gente já... Antigamente também dizia cerração. INQ.- E agora o senhor acha que...?

  INF.- Atualmente é chamado de neblina, né. "Tá uma neblina forte." Antigamente não. "Oh, caiu uma cerração forte aí".

  INQ.- Mudou um pouco né o jeito de falar. (220/3)

3) Variação social referente a astros e tempo em Salvador e Curitiba

No terceiro grupo, anotações referentes às perguntas 22 a 33, constatamos que:

- *Amanhecer*, *nascer o sol*, *pôr do sol*, *anoitecer*, *Estrela D'alva*, *estrela cadente*, *cair* não apresentam variação social.
- *Alvorecer*, *lusco-fusco*, *ocaso*, *crepúsculo*, *entardecer*, *Vênus*, *estrela vespertina*, *mudar*, *Via Láctea* apresentam variação diastrática.
- *Lusco-fusco*, *ocaso*, *Vênus*, *estrela vespertina*, *mudar*, *Via Láctea* apresentam variação diageracional.
- *Lusco-fusco*, *ocaso*, *estrela vespertina*, *mudar* apresentam variação diagenérica.

Alvorecer pode ser considerada uma variante diastrática fornecida apenas pelos informantes 6 e 7 com alta escolaridade no ponto 093. É interessante ver a observação feita por 093/7.

- *INF. – A gente diz frequentemente que está amanhecendo, pode ser está alvorecendo, mas não é comum pra "mim" falar alvorecendo, pra é amanhecendo.* (093/7)

As variantes diatópicas *lusco-fusco* e *ocaso* aparecem em Salvador e têm caráter diastrático, diagenérico e diageracional. *Lusco-fusco* é fornecido pelo informante 093/5 que pertence ao grupo etário I, é informante masculino e tem nível universitário. *Ocaso* é fornecido pela informante 093/8 que pertence à faixa etária II, é informante feminino e também tem nível universitário. O caráter diastrático destas duas variantes pode ser ilustrado nos diálogos a seguir:

- *INF. – O pôr... é... não é o pôr do sol... o... é o lusco-fusco (risos)*
  AUX. 1 – Como é? (risos)
  INF. – O lusco-fusco. (risos) É quando tá, é... quando o sol está... o... o sol... não, com'é? Não está claro e nem está escuro ainda.
  INQ. – É porque acontece o quê?
  AUX. 1 – Onde é que cê ouviu essa palavra? (risos)
  INF. – Isso eu falo muito. É... é... o lusco-fusco é justamente quando o sol não tá... não tá nem clareando nem tá... aquela hora que você tá... difícil de enxergar, de ver as coisas. O que acontece?
  INQ. – Uhn.
  INF. – O pôr do sol. (093/5)

- *INF. – O ocaso. Pronto,* ***gostou da sofisticação****? O ocaso (rindo)*
  INQ. – Mas você costuma chamar assim?
  INF. – Por incrível que pareça, costumo.
  INQ. – Mas você conhece outro nome?

> *INF. – Não, as pessoas, normalmente, diz que o sol tá se pondo. O pôr do sol e param até pra observar, mas eu gosto mais do ocaso.* ***Acho mais chique****!* (093/8) (grifo nosso).

De acordo com os relatos dos informantes 093/5-8, *lusco-fusco* e *ocaso* são característicos de uma classe mais escolarizada. A lexia *crepúsculo* aparece diatopicamente em Salvador e tem, também, um caráter diastrático fornecida apenas pelo mesmo informante que nos proporcionou lusco-fusco: 093/5. *Entardecer* aparece como uma variante diastrática porque apenas informantes com nível de escolaridade II a forneceram: 093/8 e 220/5. Não podemos dizer que esta variante seja diagenérica ou diageracional porque os dois gêneros sexuais, aqui analisados, bem como as duas faixas etárias estão representadas através destes dois informantes. A informante 093/8 explica um pouco sobre o aspecto diastrático desta lexia:

- *INF. – O dia deixa de existir, aí vira noite.*
  INQ.– Então, como você costuma chamar essa parte do dia, né, quando o sol se põe?
  INF. – Tarde, tardinha, entardecer. ***Pra ficar mais chique****.*
  INQ.– É?
  INF. – É, entadecer.
  INQ. – E você costuma chamar assim?
  INF. – Não. Eu começo chamar lá pro fim da tarde, à tardinha... INQ.– E quem fala entardecer?
  INF.– ***Nos romances é demais****.* (093/8) (grifo nosso).

Vênus só foi fornecida por informantes escolarizados: 093/8 e 220/7. *Vênus* pode ser também uma variante diageracional porque apenas informantes da segunda faixa dizem utilizar esta palavra. Por outro lado, não se trata de uma variante diagenérica porque os dois gêneros estão nestes informantes. A expressão *estrela vespertina*, que aparece apenas em Curitiba, tem um caráter diastrático por ser fornecida por um informante de nível universitário, mostra-se uma variante diagenérica por ser fornecida apenas por informante do sexo feminino e também uma variante diageracional porque este informante é do grupo etário II.

Mudar é uma variante registrada somente em Salvador que se apresenta como uma variante diastrática, diagenérica e diageracional uma vez que foi fornecida apenas por informante jovem de baixa escolaridade e do sexo feminino: 093/2. *Via Láctea* pode ser uma variante diastrática, pois foi apresentada apenas por informantes com alta escolaridade. Pode ser, também, uma variante diageracional apresentada por informantes da segunda faixa etária.

Todavia, estes informantes mais velhos pertencem aos dois gêneros sexuais analisados. Consequentemente, dizemos que *Via Láctea* não é uma variante diagenérica.

4) Variação social referente a acidentes geográficos no interior da Bahia e Paraná

No primeiro grupo, que concerne às questões relativas a acidentes geográficos no interior dos dois estados, verificamos que:

- *Riacho, córrego, ponte, pinguela, redemoinho, onda* não apresentam variação social.
- *Barra* apresenta variação diageracional.

Barra foi fornecida apenas por informantes da faixa etária II constituindo assim uma variante diageracional. Destes informantes, apenas um deles é do sexo feminino, no entanto, não podemos dizer que se trata de uma variante diagenérica.

5) Variação social referente a fenômenos atmosféricos no interior da Bahia e Paraná

No segundo grupo para as cidades do interior, observamos que as variantes *redemoinho, relâmpago, raio, trovão, tempestade, vendaval, chuva passageira, chuva forte, chuva de granizo, chuva de pedra, estiar, arco-íris, garoa, úmida, sereno, neblina* não se caracterizam como de uso específico de grupo social, apresentando-se como gerais na Bahia e no Paraná.

Corrupio e *pé de vento* podem ser diagenéricas uma vez que foram fornecidas apenas por informantes do sexo feminino. A variante diatópica *fuzil* ou *fuzilo,* referindo-se ao *relâmpago,* pode ser considerada de uso conservador já que se constitui em uma variante diageracional. Trazemos o seguinte diálogo para atestar esta afirmativa:

- *INF.- Relâmpagos.*
  INQ.- Tem outro nome?
  INF.- Fuzil, que nóis ***dizia antigamente*** *fuzilô, né hoje é relâmpago, diz mais relâmpago.*
  INQ.- E as pessoas aqui mais assim que não foram para a escola no teu tempo quando você conversa elas dizem que aquilo é o quê?
  INF.- Dá... fuzilo, né. (216/4). (grifo nosso).

Não registramos *fuzilo* no quadro que apresenta os dados da variação diatópica entre os dois estados, mas mostramos aqui para ilustrar o caráter conservador desta variante. Registramos *fuzil* porque segundo o informante 221/3, *fuzil* e *relâmpago* se referem à mesma coisa, como podemos atestar por meio do diálogo transcrito a seguir:

- *INF.- É, é fuzil. Pra nós chamamo fuzil.*
  INQ.- Ah, esse é o fuzil.
  INF.- É fuzil. Fuzil ô relâmpago também, é duas coisa que nós... INQ. – É a mesma coisa.
  INF.- É, é, é. (221/3)

As expressões *chuva de granizo* e *chuva de pedra* foram fornecidas por informantes das duas faixas etárias e dos sexos masculino e feminino. Portanto, podemos dizer que ambas as expressões não apresentam variação diagenérica ou diageracional. Entretanto, parece-nos que a expressão *chuva de pedra* é mais conservadora do que *chuva de granizo* uma vez que a grande maioria dos informantes que forneceram *chuva de pedra* é da faixa etária II. Por exemplo, na Bahia apenas 3 das 21 ocorrências para *chuva de pedra* vieram de informantes jovens. O informante 216/4 nos dá respaldo para esta afirmação, como veremos no diálogo a seguir:

- *INF.- Chuva de granizo né, chuva de pedra como nóis dizia, né antigamente, chuva de pedra, chuva de granizo.*
  INQ.- Hoje ninguém fala chuva de pedra?
  INF.- Fala, só dizem chuva de pedra é difícil alguém que diz chuva de granizo só mais estudado, né. (216/4)

Para o conceito de uma faixa com listras coloridas e curvas que aparecem no céu, seis informantes forneceram a expressão *arco da velha*. Destes seis informantes, quatro são da segunda faixa etária, o que nos dá a ideia de certo conservadorismo para esta expressão. Segundo os informantes 211/1 e 216/3, *arco da velha* era usado pelo "pessoal antigo". Temos a seguir os diálogos entre os inquiridores do ALiB e estes informantes:

- *INF.- Arco-íris.*
  INQ.- Tem algum outro nome? Não? Você não ouviu nenhuma pessoa mais antiga falando de outro nome?
  INF.- Um arco da velha.
  AUX.- É, tem esse nome também.

INQ.- Mas é só as pessoas mais antigas que falam ou o pessoal às vezes fala?
INF.- Não, as crianças sempre que... os pessoal mai velho vão falano. (211/1).

- *INF.- Arco-íris.*
  INQ.- Tem outros nomes?
  INF.- Qu'eu saiba também não, pode até tê, mais eu num conheço.
  INQ.- Quando o senhor era mais novo o senhor nunca ouviu um nome diferente das pessoas assim...
  INF.- Arco da véia, arco da véia, arco de véio, num sei como que é.
  INQ.- Quem chamava assim? INF.- Um pessoal mais antigo, né ,mais a gente já aprendeu que era arco-íris né. Que eles dizia que bebia água lá em tal lugar, num sei que lá.
  INQ.- Como que é que eu não conheço?
  INF.- O povo contava, né, a história né, que diz que tava bebendo água lá no tal córrego, outro lá que ele faz assim e cái né, dá a impressão que ele caia n'água, mais acho que num é nada. Acho que é o reflexo da água. Da própria água que faz aquilo, né. (216/3)

6) Variação social referente a astros e tempo no interior da Bahia e Paraná

No terceiro grupo para o interior da Bahia e do Paraná, observamos que:

- 10 variantes são de uso geral nas duas capitais: *Amanhecer*, *nascer o sol*, *aurora*, *pôr do sol*, *réstia do sol*, *tardezinha/tardinha*, *anoitecer*, *estrela d'alva*, *estrela cadente*, *mudar de lugar/posição*.
- 4 variantes apresentam variação diageracional: *Crepúsculo, estrela guia, papa ceia, caminho de Santiago*.
- 1 variante apresenta variação diagenérica: *Crepúsculo*.

Crepúsculo apresenta um caráter conservador e diagenérico já que foi fornecida por informante masculino da faixa etária II. A expressão *estrela guia* apresenta variação diageracional, pois foi fornecida apenas por informantes de 50 a 65 anos de idade. Estes informantes são 089/4 e 101/4 na Bahia e 214/3, 223/3 e 221/4 no Paraná. Como podemos ver, *estrela guia* não apresenta variação diagenérica. A variante diatópica *papa ceia* também apresenta variação diageracional uma vez que apenas dois informantes do grupo etário II da Bahia forneceram esta expressão para indicar uma estrela que aparece antes das outras: 083/3 e 099/4. Da mesma maneira que *estrela guia, papa ceia* não apresenta variação diagenérica.

Os dados coletados revelam que a expressão *caminho de Santiago* não é uma variante usada pelos mais jovens. Os informantes que forneceram esta expressão são: 086/1-4, 098/3,

087/3, 091/4, 083/4, 082/3, 099/4, 101/3, 084/3, 097/4, 081/3 na Bahia e 207/4, 211/4, 223/3 no Paraná. Como podemos observar, dos 12 registros na Bahia, apenas um vem da primeira faixa etária e todos os demais são da faixa etária II. No Paraná, os três informantes que responderam *caminho de Santiago* estão entre 50 e 65 anos. Podemos observar, então, que *caminho de Santiago* tem um caráter diageracional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta Tese, intitulada *O léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo*, teve como objetivo a identificação, catalogação, análise e descrição da variação linguística encontrada em dois estados brasileiros, Bahia e Paraná, localizados, respectivamente, nas regiões Nordeste e Sul, com vistas a mostrar a homogeneidade ou heterogeneidade desses dois falares brasileiros no que diz respeito às áreas semânticas consideradas. Pretendemos, com isto, contribuir para um melhor conhecimento da língua portuguesa no Brasil.

O estudo está fundamentado em um *corpus* constituído por 164 inquéritos realizados nos 22 pontos da Bahia e em 17 do Paraná, com base nos pressupostos da Dialetologia, Lexicologia e Sociolinguística.

Partimos do levantamento exaustivo de todas as respostas registradas para as 33 primeiras perguntas do Questionário Semântico-Lexical do projeto Atlas Linguístico do Brasil, as quais são apresentadas na sequência em que ocorrem no questionário e com a formulação prevista para cada pergunta.

Iniciamos com a descrição das ocorrências nas duas capitais – Salvador e Curitiba –, assinalando o que há de comum entre as duas cidades e o que é específico de cada uma delas. Mostramos esses dados por meio de três quadros organizados por áreas semânticas. Procedemos de modo semelhante com relação às cidades do interior de ambos os estados, exibindo os dados por mesorregiões. Primeiro, apresentamos os resultados para a Bahia distribuídos em sete quadros que exibem os dados das sete mesorregiões do estado e, em seguida, trazemos os resultados sobre o interior do Paraná organizados em 10 quadros. De posse desses dados, apresentamos, no quadro 22, as lexias e expressões fraseológicas coincidentes e não coincidentes nas cidades do interior da Bahia e Paraná. Em seguida, exibimos em cinco quadros, apenas as coincidências lexicais distribuídas nas mesorregiões da Bahia e do Paraná, agrupadas por campo semântico. Mostramos a seguir, também em cinco quadros, apenas as diferenças lexicais entre os dois estados, organizadas por campo semântico, indicando onde elas ocorrem.

Quanto aos aspectos morfológicos, 79,5% das variantes documentadas se constituem de substantivos – incluindo sintagmas nominais, 18,4% de verbos e apenas 2,1% de adjetivos. Acreditamos que a ocorrência expressiva de substantivos se deve à natureza do questionário

adotado pelo ALiB, cuja formulação das perguntas induz a respostas expressas por substantivos.

Ao iniciarmos este estudo imaginávamos encontrar africanismos no léxico documentado na Bahia por razão dos diversos povos africanos que co-habitaram com os portugueses e indígenas por alguns séculos durante o comércio transatlântico de escravos negros e por conta da enorme população afro descendente oriunda desse processo de escravidão. Da mesma maneira, pensávamos encontrar vários estrangeirismos no Paraná por conta das várias levas imigratórias que adentraram o estado no início do século XX. Considerávamos, também, a probabilidade de encontrar muitos indigenismos em ambos os estados pela forte presença do índio na formação da população brasileira. No entanto, no tocante à etimologia das variantes registradas nessas áreas semânticas consideradas, não se cumpriu nossa expectativa. As variantes que têm origem no latim representam 95,2% do total ao passo que aquelas que não encontramos nos dicionários estudados (Cunha, 2010; Machado, 1967) ou estes dicionários não exibem a etimologia representam 4,8%, ficando evidente o não registro de africanismos, indigenismos e estrangeirismos pelo menos nesse extrato do *corpus* do ALiB.

Algumas perguntas do questionário não ensejaram a elaboração de cartas. As questões 4, 7, 8, 10, 17, 25 não motivaram a elaboração de cartas porque apresentaram, respectivamente, as variantes *redemoinho* (4, 7), *relâmpago*, *trovão*, *arco-íris*, *pôr do sol* distribuídas por todas as mesorregiões da Bahia e do Paraná. Para a questão 7, As poucas variantes que registramos, e que apresentam variação semântico-lexical, não justificam a confecção de cartas pelo reduzido número de ocorrências: *ventania* – uma e *corrupio* – uma, ambas no Centro Norte da Bahia. *Fuzil* apareceu apenas uma vez, para a questão 8, na mesorregião Metropolitana de Curitiba. A única variação lexical registrada para a questão 10 é representada por *trovoada*, que foi registrada no Centro Sul baiano, Metropolitana de Salvador e no Sul da Bahia, obtendo duas ocorrências apenas na mesorregião Sul. No Paraná, *trovoada* ocorre apenas uma vez nas mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Sudeste e Sudoeste. Para a questão 17, *arco da velha* ocorre apenas no Centro Sul e Sul baiano e *olho de boi* no Nordeste da Bahia. No Paraná, *arco da velha* ocorre no Centro Ocidental e no Norte Pioneiro.

As questões 24 e 26 não favoreceram a confecção de cartas por conta do número exíguo de ocorrências. As perguntas de 11 a 14 apresentam dificuldade em caracterizar com precisão as respostas, o que levou a que optássemos por reunir os resultados em uma única carta (carta 6), considerando os semas mais evidenciados: *forte e passageira*. Procedemos da

mesma forma com as cartas 4, 15 e 16. Na carta 4, reunimos as perguntas 5 e 6 que tratam do movimento da água do mar ou do rio. Salientamos que a lexia *correnteza* foi utilizada apenas em resposta para o movimento da água do rio em ambos os estados. Na carta 15, agrupamos as questões 27 e 28 e na carta 16, reunimos as questões 29 e 30 por conta da proximidade semântica entre elas. Objetivando tornar mais acessível a consulta aos dados constantes dessa Tese, apresentamos um índice onomasiológico que reúne todas as variantes registradas para cada item.

Considerando as questões iniciais, o léxico documentado na Bahia e Paraná oferece características particulares que delimitam áreas e pode refletir a natureza da constituição histórica de cada um desses estados. Verificamos que no plano da análise diatópica, podemos destacar como resultado mais relevante o fato de a distribuição das variantes terem um caráter mais homogêneo do que heterogêneo considerando os dados de Salvador e Curitiba bem como de todas as cidades do interior dos dois estados.

ÍNDICE ONOMASIOLÓGICO

Alvorada (QC)

ALVORADA

Amanhecer (Carta 13)

ALVORECER (BA)

AMANHECER (BA/PR)

AURORA (PR)

BARRA DO DIA (BA)

CLAREAR O DIA (BA)

DE MANHÃ/MANHÃ (BA/PR)

INÍCIO DE DIA (BA)

MADRUGADA (BA)

MANHÃZINHA (BA/PR)

NASCER O DIA (BA)

RAIAR DO DIA/RAIAR O DIA (BA/PR)

ROMPANTE DO DIA (BA)

ROMPER DO DIA (BA)

Arco-íris (QC)

ARCO-ÍRIS (BA/PR)

Chuva de granizo (Carta 7)

CHOVER FLOR/CHUVA DE FLOR (BA/PR)

CHUVA DE GELO (BA)

CHUVA DE GRANIZO (BA/PR)

CHUVA DE PEDRA (BA/PR)

Chuva fina (Carta 9)

CHUVA DE INVERNO (BA)

CHUVA DE PENEIRA (BA)

CHUVA FRACA (BA)

CHUVISCO (BA/PR)

GAROA (BA/PR)

NEBLINA (BA/PR)

PINGAR (BA)

POEIRA DE CHUVA (BA)

SERENO (BA)

Chuva forte (Carta 6)

AGUACEIRO (BA)
CHUVA DE AÇOITE (BA)
CHUVA DE NOROESTE (BA)
CHUVA DE PANCADA (BA)
CHUVA DE TROVOADA (BA)
CHUVA DE VERÃO (PR)
CHUVA FORTE (BA/PR)
CHUVA GROSSA (BA/PR)
CHUVA PASSAGEIRA (BA/PR)
CHUVA TORRENCIAL (PR)
CHUVARADA (BA/PR)
CHUVARÉU (PR)
ENXURRADA (PR)
PANCADA DE CHUVA (BA/PR)
PÉ D'ÁGUA (BA)
TEMPESTADE (BA/PR)
TEMPORAL (BA/PR)
TORMENTA (PR)
TORÓ (BA/PR)
TROMBA D'ÁGUA (BA)
VENDAVAL (BA/PR)

Começo da noite (Carta 15)

ANOITECER (BA/PR)
BOCA DA NOITE (BA/PR)
CAIR DA NOITE (BA)
COMEÇO DA NOITE (BA)
ENTARDECER (BA/PR)
ENTRAR A NOITE (BA)
ESCURECER (BA/PR)
FIM DO DIA (PR)
FIM/FINAL DA TARDE (BA)
FUSCO DA NOITE (PR)
INÍCIO DA NOITE (PR)
NOITINHA (BA/PR)
TARDEZINHA/TARDINHA (BA/PR)

Crepúsculo (QC)

CREPÚSCULO

Espécie de ponte feita com tronco de árvore, pedaço de pau ou tábua (Carta 2)

PASSARELA (BA)

PINGUELA (BA/PR)

PONTALETE (BA)

PONTE (BA/PR)

TRAVESSIA (BA)

Estiar (Carta 8)

ABRIR O SOL (BA)

ABRIR O TEMPO (BA/PR)

CLAREAR (BA)

DAR UMA ARAGEM (BA)

ESQUENTAR O SOL (PR)

ESTIAR (BA/PR)

FIRMAR (BA)

LEVANTAR O TEMPO (BA)

LIMPAR O CÉU (BA)

LIMPAR O TEMPO (BA/PR)

PARAR CHUVA/PARAR DE CHOVER (BA/PR)

PASSAR CHUVA (BA)

SAIR O SOL (PR)

Estrela cadente (Carta 17)

COMETA (PR)

ESTRELA APAGÃO (BA)

ESTRELA CADENTE (BA/PR)

ESTRELA CORREDEIRA (BA)

ESTRELA GUIA (BA/PR)

ESTRELA RÁPIDA DA SORTE (PR)

ZELAÇÃO (BA)

Estrela matutina/vespertina (Carta 16)

ESTRELA D'ALVA (BA/PR)

ESTRELA DA MADRUGADA (BA)

ESTRELA DA MANHÃ (BA/PR)

ESTRELA DO HORIZONTE (PR)

ESTRELA GUIA (BA/PR)

ESTRELA MATUTINA (PR)

ESTRELA VESPERTINA (PR)

PAPA CEIA (BA)

VÊNUS (BA/PR)

Foz (Carta 3)

BARRA (BA/PR)

DESEMBOQUE (PR)

EMBOCADOURO (BA)

ENCONTRO DE RIO (BA/PR)

FINAL DE RIO (PR)

FOZ (BA/PR)

Nascer do sol (Carta 14)

APARECER O SOL (BA/PR)

APONTAR O SOL (PR)

BARRA DO DIA (BA)

BRILHAR O SOL (BA)

CLAREAR DO SOL (BA)

CLAREAR O DIA (PR)

DESPONTAR O SOL (PR)

NASCER DO SOL/NASCER O SOL (BA/PR)

NASCER O DIA (BA)

RAIAR O DIA/RAIAR DO DIA (BA/PR)

RAIAR O SOL (BA/PR)

RAIOS DO SOL (BA)

SAIR O SOL (BA/PR)

SUBIR O SOL (BA)

VIR O SOL (BA/PR)

Neblina (Carta 12)

CERRAÇÃO (BA/PR)

NEBLINA (BA/PR)

NEBULOSIDADE (BA)

NEVE (BA)

NÉVOA (BA/PR)

NEVOADO (BA)

NEVOEIRO (BA/PR)

Onda do mar/do rio (Carta 4)

CORREDEIRA (BA)

CORRENTEZA (BA/PR)

MARÉ (BA/PR)

MARETA (BA)

MAROLA (BA)

MAROMBA D'ÁGUA (BA)

ONDA (BA/PR)

Orvalho (Carta 11)

GAROA (BA)

NEBLINA (BA)

NEVE (BA)

ORVALHO (BA/PR)

SERENO (BA/PR)

Pôr do Sol (QC)

PÔR DO SOL (BA/PR)

Raio (Carta 5)

CORISCO (BA)

FAÍSCA (BA)

FUZIL (PR)

RAIO (BA/PR)

Redemoinho de água (QC)

REDEMOINHO (BA/PR)

Redemoinho do vento (QC)

REDEMOINHO (BA/PR)

Relâmpago (QC)

RELÂMPAGO (BA/PR)

Rio pequeno (Carta 1)

ARROIO (PR)

CÓRREGO (BA/PR)

REGO (BA)

RIACHO (BA/PR)

RIBEIRÃO (BA/PR)

RIOZINHO (BA/PR)

SANGA (PR)

Terra umedecida pela chuva (Carta 10)

BORRIFADA (BA)

ESFARELADA (BA)

SAROLHA (BA)

ÚMIDA (BA/PR)

Trovão (QC)

TROVÃO (BA/PR)

Via Láctea (Carta 18)

CAMINHO DE SANTIAGO (BA/PR)

CAMINHO DO CÉU (BA)

CARREIRO DE SANTIAGO (BA)

CASA DE SANTIAGO (BA)

SEPULTURA DE JESUS CRISTO (PR)

VIA LÁCTEA (BA/PR)

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Linguístico do Paraná. Vol. I*. Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, 1990.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Tupinismos lexicais no português brasileiro: trilhas e traços no Paraná*. Sonderdruck aus Ex oriente lux – Festschrift fur Eberhard Gartner zu seinem 60. Geburtstag. Herausgegeben von Sybille GroBe und Axel Schonberger in Verbindung mit Cornelia Doll und Christine Hundt. Valentia: Franfurt am Main, 2002.

ALVES, Ieda Maria. *Neologia e Tecnoletos*. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDA, Aparecida Negri. (Org.) As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª edição. Campo Grande: UFMS, 2001.

AMARAL, Amadeu. *O Dialecto Caipira*. *Gramática- Vocabulário.* São Paulo: O Livro, 1920.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleuza Bezerra de. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico – O que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2000.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Da Neologia à Neologia na Literatura*. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDA, Aparecida Negri. (Org.) As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª edição. Campo Grande: UFMS, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza C. *Teoria Linguística – Leitura e Crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A Formação e a Consolidação da Norma Lexical e Lexicográfica no Português do Brasil. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (Org.) História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro. São Paulo: Humanitas, 2002.

CAMINHO DE SANTIAGO. Disponível em: <http://www.e-biografias.net/sao_tiago/>. Acesso em 01 julho 2012.

CAMINHO DE SANTIAGO. Disponível em: <http://www.sca.org.br/biografias/SaoTiagoMaior.pdf >. Acesso em 01 julho 2012.

CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera. *A Vitalidade de Sarolha nos Falares Baianos*. In: FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana et al. (Org.) *Diversidade do Português do Brasil – Estudos de Dialectologia Rural e Outros*. Salvador: UFBA, 1988.

CARDOSO, Suzana Alice. A Geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas. Org. Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: UEL. 1998.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva . *As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica*. In: AGUILERA, Vanderci de Andarde. (Org.). Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos. 1ª ed. Londrina: UEL, 1999.

CARDOSO, Suzana Alice. *O Projeto ALiB e sua Trajetória*. In: Documentos 2 – Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador : quarteto, 2006.

CARDOSO, Suzana Alice. *Caminhos da Dialetologia Brasileira.* In: ALVES, Eliane Ferraz; ESPÍNDOLA, Luciene C; DA HORA, Dermeval. (Orgs.) *ABRALIN: 40 anos em cena*. João Pessoa: CCHLA, 2009.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística – Tradição e Modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. *Neologismos na Imprensa Escrita*. IN: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDA, Aparecida Negri. (Org.) As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª edição. Campo Grande: UFMS, 2001.

CENTRO NORTE BAIANO. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/ba/mesoregiao_detalhe.php?meso=3>. Acesso em 21 abril 2013.

CENTRO OCIDENTAL PARANAENSE. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/pr/mesoregiao_detalhe.php?meso=2> . Acesso em 21 abril 2013.

CENTRO ORIENTAL PARANAENSE. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/pr/mesoregiao_detalhe.php?meso=5>. Acesso em 21 abril 2013.

CENTRO SUL BAIANO. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/ba/mesoregiao_detalhe.php?meso=6> . Acesso em 21 abril 2013.

CENTRO-SUL. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/pr/mesoregiao_detalhe.php?meso=8> . Acesso em 21 abril 2013.

CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter. *La Dialetologia*. Traducción Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Mª de Barcellos. *Neologia em Português*. São Paulo: Parábola, 2012.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, Diacronia e História – O problema da mudança linguística.* Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COULTHARD, Malcolm. *Linguagem e Sexo*. Tradução Carmen Rosa Caldas-Coulthard. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4ª ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

EXTREMO OESTE BAIANO. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/ba/mesoregiao_detalhe.php?meso=1>. Acesso em 21 abril 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: Fundação Estadual de Cultura de Sergipe; Universidade Federal da Bahia, 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A Dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, João Carlos Vicente. *O Paraná e seus municípios*. Cuiabá: J. C. V. Ferreira, 1999.

FINCH, Geoffrey. *Linguistics Terms and Concepts*. New York: St. Matin's Press, 2000.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Léxico e Semântica – estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *Vocabulário do Seringueiro: campo léxico da seringa*. IN: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDA, Aparecida Negri. (Org.) As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª edição. Campo Grande: UFMS, 2001.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como Falam os Brasileiros*. Ed. 3ª. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LUCCHESI, Dante. *História do Contato entre Línguas no Brasil*. In: O Português Afro-Brasileiro. Dante Lucchesi, Alan Baxter, Ilza Ribeiro (Orgs.). Salvador: EDUFBA, 2009.

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Ática, 2006.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística – uma introdução.* Tradução Marilda Winkler Averbur e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. 2ª edição. V. I, II, III. Lisboa: Confluência, 1967.

MATTHEW. HOLY BIBLE. New Life Version. Canby: Christian Literature, 1986.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaios para uma Sócio-História do Português Brasileiro*. 2ª edição. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDONÇA, Renato. *A Influência Africana no Português do Brasil*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

METROPOLITANA DE CURITIBA. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/pr/mesoregiao_detalhe.php?meso=10>. Acesso em 21 abril 2013.

METROPOLITANA DE SALVADOR. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/ba/mesoregiao_detalhe.php?meso=5>. Acesso em 21 abril 2013.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de Sociolinguística y sociologia del lenguage*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

MOTA, Jacyra Andrade. *Áreas Dialetais Brasileiras*. In: *Quinhentos Anos de História Linguística do Brasil*. Orgs. CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Salvador: Apoio, 2006.

NASCENTES, Antenor. *O Linguajar Carioca*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, 1958.

NORDESTE BAIANO. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/ba/mesoregiao_detalhe.php?meso=4>. Acesso em 21 abril 2013.

NOROESTE PARANAENSE. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/pr/mesoregiao_detalhe.php?meso=1>. Acesso em 21 abril 2013.

NORTE CENTRAL PARANAENSE. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/pr/mesoregiao_detalhe.php?meso=3>. Acesso em 21 abril 2013.

NORTE PIONEIRO PARANAENSE. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/pr/mesoregiao_detalhe.php?meso=4>. Acesso em 21 abril 2013.

OESTE PARANAENSE. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/pr/mesoregiao_detalhe.php?meso=6>. Acesso em 21 abril 2013.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. *Regionalismos Brasileiros: a questão da distribuição geográfica*. IN: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDA, Aparecida Negri. (Org.)As

Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª edição. Campo Grande: UFMS, 2001.

PÉREZ, Júlio Calvo. *La fundación de la Semántica: los espines léxicos como un universal del lenguaje*. Madrid: Iberoamericana, 2011.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. *O Português do Brasil, uma Intromissão nessa História*. Campinas: Unicamp, 2009.

PRETI, Dino. *Sociolinguística – os níveis da fala.* São Paulo: Edusp, 2003.

QSL. *Questionário Semântico-Lexical*. Comitê Nacional do Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil. Questionários 2001. Londrina: UEL, 2001.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos Municípios Baianos: Descrição, História e Mudanças*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil – A História do Levante dos Malês em 1835*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio; PASSINI, José; GAIO, Antonio Pereira. *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

SANTOS, Clóvis Caribé Menezes dos. Oeste Baiano: Ocupação Econômica, Formação Social e Modernização Agrícola. In: NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertões da Bahia – Formação Social, Desenvolvimento Econômico, Evolução Política e Diversidade Cultural. Salvador: Arcádia, 2011.

SILVA, Maria Eugênia O. de Oliveira. *Dicionários: Armas de Dois Gumes do Estudo da Fraseologia. A Caso das Locuções*. In: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz; UNTERNBAUMEN, Enrique Huelva (orgs). Uma (Re)visão da Teoria e da Pesquisa Fraseológicas. Campinas: Pontes, 2011.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para Estudos Dialectológicos*. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SUDESTE PARANAENSE. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/pr/mesoregiao_detalhe.php?meso=9>. Acesso em 21 abril 2013.

SUDOESTE PARANAENSE. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/pr/mesoregiao_detalhe.php?meso=7>. Acesso em 21 abril 2013.

SUL BAIANO. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/ba/mesoregiao_detalhe.php?meso=7>. Acesso em 21 abril 2013.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Socio-Linguística*. São Paulo: Ática, 1997.

TRISTÁ, Antonia María. *Fraseologia y Cotexto*. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

VALE SÃO-FRANCISCANO DA BAHIA. Disponível em: <http://www.citybrazil.com.br/ba/mesoregiao_detalhe.php?meso=2>. Acesso em 21 abril 2013.

WELKER, Herbert Andreas. *Colocações e Expressões Idiomáticas em Dicionários Gerais*. In: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz; UNTERNBAUMEN, Enrique Huelva (orgs). Uma (Re)visão da Teoria e da Pesquisa Fraseológicas. Campinas: Pontes, 2011.

XATARA, Cláudia; PARREIRA, Maria Cristina. A Elaboração de um Dicionário Fraseológico. In: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz; UNTERNBAUMEN, Enrique Huelva (orgs). Uma (Re)visão da Teoria e da Pesquisa Fraseológicas. Campinas: Pontes, 2011.

Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 3283 - 6256 – Site: http://www.ppgll.ufba.br - E-mail: pgletba@ufba.br

GENIVALDO DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

O LÉXICO NOSSO DE CADA DIA NA BAHIA E NO PARANÁ: ACIDENTES GEOGRÁFICOS, FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS, ASTROS E TEMPO

vol. 2

SALVADOR
2014

GENIVALDO DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

O LÉXICO NOSSO DE CADA DIA NA BAHIA E NO PARANÁ: ACIDENTES GEOGRÁFICOS, FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS, ASTROS E TEMPO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras e Linguística.

Orientadora: Profª. Drª. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso

SALVADOR
2014

SUMÁRIO

VOLUME I

1 INTRODUÇÃO 13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 17
2.1 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS – UM BREVE HISTÓRICO 17
2.1.1 Variação linguística 24
2.1.2 Geografia linguística 29
2.1.2.1 Áreas dialetais no Brasil 31
2.1.2.2 Atlas linguísticos e seus primórdios 36
2.1.2.3 O Projeto ALiB – novos caminhos e perspectivas de geografia linguística no Brasil 37
2.2 O LÉXICO E A LEXICOLOGIA – COM UM OLHAR SOBRE A NEOLOGIA 39
2.2.1 Distribuição diatópica das variantes lexicais 48
2.2.2 Distribuição social dos dados – variações diageracional, diagenérica, diastrática 48
2.2.3 Sinonímia 50
2.2.4 Aspectos fraseológicos 51
3 ASPECTOS HISTÓRICOS NA FORMAÇÃO ETNOLINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS DO BRASIL 56
3.1 UM OLHAR SOBRE A BAHIA E O PARANÁ – ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS 59
3.1.1 As mesorregiões da Bahia 64
3.1.2 As mesorregiões do Paraná 66
4 METODOLOGIA 67
4.1 *CORPUS* 67
4.1.1 Localidades da Bahia 67
4.1.2 Localidades do Paraná 68
4.2 Informantes 69
4.3 Questionário 69
5 ANÁLISE DOS DADOS 73
5.1 O QUE REVELAM OS DADOS 73
5.1.1 Salvador e Curitiba – a realidade das capitais 74
5.1.1.1 Acidentes geográficos em Salvador e Curitiba 75

5.1.1.2 Fenômenos atmosféricos em Salvador e Curitiba 78
5.1.1.3 Astros e tempo em Salvador e Curitiba 83
5.2 A REALIDADE DO INTERIOR DOS DOIS ESTADOS 87
5.2.1 Cidades baianas em suas mesorregiões – distribuição diatópica do léxico 88
5.2.2 Cidades paranaenses em suas mesorregiões – distribuição diatópico do léxico 110
5.2.3 Uma visão plural entre a Bahia e o Paraná 129
5.2.3.1 Coincidências lexicais entre Bahia e Paraná 132
5.2.3.2 Diferenças lexicais entre Bahia e Paraná 138
5.2.3.3 Breve reflexão sobre as diferenças lexicais entre Bahia e Paraná 148
5.3 ASPECTOS LEXICOGRÁFICOS DOS DADOS 149
5.4 VARIÁVEIS SOCIAIS – UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE O TEMA ... 164
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 176
ÍNDICE ONOMASIOLÓGICO 179
REFERENCIAS 185

VOLUME II

7 APRESENTAÇÃO 191

LISTA DE MAPAS

Mapa de situação I – Bahia e Paraná 192
Mapa de situação II – Bahia 193
Mapa de situação III – Paraná 194

LISTA DE CARTAS LEXICAIS

Carta 1 – Rio pequeno na Bahia e no Paraná 195
Gráfico – Rio pequeno na Bahia e no Paraná 196
Carta 2 – Espécie de ponte feita com tronco de árvore, pedaço de pau ou tábua na Bahia e no Paraná 197

Gráfico – Espécie de ponte feita com tronco de árvore, pedaço de pau ou tábua na Bahia e no Paraná 198
Carta 3 – Foz na Bahia e no Paraná 199
Gráfico – Foz na Bahia e no Paraná 200
Carta 4 – Onda (do mar/do rio) na Bahia e no Paraná 201

Gráfico – Onda (do mar/do rio) na Bahia e no Paraná 202
Carta 5 – Raio na Bahia e no Paraná 203
Gráfico – Raio na Bahia e no Paraná 204
Carta 6 – Chuva geralmente de pouca duração e forte na Bahia e no Paraná 205
Gráfico – Chuva geralmente de pouca duração e forte na Bahia e no Paraná 206
Carta 7 – Chuva de granizo na Bahia e no Paraná 207
Gráfico – Chuva de granizo na Bahia e no Paraná 208
Carta 8 – Estiar na Bahia e no Paraná 209
Gráfico – Estiar na Bahia e no Paraná 210
Carta 9 – Chuva fina na Bahia e no Paraná 211
Gráfico – Chuva fina na Bahia e no Paraná 212
Carta 10 – Terra umedecida pela chuva na Bahia e no Paraná 213
Gráfico – Terra umedecida pela chuva na Bahia e no Paraná 214
Carta 11 – Orvalho na Bahia e no Paraná 215
Gráfico – Orvalho na Bahia e no Paraná 216
Carta 12 – Neblina na Bahia e no Paraná 217
Gráfico – Neblina na Bahia e no Paraná 218
Carta 13 – Amanhecer na Bahia e no Paraná 219
Gráfico – Amanhecer na Bahia e no Paraná 220
Carta 14 – Nascer do sol na Bahia e no Paraná 221
Gráfico – Nascer do sol na Bahia e no Paraná 222
Carta 15 – O começo da noite na Bahia e Paraná 223
Gráfico – O começo da noite na Bahia e Paraná 224
Carta 16 – Estrela matutina/vespertina na Bahia e no Paraná 225
Gráfico – Estrela matutina/vespertina na Bahia e no Paraná 226
Carta 17 – Estrela cadente na Bahia e no Paraná 227
Gráfico – Estrela cadente na Bahia e no Paraná 228
Carta 18 – Via Láctea na Bahia e no Paraná 229
Gráfico – Via Láctea na Bahia e no Paraná 230

7 APRESENTAÇÃO

Este volume, intitulado **O léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná**: cartas léxicas gerais, reúne 18 cartas léxicas baseadas nos dados coletados nos dois estados e analisados no volume 1 desta Tese.

As cartas linguísticas, identificadas como cartas léxicas gerais, apresentam, em cada estado, a visão areal a partir da distribuição de ocorrências pelas mesorregiões. No tratamento cartográfico dos dados e elaboração das cartas adotamos os seguintes critérios:

a) cada carta linguística se constitui de mapa com os dados selecionados para serem cartografados, acompanhado, no verso, de dados complementares;

b) cartografamos as três variantes, na ordem sequencial, com maior índice de ocorrência, observado o seu registro em mesorregiões distintas; b) quando há até três variantes, independentemente do índice de ocorrências, todas elas são cartografadas;

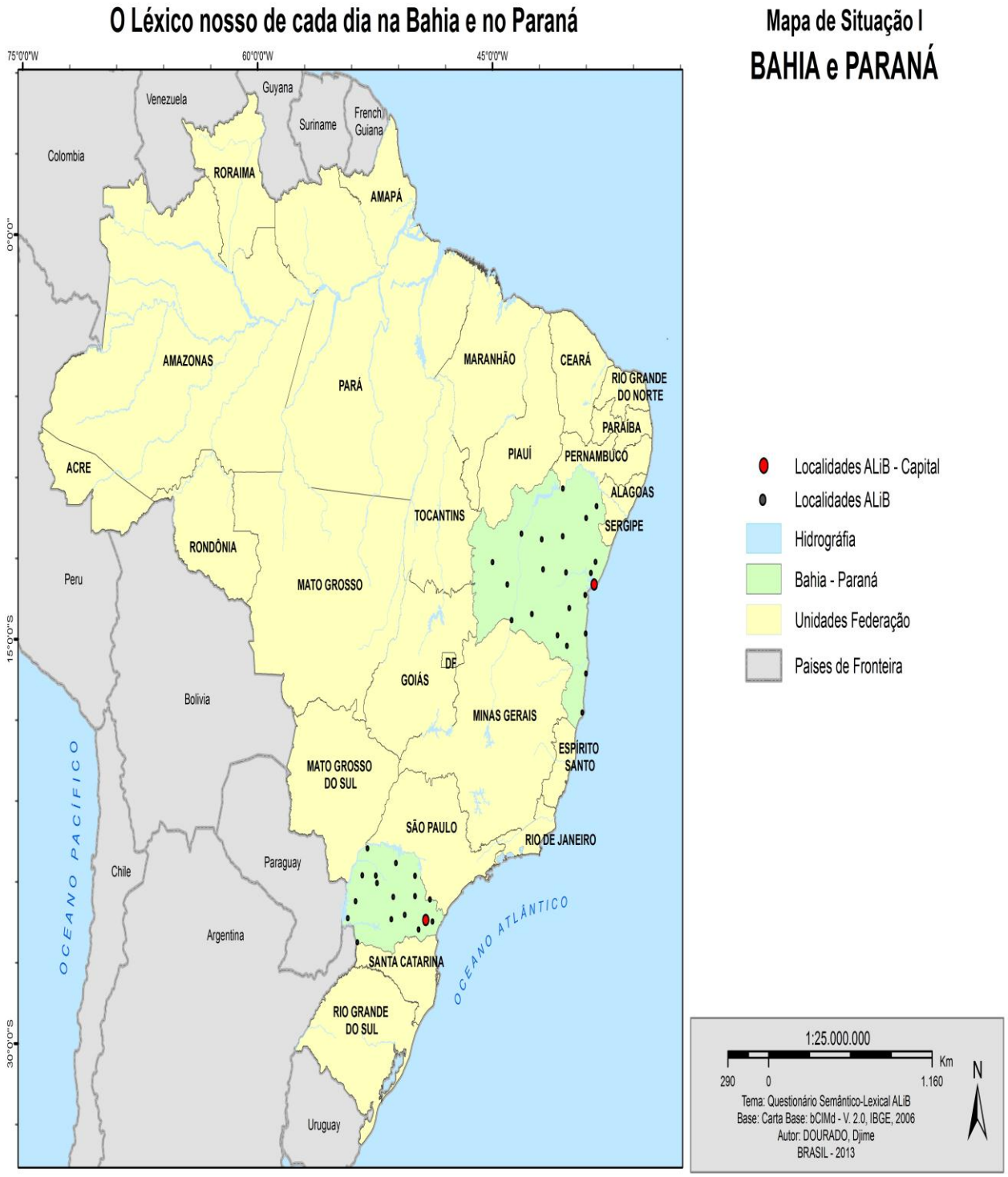
c) nos casos de documentação de um número superior a três ocorrências, cartografamos as três mais produtivas e as demais são registradas como **outras** e especificadas no gráfico que acompanha a carta;

d) todas as variantes registradas são indicadas em gráfico, no verso de cada carta, possibilitando a visão percentual de todas as ocorrências e oferecendo a distribuição areal por mesorregião.

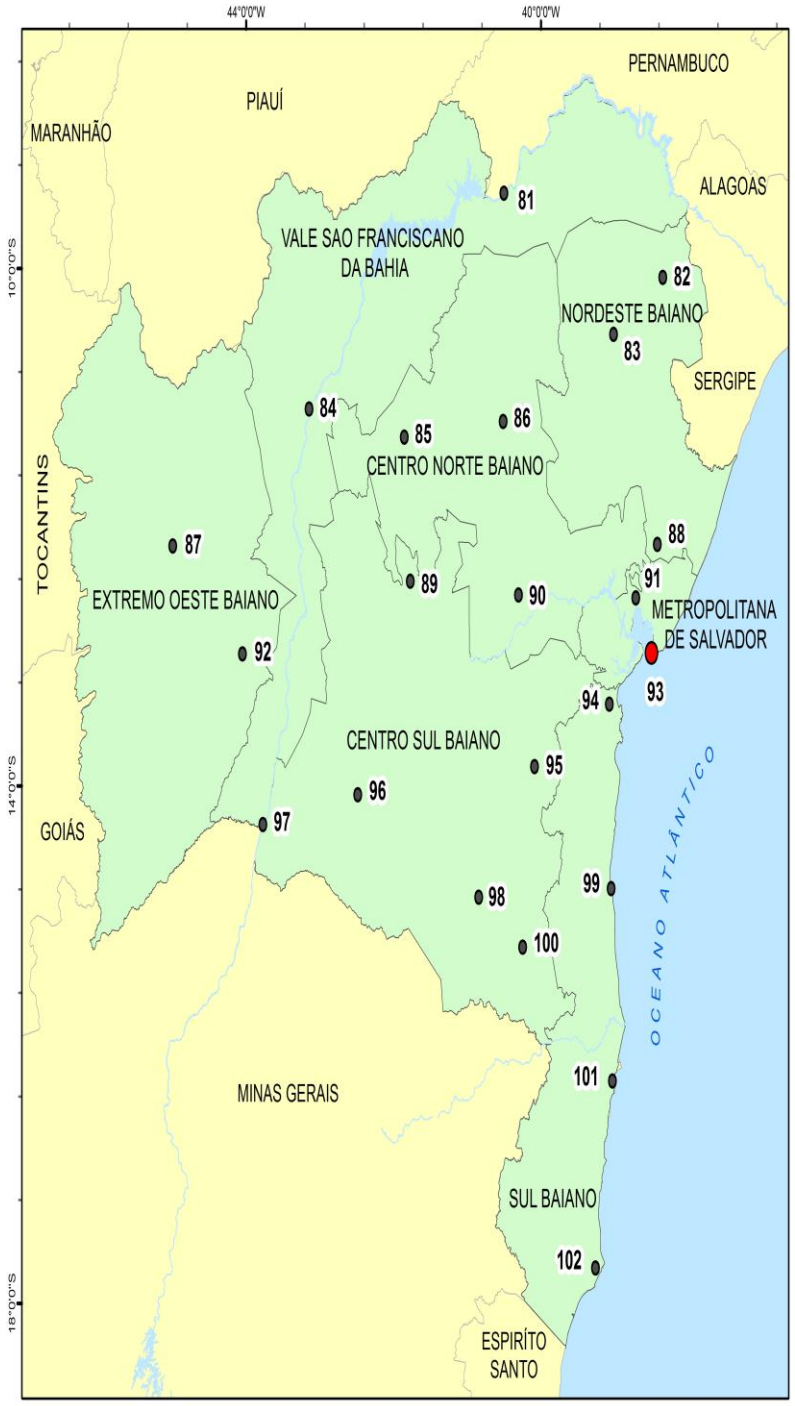
e) No caso em que ocorreram variantes com o mesmo índice percentual, os símbolos correspondem respectivamente as denominações na sequência em que se apresentam nas cartas.

Para a distribuição cartográfica dos itens lexicais foram consideradas as mesorregiões estabelecidas pelo IBGE e, assim, identificadas: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Metropolitana de Salvador, Nordeste, Sul e Vale São-Franciscano da Bahia, portanto, sete mesorregiões para o Estado da Bahia, e dez mesorregiões para o Estado do Paraná, denominadas centro Ocidental, Centro Oriental, Centro Sul, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste e Sudoeste paranaense.

A análise dos dados, organizados e agrupados nas cartas, é apresentada no capítulo 5 do volume 1, contemplando fatores linguísticos e sociais, como campo semântico, variações diatópica, diastrática, diageracional e diagenérica, bem como registro/não registro nos dicionários. Um conjunto de perguntas, porém, não possibilitou a confecção de cartas por não apresentar variação léxico-semântica significativa.


O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná
Mapa de Situação I
BAHIA e PARANÁ
75°0'0"W
60°0'0"W
45°0'0"W
0°0'0"
15°0'0"S
30°0'0"S
Venezuela
Guyana
Suriname
French Guiana
Colombia
RORAIMA
AMAPÁ
AMAZONAS
PARÁ
MARANHÃO
CEARÁ
RIO GRANDE DO NORTE
PARAÍBA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
ACRE
TOCANTINS
RONDÔNIA
Peru
MATO GROSSO
DF
GOIÁS
Bolívia
MINAS GERAIS
ESPÍRITO SANTO
MATO GROSSO DO SUL
SÃO PAULO
RIO DE JANEIRO
Chile
Paraguay
Argentina
SANTA CATARINA
RIO GRANDE DO SUL
Uruguay
OCEANO PACIFICO
OCEANO ATLÂNTICO
Localidades ALiB - Capital
Localidades ALiB
Hidrográfia
Bahia - Paraná
Unidades Federação
Paises de Fronteira
1:25.000.000
290
0
1.160
Km
N
Tema: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Base: Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2013

O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná



Mapa de Situação II

BAHIA

MESORREGIÃO CENTRO NORTE BAIANO
90 - Itaberaba
85 - Irecê
86 - Jacobina

MESORREGIÃO CENTRO SUL BAIANO
89 - Seabra
95 - Jequié
96 - Caetité
98 - Vitória da Conquista
100 - Itapetinga

MESORREGIÃO EXTREMO OESTE BAIANO
87 - Barreiras
92 - Santana

MESORREGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR
93 - Salvador
91 - Santo Amaro

MESORREGIÃO NORDESTE BAIANO
82 - Jeremoabo
83 - Euclides da Cunha
88 - Alagoinhas

MESORREGIÃO SUL BAIANO
94 - Valença
99 - Ilhéus
101 -Santa Cruz Cabrália
102 - Caravelas

MESORREGIÃO VALE SÃO FRANCISCANO DA BAHIA
81 - Juazeiro
84 - Barra
97 - Carinhanha

Localidades ALiB - Salvador
Localidades ALiB
Hidrográfia
Mesorregiões da Bahia
Unidades Federação

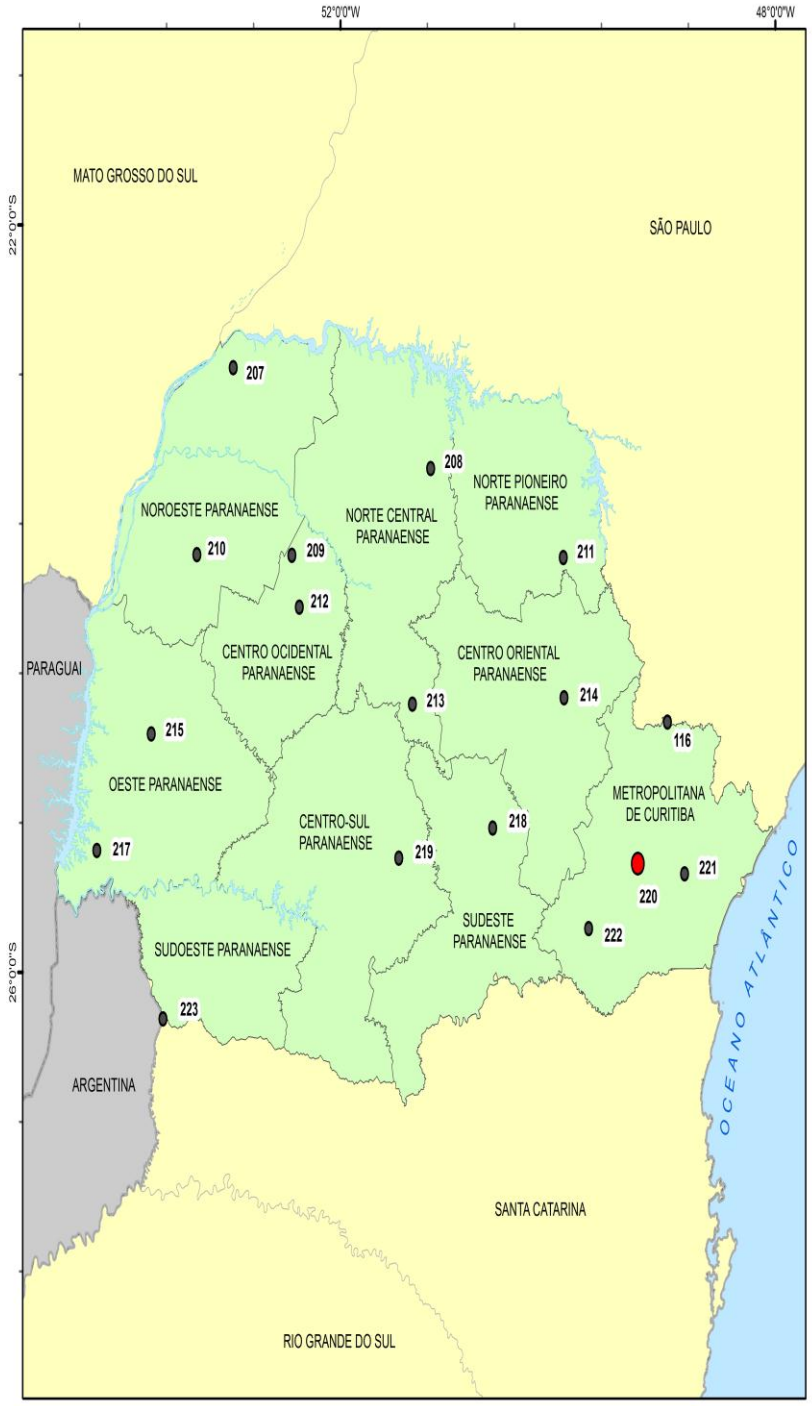
1:6.500.000
75 0 300 Km
N

Tema: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Base: Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2013

O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná

Mapa de Situação III

PARANÁ



MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL PARANAENSE
209 - Terra Boa
212 - Campo Mourão

MESORREGIÃO CENTRO ORIENTAL PARANAENSE
214 - Piraí do Sul

MESORREGIÃO CENTRO-SUL
219 - Guarapuava

MESORREGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA
116 - Adrianópolis
220 - CURITIBA
221 - Morretes
222 - Lapa

MESORREGIÃO NOROESTE PARANAENSE
207 - Nova Londrina
210 - Umuarama

MESORREGIÃO NORTE CENTRAL PARANAENSE
208 - Londrina
213 - Cândido de Abreu

MESORREGIÃO NORTE PIONEIRO PARANAENSE
211 - Tomazina

MESORREGIÃO OESTE PARANAENSE
215 - Toledo
217 - São Miguel do Iguaçu

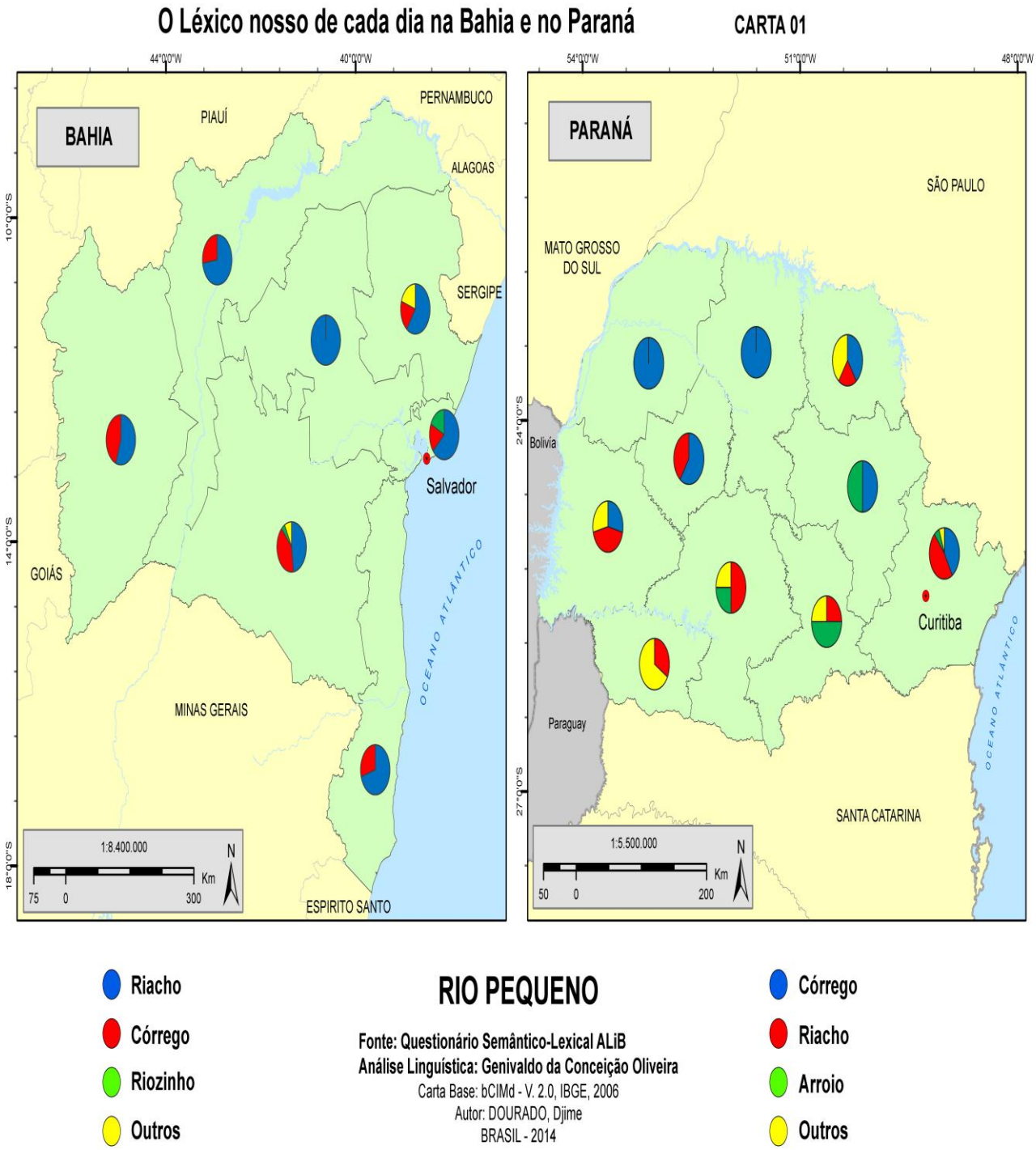
MESORREGIÃO SUDESTE PARANAENSE
218 - Imbituva

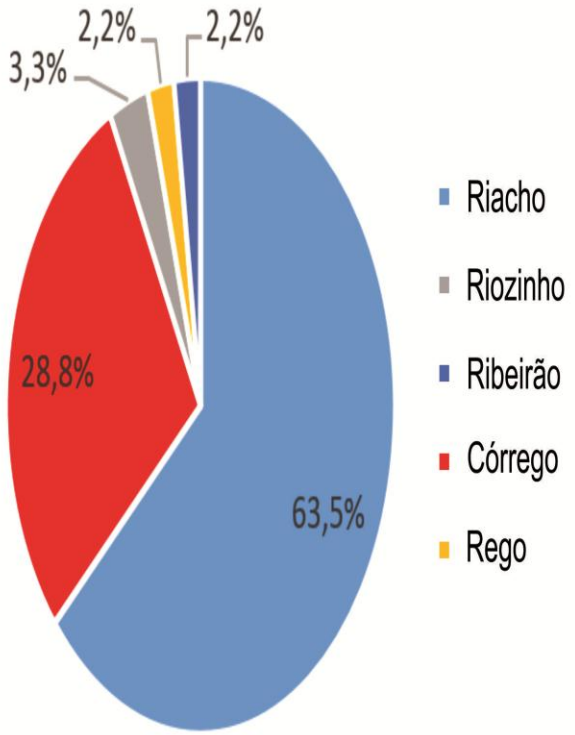
MESORREGIÃO SUDOESTE PARANAENSE
223 - Barracão

Localidades ALiB - Curitiba
Localidades ALiB
Hidrográfia
Mesorregiões do Paraná
Unidades Federação
Paises de Fronteira

1:4.500.000
50 0 200 Km
N

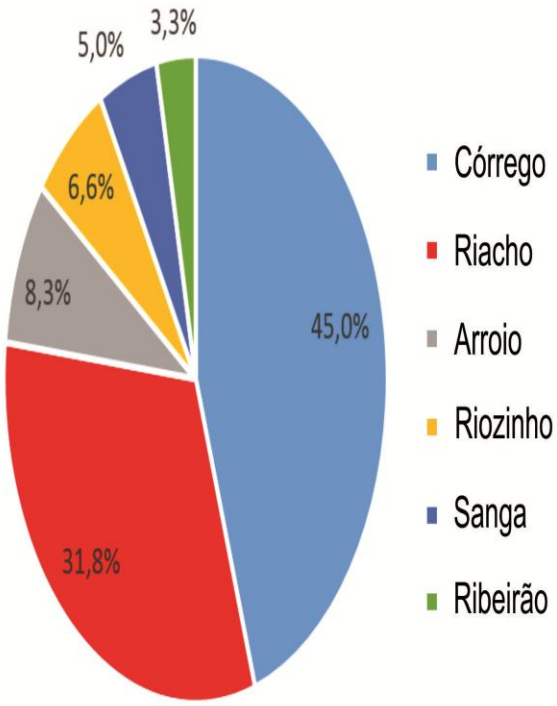
Tema: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Base: Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2013


O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná
CARTA 01
BAHIA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
Salvador
GOIÁS
MINAS GERAIS
ESPIRITO SANTO
OCEANO ATLANTICO
1:8.400.000
75 0 300 Km
N
PARANÁ
SÃO PAULO
MATO GROSSO DO SUL
Bolivia
Paraguay
Curitiba
SANTA CATARINA
1:5.500.000
50 0 200 Km
Riacho
Córrego
Riozinho
Outros
RIO PEQUENO
Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014
Córrego
Riacho
Arroio
Outros



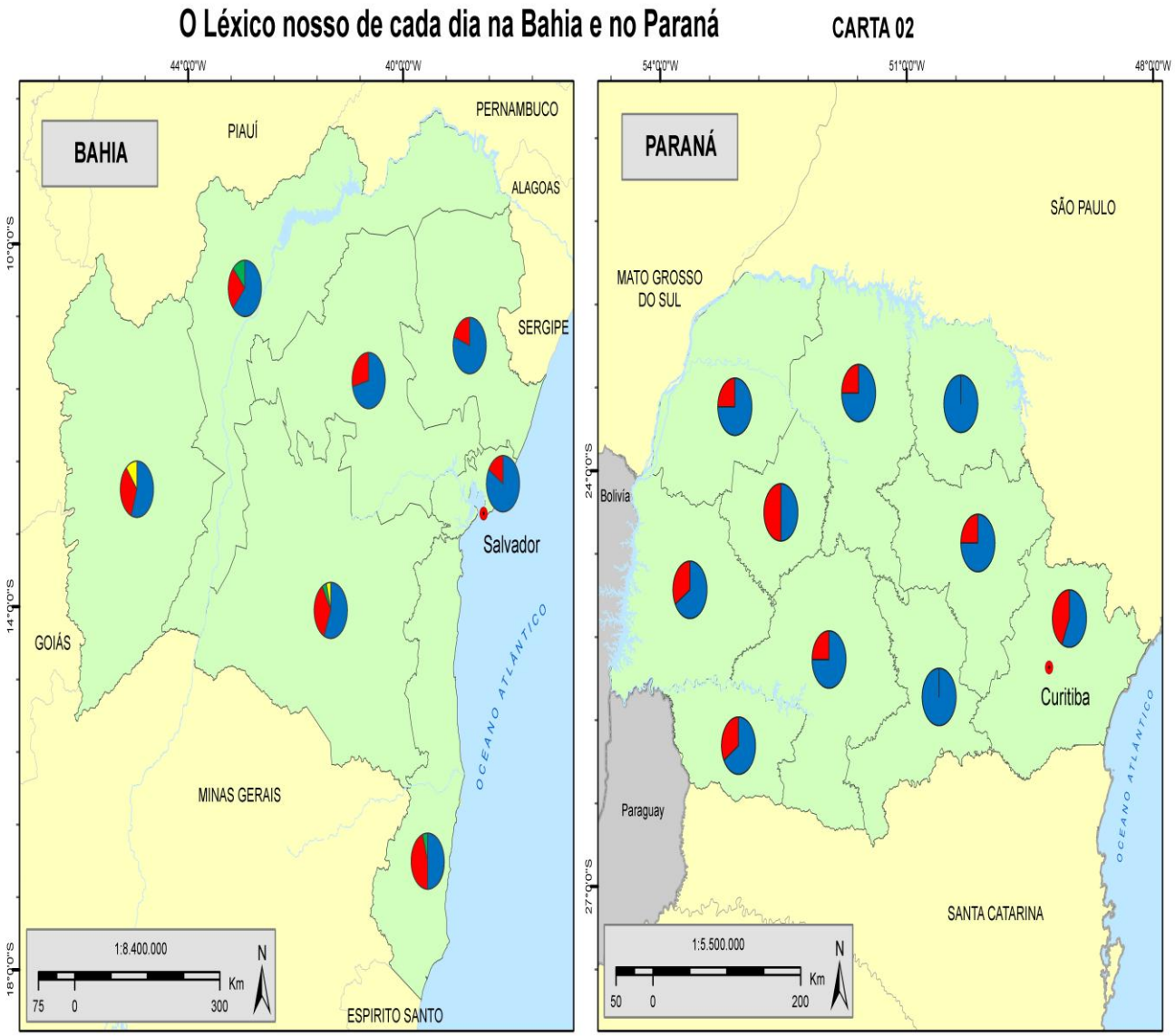
Denominações para rio pequeno na Bahia: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

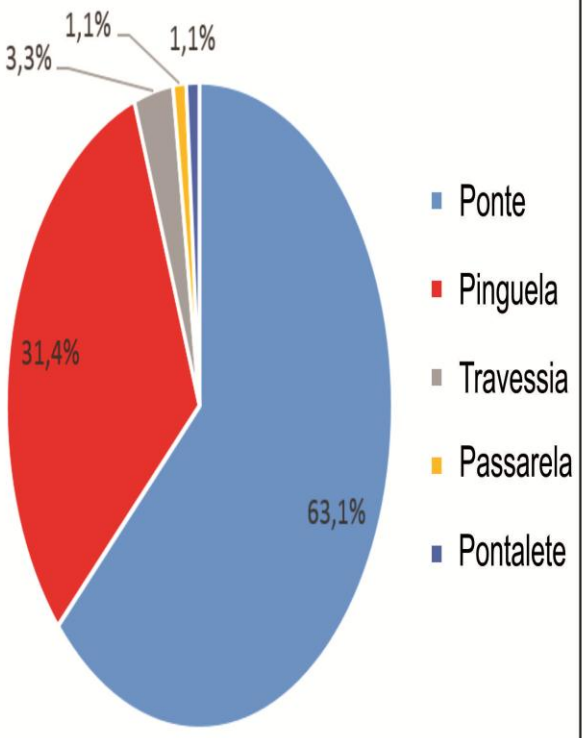
Riacho: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Metropolitana de Salvador, Nordeste, Sul, Vale São-Franciscano.
Riozinho: Centro Sul, Metropolitana de Salvador.
Ribeirão: Centro Sul.
Córrego: Centro Sul, Extremo Oeste, Metropolitana de Salvador, Nordeste, Sul, Vale São-Franciscano.
Rego: Centro Sul, Nordeste.



Denominações para rio pequeno no Paraná: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

Córrego: Centro Ocidental, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste.
Riacho: Centro Ocidental, Centro Oriental, Centro Sul, Metropolitana de Curitiba, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste, Sudoeste.
Arroio: Centro Oriental, Centro Sul, Metropolitana de Curitiba, Sudeste.
Riozinho: Centro Sul, Metropolitana de Curitiba, Oeste, Sudeste.
Sanga: Oeste, Sudoeste.
Ribeirão: Norte Pioneiro.

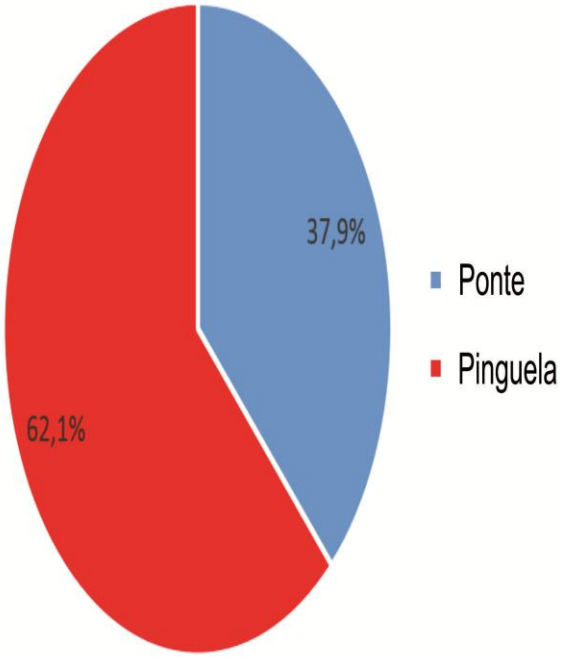

O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná
CARTA 02
BAHIA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
Salvador
GOIÁS
MINAS GERAIS
ESPIRITO SANTO
OCEANO ATLANTICO
1:8.400.000
75 0 300 Km
N
PARANÁ
SÃO PAULO
MATO GROSSO DO SUL
Bolivia
Paraguay
Curitiba
SANTA CATARINA
1:5.500.000
50 0 200 Km
Ponte
Pinguela
Travessia
Outros
ESPÉCIE DE PONTE FEITA COM TRONCO DE ÁRVORE
PEDAÇO DE PAU OU TÁBUA
Pinguela
Ponte
Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014



Denominações para espécie de ponte feita com tronco de árvore, pedaço de pau ou tábua na Bahia: percentual de ocorrências.

As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

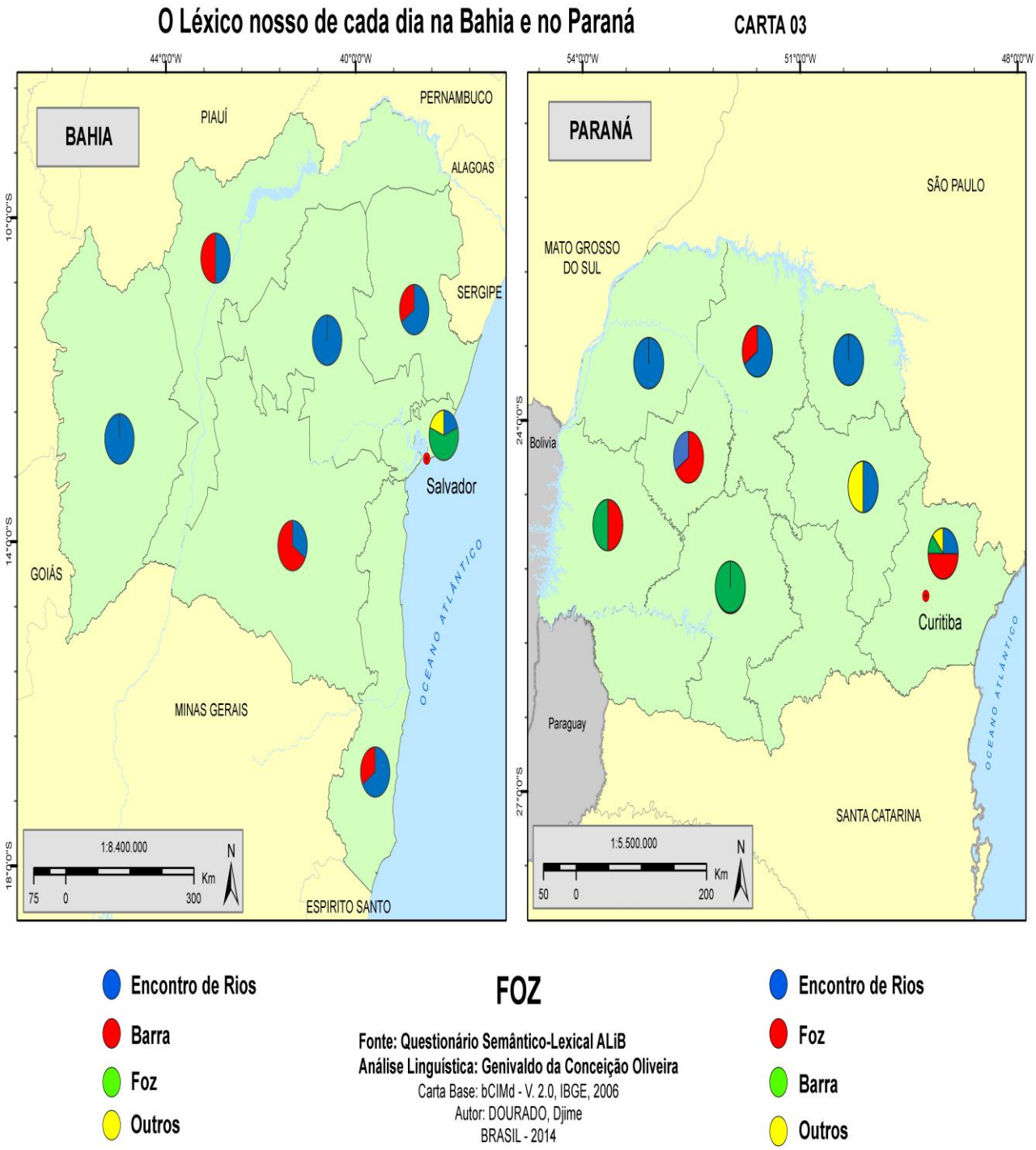
Ponte: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Metropolitana de Salvador, Nordeste, Sul, Vale São-Franciscano.
Pinguela: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Metropolitana da Salvador, Nordeste, Sul, Vale São-Franciscano.
Travessia: Centro Sul, Sul, Vale São-Franciscano.
Passarela: Centro Sul.
Pontalete: Extremo Oeste.

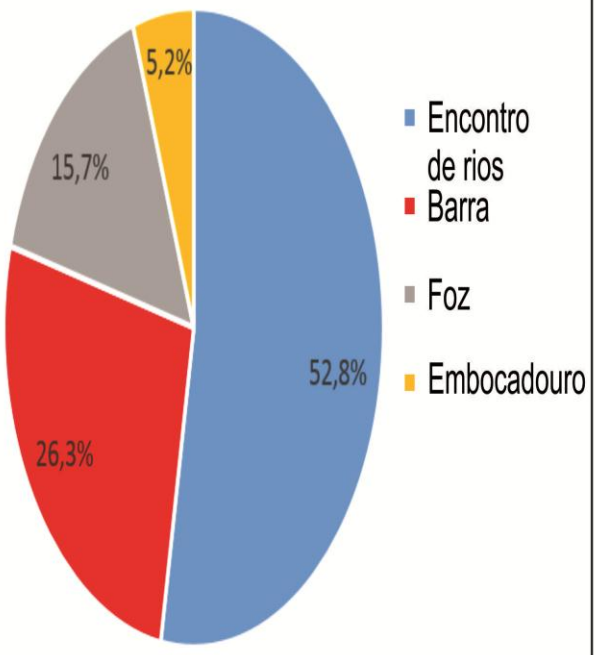


Denominações para espécie de ponte feita com tronco de árvore, pedaço de pau ou tábua no Paraná: percentual de ocorrências.

As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

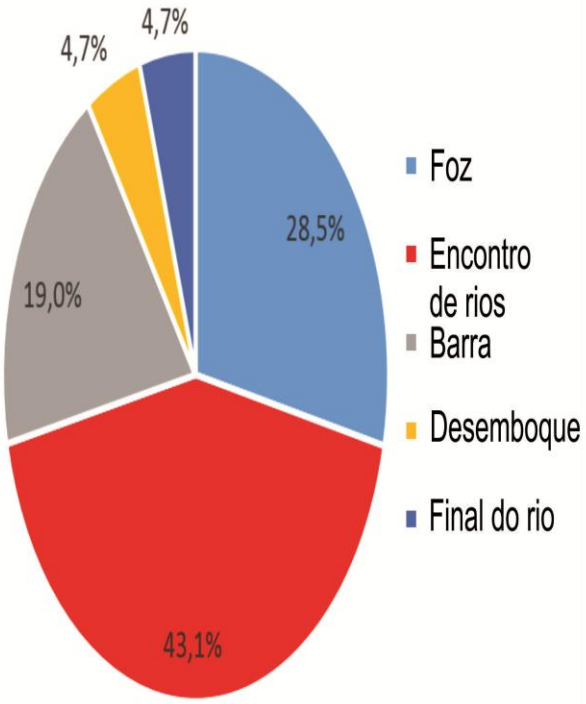
Ponte: Centro Ocidental, Centro Oriental, Centro Sul, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Central, Oeste, Sudeste.
Pinguela: Em todas as mesorregiões do Paraná.


O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná
CARTA 03
BAHIA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
Salvador
GOIÁS
MINAS GERAIS
ESPIRITO SANTO
OCEANO ATLANTICO
1:8.400.000
75 0 300 Km
N
PARANÁ
SÃO PAULO
MATO GROSSO DO SUL
Bolivia
Paraguay
Curitiba
SANTA CATARINA
1:5.500.000
50 0 200 Km
Encontro de Rios
Barra
Foz
Outros
FOZ
Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014
Encontro de Rios
Foz
Barra
Outros



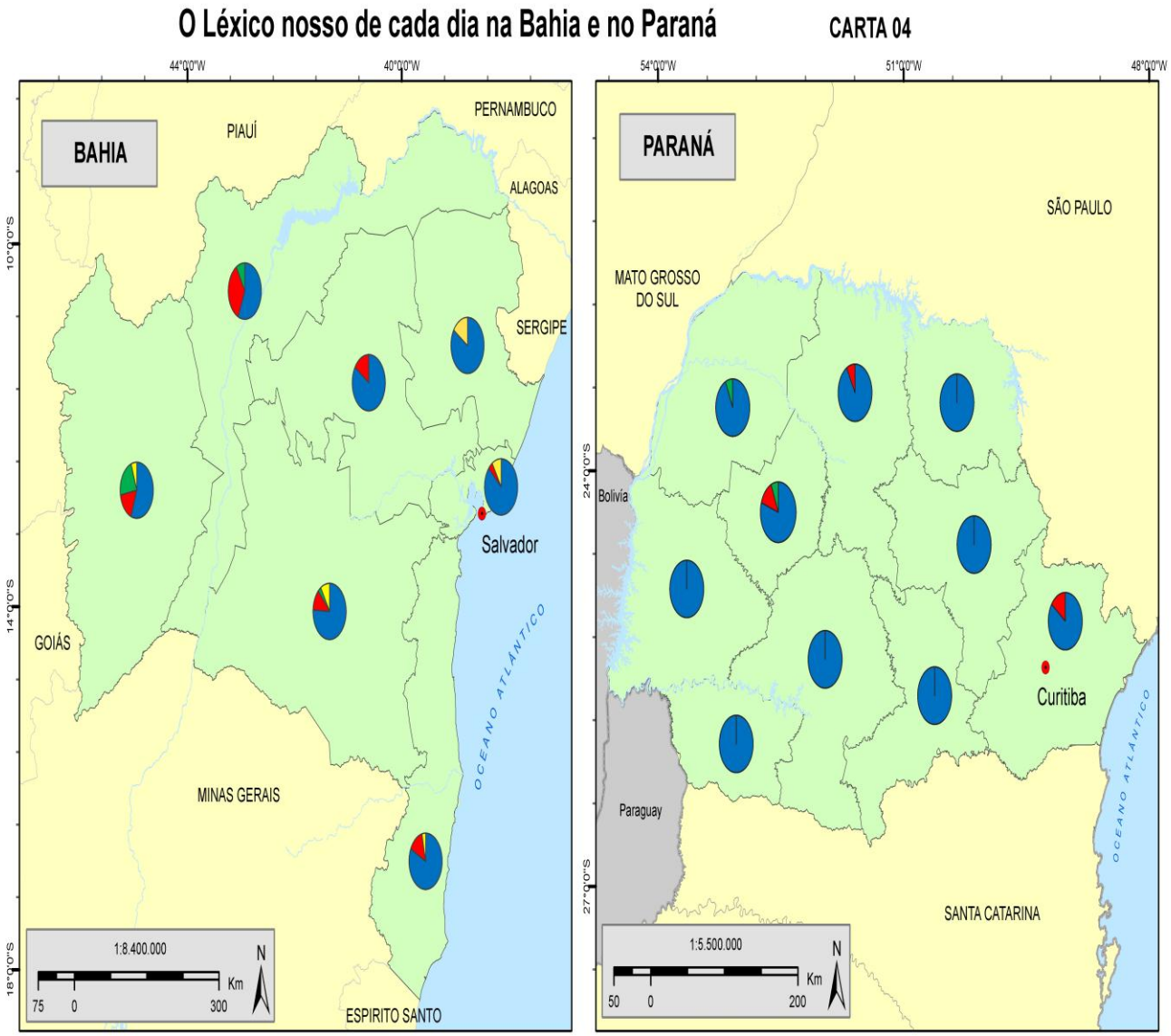
Denominações para foz na Bahia: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

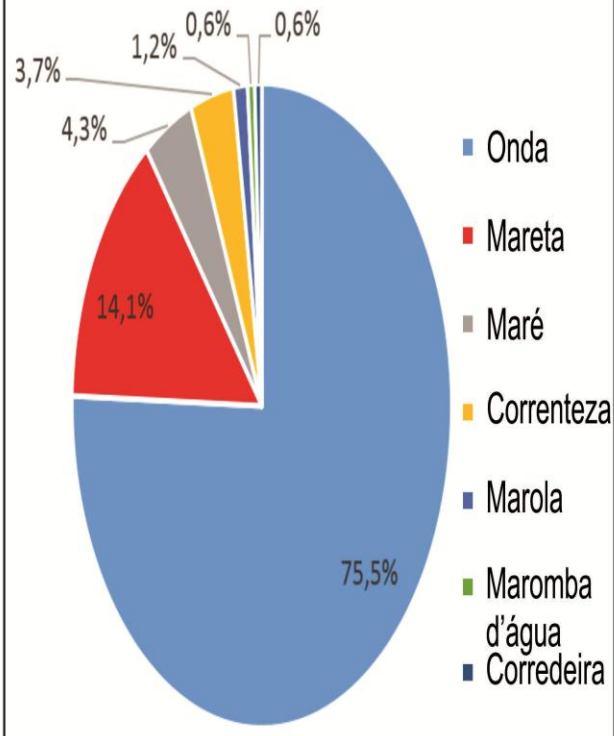
Encontro de rios: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Nordeste, Sul, Vale São-Franciscano.
Barra: Centro Sul, Nordeste, Sul,Vale São-Franciscano.
Foz: Metropolitana de Salvador.
Embocadouro: Metropolitana de Salvador.



Denominações para foz no Paraná: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

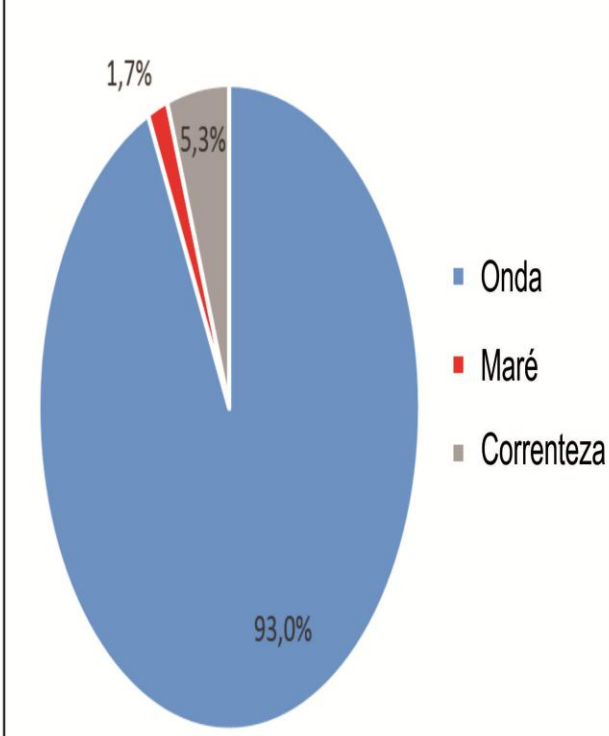
Foz: Centro Ocidental, Metropolitana de Curitiba, Oeste.
Encontro de rios: Centro Ocidental, Centro Oriental, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Pioneiro.
Barra: Centro Sul, Metropolitana de Curitiba, Oeste, Sudoeste.
Desemboque: Metropolitana de Curitiba.
Final do rio: Centro Oriental, Metropolitana de Curitiba.


O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná
CARTA 04
BAHIA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
Salvador
GOIÁS
MINAS GERAIS
ESPIRITO SANTO
OCEANO ATLÂNTICO
1:8.400.000
75 0 300 Km
N
PARANÁ
SÃO PAULO
MATO GROSSO DO SUL
Bolivia
Paraguay
Curitiba
SANTA CATARINA
1:5.500.000
50 0 200 Km
Onda
Mareta
Maré
Outros
ONDA (DO MAR/DO RIO)
Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014
Onda
Correnteza
Maré



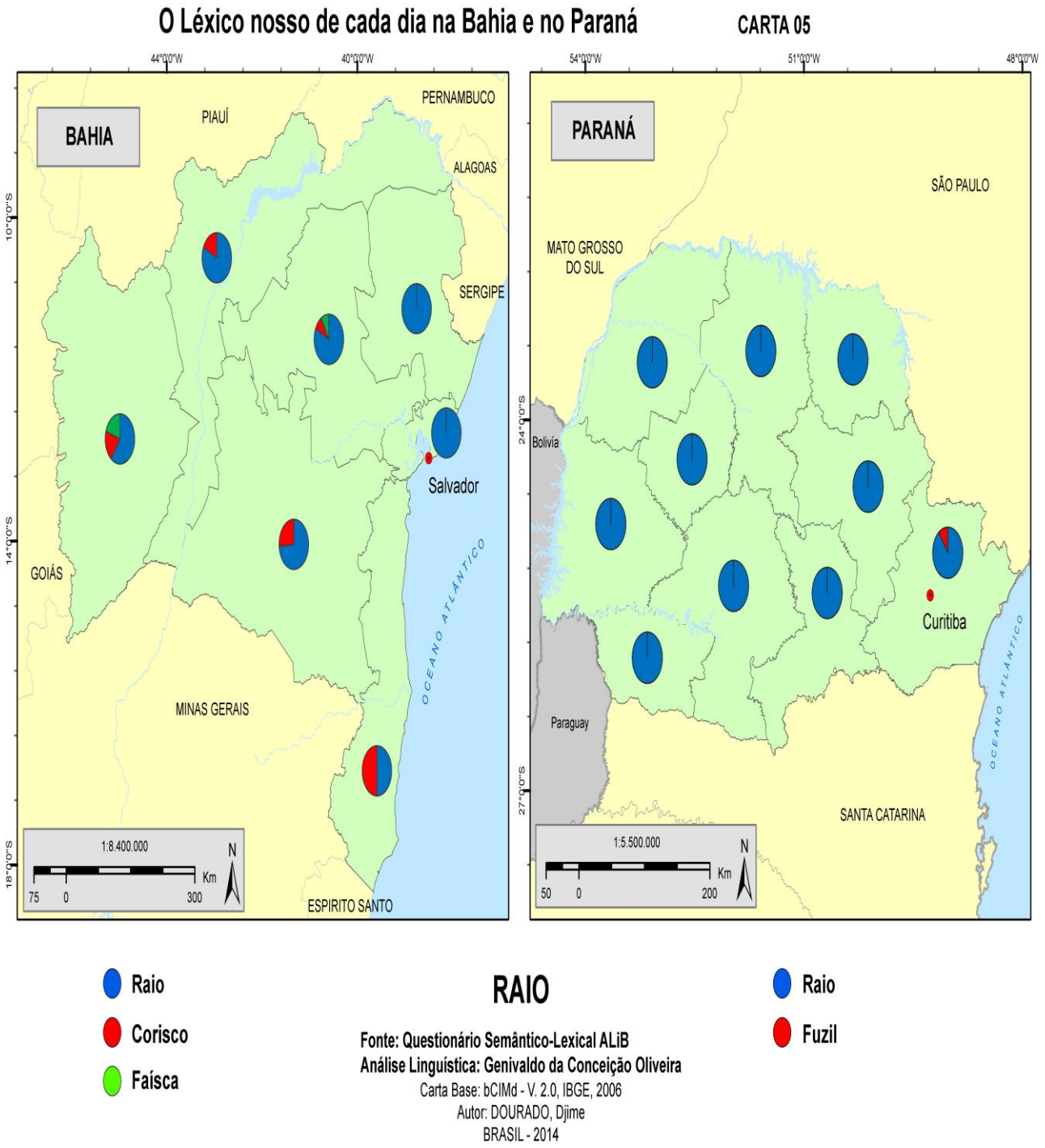
Denominações para onda (do mar/do rio) na Bahia: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

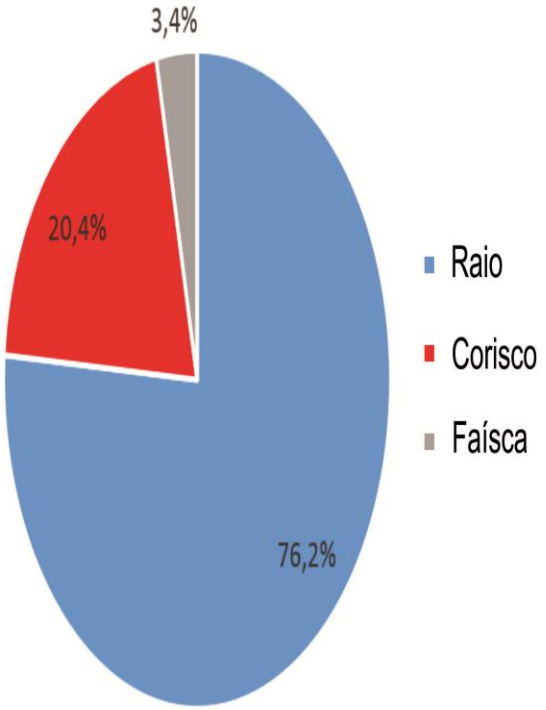
Onda: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Mareta: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Metropolitana de Salvador, Sul, Vale São-Franciscano.
Maré: Centro Sul, Extremo Oeste, Vale São-Franciscano.
Correnteza: Centro Sul, Metropolitana de Salvador, Nordeste.
Marola: Metropolitana de Salvador, Sul.
Maromba d'água: Extremo Oeste.
Corredeira: Centro Sul.



Denominações para onda (do mar/do rio) no Paraná: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

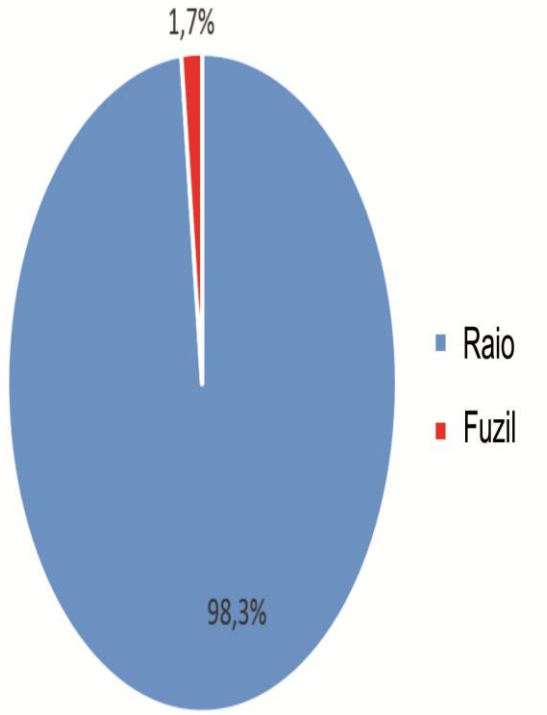
Onda: Em todas as mesorregiões do Paraná.
Maré: Centro Ocidental, Noroeste.
Correnteza: Centro Ocidental, Metropolitana de Curitiba, Norte Central.


O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná
CARTA 05
BAHIA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
Salvador
GOIÁS
MINAS GERAIS
ESPIRITO SANTO
OCEANO ATLÂNTICO
1:8.400.000
Km
75 0 300
N
PARANÁ
SÃO PAULO
MATO GROSSO DO SUL
Bolivia
Paraguay
Curitiba
SANTA CATARINA
1:5.500.000
50 0 200
Raio
Corisco
Faísca
RAIO
Raio
Fuzil
Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014



Denominações para raio na Bahia: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

Raio: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Corisco: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Sul, Vale São-Franciscano.
Faísca: Centro Norte, Extremo Oeste.

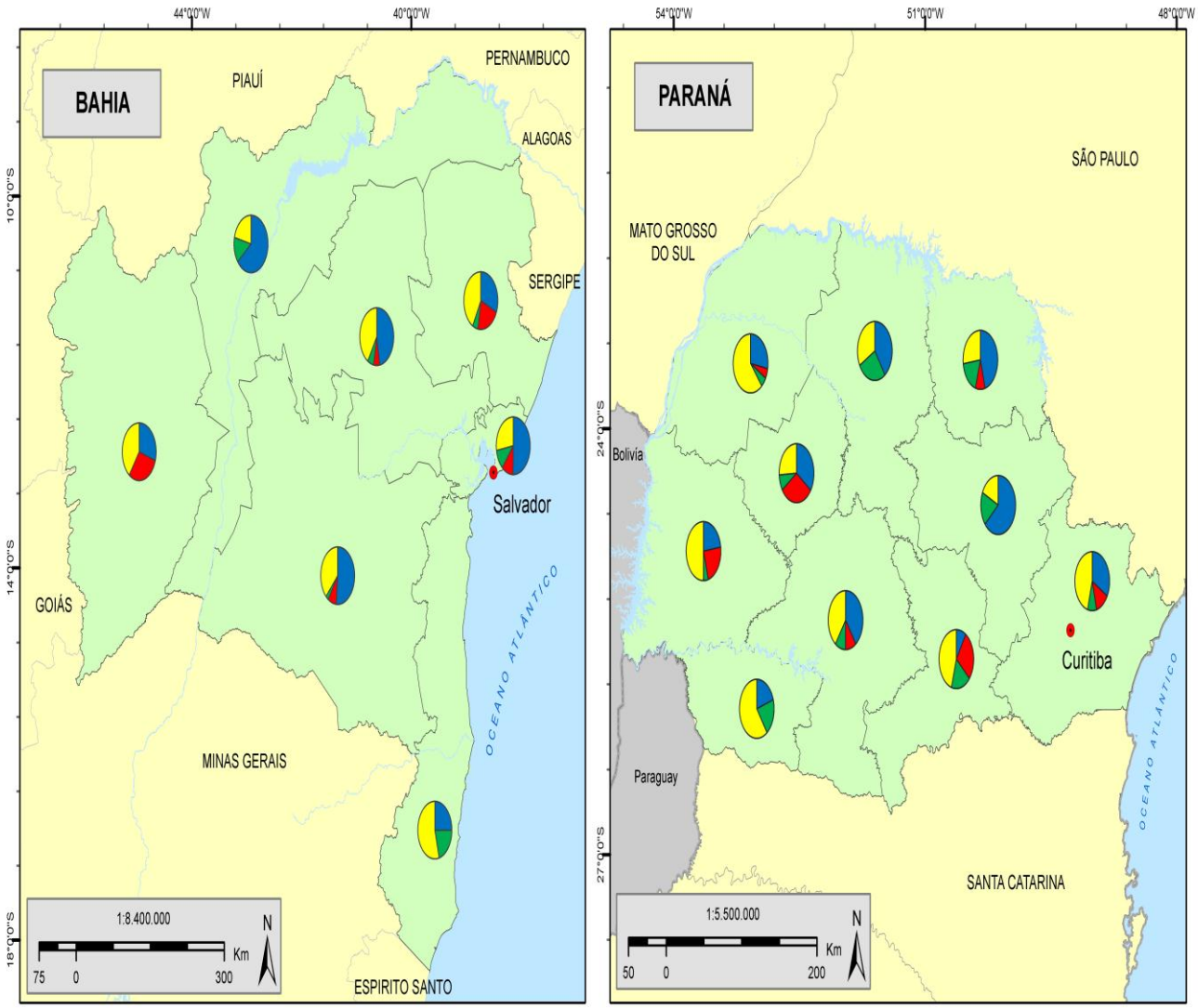


Denominações para raio no Paraná: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

Raio: Em todas as mesorregiões do Paraná.
Fuzil: Metropolitana de Curitiba.

O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná

CARTA 06

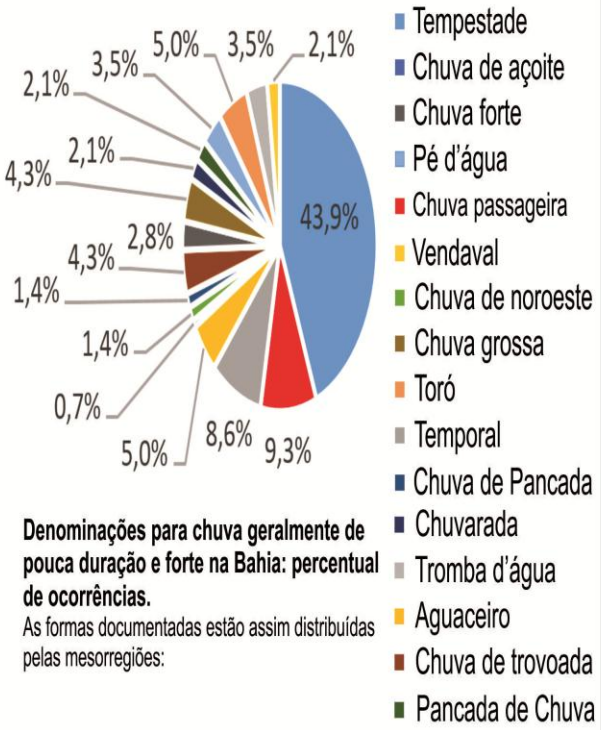


Tempestade
Chuva passageira
Temporal
Outros

CHUVA GERALMENTE DE POUCA DURAÇÃO E FORTE

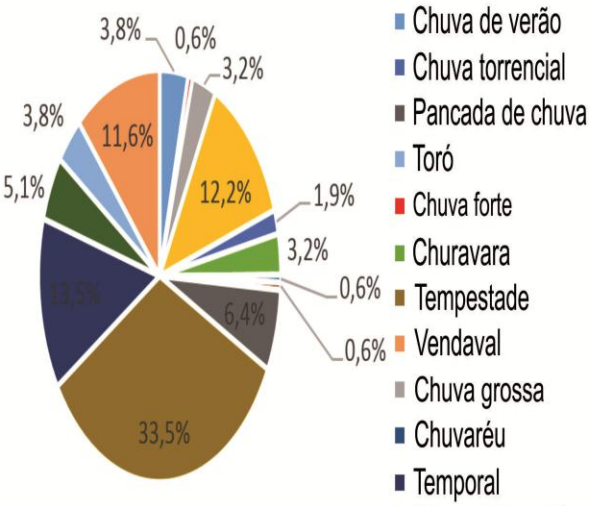
Tempestade
Temporal
Chuva passageira
Outros

Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014



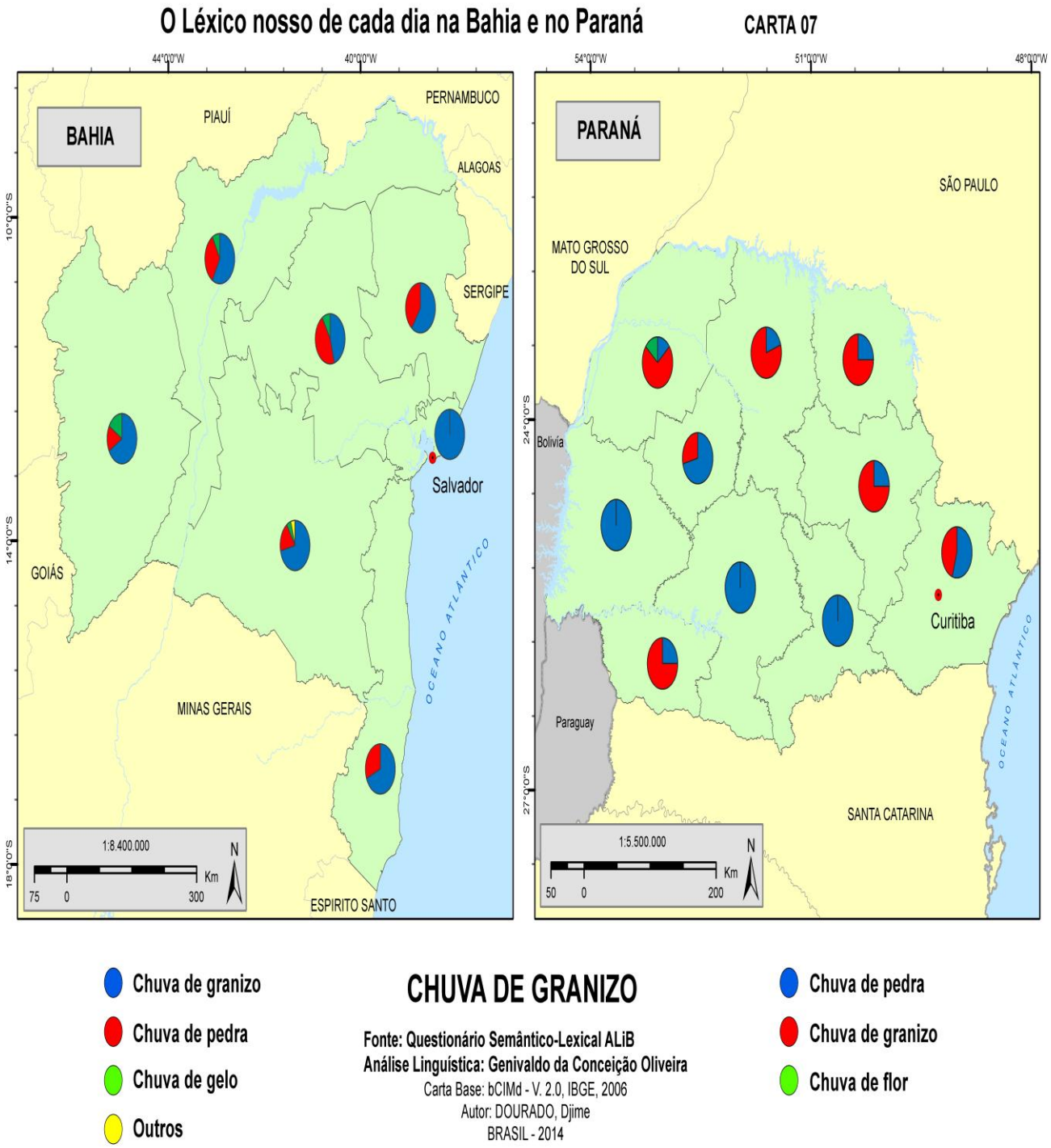
Denominações para chuva geralmente de pouca duração e forte na Bahia: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

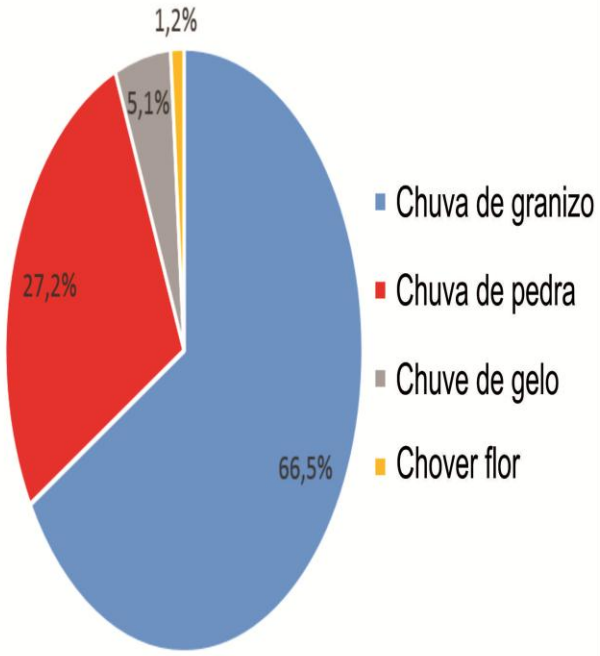
Tempestade: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Chuva de açoite: Sul.
Chuva forte: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste.
Pé d'água: Centro Sul, Metropolitana de Salvador, Nordeste, Sul.
Chuva passageira: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Metropolitana de Salvador, Nordeste.
Vendaval: Centro Sul, Nordeste, Vale São-Franciscano.
Chuva de noroeste: Sul.
Chuva grossa: Centro Norte, Centro Sul, Vale São-Franciscano.
Toró: Centro Sul, Metropolitana de Salvador, Nordeste, Sul.
Temporal: Centro Norte, Centro Sul, Metropolitana de Salvador, Nordeste, Sul, Vale São-Franciscano.
Chuva de pancada: Centro Sul.
Chuvarada: Centro Sul, Extremo Oeste, Metropolitana de Salvador.
Tromba d'água: Centro Norte, Centro Sul.
Aguaceiro: Metropolitana de Salvador, Sul.
Chuva de trovoada: Centro Norte, Nordeste, Vale São-Franciscano.
Pancada de chuva: Extremo Oeste, Nordeste, Sul.



Denominações para rio pequeno no Paraná: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

Chuva de verão: Centro Ocidental, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Oeste.
Chuva torrencial: Noroeste, Sudoeste.
Pancada de chuva: Centro Ocidental, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste, Sudoeste.
Toró: Centro Ocidental, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Pioneiro, Oeste.
Chuva forte: Sudeste.
Chuvarada: Centro Oriental, Norte Central, Oeste, Sudeste.
Tempestade: Em todas as mesorregiões do Paraná.
Vendaval: Centro Ocidental, Centro Oriental, Centro-Sul, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste.
Chuva grossa: Centro-Sul, Metropolitana de Curitiba, Noroeste.
Chuvaréu: Norte Central.
Temporal: Centro Ocidental, Centro-Sul, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste.
Chuva passageira: Em todas as mesorregiões do Paraná.
Enxurrada: Metropolitana de Curitiba.
Tormenta: Centro-Sul, Metropolitana de Curitiba, Norte Central, Oeste, Sudoeste.

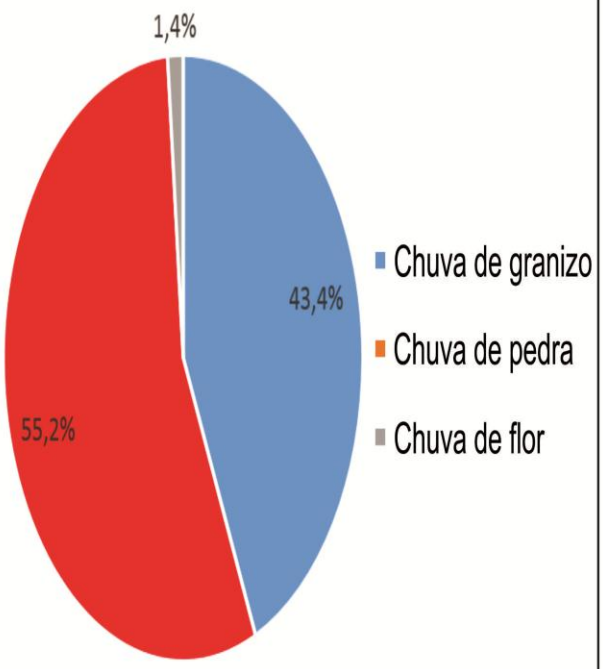

O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná
CARTA 07
BAHIA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
Salvador
GOIÁS
MINAS GERAIS
ESPIRITO SANTO
OCEANO ATLÂNTICO
1:8.400.000
75 0 300 Km
N
PARANÁ
SÃO PAULO
MATO GROSSO DO SUL
Bolivia
Paraguay
Curitiba
SANTA CATARINA
1:5.500.000
50 0 200 Km
Chuva de granizo
Chuva de pedra
Chuva de gelo
Outros
CHUVA DE GRANIZO
Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014
Chuva de pedra
Chuva de granizo
Chuva de flor



Denominações para chuva de granizo na Bahia: percentual de ocorrências.

As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

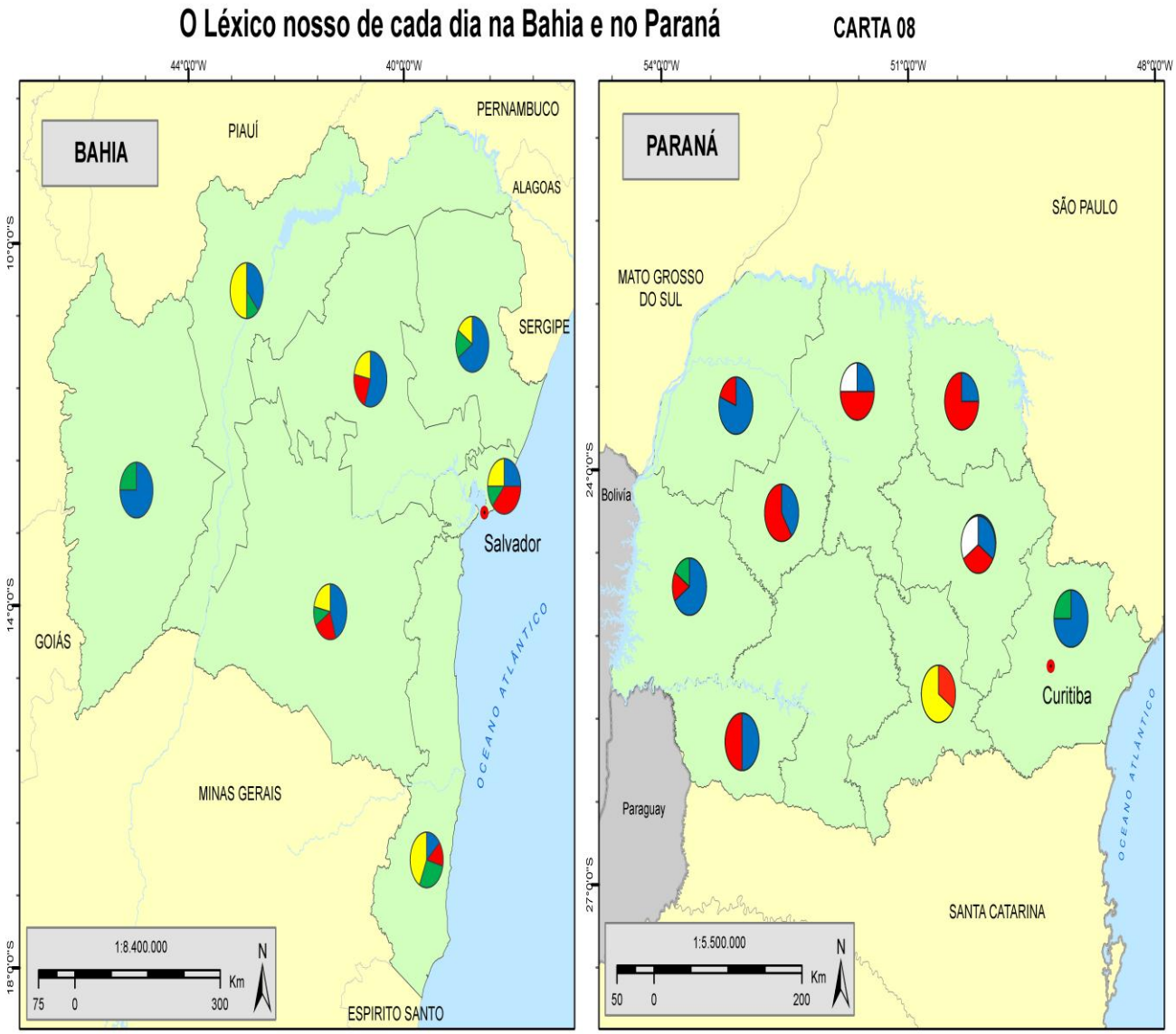
Chuva de granizo: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Chuva de pedra: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Nordeste, Sul, Vale São Franciscano.
Chuva de gelo: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Vale São Franciscano.
Chover flor: Centro Sul.



Denominações para rio pequeno no Paraná: percentual de ocorrências.

As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

Chuva de granizo: Centro Ocidental, Centro Oriental, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Sudeste.
Chuva de pedra: Em todas as mesorregiões do Paraná.
Chuva de flor: Noroeste.

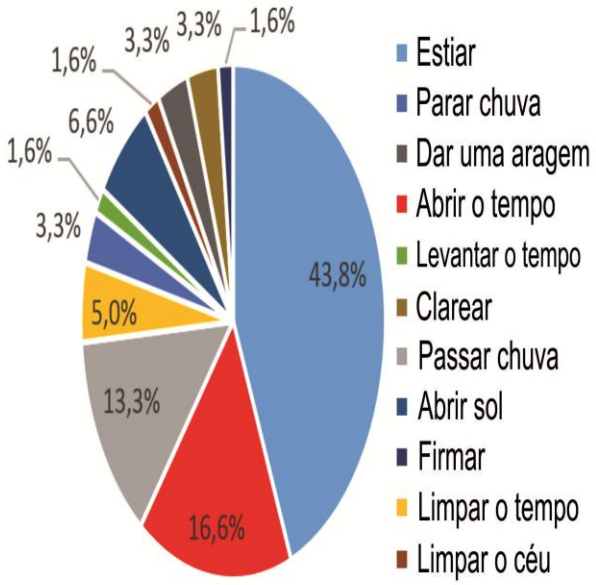


Estiar
Abrir tempo
Passar chuva
Outros

ESTIAR

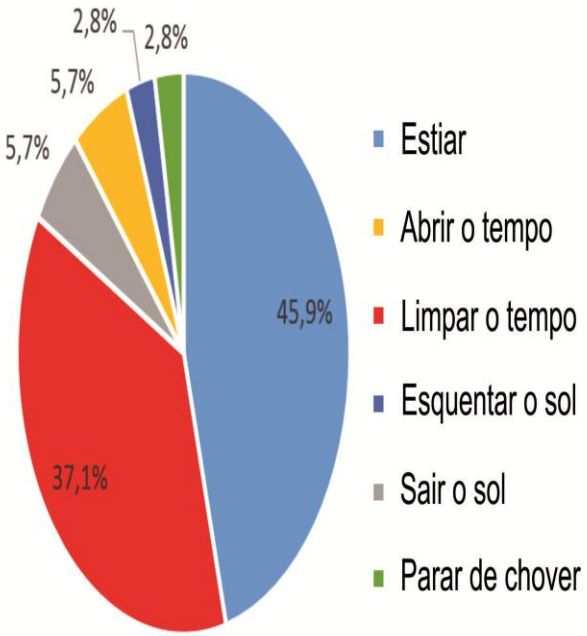
Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014

Estiar
Limpar tempo
Abrir o tempo/ Sair o Sol (mesma %)
Outros



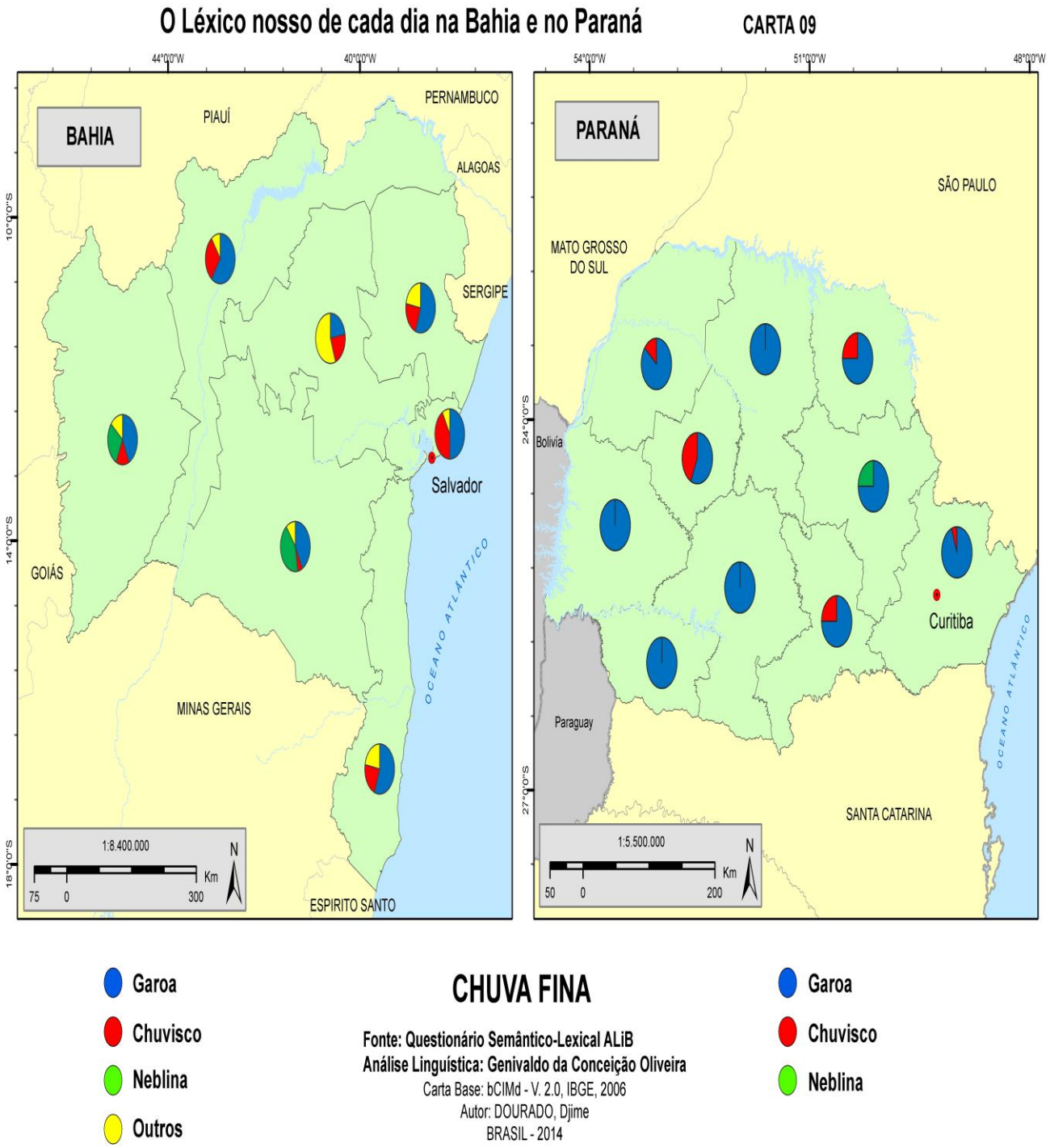
Denominações para estiar na Bahia: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

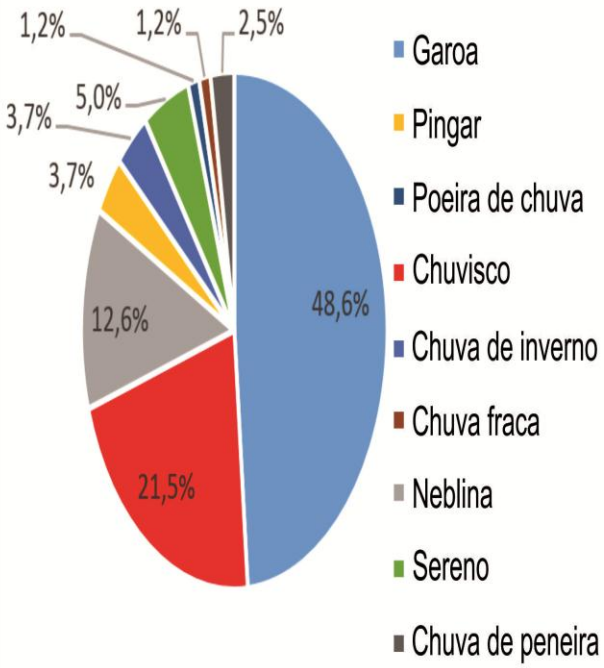
Estiar: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Parar chuva: Centro Norte, Centro Sul.
Dar uma aragem: Metropolitana de Salvador.
Abrir o tempo: Centro Norte, Centro Sul, Metropolitana de Salvador, Sul.
Levantar o tempo: Centro Sul.
Clarear: Nordeste, Sul. Firmar: Sul.
Passar chuva: Centro Sul, Extremo Oeste, Metropolitana de Salvador, Nordeste, Sul, Vale São-Franciscano.
Abrir sol: Centro Sul.
Firmar: Sul.
Limpar o tempo: Centro Norte, Centro Sul, Sul.
Limpar o céu: Metropolitana de Salvador.



Denominações para estiar no Paraná: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

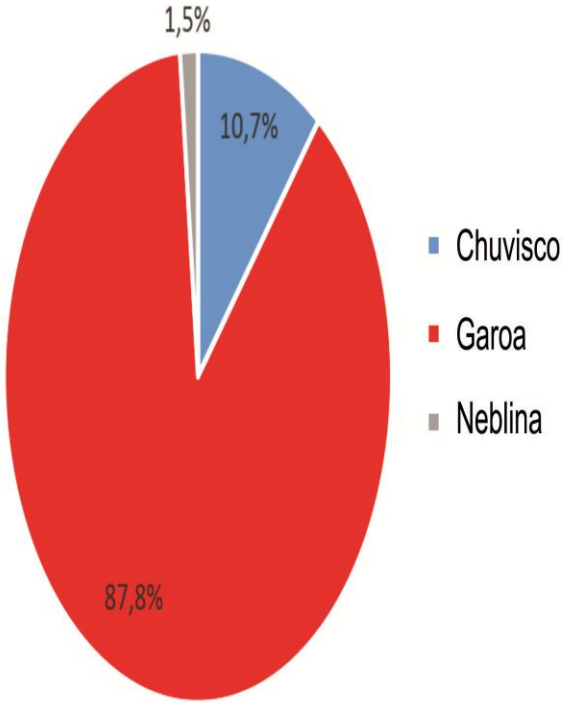
Estiar: Centro Ocidental, Centro Oriental, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste, Sudoeste.
Abrir o tempo: Metropolitana de Curitiba, Oeste.
Limpar o tempo: Centro Ocidental, Centro Oriental, Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste, Sudoeste.
Esquentar o sol: Sudeste.
Sair o sol: Centro Oriental, Norte Central.
Parar de chover: Sudeste.


O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná
CARTA 09
BAHIA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
Salvador
GOIÁS
MINAS GERAIS
ESPIRITO SANTO
OCEANO ATLANTICO
1:8.400.000
75 0 300 Km
N
PARANÁ
SÃO PAULO
MATO GROSSO DO SUL
Bolivia
Paraguay
Curitiba
SANTA CATARINA
1:5.500.000
50 0 200 Km
Garoa
Chuvisco
Neblina
Outros
CHUVA FINA
Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014



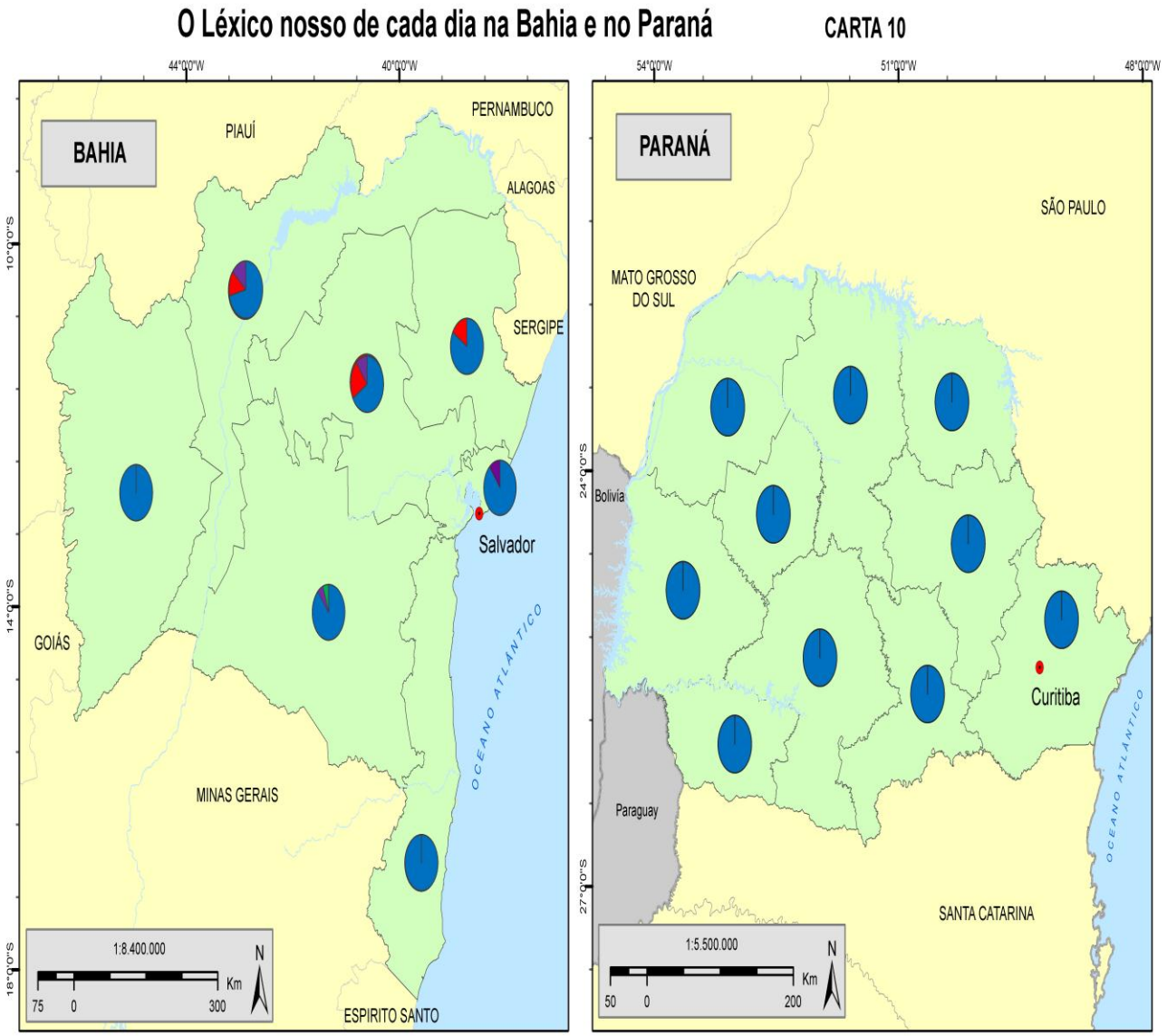
Denominações para chuva fina na Bahia: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

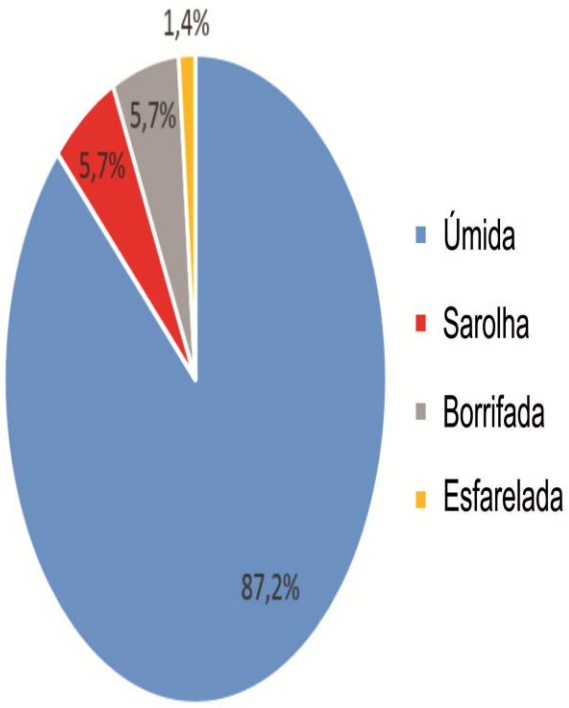
Garoa: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Pingar: Centro Norte, Vale São-Franciscano da Bahia.
Poeira de chuva: Centro Sul.
Chuvisco: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Chuva de inverno: Centro Norte.
Chuva fraca: Metropolitana de Salvador.
Neblina: Centro Sul, Extremo Oeste.
Sereno: Centro Sul, Extremo Oeste, Nordeste.
Chuva de peneira: Sul.



Denominações para chuva fina no Paraná: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

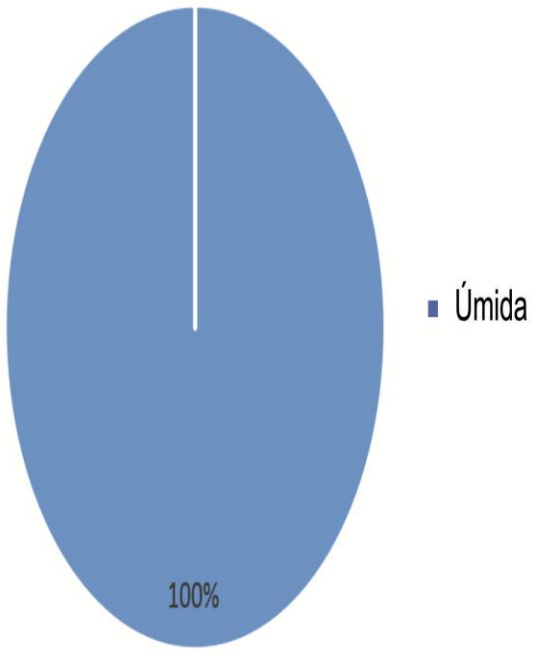
Chuvisco: Centro Ocidental, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Pioneiro, Sudeste.
Garoa: Em todas as mesorregiões do Paraná.
Neblina: Centro Oriental.


O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná
CARTA 10
BAHIA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
Salvador
GOIÁS
MINAS GERAIS
ESPIRITO SANTO
OCEANO ATLÂNTICO
1:8.400.000
75 0 300 Km
N
PARANÁ
SÃO PAULO
MATO GROSSO DO SUL
Bolivia
Paraguay
Curitiba
SANTA CATARINA
1:5.500.000
50 0 200 Km
Úmida
Sarolha/ Borrifada (mesma %)
Esfarelada
TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA
Úmida
Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014



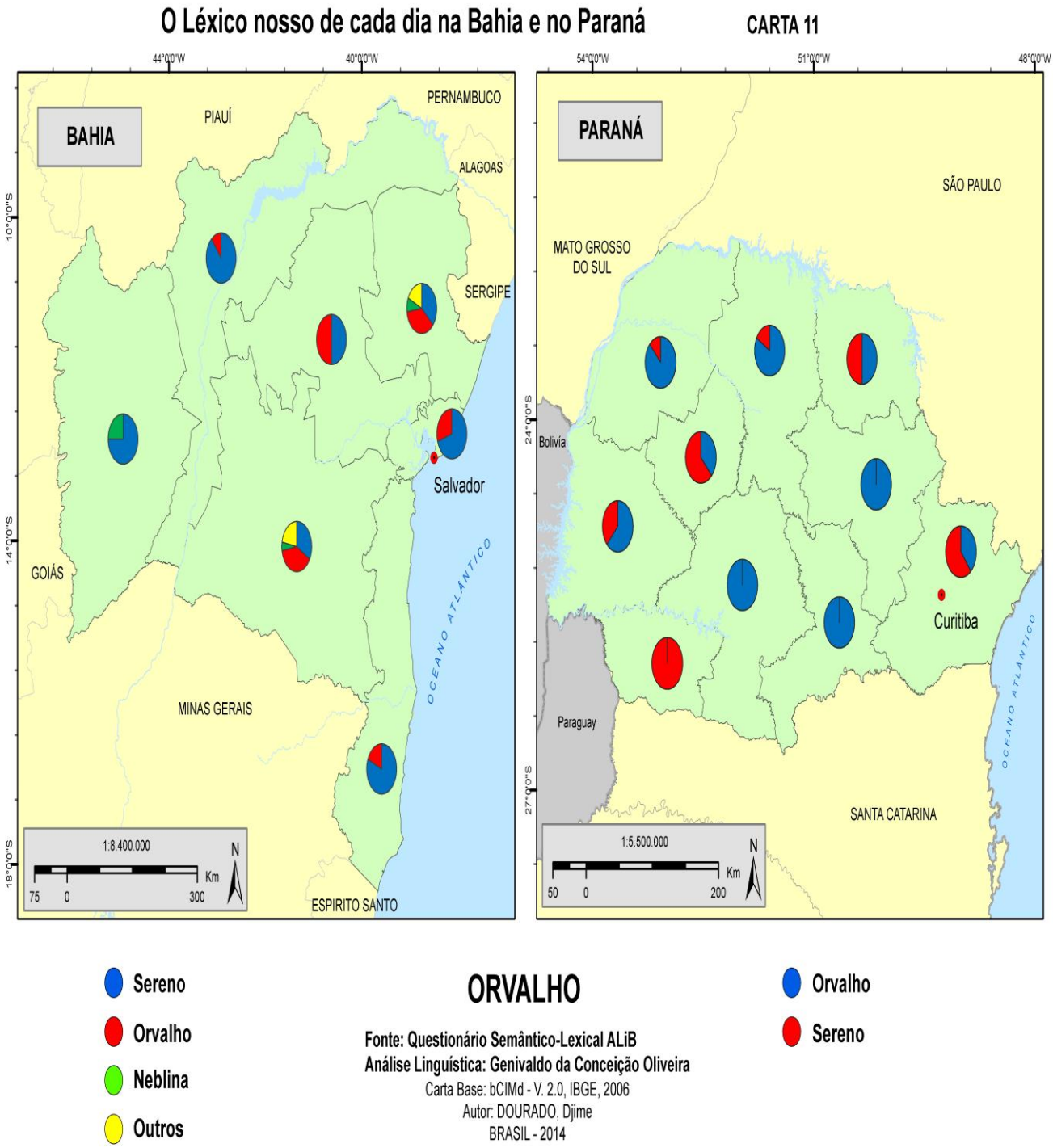
Denominações para terra umedecida pela chuva na Bahia: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

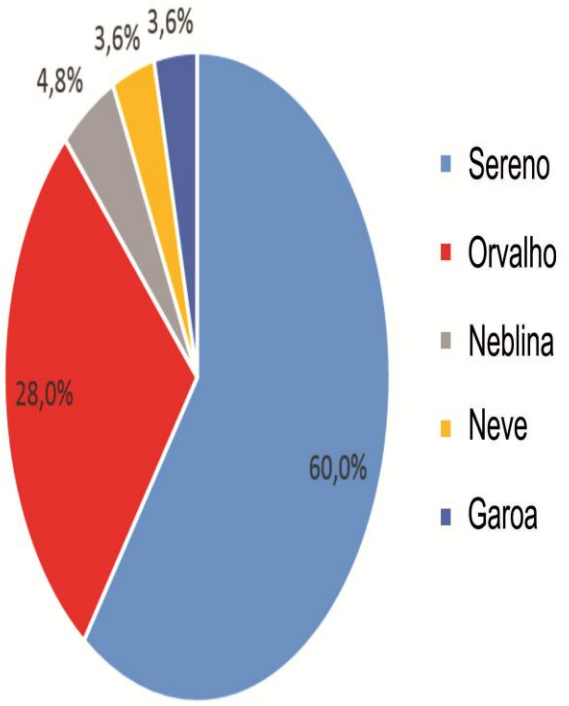
Úmida: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Sarolha: Centro Norte, Nordeste, Vale São-Franciscano da Bahia.
Borrifada: Centro Norte, Centro Sul, Metropolitana de Salvador, Vale São-Franciscano da Bahia.
Esfarelada: Centro Sul.



Denominações para terra umedecida pela chuva no Paraná: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

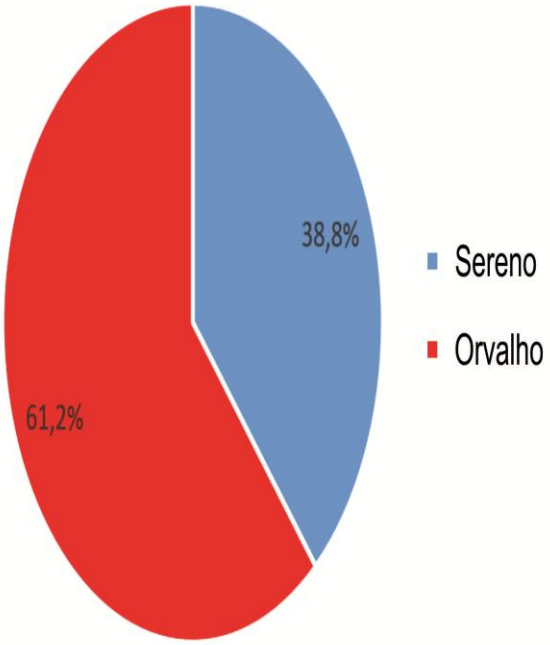
Úmida: Em todas as mesorregiões do Paraná.


O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná
CARTA 11
BAHIA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
Salvador
GOIÁS
MINAS GERAIS
ESPIRITO SANTO
OCÉANO ATLÂNTICO
1:8.400.000
75 0 300 Km
N
PARANÁ
SÃO PAULO
MATO GROSSO DO SUL
Bolivia
Paraguay
Curitiba
SANTA CATARINA
1:5.500.000
50 0 200 Km
Sereno
Orvalho
Neblina
Outros
ORVALHO
Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014
Orvalho
Sereno



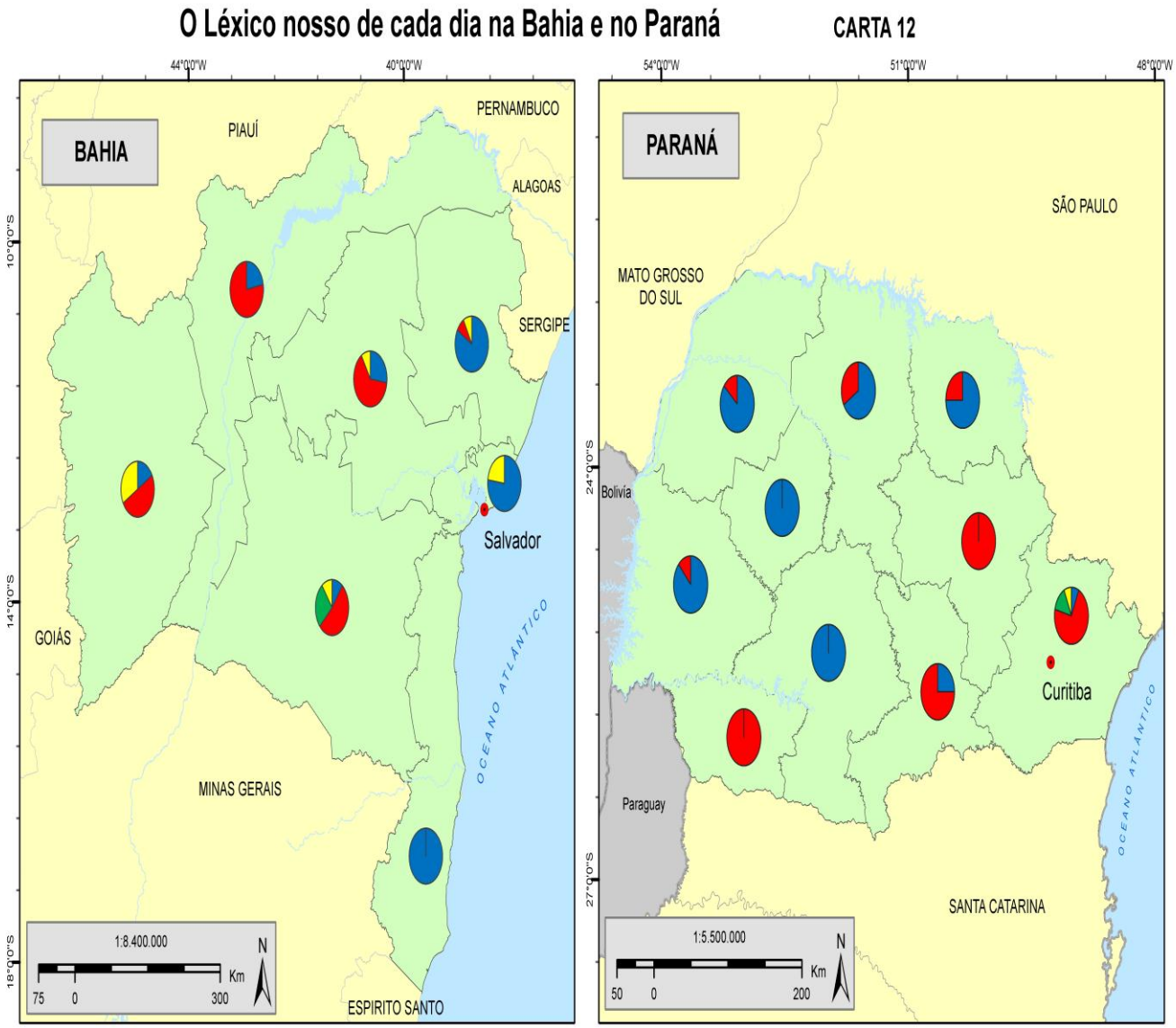
Denominações para orvalho na Bahia: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

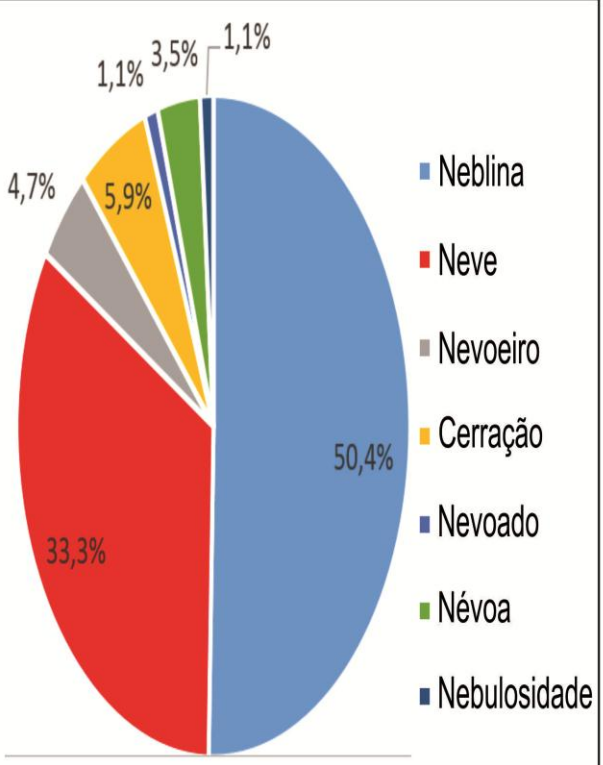
Sereno: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Orvalho: Centro Norte, Centro Sul, Metropolitana de Salvador, Nordeste, Sul, Vale São Franciscano da Bahia.
Neblina: Centro Sul, Extremo Oeste, Nordeste.
Neve: Centro Sul.
Garoa: Centro Sul, Nordeste.



Denominações para rio pequeno no Paraná: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

Sereno: Centro Ocidental, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste, Sudoeste.
Orvalho: Centro Ocidental, Centro Oriental, Centro-Sul, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste.

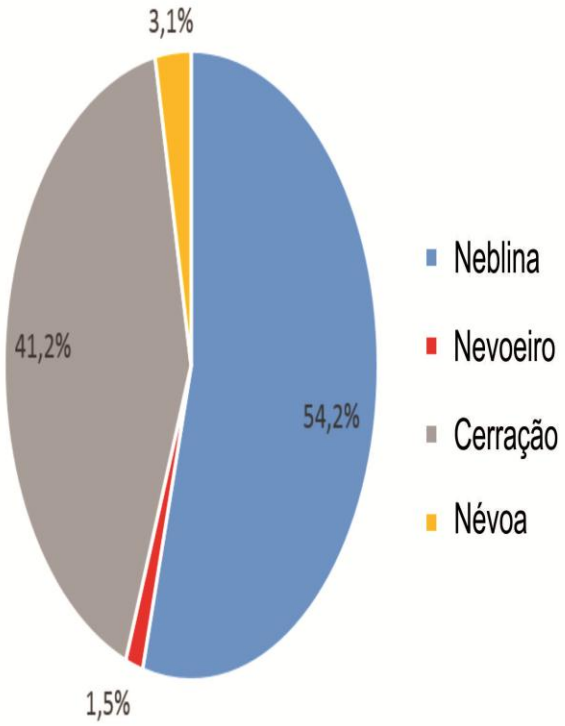

O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná
CARTA 12
BAHIA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
Salvador
GOIÁS
MINAS GERAIS
OCEANO ATLANTICO
ESPIRITO SANTO
1:8.400.000
75 0 300 Km
N
PARANÁ
SÃO PAULO
MATO GROSSO DO SUL
Bolivia
Paraguay
Curitiba
SANTA CATARINA
1:5.500.000
50 0 200 Km
Neblina
Neve
Cerração
Outros
NEBLINA
Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014
Neblina
Cerração
Névoa
Outros



Denominações para neblina na Bahia: percentual de ocorrências.

As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

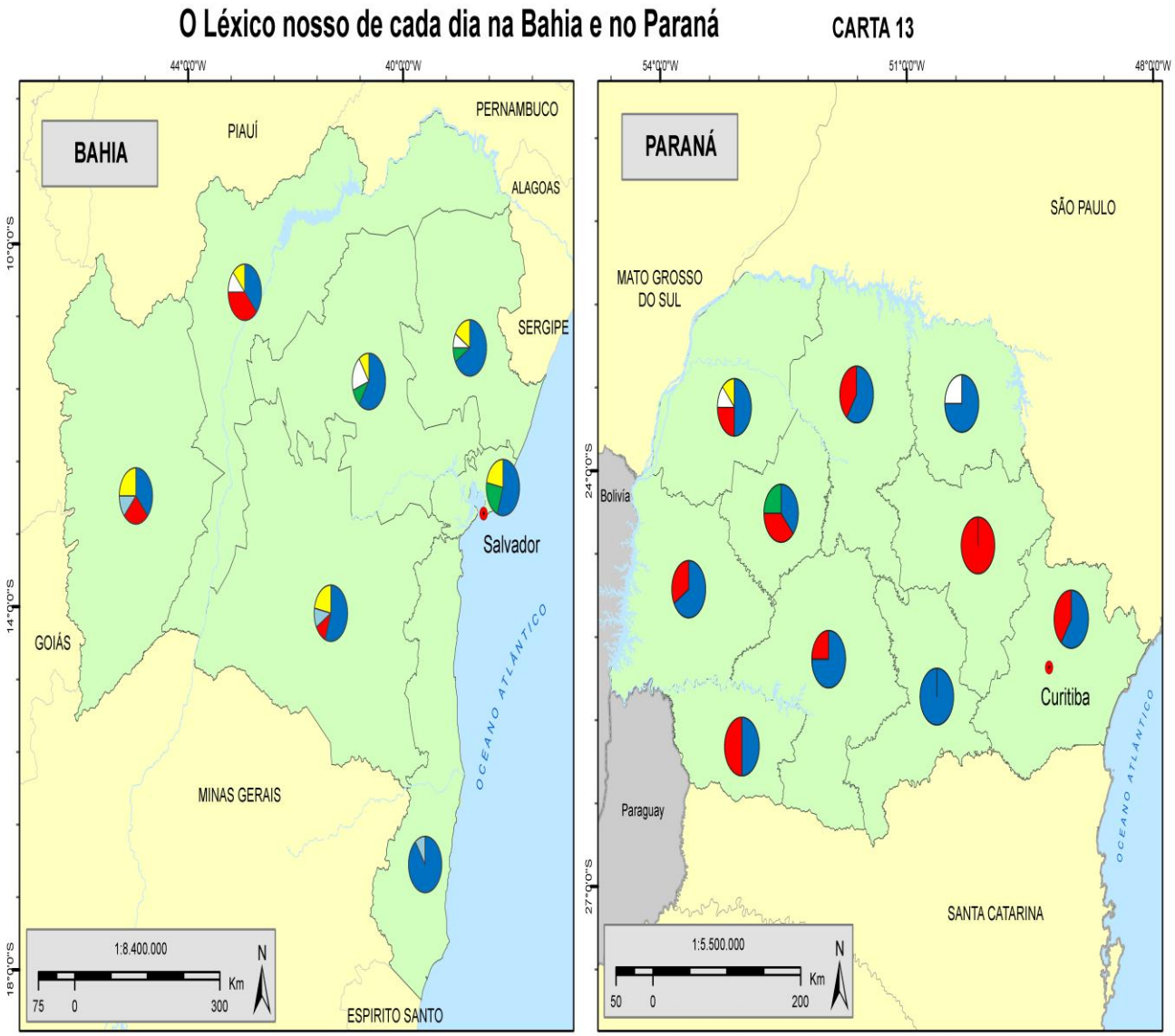
Neblina: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Neve: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Nordeste, Vale São-Franciscano da Bahia.
Nevoeiro: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Nordeste.
Cerração: Centro Sul.
Nevoado: Centro Sul.
Névoa: Extremo Oeste, Metropolitana de Salvador.
Nebulosidade: Metropolitana de Salvador.

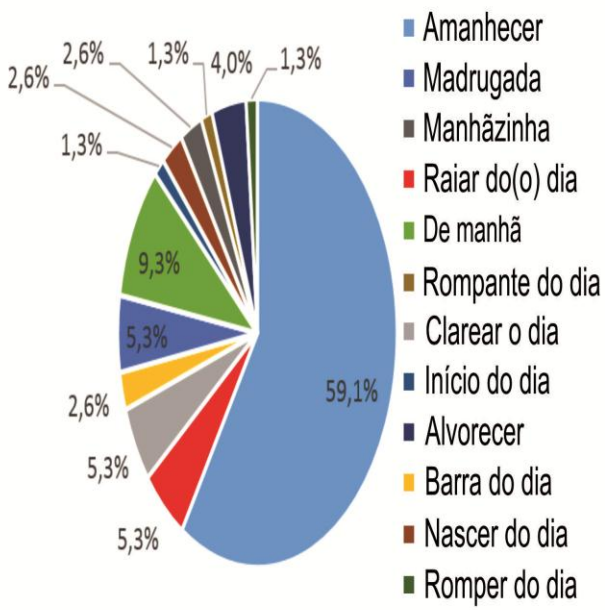


Denominações para neblina no Paraná: percentual de ocorrências.

As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

Neblina: Centro Ocidental, Centro-Sul, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste, Sudoeste.
Nevoeiro: Metropolitana de Curitiba.
Cerração: Centro Oriental, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste, Sudoeste.
Névoa: Metropolitana de Curitiba.

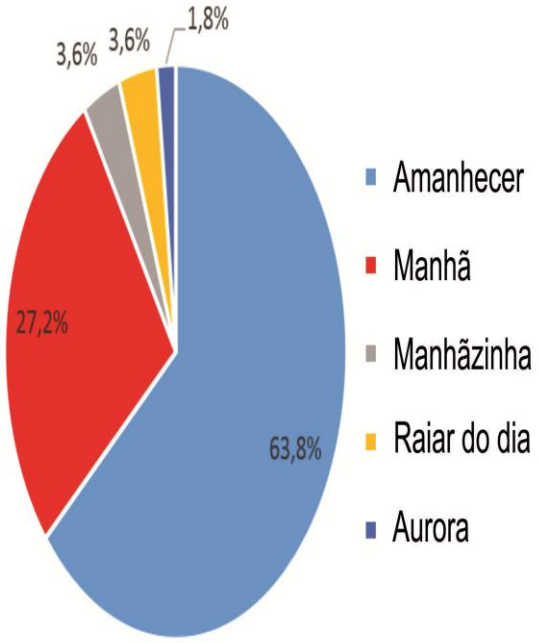

O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná
CARTA 13
BAHIA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
Salvador
GOIÁS
MINAS GERAIS
OCEANO ATLANTICO
ESPIRITO SANTO
1:8.400.000
75 0 300 Km
N
PARANÁ
SÃO PAULO
MATO GROSSO DO SUL
Bolivia
Curitiba
Paraguay
SANTA CATARINA
1:5.500.000
50 0 200 Km
Amanhecer
De manhã
Raiar (o/do) dia/ clarear do dia/ madrugada (mesma %)
Outros
AMANHECER
Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014
Amanhecer
Manhã
Manhãzinha/ Raiar do dia (mesma %)
Outros



Denominações para amanhecer na Bahia: percentual de ocorrências.

As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

Amanhecer: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Madrugada: Centro Sul, Extremo Oeste, Sul.
Manhãzinha: Extremo Oeste, Nordeste.
Raiar do(o) dia: Centro Norte, Metropolitana de Salvador, Nordeste.
De manhã: Centro Sul, Extremo Oeste, Vale São-Franciscano da Bahia.
Rompante do dia: Extremo Oeste.
Clarear o dia: Centro Norte, Nordeste, Vale São-Franciscano da Bahia.
Início do dia: Centro Sul.
Alvorecer: Metropolitana de Salvador, Nordeste.
Barra do dia: Centro Norte, Centro Sul.
Nascer o dia: Centro Sul.
Romper do dia: Vale São-Franciscano da Bahia.



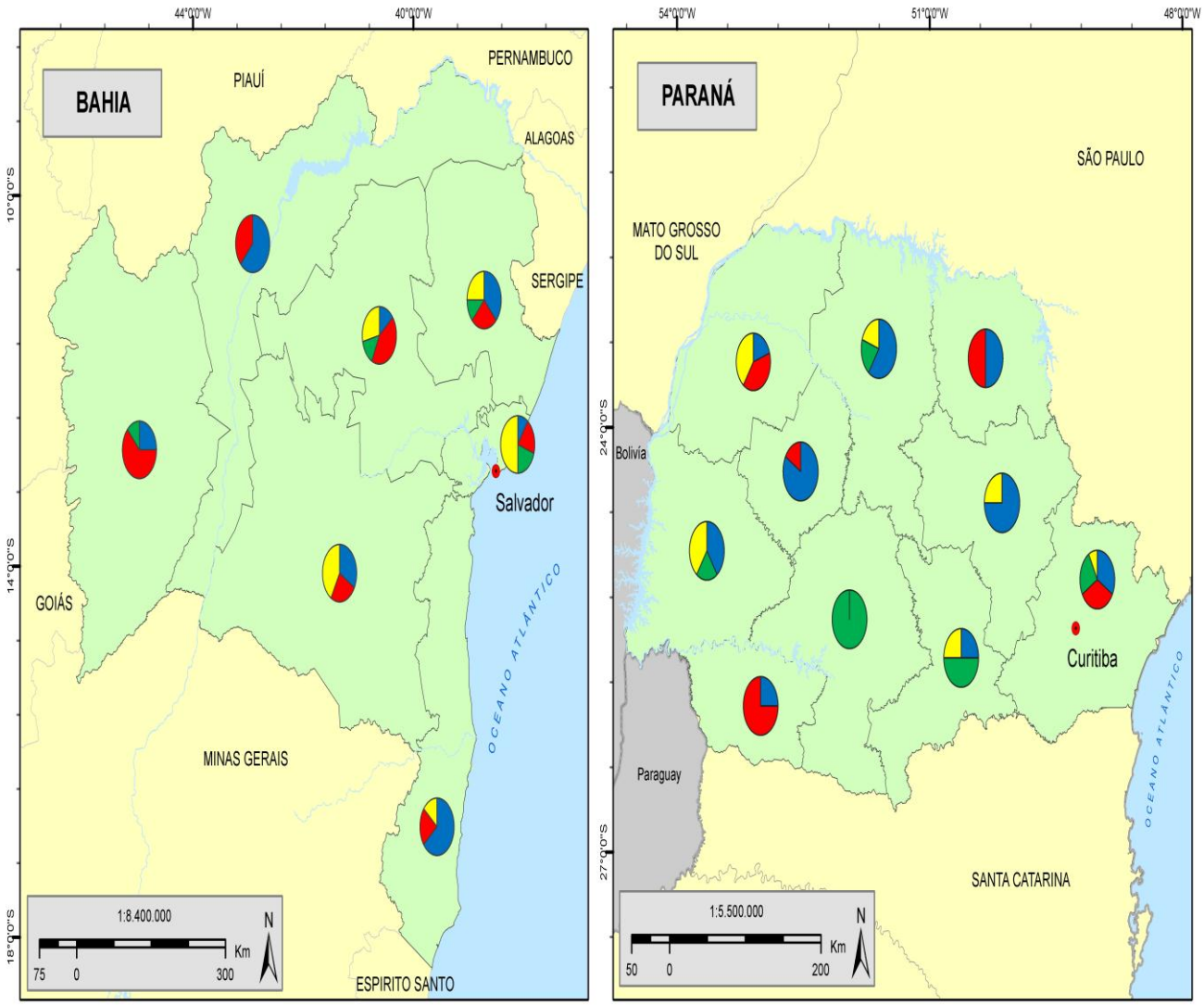
Denominações para amanhecer no Paraná: percentual de ocorrências.

As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

Amanhecer: Em todas as mesorregiões do Paraná.
Manhã: Centro Ocidental, Centro-Sul, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Central, Oeste, Sudoeste.
Manhãzinha: Centro Ocidental.
Raiar do dia: Noroeste, Norte Pioneiro.
Aurora: Noroeste.

O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná

CARTA 14

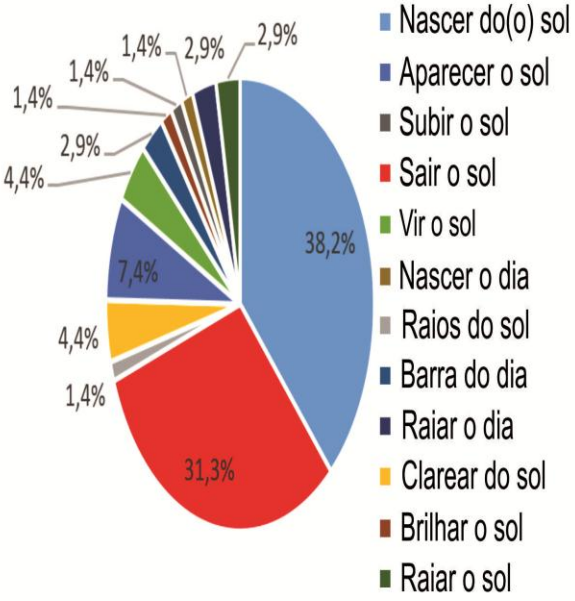


Nascer do Sol
Sair o Sol
Aparecer o Sol
Outros

NASCER DO SOL

Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2013

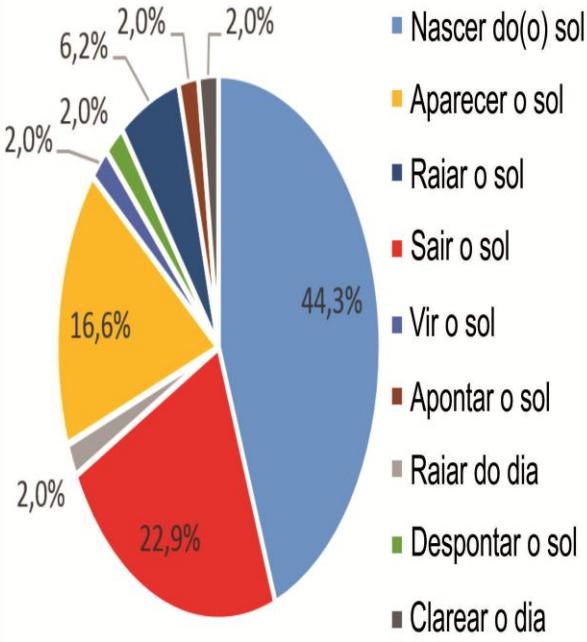
Nascer do Sol
Sair o Sol
Aparecer o Sol
Outros



Denominações para rio pequeno na Bahia: percentual de ocorrências.

As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

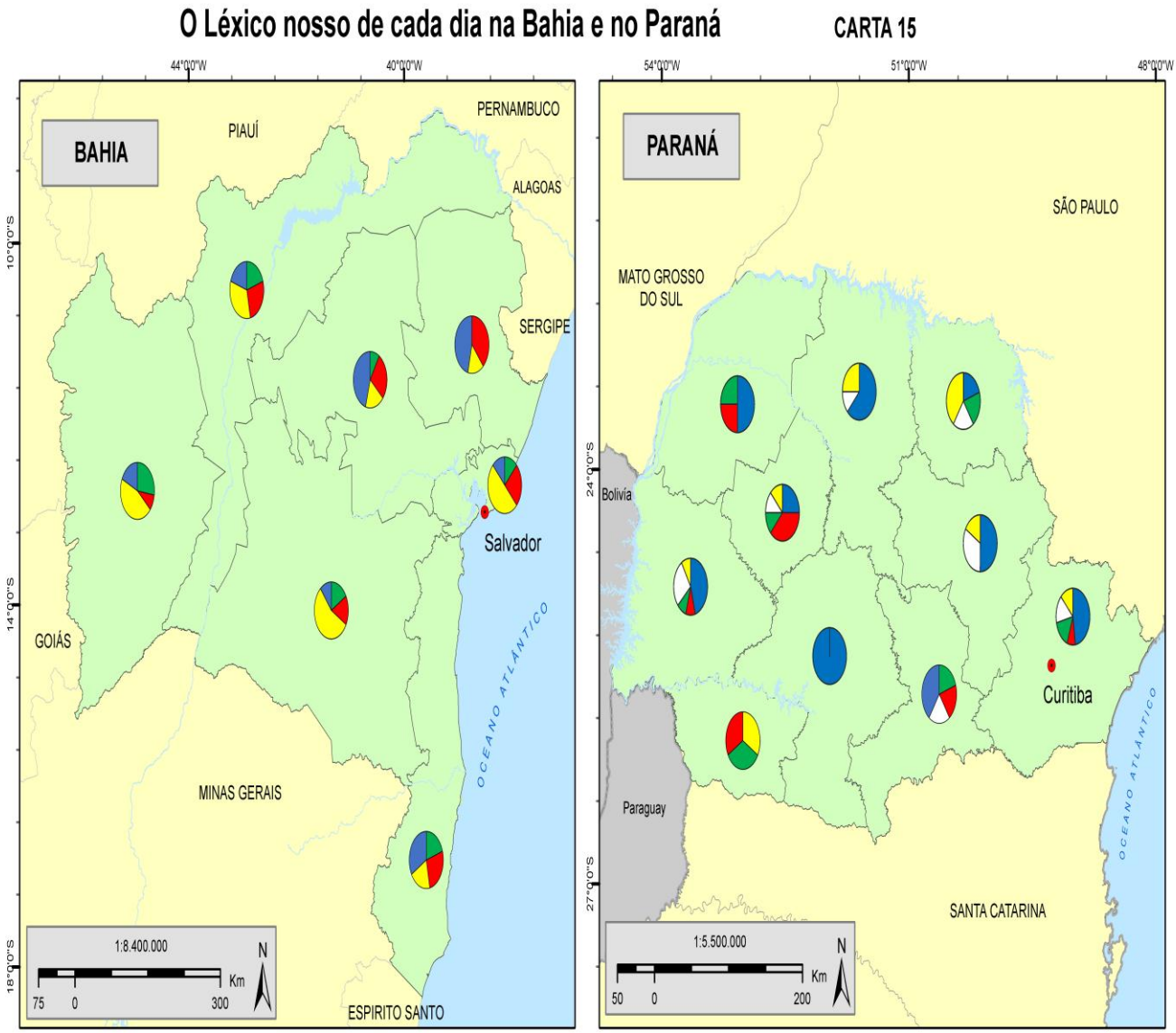
Nascer do(o) sol: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Aparecer o sol: Centro Norte, Extremo Oeste, Metropolitana de Salvador, Nordeste.
Subir o sol: Sul.
Sair o sol: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Vir o sol: Centro Sul, Nordeste.
Nascer o dia: Metropolitana de Salvador.
Raios do sol: Centro Norte.
Barra do dia: Centro Sul, Sul.
Raiar o dia: Metropolitana de Salvador.
Clarear do sol: Centro Norte, Centro Sul.
Brilhar o sol: Nordeste.
Raiar o sol: Metropolitana de Salvador.



Denominações para nascer do sol no Paraná: percentual de ocorrências.

As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

Nascer do(o) sol: Centro Ocidental, Centro Oriental, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste, Sudoeste.
Aparecer o sol: Centro-Sul, Metropolitana de Curitiba, Norte Central, Oeste, Sudeste.
Raiar o sol: Noroeste, Norte Central, Oeste.
Sair o sol: Centro Ocidental, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Pioneiro, Sudoeste.
Vir o sol: Metropolitana de Curitiba.
Apontar o sol: Oeste. Clarear o dia: Sudeste.
Raiar do dia: Centro Oriental.
Despontar o sol: Noroeste
Clarear o dia: Sudeste.

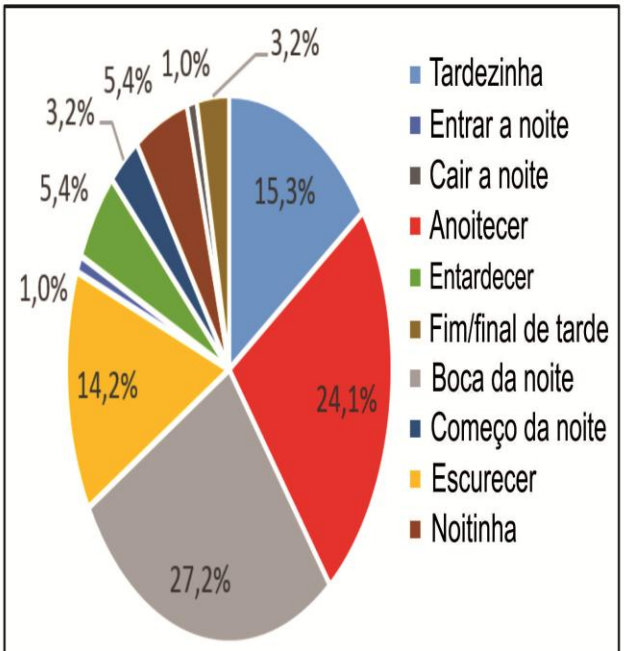


Boca da noite
Anoitecer
Tardezinha
Outros

O COMEÇO DA NOITE

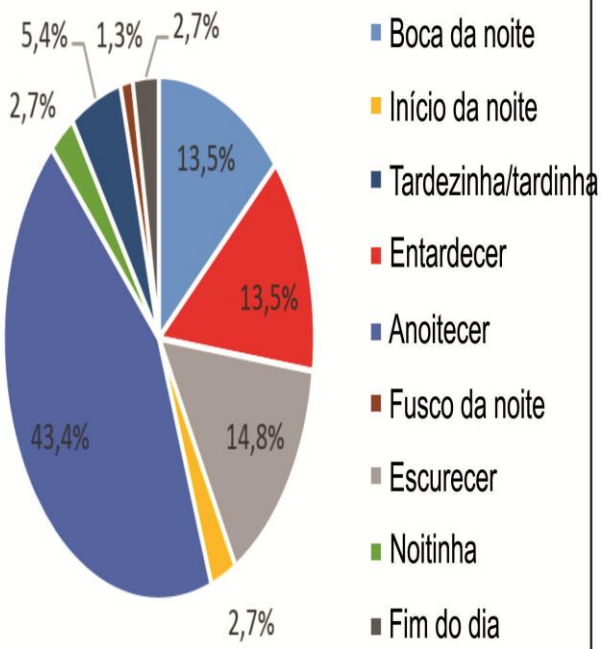
Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014

Anoitecer
Escurecer
Boca da noite/Entardecer (mesma %)
Outros



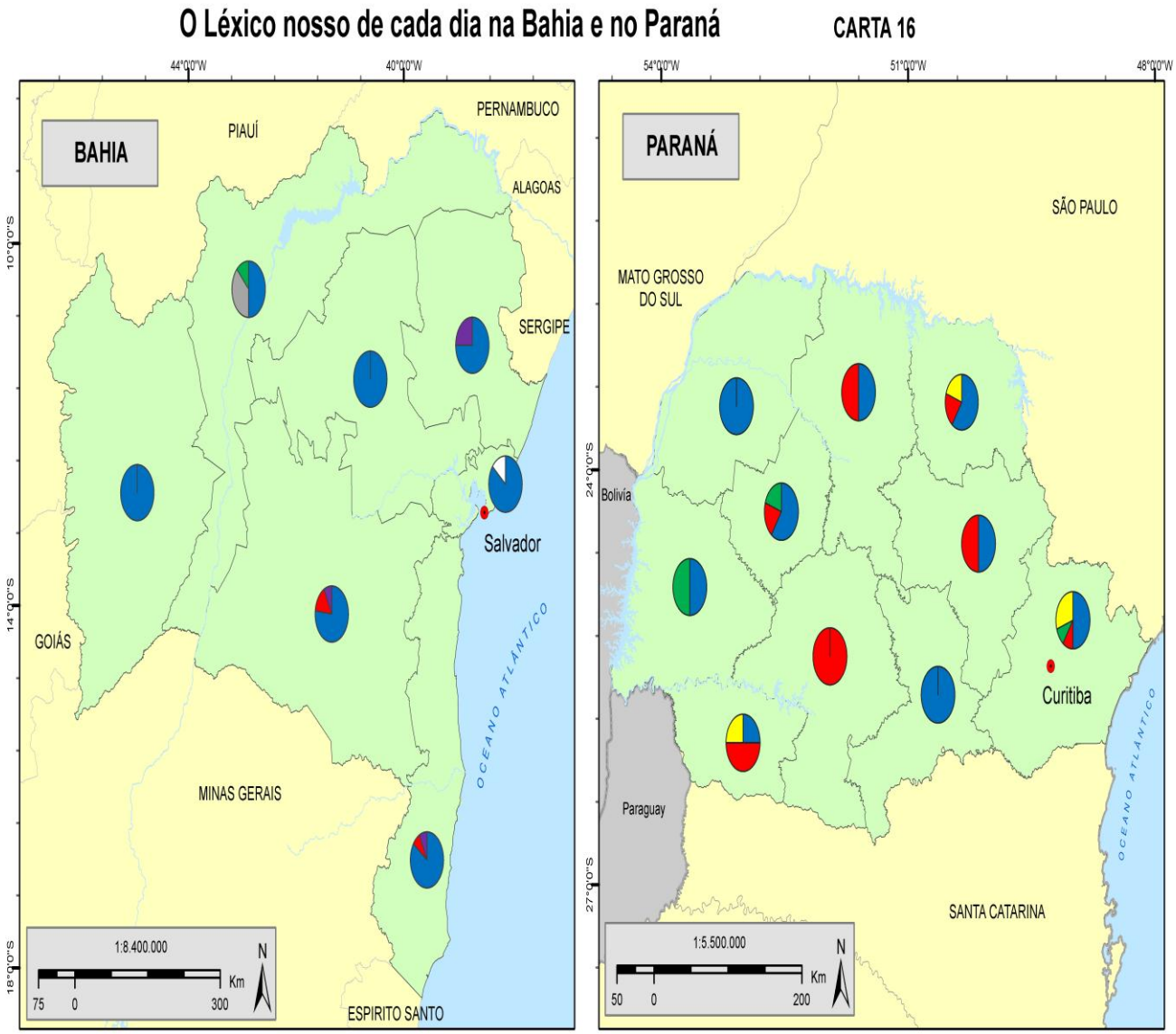
Denominações para o começo da noite na Bahia: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

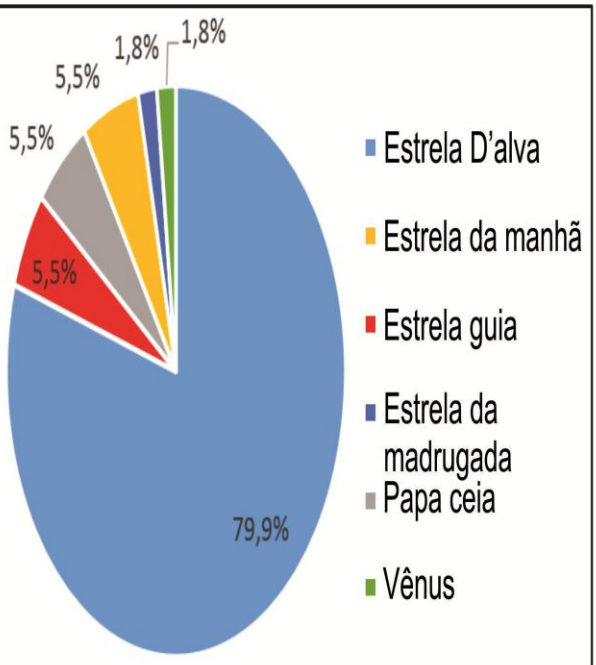
Tardezinha: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Metropolitana de Salvador, Sul, Vale São-Franciscano da Bahia.
Entrar a noite: Centro Norte.
Cair da noite: Metropolitana de Salvador.
Anoitecer: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Entardecer: Centro Sul, Extremo Oeste, Metropolitana de Salvador, Nordeste, Sul.
Fim/final de tarde: Extremo Oeste.
Boca da noite: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Começo da noite: Centro Sul.
Escurecer: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Metropolitana de Salvador, Nordeste, Vale São-Franciscano da Bahia.
Noitinha: Extremo Oeste, Metropolitana de Salvador, Vale São-Franciscano da Bahia.



Denominações para o começo da noite no Paraná: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

Boca da noite: Centro Ocidental, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste, Sudoeste.
Início da noite: Centro Ocidental, Norte Central.
Tardezinha/tardinha: Metropolitana de Curitiba, Norte Pioneiro, Oeste.
Entardecer: Centro Ocidental, Centro Oriental, Metropolitana de Curitiba, Norte Central, Oeste, Sudeste.
Anoitecer: Centro Ocidental, Centro Oriental, Centro-Sul, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste.
Fusco da noite: Metropolitana de Curitiba.
Escurecer: Centro Ocidental, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste, Sudoeste.
Noitinha: Centro Oriental, Sudoeste.
Fim do dia: Norte Central, Norte Pioneiro.

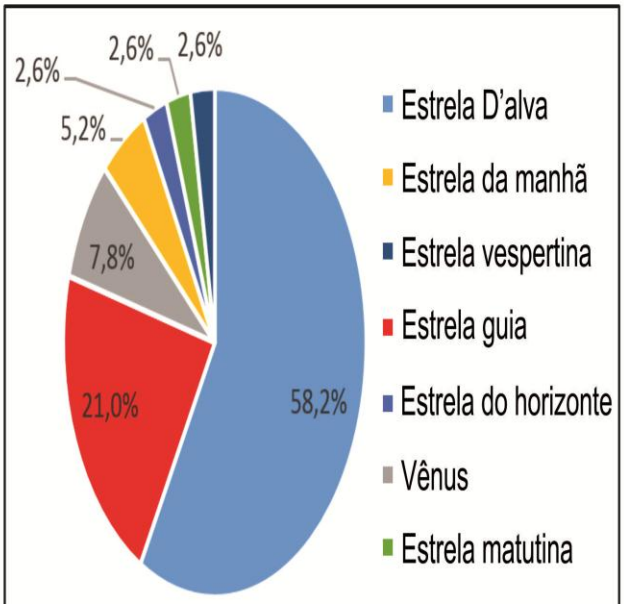

O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná
CARTA 16
BAHIA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
Salvador
GOIÁS
MINAS GERAIS
OCEANO ATLANTICO
ESPIRITO SANTO
1:8.400.000
75 0 300 Km
N
PARANÁ
SÃO PAULO
MATO GROSSO DO SUL
Bolivia
Paraguay
Curitiba
SANTA CATARINA
1:5.500.000
50 0 200 Km
Estrela D'alva
Estrela guia/ Papa ceia
Estrela da manhã (mesma %)
Estrela da madrugada/ Vênus (mesma %)
ESTRELA MATUTINA/VESPERTINA
Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014
Estrela D'alva
Estrela guia
Vênus
Outros



Denominações para estrela matutina/vespertina na Bahia: percentual de ocorrências.

As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

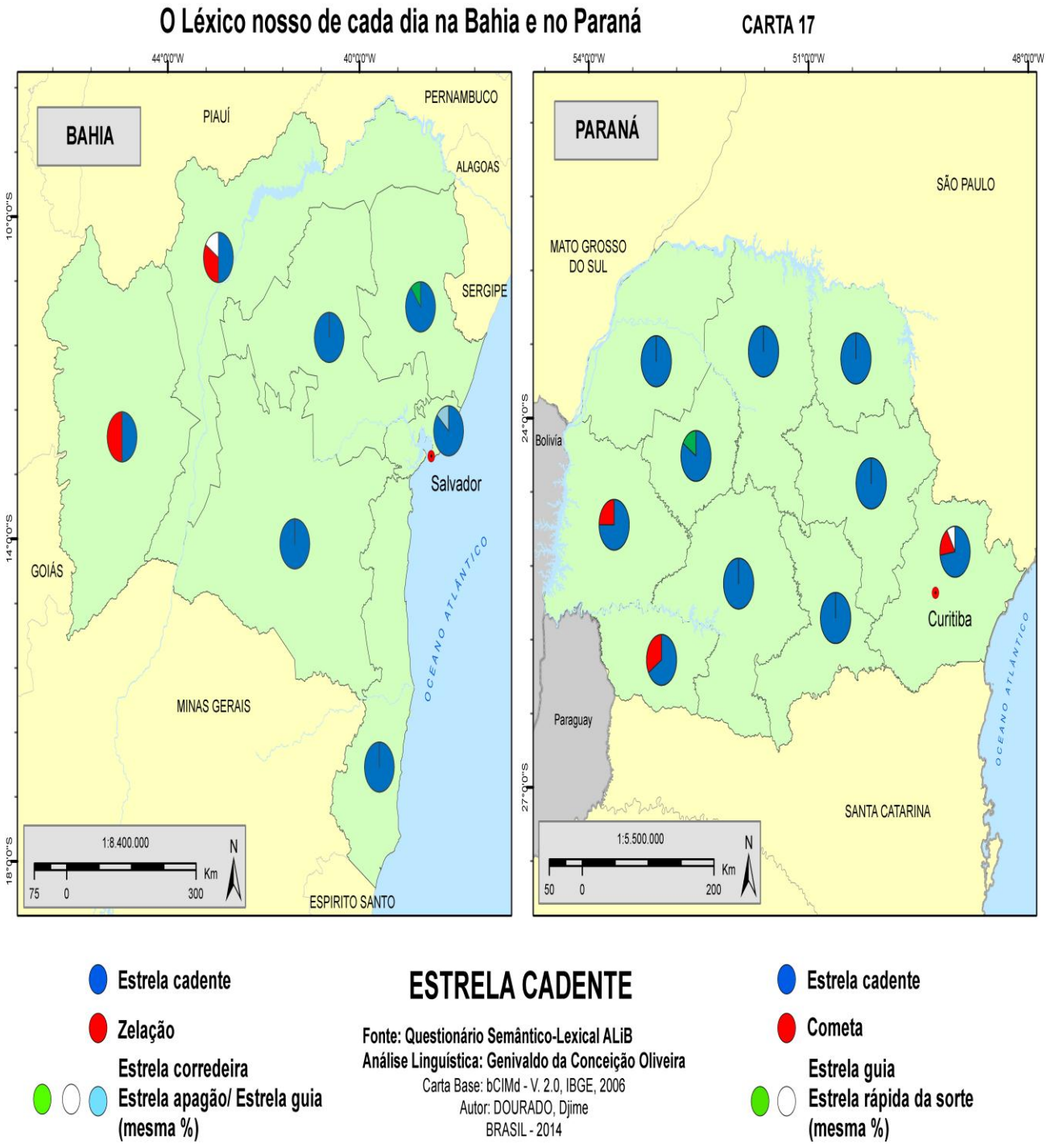
Estrela D'alva: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Estrela da manhã: Vale São-Franciscano da Bahia.
Estrela guia: Centro Sul, Sul.
Estrela da madrugada: Vale São-Franciscano da Bahia.
Papa ceia: Centro Sul, Nordeste, Sul.
Vênus: Metropolitana de Salvador.

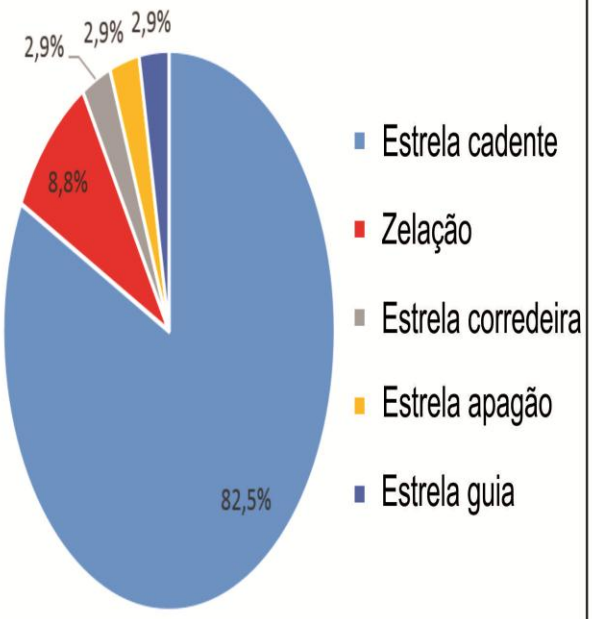


Denominações para rio pequeno no Paraná: percentual de ocorrências.

As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

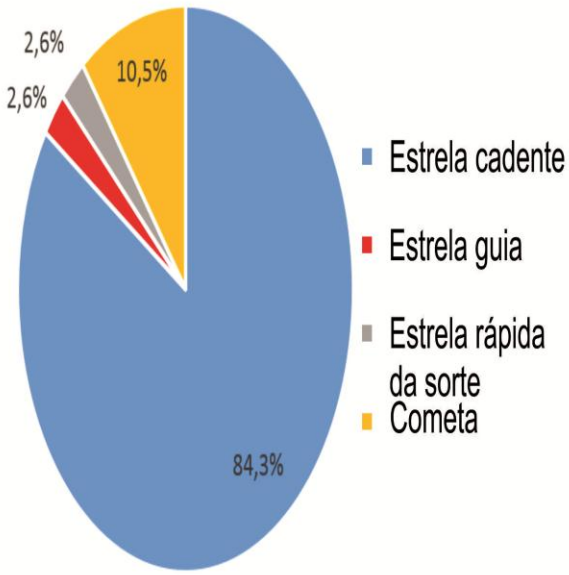
Estrela D'alva: Centro Ocidental, Centro Oriental, Metropolitana de Curitiba, Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste, Sudoeste.
Estrela da manhã: Metropolitana de Curitiba, Sudoeste.
Estrela vespertina: Metropolitana de Curitiba.
Estrela guia: Centro Ocidental, Centro Oriental, Metropolitana de Curitiba, Norte Central, Norte Pioneiro, Sudoeste.
Estrela do horizonte: Norte Pioneiro.
Vênus: Centro Ocidental, Metropolitana de Curitiba, Oeste.
Estrela matutina: Metropolitana de Curitiba.


O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná
CARTA 17
BAHIA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
Salvador
GOIÁS
MINAS GERAIS
OCEANO ATLANTICO
ESPIRITO SANTO
1:8.400.000
75 0 300 Km
N
PARANÁ
SÃO PAULO
MATO GROSSO DO SUL
Bolivia
Paraguay
Curitiba
SANTA CATARINA
1:5.500.000
50 0 200 Km
Estrela cadente
Zelação
Estrela corredeira
Estrela apagão/ Estrela guia (mesma %)
ESTRELA CADENTE
Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014
Estrela cadente
Cometa
Estrela guia
Estrela rápida da sorte (mesma %)



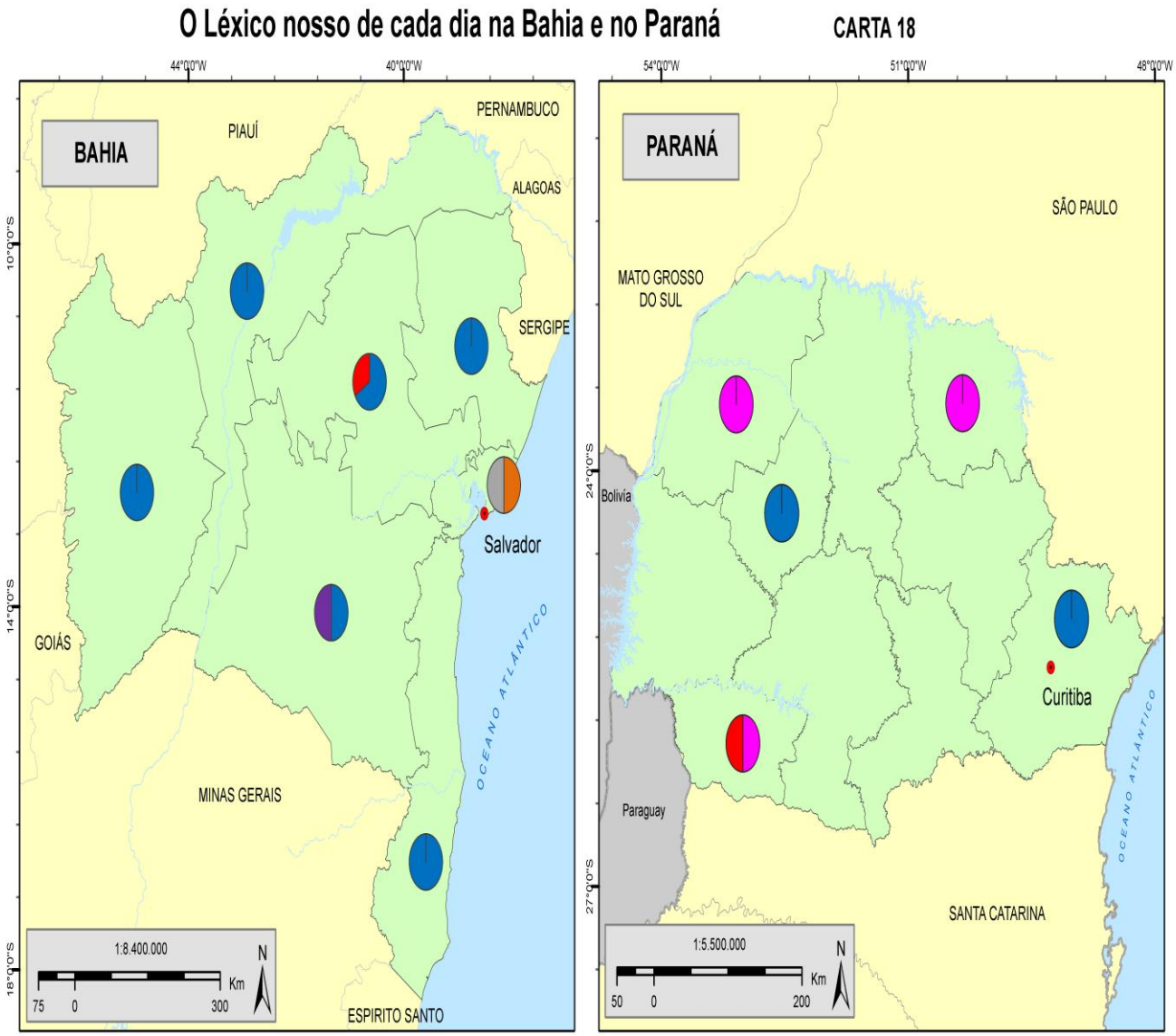
Denominações para rio pequeno na Bahia: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

Estrela cadente: Em todas as mesorregiões da Bahia.
Zelação: Extremo Oeste, Vale São-Franciscano da Bahia.
Estrela corredeira: Nordeste.
Estrela apagão: Vale São-Franciscano da Bahia.
Estrela guia: Metropolitana de Salvador.



Denominações para estrela cadente no Paraná: percentual de ocorrências.
As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

Estrela cadente: Em todas as mesorregiões do Paraná.
Estrela guia: Centro Ocidental.
Estrela rápida da sorte: Metropolitana de Curitiba.
Cometa: Metropolitana de Curitiba, Oeste, Sudoeste.



Caminho de Santiago

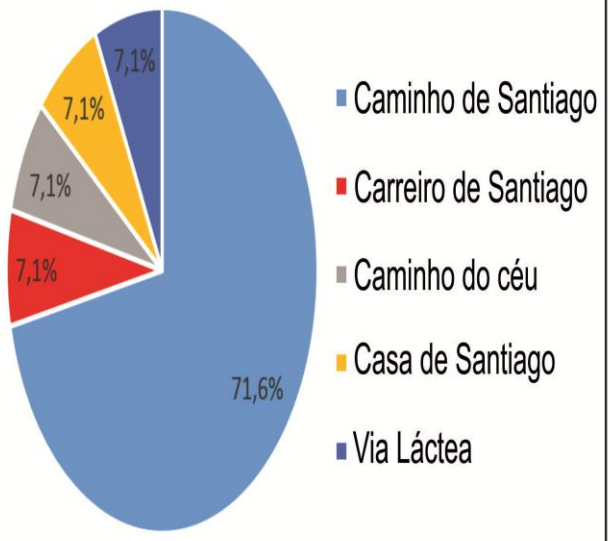
Carreiro de Santiago
Caminho do céu/ Casa de Santiago
Via Láctea (mesma %)

VIA LÁCTEA

Fonte: Questionário Semântico-Lexical ALiB
Análise Linguística: Genivaldo da Conceição Oliveira
Carta Base: bCIMd - V. 2.0, IBGE, 2006
Autor: DOURADO, Djime
BRASIL - 2014

Via Láctea/ Caminho de Santiago (mesma %)

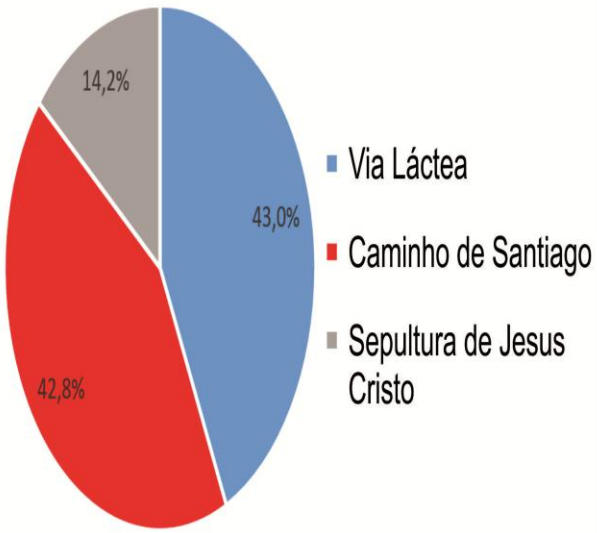
Sepultura de Jesus Cristo



Denominações para rio pequeno na Bahia: percentual de ocorrências

As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

Caminho de Santiago: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Nordeste, Sul, Vale São-Franciscano da Bahia.
Carreiro de Santiago: Centro Norte.
Caminho do céu: Centro Sul.
Casa de Santiago: Metropolitana de Salvador.
Via Láctea: Metropolitana de Salvador.



Denominações para Via Láctea no Paraná: percentual de ocorrências

As formas documentadas estão assim distribuídas pelas mesorregiões:

Via Láctea: Centro Ocidental, Metropolitana de Curitiba.
Caminho de Santiago: Noroeste, Norte Pioneiro, Sudoeste.
Sepultura de Jesus Cristo: Sudoeste.